REVISTA DA SEMANA

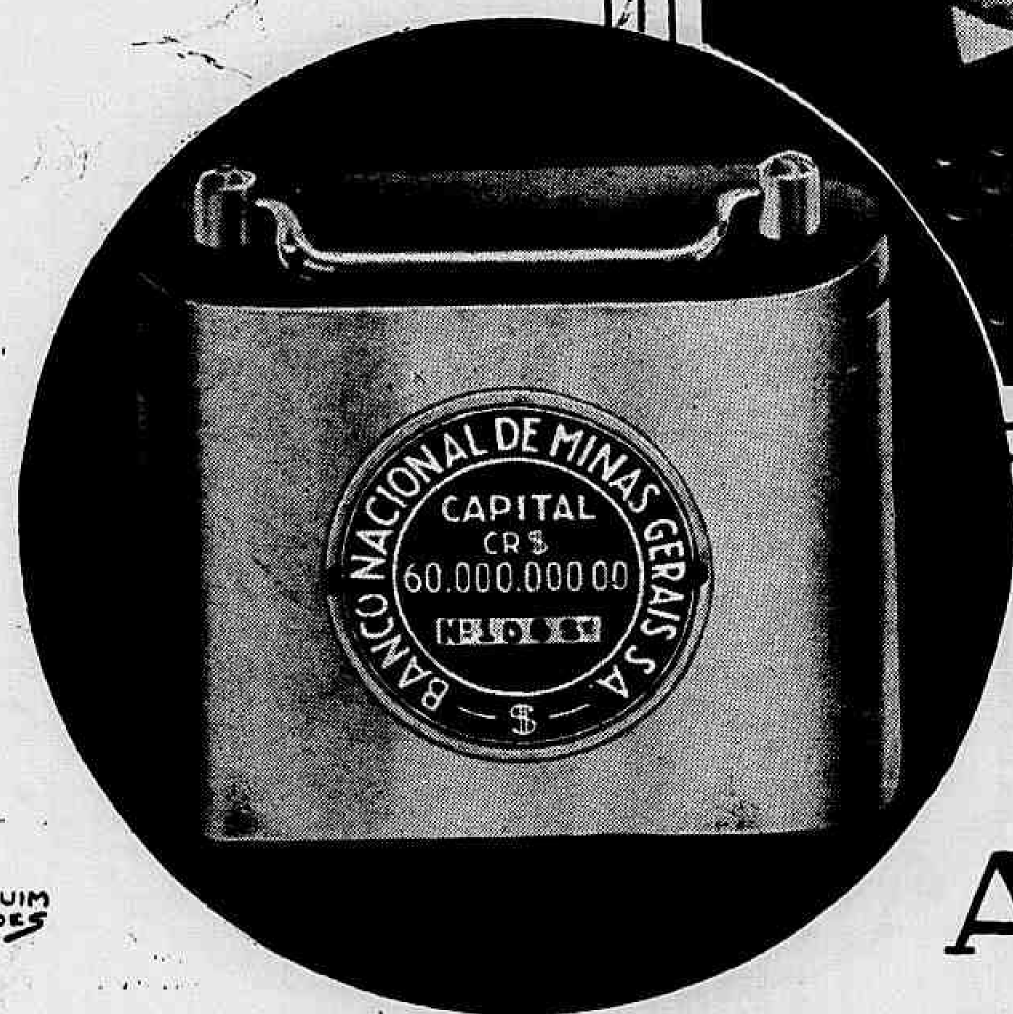
Cr$ 5,00 em todo o Brasil



EDIÇÃO DE NATAL

OS HÁBITOS ADQUIRIDOS NA INFÂNCIA...





JOAQUIM MENDES

PERDURAM POR TÔDA A VIDA

CONTA POPULAR

Depósito inicial 50,00
Limite 100.000,00
Juros .... 6% ao ano

BANCO NACIONAL DE MINAS GERAIS S.A.

CAPITAL CR$ 60.000.000,00

FILIAL: AV. PRESIDENTE VARGAS, 509

Agências no Rio: Bandeira, Catete, Castelo, Madureira e Ramos



MENSAGEM

— Papai do Céu, não é pròpriamente um brinquedo o que vimos pedir êste ano de Papai Noel. Nosso pedido será outro, diferente, e bem sabemos que nos ouvirás, pois se os homens não conseguem elevar suas vozes até aí em cima, então é preciso que nós, as crianças, usemos da palavra. Os papéis estão invertidos — e só desejamos pedir juízo para os mais velhos, juízo para que se compreendam, juízo para não continuarem vivendo em balbúrdia, esquecidos de Teus sagrados mandamentos e odiando-se entre si, e sem aproveitar os prazeres da vida e do mundo que Tu lhes proporcionas. Somos as crianças desta hora de incerteza, os que deveriam pensar menos tendo quem pensasse por êles, e no entanto somos os que vão sofrer as consequências das discórdias entre os mais velhos de hoje. Perdoa-lhes, Senhor, porque êles não sabem o que fazem, e embora adultos e experimentados, mais parecem as verdadeiras crianças. Êles ignoram, ou fingem ignorar, que seremos nós os homens de amanhã e dêles vamos herdar um triste legado de misérias humanas, de cuja origem não somos os culpados. Sôbre nossas cabeças desabará o fruto dessa confusão — e faltam-nos mãos experimentadas e sábias para nos guiarem no amanhã que espera pelas crianças de agora.

Quando, à noite, depois do jantar, mamãe e papai conversam, pensando que não compreendemos o alcance de suas palavras, dêles ouvimos tristes revelações: o mundo está perdido... o mundo pertence aos egoístas, aos desonestos, aos maus... o mundo não tem mais salvação, piora sempre, desde quando eram crianças iguais a nós.

Mas será verdade? E se fôr — que será de nós? Quando crescermos, êles estarão velhos ou terão desaparecido deixando em nossas mãos apenas escombros. Não, não pode ser verdade, Papai do Céu.. Nossos pobres pais devem andar enganados ou desiludidos, exaustos de sofrimentos e decepções. Mas nem tudo pode estar irremediàvelmente perdido, porque ainda nos restam o Teu amor e a Tua misericórdia que não tem fronteiras. Com êles saberemos reagir — e a nós caberá a tarefa de reconstruir o que homens egoístas derrubaram. Queremos aproveitar êstes dias de confraternização para esperar um milagre — o milagre da Tua divina generosidade. Dá aos homens de boa vontade as armas de espírito bastantes para vencerem os pérfidos, e dá boa vontade aos que não a têm; alerta Teus filhos que se desviam da trilha do dever para que a ela volvam — e se esclareçam, e se regenerem, e voltem a ungir-se de Teus altos ensinamentos. Porque não queremos sofrer como sofrem nossos pais e nos assiste o inviolável direito de viver dias melhores. Papai do Céu, não desejamos brinquedos, nem árvores luminosas e coloridas para enganar a nossa pobreza espiritual — porque desejamos muito mais o que só de Ti pode vir. Enche de esperanças que não venham a desvanecer-se essas duas meias simbólicas — e nos daremos por satisfeitos, assim seja, amen. Pai Nosso, que estás no Céu...



ENQUANTO O SEU ANTEPASSADO ANUNCIOU A VINDA DE JESUS, ÊSTE, HOJE, ANUNCIA UM BOM PÊSO.

COMO ÊLES VÊEM O NATAL



ÊLES CONTINUAM plàcidamente esperando a vinda do Messias. E enquanto o enviado divino não chega, os fregueses aumentam os lucros das vendas



PREGANDO A HUMILDADE, o amor ao próximo, o devotamento à causa do Senhor, o sacerdote cumpre o seu dever e assiste, sereno, à passagem dos tempos

A FESTA QUE SE RENOVA TODOS OS ANOS ★ PROTESTANTES, CATÓLICOS E ESPÍRITAS, TODOS TÊM O SEU NATAL ★ O YOM KIPUR DOS JUDEUS

Reportagem de VICTOR LEAL

HÁ como que um hálito novo na emanação das coisas e os dias seguem com maior luminosidade, mais intensidade e alegria! E' o Natal que se aproxima, a festa cristã onde mais se identifica a religião do homem e o homem fica mais sentimental e compreensivo! Para os estudiosos da fisiologia humana, isso tem explicação na mudança do clima, na altura do sol ou no movimento da terra. Para os religiosos, porém, tudo não passa de um ciclo natural da influência divina que clama Paz na terra aos homens de boa vontade!

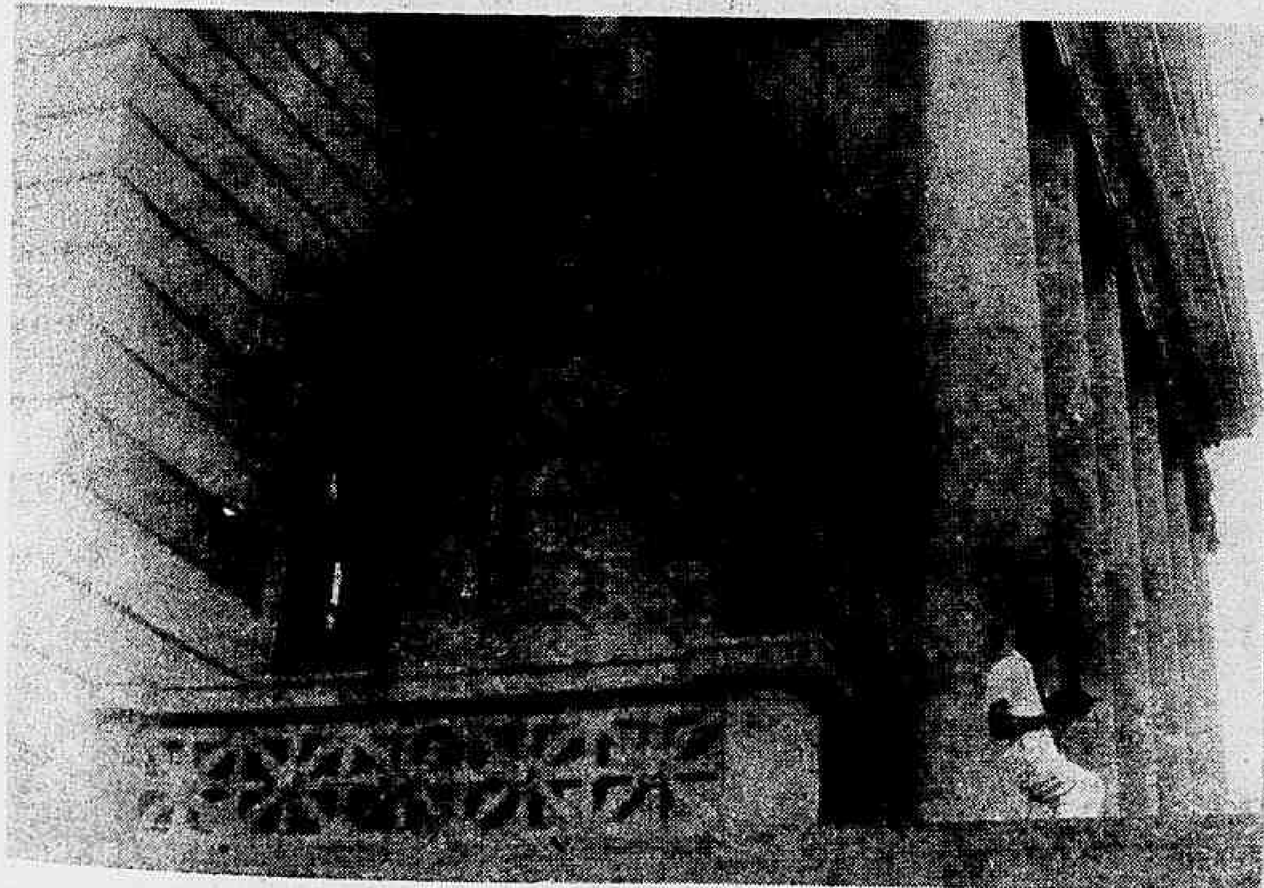
Natal, festa intensa de luz, de amor e de perdão. Percorrendo as igrejas, os templos de oração, os centros espíritas, enfim, todos os lugares onde os homens se reúnem para erguer graças a Deus, é que sentimos como o Natal é ansiosamente esperado.

Contam as Escrituras que David, o pastor que se fêz rei previra a vinda de um Messias e êste foi gerado de Maria e José, o carpinteiro da Judéia. Nascido com o fito de distribuir a justiça entre os judeus e as bênçãos entre os bons, Jesus viveu trinta e três anos e o seu amor, a sua humildade, o seu senso de justiça, fizeram de sua vida uma religião que, depois de muito perseguida, hoje se estende a quase cinquenta por cento da população do mundo!

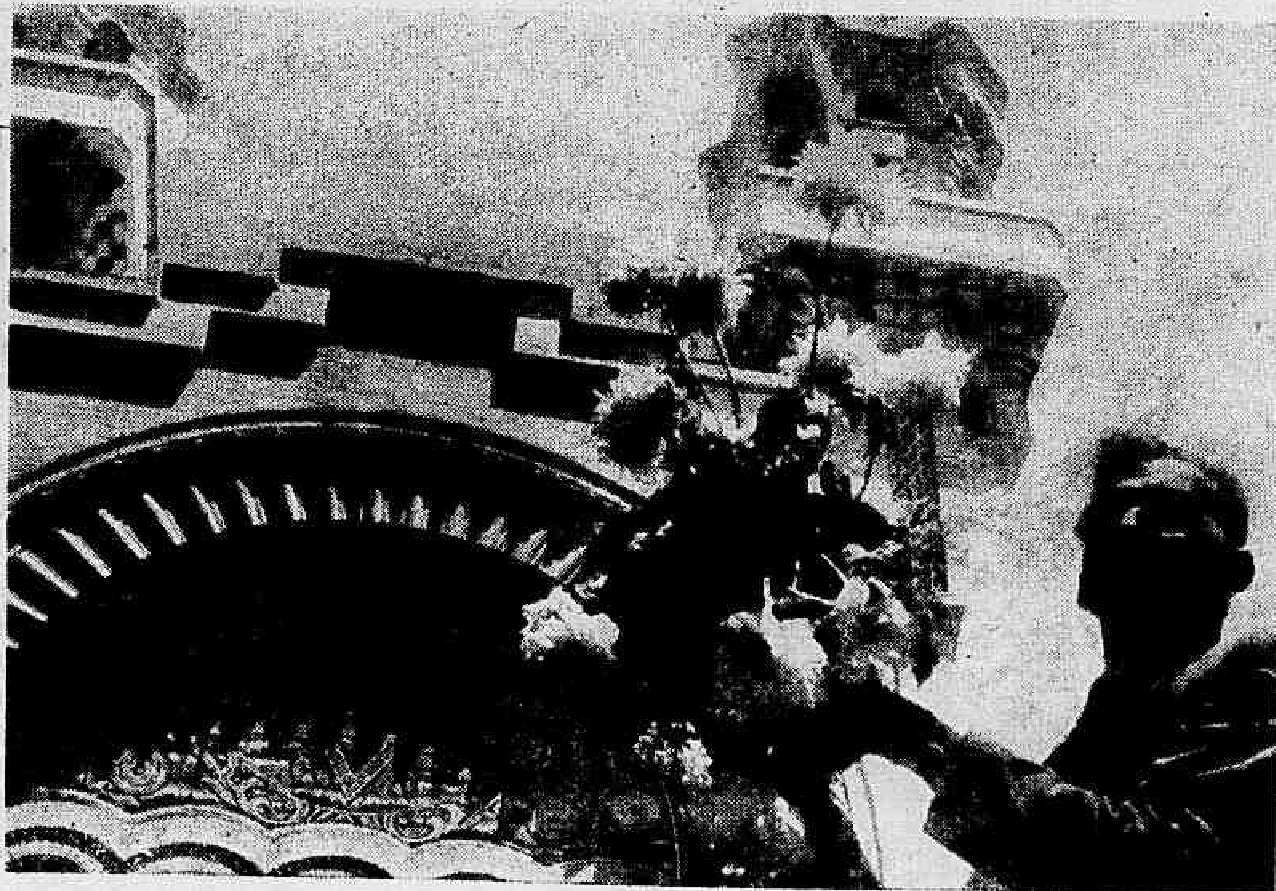
E' pois o Natal uma festa do Nascimento de Jesus, o filho de Deus, que os cristãos comemoram. E num país onde o cristianismo é absoluto, essa festa assume características impressionantes porque, se os cultos divergem, todos os cristãos, todos êles se reúnem para agradecer a Deus a vinda de Jesus!

Os judeus, porém, que atingem um grande número em nossa terra, não participam da festividade religiosa em comemoração ao nascimento de Cristo. Para êles Jesus não passou de um revolucionário que se insurgiu contra os dogmas e os cultos judaicos. A festividade do Natal que se comemora êste mês passa desapercebida para aquêles que continuam a esperar a vinda do Messias conforme os profetas preconizaram. No último mês do ano, justamente no período de 16 a 22, êles comemoram a festa do perdão, em que rememoram o cativeiro no Egito e a travessia do Mar Vermelho comandada por Moisés.

Outras festas enchem o calendário hebraico e delas a mais importante é a Festa da Páscoa que também os católicos comemoram. Marca a Páscoa, para os cristãos, o dia em que Jesus entrou em Jerusalem e



ALHEIO AOS rumores do mundo, êle reza: "Eu ouvi a voz de quem falava comigo de dentro do templo e estava um homem de pé junto comigo!"



SOB A IMPONÊNCIA da sinagoga, êstes continuam fiéis às tradições da religião que Moisés coodificou e Eliá repetiu para seu povo



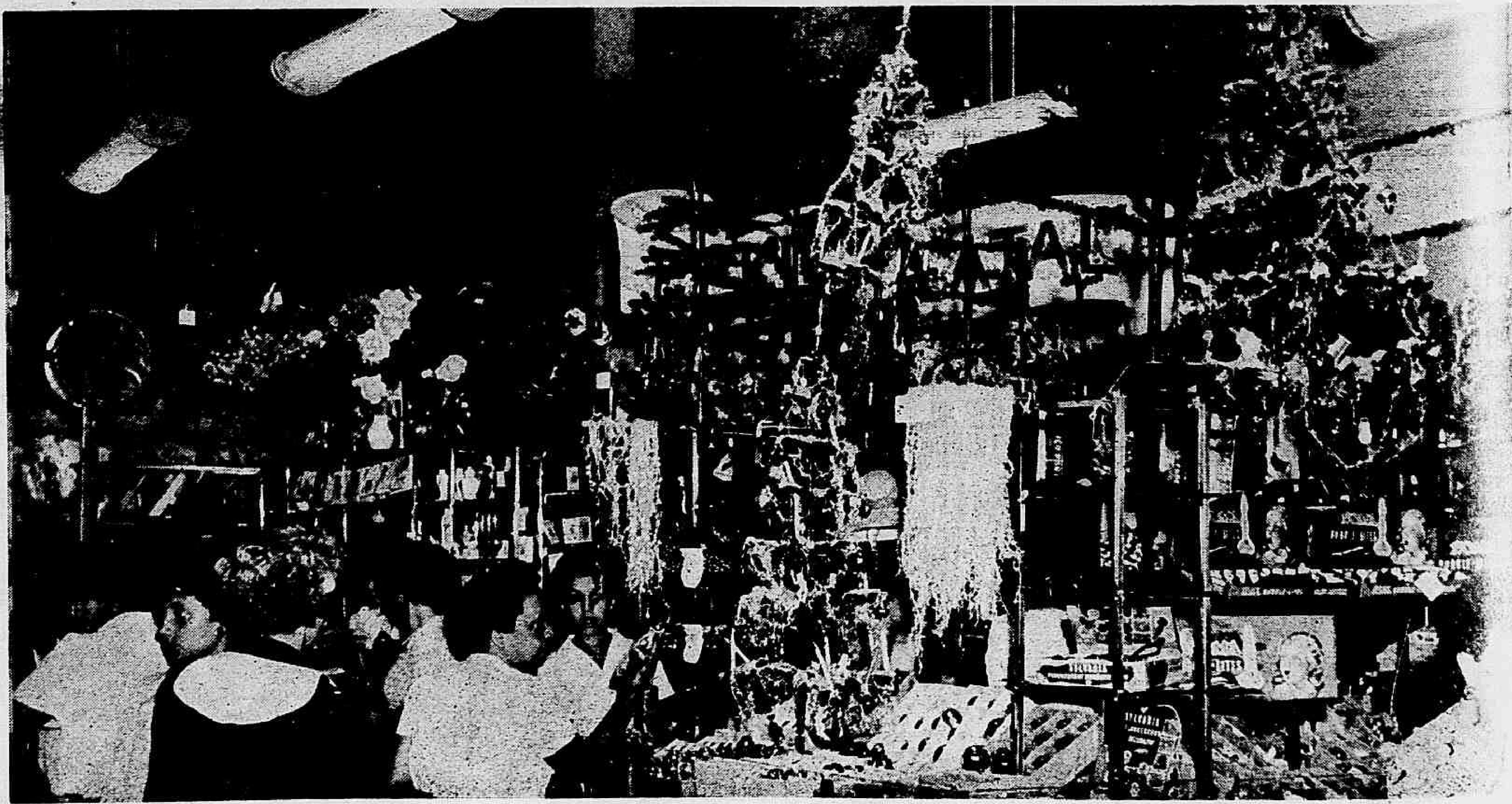
CEDEU SUA mangedoura para o Menino Jesus descansar: — "Darás com o teu leite o alimento do homem e, em paga, êle te dará comida e proteção''. Pacífico, filósofo, êle chegou a ganhar foros de divindade



BAFEJOU com seu hálito quente o filho do Senhor: carregou a Virgem na fuga pela Judéia e transportou o Filho de Deus feito Homem



— "Serás muda eternamente para que ninguém atenda os teus apelos e permanecerás com o pescoço esticado para espanto dos outros!''



AQUI DESFILAM os "enviados'' de Papai Noel, aquêle bom velhinho que a tradição francesa nos impingiu e que a agilidade do Vovô Índio conseguiu desbancar. Ilusões aos milhares

o início de seu suplício e perseguição. Para os judeus esta festa é uma comemoração agrária onde se verificam as colheitas e tem muito das festividades pagãs realizadas pelos romanos em homenagem a Ceres.

Entre tôdas as comemorações religiosas dos judeus nenhuma assume maior imponência do que o Rosh-Hashaná, dia de Ano Novo, ou Yom Kipur, dia do perdão. Reúnem-se os membros da família em tôrno de uma mesa. Iguarias, vinho, ovos cozidos, água salgada, beterraba com uma erva de sabor amargo, uma bolacha de trigo cru, tudo isso figura na ceia e tem significação diversa. O membro mais novo da família faz perguntas sôbre cada coisa e o mais velho as vai explicando. O ovo significa a sorte que gira, assim como o homem foi escravo e pôde mais tarde libertar-se; a água salgada significa as lágrimas derramadas sob o domínio do faraó; assim como a erva representa o amargor do cativeiro. Finalmente, a bolacha crua lembra a fuga do Egito quando não havia tempo para esperar a construção de fornos e o cozimento do pão. Nesse dia os judeus perdoam as afrontas recebidas, os inimigos se reconciliam, os indiferentes se tornam amigos. O dia do perdão é a festa judaica que mais se aproxima da comemoração cristã, da Ceia de Natal, onde o vinho lembra o sangue de Jesus, e o pão a sua carne!

Fértil em lendas, o Natal faz desfilar diante das crianças as imagens dos animais que estão ligados de um certo modo às comemorações do dia 25 de dezembro. E' o burro que bafejou Jesus com seu hálito quente, que transportou seus pais através da Galiléia durante a matança dos inocentes; o galo que anunciou a vinda de Cristo; a vaca que cedeu sua mangedoura para o repouso de Jesus; a girafa cuja mudez é atribuída ao fato de ter devorado as palhas que cobriam a estrebaria e que esticou tanto o pescoço que teve como castigo ficar com êle esticado até hoje!

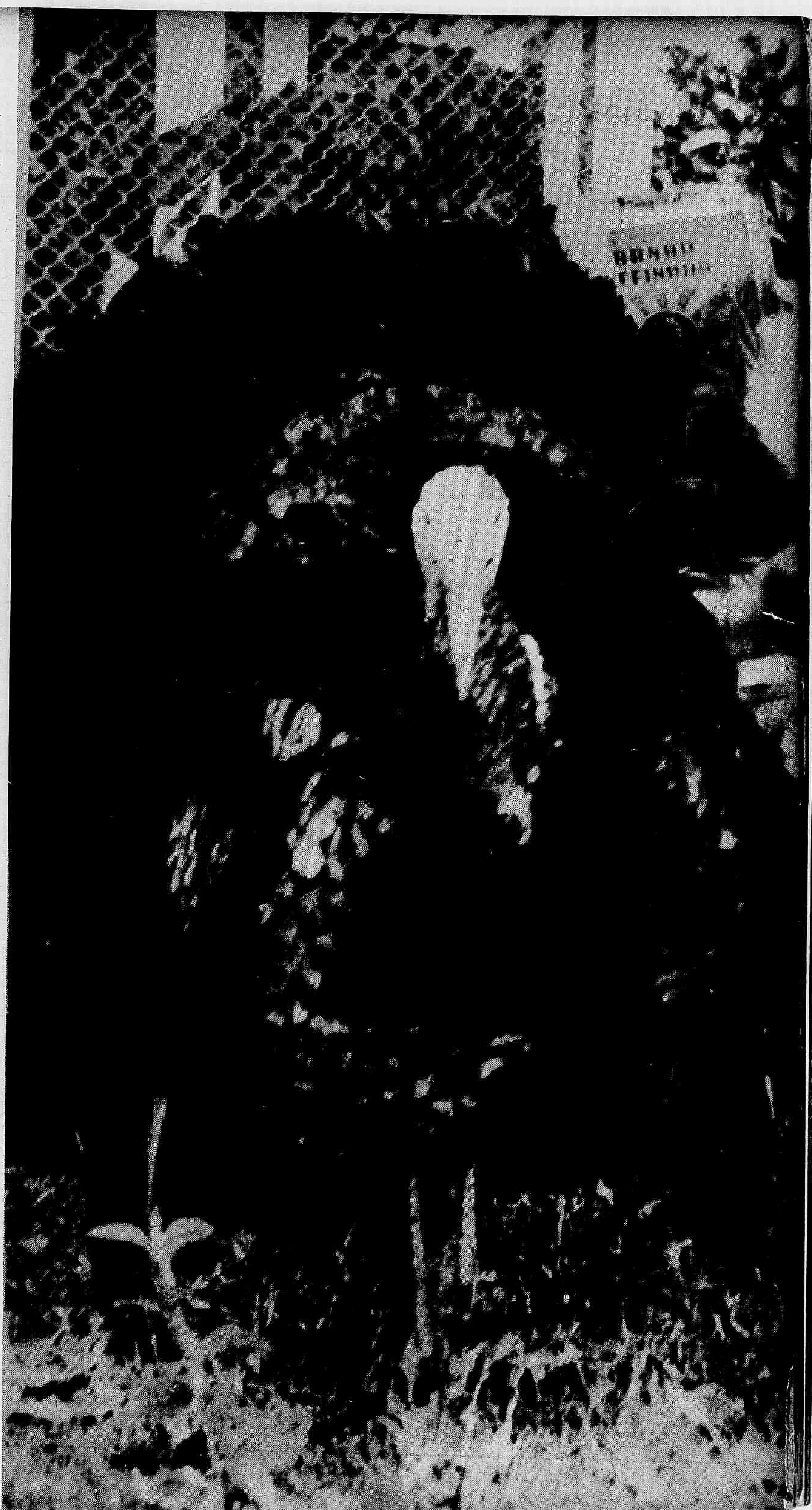
São animais que permanecem sujeitos às tradições e figuram nas festas comemorativas com o destaque que representaram há dois mil anos quando teve início a era cristã da humanidade. Galos, burros e girafas, vacas ou carneiros, todos têm o seu lugar nos presépios e contam, pelas suas imagens, aquilo que souberam fazer no dia em que Jesus Cristo, o cordeiro de Deus, veio ao mundo para ensinar aos homens o caminho da Paz e do Perdão!

Entre os cristãos que atingem um coeficiente de 48 por cento na população do mundo, cifra sòmente suplantada pelo budismo e islamismo juntos, as mais variadas práticas se verificam. Os espíritas se entregam ao socorro dos necessitados e se quotizam para minorar, moral e materialmente, o sofrimento alheio; os católicos erguem presépios e árvores de Natal em suas casas, ou nas congregações religiosas, sendo porém a sua maior comemoração a denominada Missa do Galo; os protestantes, notadamente os petencostais, realizam uma ceia da qual participam todos os membros da congregação; ortodoxos, batistas ou luteranos, todos enfim, se reúnem para as comemorações dêsse grande dia do ano.

Ainda há pouco dizíamos que os judeus vêem passar com desinterêsse o dia de Natal porque para êles Cristo foi apenas um revolucionário que se insurgiu contra as normas do Sínodo e recebeu de Herodes o merecido castigo. De fato assim pensam como pensava o próprio Barrabás, salteador e desordeiro que via com profunda revolta o domínio romano na Judéia. Conta a história que Barrabás, observando a atitude de Jesus, chegou a propor, por intermédio de Simão, que êle se juntasse ao seu bando para mais fàcilmente derrotarem os romanos e libertar a pátria do minada da qual Cristo seria o rei. Jesus porém respondeu com a frase que se tornou célebre: "O meu reino não é dêste mundo!". Se o pensamento dos judeus para com Jesus é êsse, êles, pelo menos em sua grande maioria, aceitam o Natal com interêsse de negociantes que admitem uma data propiciadora de ótimos lucros.

No Brasil, Na França, Espanha, Portugal ou América do Norte, o Natal é uma festa de intensa vibração durante a qual o comércio e a indústria realizam as melhores vendas e conseguem os maiores lucros. Se não os toca o princípio religioso

(Cont. na pág. 48)



NO FINAL, quem paga o "pato" é o peru!

REVISTA DA SEMANA

Redator-Chefe:
CELESTINO SILVEIRA

Chefe de Publicidade:
J. M. COSTA JUNIOR

Paginação de
VICTOR TAPAJÓS

PUBLICAÇAO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de São Paulo, em 1933

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano ..	Cr$ 140,00
Seis meses	Cr$ 70,00
Registrada — Um ano ...	Cr$ 170,00
Seis meses	Cr$ 85,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	Cr$ 270,00
Seis meses	Cr$ 140,00

O número avulsto custa Cr$ 3,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 3,50

Correspondentes — Na Bahia: J. Machado Cunha, avenida Sete de Setembro, 149, Cidade do Salvador, Bahia. Em São Paulo: vendas na Capital a cargo da "Agência Zambardino", à rua Capitão Salomão, 67, tel. 4-1569; Publicidade a cargo de Jarbas Galvão, rua Brigadeiro Tobias, 615, 2º andar, sala 217, tel. 6-6718

TEM AGENTES EM TÔDAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

Representantes — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West Street, New York City, N. Y. Na África Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: "Interprensa", Florida 299, tel. 32, avenida 9109, Buenos Aires

Tôda correspondência deve ser endereçada ao diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicamos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

Êste número consta de 92 páginas

Propriedade da COMPANHIA EDITORA AMERICANA

Rua Visconde de Maranguape, 15
Rio de Janeiro

Diretor-Presidente:
GRATULIANO BRITO

Diretor-Secretário:
R. PEIXOTO DE ALENCAR

TELEFONES — Redação: 22-4447; Publicidade: 22-9570; Gerência: 22-8647; Contabilidade: 22-2550; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602

A SEMANA EM Revista

E O VERÃO CHEGOU



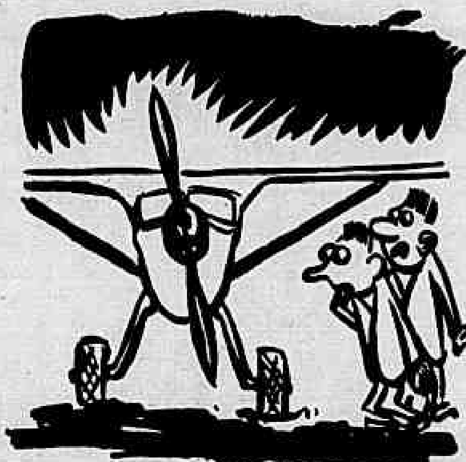
Depois de várias tentativas de calor, com um ou dois dias de ensaios de sol em que o termômetro não ia além de 31 graus, e, logo depois, sobrevinha nevoeiros, chuvas, ventos do sul, serração e baixa de temperatura, a seis de dezembro o tempo quente invadiu o Rio fazendo o povo suar e abanar-se. As senhoras começaram a aparecer com seus vestidos leves, transparentes, decotados. Rapazes conduzindo os paletós nos braços, senhores avermelhados retirando gravatas e as guardando nos bolsos, império do blusão e das alpercatas. O calor chegou com fôrça de lei. Copacabana se enfeitou de barracas multicores, de "maillots" e homens de calção. O sol reverberava sôbre a areia e multidões correram para as praias como se se tratasse de sábados, domingos e dias feriados. Mas estávamos numa terça-feira, dia útil, de trabalho como qualquer outro. O termômetro deve ter subido a uns 36 graus à sombra. O mar se apresentou mais calmo e suas águas mais azuis, contrastando com a irritação do dia anterior, com suas vagas enormes e furiosas e de côr barrenta. Dizem da Meteorologia que a temperatura tende a subir, e a bandeira da Mesbla indica justamente isto: tempo bom com temperatura em ascensão. O verão chegou. O Rio vai ferver, o asfalto amolecendo e apresentando marcas de pneus e de sapatos. Os gelados terão saída fantástica, os banheiros não descansarão e os telefones da Inspetoria de Águas vibrarão dia e noite. Se já falta água no Rio em plena época das chuvas, que não sucederá com o calor a 40 graus e as chuvas pelas cabeceiras do S. Francisco?

C Á E L Á . . .



Segundo telegramas que nos chegam dos Estados Unidos e publicados em nossa imprensa, o senador Guy M. Gillette declarou, ante a sub-comissão de agricultura do Senado, que deseja investigar a súbita alta registrada recentemente no preço do café. O senador Gillette afirmou que pedirá ao Congresso que conceda à sub-comissão autoridade específica para investigar os artigos importados. Declarou êle que a sub-comissão recebeu centenas de cartas pedindo sejam investigadas as oscilações caprichosas verificadas nos preços do café. O senador fêz tais declarações ao reiniciar-se a audiência a respeito do preço do pão e de outros produtos. Disse Gillette que a sub-comissão ainda não obteve uma resposta satisfatória que explique por que o preço dos cereais vendidos pelo agricultor é tão baixo e o preço do pão se encontra ao nível mais elevado dos últimos anos. A sub-comissão começou a estudar também o aumento do uso de produtos químicos sintéticos, em lugar de leite, gorduras, pão e produtos de confeitaria. Isso está sendo levado a efeito por um senador dos Estados Unidos, país em que o consumo do café é o sustentáculo de nossa coluna de exportação do produto para o mundo. O legislador não está, porém, impressionado apenas com a dança da rubiácea, que não se aquieta, mas também com a mesma doença em cereais, etc. Êle está procurando descobrir isto: o agricultor vende muito baratinho ao açambarcador e êste vende ao intermediário que, por sua vez, vende ao consumidor, por preços extorsivos. Sim, senhor: quando descobrir o mistério, nos avise. O.K.?

A S S O M B R O S O



Há certos fatos nesta vida que a gente fica sem saber como explicá-los. O jeito é mesmo atribuir a influências sobrenaturais. Outros, porém, em virtude do progresso da ciência, passam a ser encarados como vitórias da mecânica, do rádio, da eletricidade, e, ultimamente, da fôrça atômica. Nos arredores da cidade de Olive, Estado de Illinois, Estados Unidos, desceu um avião de turismo, que causou espanto a todos os habitantes daquelas redondezas. O aparelho apareceu roncando pelos céus da localidade, fêz voltas e baixou num campo que não era pròpriamente um local apropriado para isso. Silenciando o motor, ninguém desceu do aparelho misterioso. Curiosos se acercaram e não viram ninguém. Alguns mais medrosos e impressionáveis sentiram o cabelo arrepiar... As autoridades começaram a investigar o fenômeno, já parecendo tratar-se de manifestações de aviadores do outro mundo ou algum crime. Espalhada a notícia, não demorou muito e o caso se esclareceu satisfatòriamente. Nem fantasmas, nem crimes. Um pilôto, tendo descido a um campo daquele Estado para reabastecer-se de gasolina, saltou da nacele e fêz uma inspeção no aparelho, antes de retomar vôo. Ao tocar na hélice, com surprêsa, o motor pegou, funcionando em alta velocidade, movimentando-se o avião. O pilôto pulou para um lado e o aparelho subiu, ganhou altura e se sumiu... E já muita gente afirmava que vira vultos no "teco-teco"!

P A R A B E N S



Todo fim de ano os governos, desde o municipal ao da União, preparam, discutem e votam seus exercícios financeiros para o período seguinte. Raramente os orçamentos apresentam saldos. De ordinário o que se vê é a figura odienta e perigosa dos "deficits" a ameaçar o equilíbrio administrativo dos governantes. Mas, segundo lemos em jornais desta capital, o Estado do Rio vai mostrar que é possível organizar orçamentos com "superavits", sem onerar o contribuinte. O projeto orçamentário daquele Estado estima a receita em CrS 483.822.000,00 e fixa a despesa em CrS 482.264.552,30, configurando-se, pois, um saldo de CrS 1.557.447,70. Ao que parece, a única alteração sôbre impostos foi a que resultou da cobrança de CrS 1,50 sôbre cada tonelada de cimento que sair do Estado. Aí está uma notícia alentadora. Se os poderes Executivo e Legislativo do Estado do Rio conseguirem equilibrar o orçamento e ainda oferecer um saldo relativamente vultoso, terão alcançado uma vitória digna de elogios. E' o Estado do Rio, talvez, a unidade da federação em que mais densa é a população na base de habitantes por quilômetro quadrado, e, pela proximidade com a Capital Federal, aquela em que muito se refletem as influências do Rio. Cidades como Campos, por exemplo, dão ao visitante uma impressão de alto progresso, rivalizando com algumas capitais e ultrapassando outras. Assim, é preciso que o Govêrno Fluminense, com um orçamento equilibrado, estimule o progresso de sua terra e a coloque entre as mais progressistas do país.

A PERSONAGEM DA SEMANA

A 9 dêste mês de dezembro passou o govêrno chinês sob a presidência de Chiang-Kai-Shek a ter nova sede e, talvez, última sede nos mares orientais: Taipé, na ilha Formosa. Deixando Chengtu, terceira e última sede do govêrno nacionalista em território continental, com todos os membros do seu govêrno, Chiang-Kai-Shek vai refugiar-se na ilha Formosa. A história dessa revolução na China após a proclamação da República, é de uma vastidão e de uma profundidade que só mesmo os sociólogos poderão estudar devidamente no futuro. Mas, pode-se dizer que a fermentação nacional se processou entre êstes dois polos: uma parte que aprovou e aderiu à formação política do chamado Kuomintang (Partido Nacional), e a outra que ficou fiel à política socialista inspirada nos princípios soviéticos.

E' curioso relembrar que o próprio Chiang-Kai-Shek parecia favorável aos comunistas, tendo sido chefe do gabinete do Presidente Sun Yat-Sen quando fêz uma viagem à URSS para estudar sua organização militar. Pode-se dizer que a revolução civil da China, que agora se encerra com a derrota de Chiang-Kai-Shek e a ocupação total do imenso território nacional pelos comunistas, teve início em 1927. Anos depois houve reconciliação entre Cantão e Nanquim, sedes dos governos desavindos. Eleito Presidente em 1935, resignou o cargo em 1938, passando a ser o Presidente Geral do Kuomintang em 1938 para combater os vermelhos. Em 1939 foi elevado à posição de "Premier" do seu país. Sobrevindo a segunda guerra mundial e já estando a China em guerra com o Japão há vários anos, deu-se uma espécie de hiato nas hostilidades entre as duas facções nativas em luta, e ambas se voltaram contra o inimigo comum. A 13 de setembro de 1943 é eleito Presidente da China. De lá para cá, o Generalíssimo nacionalista tem estado intermitentemente entre o lugar de Presidente e o de "Premier" do seu país, e mantendo dramática luta contra os exércitos de Mao-Tse-Tung, chefe dos comunistas. Depois que fracassaram tôdas as tentativas para conseguir mais auxílio monetário e de armas dos Estados Unidos, Chiang-Kai-Shek foi perdendo cidade por cidade, mudando continuadamente a sede do Kuomintang em direção do sul, até que, não podendo mais manter-se em Shengtu, sob pena de cair prisioneiro com os restos de suas tropas, num total de 300 mil homens, o Generalíssimo retirou-se para Taipé, na ilha Formosa, onde aguardará o desfecho definitivo dessa tragédia entre irmãos.


Chiang-Kai-Shek

E' interessante salientar ainda que, sendo essa ilha uma possessão japonesa, cuja população se mostra hostil ao govêrno de Chiang-Kai-Shek, não se pode prever o que poderá acontecer. Somente depois da assinatura do tratado de paz entre o Japão e os Estados Unidos, será decidida a sorte de Formosa. O desfecho dessa guerra é considerado um dos maiores acontecimentos de 1949.

PUXE PELO Cérebro

NOSSA PÁGINA DE TESTES — OS SEIS PONTOS DA CULTURA

Nenhuma resposta certa ...	Estado primitivo	Homem-macaco
De 1 a 3	Cultura inferior	Selvagem
De 4 a 10	Cultura média	Estudante ginasial
De 10 a 15	Cultura superior	Universitário
De 16 a 19	Genial	Um sábio
Tôdas as vinte		O gênio em pessoa

1 Em que ano foi fundada a Academia Brasileira de Letras:
1900?
1896?
1808?

2 Homenagem a que é a rua Dois de Dezembro, no Rio:
Nascimento de D. Pedro II?
Batalha de Aquidabã?
Fundação do Rio de Janeiro?

3 Como se chamou a escola poética da qual foi Castro Alves um dos fundadores:
Lírica brasileira?
Bucólica?
Condoreira?

4 Qual foi o brasileiro que, eleito pela segunda vez para a Presidência da República, morreu antes da Posse:
Nilo Peçanha?
Rodrigues Alves?
Afonso Pena?

5 Como era o nome inteiro de Olavo Bilac:
Olavo Braz Martins dos Guimarães Bilac?
Martim Olavo Bilac?
Olavo Guimarães Bilac?

6 Quem foi Rosa Maria Paulina da Fonseca:
Mulher guerreira de Pernambuco?
Poetisa fluminense?
A mãe do Marechal Deodoro?

7 Que posição política ocupou Floriano Peixoto além da de Presidente da República:
Prefeito do Rio?
Senador?
Deputado?

8 Qual o compositor alemão apelidado "Pai da Sinfonia":
Beethoven?
Liszt?
Haydn?

9 Qual o jornal brasileiro colocado em terceiro lugar em idade:
Monitor Campista?
Correio da Manhã?
Gazeta Comercial, de Juiz de Fora?

10 Que de extraordinário se notou no nascimento de Luís XIV, Rei de França:
Não ter chorado?
Ter os pés tortos?
Já apresentar dois dentes?

11 Quem foi Bias:
Poeta espanhol?
Um dos sete santos da Grécia?
Engenheiro romano?

12 De que se originou a frase: "Ainda há juízes em Berlim":
Da guerra franco-prussiana?
De um divórcio real?
Do moleiro de Sans-Souci?

13 Quais os maiores e mais antigos monumentos construídos pelo homem ainda existentes:
Os túmulos da Índia?
Os templos gregos?
As pirâmides do Egito?

14 Qual foi o estudante que, após ouvir numa igreja o sermão de um padre, subiu ao púlpito e rebateu a oração, causando grande escândalo:
Castro Alves?
José Ingenieros?
Guerra Junqueiro?

15 Qual o maior herói dentre os oficiais brasileiros na guerra contra o Paraguai:
Osório?
Caxias?
Floriano?

16 Que corpo celeste de grande fulgor está aparecendo atualmente nos céus do Brasil:
Marte?
Venus?
Mercúrio?

17 Qual o planeta que aparece ao lado de Venus nas noites atuais:
Saturno?
Urano?
Júpiter?

18 Quantos meses tem um ano em Júpiter:
Sessenta e cinco?
Cento e dois?
Cêrca de cento e quarenta e quatro?

19 Qual o maior dos nossos planetas:
Júpiter?
Saturno?
Netuno?

20 Qual o artista que, pela primeira vez, pintou o nu:
Rafael?
Masaccio?
Miguel Ângelo?

(Respostas na pág. 90)



No dia seguinte . . .

É muito comum, no dia seguinte ao de reuniões infantís, as crianças amanhecerem indispostas, sem apetite, com vontade de vomitar, dôres no ventre e outros desarranjos do estômago e intestinos.

Às vezes, os efeitos das gulodices (que, não raro, já encontram um estômagozinho sujo, mal preparado para recebê-las) se fazem sentir até no mesmo dia, ou durante a noite. De qualquer modo que isto aconteça, a pobre criança pagará caro alguns breves momentos de prazer, se o seu mal não fôr prontamente atalhado com um remédio de confiança, que lhe proporcione rápido alívio. Quem tiver ocasião de constatar os resultados surpreendentes do **Ventre-Livre** certamente não deixará mais de empregá-lo em tais casos.

As mães cuidadosas não devem, entretanto, esperar que as crianças tenham uma perturbação forte para recorrer ao **Ventre-Livre**. Compete-lhes impedir que as horas felizes de seus filhos se convertam em sofrimento. Serão evitadas as intoxicações se, além de uma alimentação sadia, o estômago e intestinos dos pequenitos fôrem mantidos sempre bem limpos e bem tonificados com o uso frequente de **Ventre-Livre.**

De ação suave e gôsto agradável, **Ventre-Livre** evita e trata as indigestões e todos os distúrbios causados pela prisão de ventre, sendo muito aconselhável o emprêgo dêsse remédio antes e depois das festas infantís.

Não esquecer nunca:

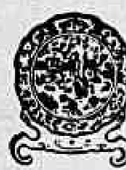
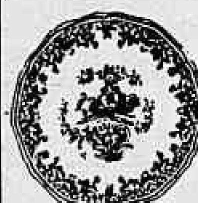
Ventre-Livre não é purgante

PRESENTES
de fino gôsto

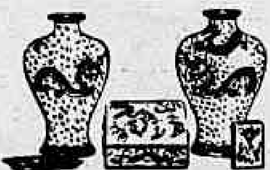
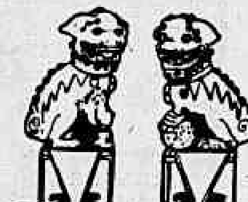





Tudo o que há de mais encantador para presentear a mulher. Tudo que há de mais distinto para ofertar ao homem. Os mais lindos objétos para embelezar a residência. Um mundo de bom gôsto em prata, cristal, marfim, porcelana, couro, etc.


Uma sugestão para cada presente.


Castro Araujo
OUVIDOR, 168
ESQ. URUGUAIANA

A BELEZA NASCE DO BARRO

MOCIDADE, SAÚDE E ATÉ FILOSOFIA NA LAMA DE SEPETIBA

Fotos de ACHILLES CAMACHO

"Em verdade, há muito mais coisas entre o céu e a terra..." "Não! Hamlet é muito fino, muito aristocrático para que o misturemos nesta história. E' de lama que vamos tratar. Lama fina como um creme, suave como pudim de maizena, mas feita de terra e água como tôdas as lamas do mundo.

Também, talvez não seja pedantismo excessivo evocar o discurso do príncipe dinamarquês e subir até às nebulosas mais esotéricas da indagação filosófica a propósito dêsse escuro "cold cream" que as moças vaidosas e os velhos reumáticos recolhem na baía de Sepetiba, untando-se religiosamente como num ritual primitivo.

A Bíblia ensina que Deus tirou o homem da argila. No Sétimo Dia tomou entre os dedos um punhado de terra e uma gota dágua; amassou êsse pouco de barro no côncavo das mãos que haviam criado as estrêlas. Fêz um tosco boneco e sôbre êle soprou o Seu hálito. Nascera o homem.

Depois, os gregos — os gregos que beberam na fonte mais clara da sabedoria — falavam de Anteu, o herói que renascia ao tocar o chão; e do cheiro da terra, do seu moreno seio misterioso se levantava cheio de nova fôrça, deslembrado de tôdas as derrotas, pronto a arrostar todos os inimigos. E Anteu é o símbolo do homem na mitologia grega.

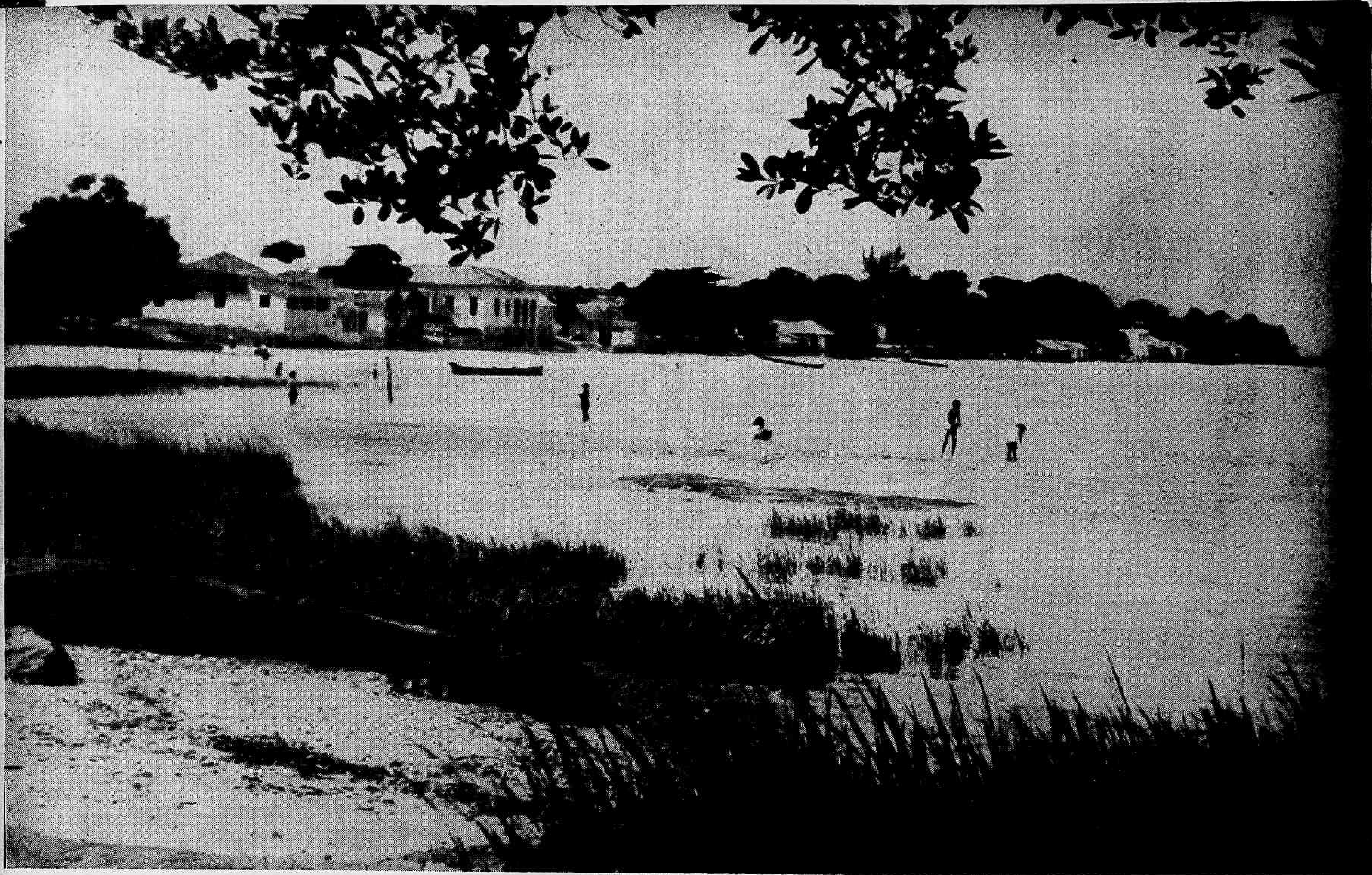
Então, se a religião do Deus único e a religião dos múltiplos deuses, belos ou terríveis, ligam assim o homem à terra, numa relação de gênese ou de renascimento, é bem possível que entre as nossas células e a poeira do chão haje realmente um laço muito íntimo e muito poderoso.

E' no pouco de terra do seu vaso que o gerânio bebe a clorofila das suas folhas e o vermelho das suas pétalas; é da terra que se alimentam as cerejas e os repolhos, a relva e o milho dos rebanhos; e a água perene das fontes e dos rios. Plantas e bichos vivem na sua intimidade,

Agora ela não está muito bonita — mas vai ficar. A lama é como o casulo e a beleza se aprisiona dentro dela como uma borboleta. Ficará linda, sim!



Por isso levou uma de suas amigas à praia. E ensina como usar o creme de Sepetiba, também aconselhável para os representantes do outro sexo: reumáticos, gotosos e vítimas de outras enfermidades têm alcançado curas milagrosas à custa da lama. Fala-se em pernas e braços atrofiados, retorcidos pela dor, que recuperaram seus movimentos livres, desembaraçados, ao influxo do sangue mais vivo adquirido simplesmente com êsse processo de cura



Talvez a lama do fundo da baía ainda transforme Sepetiba num grande balneário. E os arranha-céus bordarão a praia agora tranquila, e virão turistas mais ou menos enfermos dos outros pontos do mundo, ávidos de conhecer a oitava maravilha do século, e Sepetiba será decorada em outros idiomas. Os moradores dêsse lugar preparam-se desde já. Os terrenos, principalmente à beira da praia, daquela maravilhosa praia brasileira, irão valorizar-se!

presos ao seu doce calor. Por que só ao homem ela recusaria a dádiva direta dos seus dons?

E, quem sabe, somos mais desgraçados do que os outros seres da criação, exatamente por ter abandonado o seu regaço maternal? Pusemos entre nós e o chão, muita distância e muito artifício. E talvez por isso, êle se vingue silenciosamente chamando-nos mais cedo ao seu escuro seio, dissolvendo-nos, antes da hora marcada, nos seus misteriosos laboratórios.

★

Puxa! Quanta filosofia! dirá o leitor que teve paciência de chegar até aqui. E baratíssima. Tentativa "snob" de mostrar que é possível citar Hamlet até para falar da Pedra de Guaratiba. Agora seremos simples. Como a praia de pescadores, a praia agreste de nome indígena, onde as árvores e o mar, nos dias de sol, desmentem os decoradores e os modistas: o verde e o azul formam uma linda combinação de côres.

E se há o branco de uma vela rumo ao alto, se há um traço de um vôo de gaivota, então aquêle recanto é a marinha ideal do sonho de todos os pintores.

★

Não se sabe como nasceu a idéia. Nem quem fêz a primeira experiência. Mas o fato existe: a lama de Sepetiba, recolhida na maré vasante, está sendo usada como máscara de beleza. E de saúde, também.

Nos dias de sol, as sereias daquele pedaço do Atlântico se besuntam de barro volutuosamente, como se passassem no rosto e no colo o mais fino produto da cosmética parisiense. E ali ficam horas a fio, até que a lama seque sôbre a pele e se transforme em finas camadas de pó côr de azeitona.

Ora, as mulheres não guardam nem os seus segredos de vaidade; e por isso aumenta cada dia o número de banhistas; e cada dia se propala mais longe a fama da praia agreste, como um salão aberto pela natureza para rejuvenescer de graça as suas clientes.

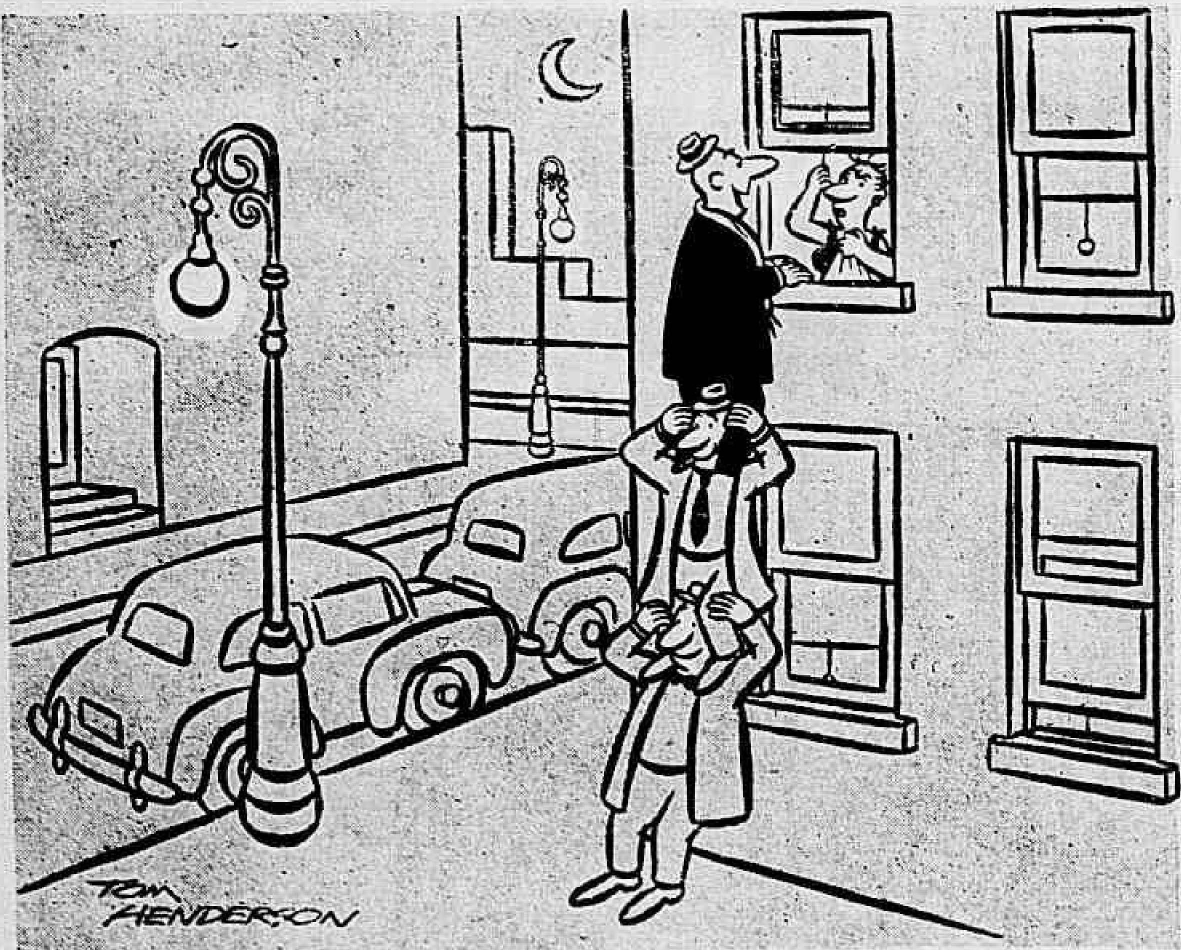
Pode ser que elas se iludam e iludam as outras. Ah! que filha de Eva consegue escapar à sugestão do rótulo de um creme ou de um adstringente? A verdade do espelho não é nada diante da vontade de ser bela. E as mulheres têm sempre uma imensa benevolência, uma incrível generosidade para julgar a própria imagem.

Entretanto, há os doentes. Reumáticos e gotosos estão encontrando propriedades maravilhosas na lama da Pe-

(Cont. na pág. 86)

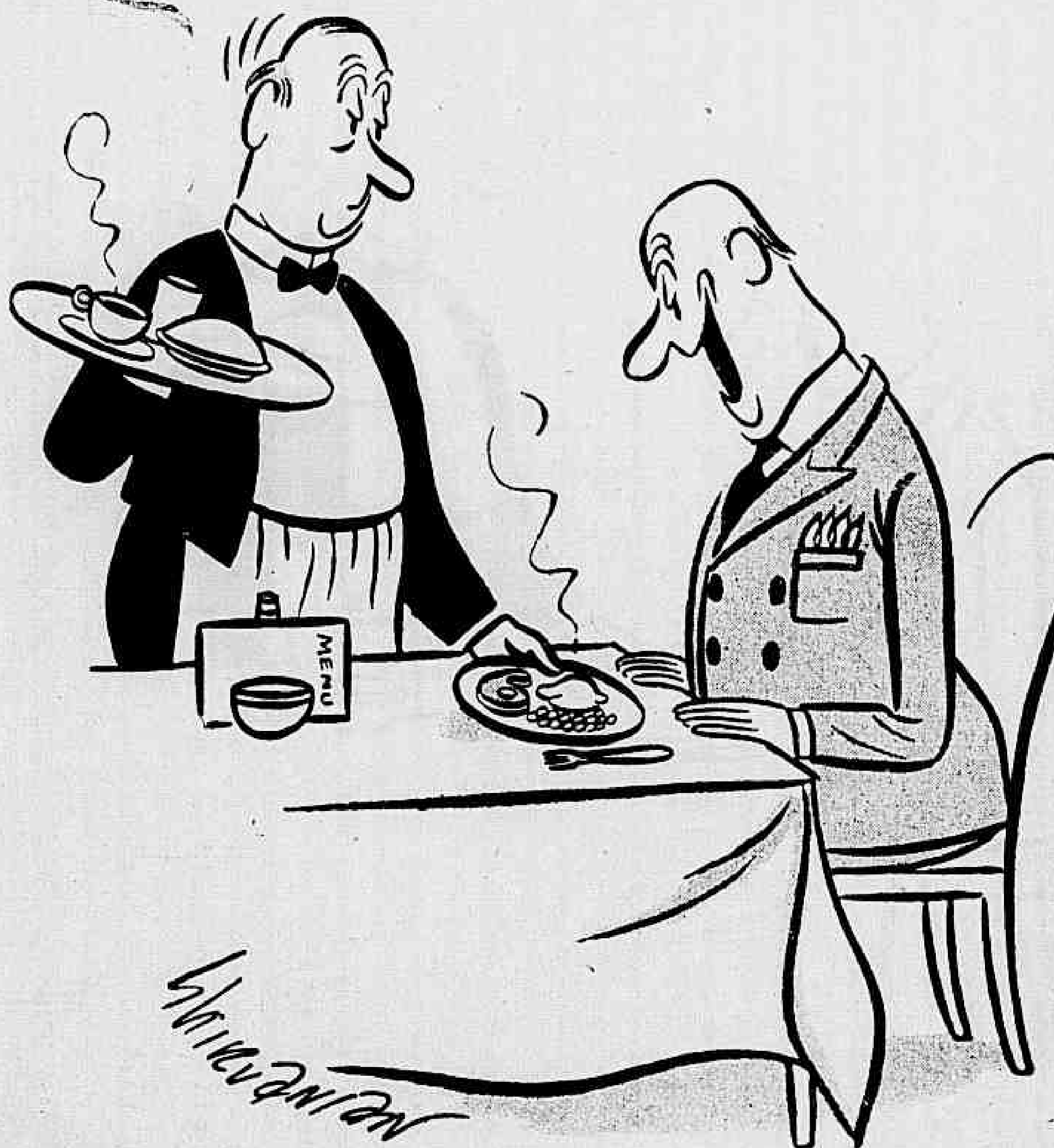


Aqui está o tipo do marido perfeito; êle mesmo ajuda a espôsa a usar o nôvo tratamento da beleza. Sirva o exemplo para outros maridos bem conhecidos!

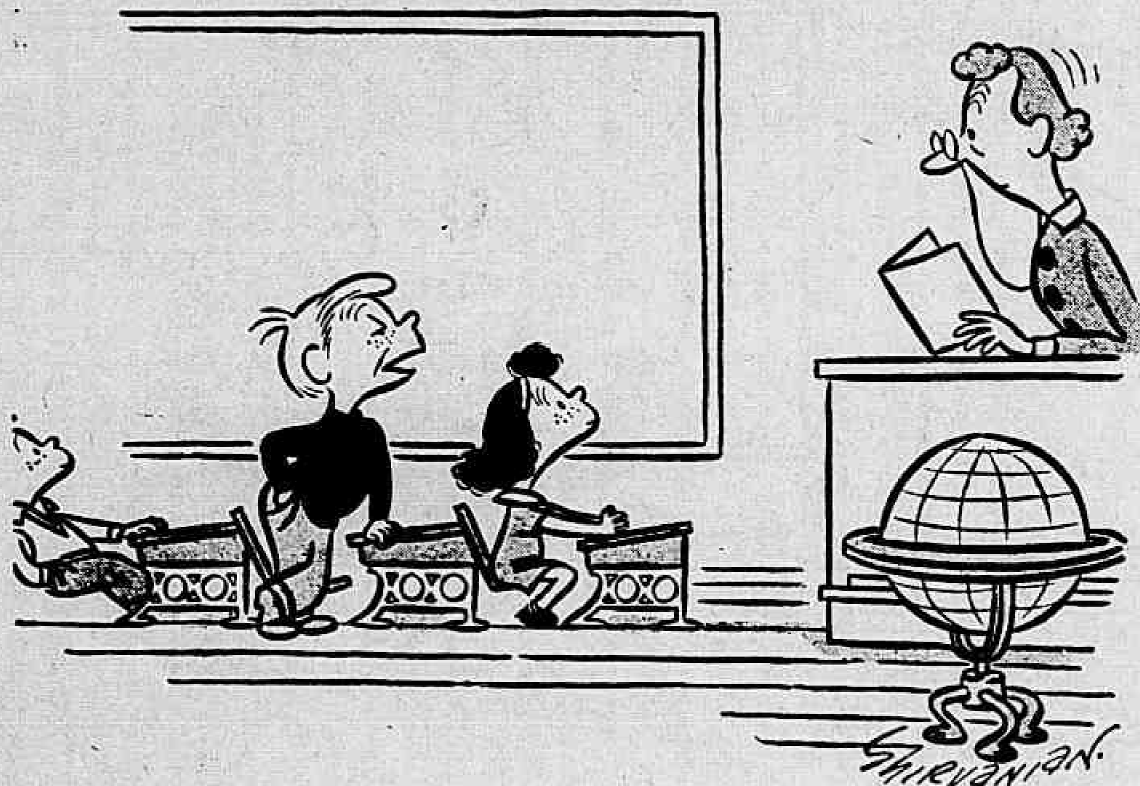


— Eu ia passando por acaso, com dois amigos, quando me lembrei de cumprimentar a Odete...

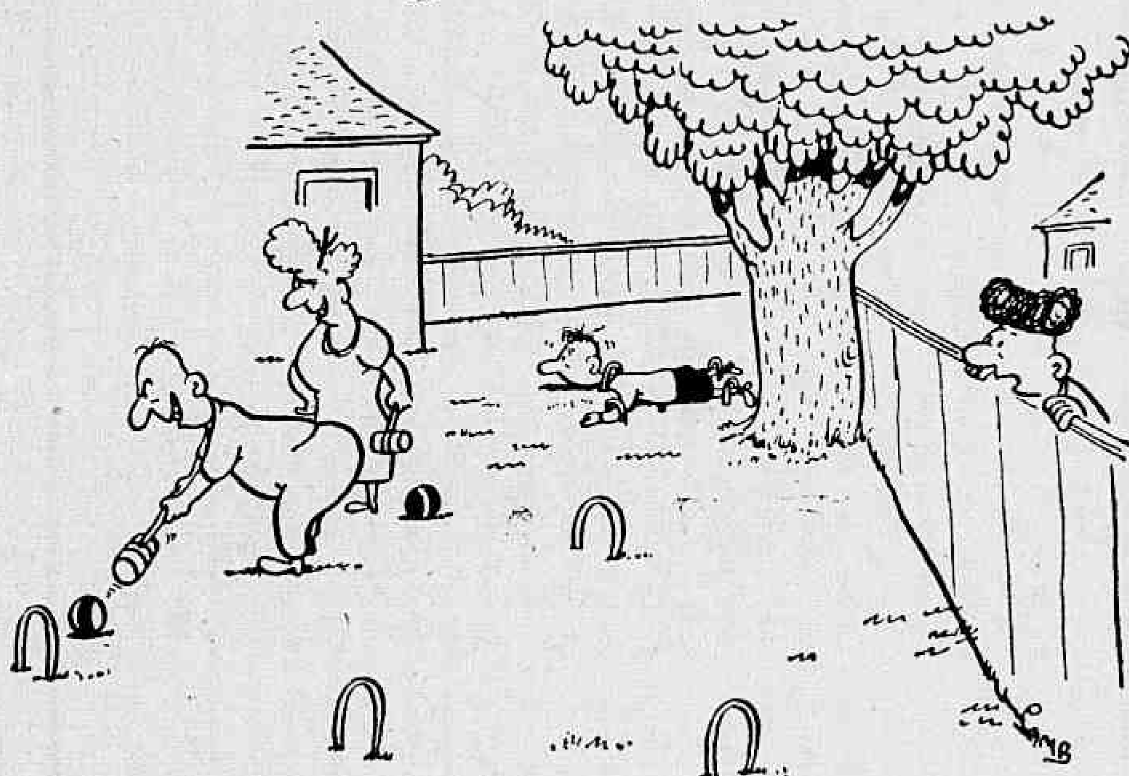
BOM HUMOR



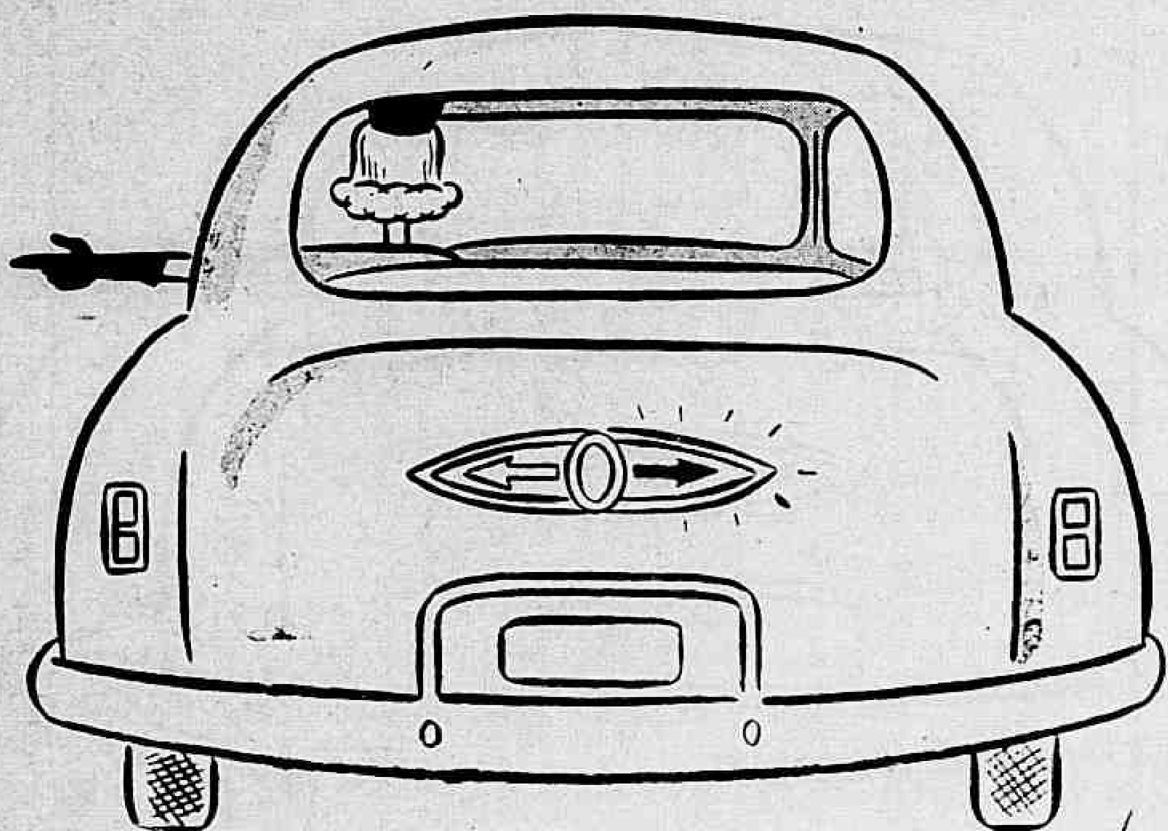
— E' mesmo! Há hora e meia eu estava aqui sentado fazendo esforços de memória para me lembrar o que havia pedido...



— E se responder quanto é que eu ganho, "fessôra"? Um homem ganhou mil cruzeiros no rádio para dar uma resposta igual...



— Olhe, vizinho! Se por acaso meu garoto o importunar, mande-o para casa, sim?

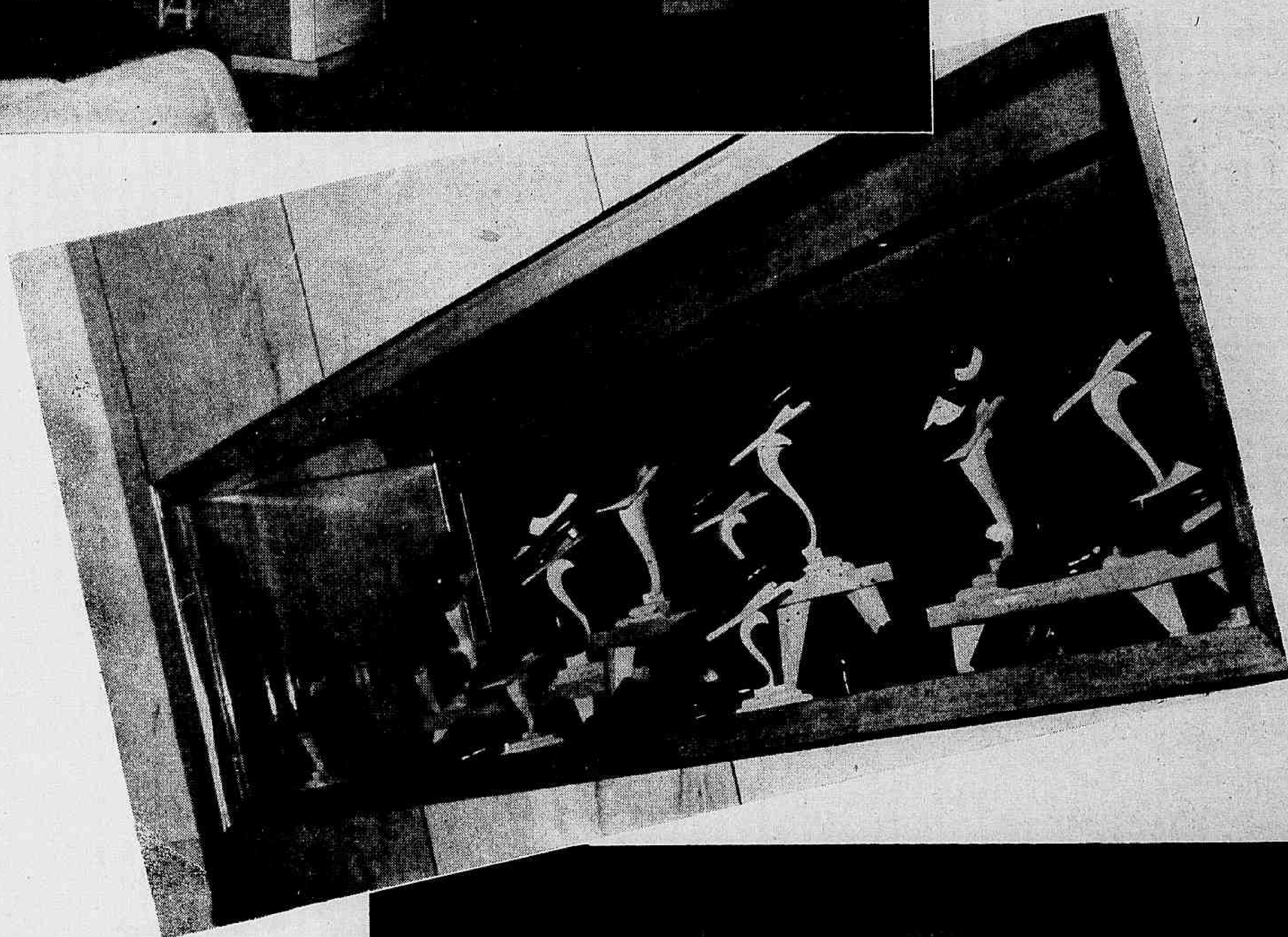




Para o Album de Família



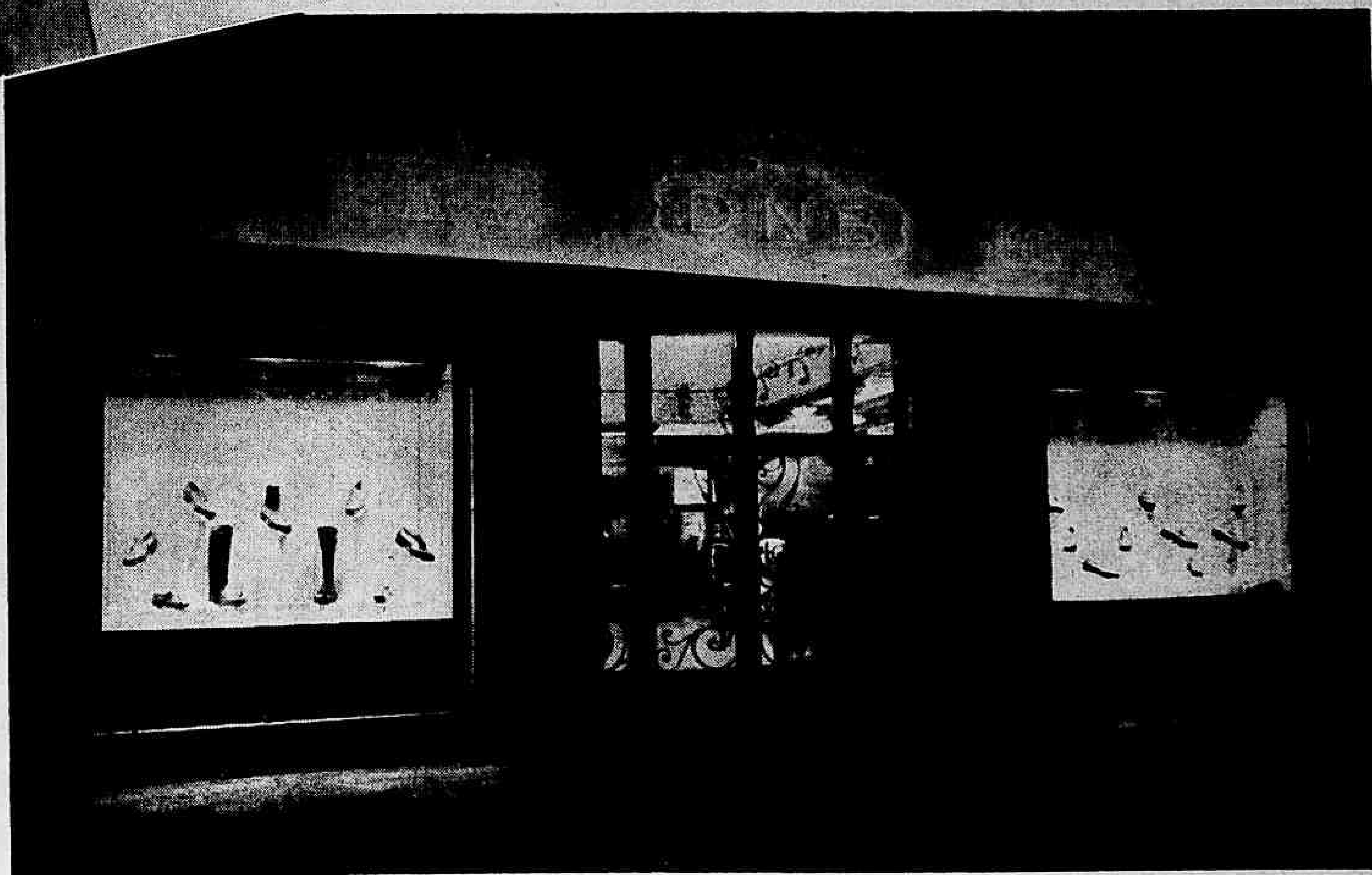
DNB, o calçado tradicional que o Brasil conhece, instalou agora no centro da cidade o seu "salon" de exposição e vendas, com duas fachadas, que ligam a avenida Rio Branco, 149, à rua Rodrigo Silva, 19. Êste estabelecimento de construção moderna e confortável, oferece aos seus clientes, homens, a exclusividade de originais criações em calçados.



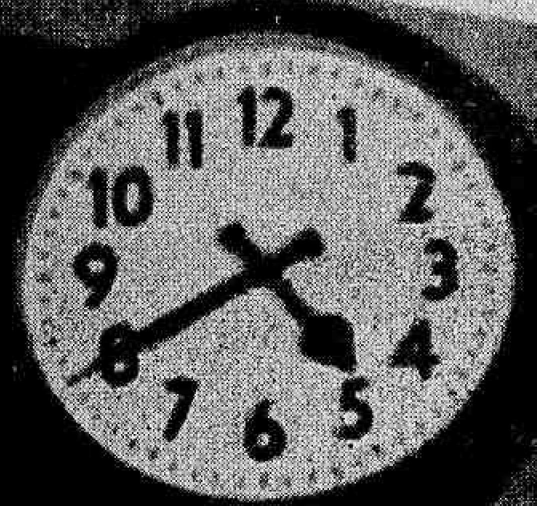
Damos nesta página um aspecto dos interiores DNB, a vitrine de entrada da avenida Rio Branco, situada em plano de fácil visibilidade, e a fachada elegante da rua Rodrigo Silva.

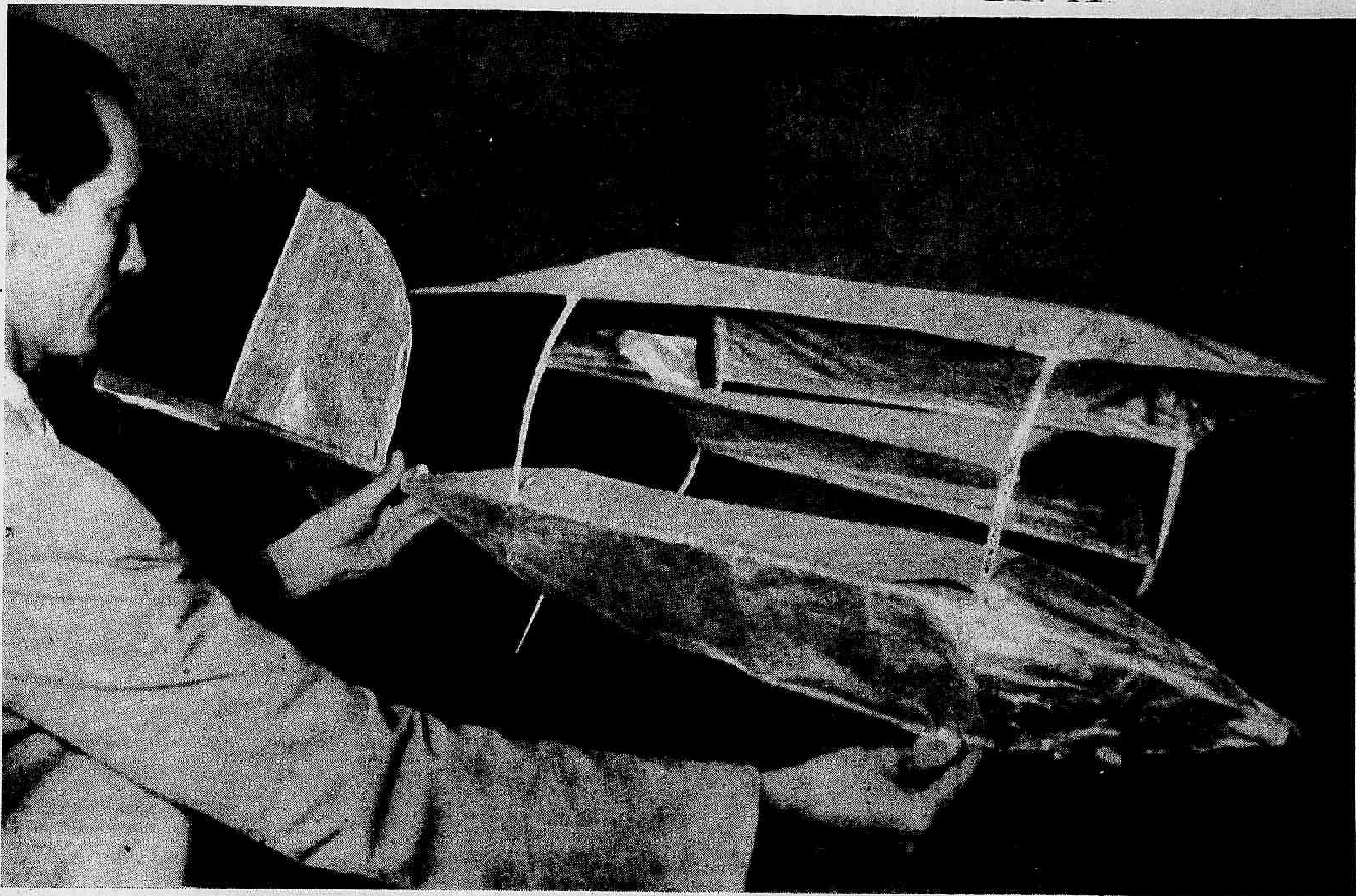
DNB, CALÇADOS DO NOSSO BRASIL





Tudo isto guarda os desenhos e descrições, quando não os modelos, do que se inventa no mundo. Os arquivos do Departamento Nacional de Propriedade Industrial encerram um manancial de idéias que às vêzes fazem rir — outras pensar...





AVIÃO SEM ASAS
A idéia fracassou mas seria um grande invento. Aconteceu, porém, que o avião sem asas desceu em piquê, direto, logo ao ser sôlto no espaço — e foi aquela água, ou melhor, aquêle desastre que jogou por terra não só o aparelho, mas também as aspirações do seu inventor. Mas o projeto, com a documentação necessária ao modêlo lá está no arquivo

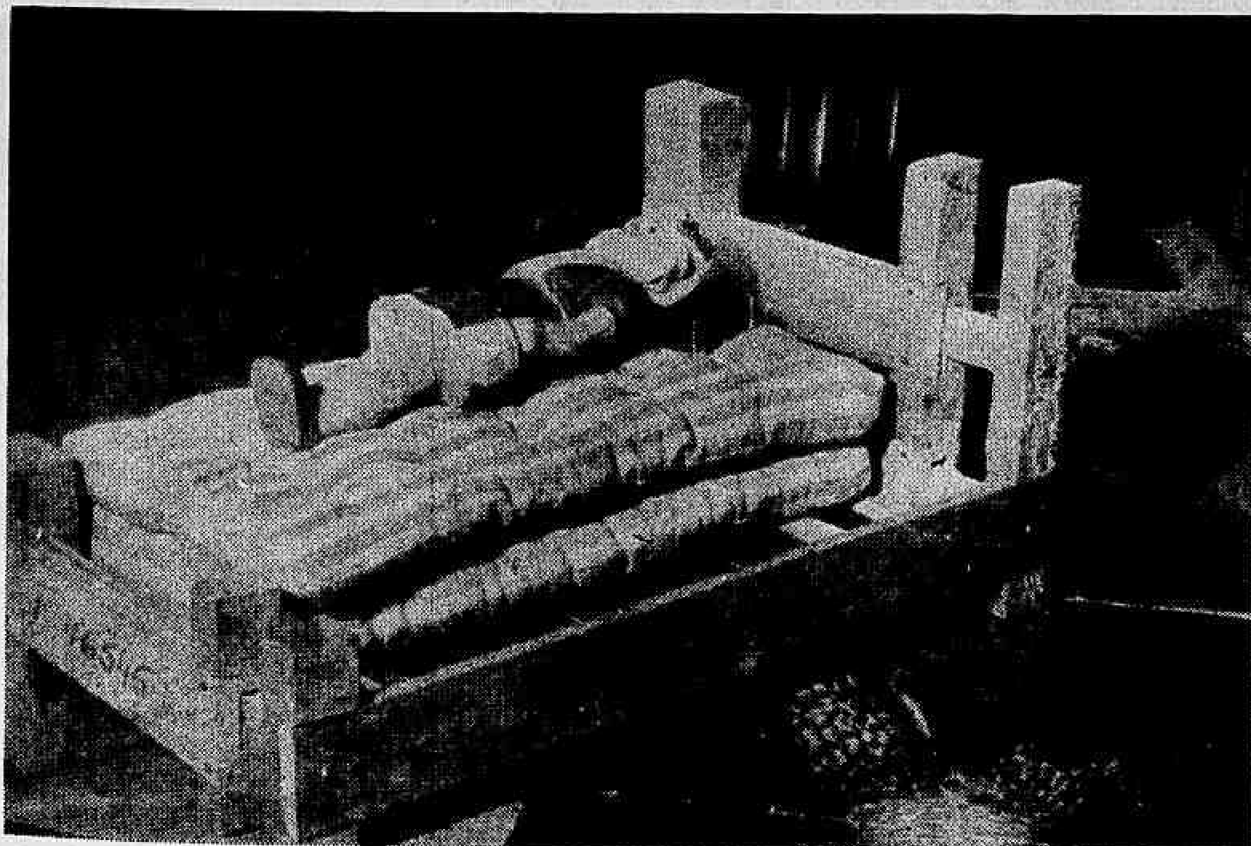
AS IDEIAS VALEM DINHEIRO

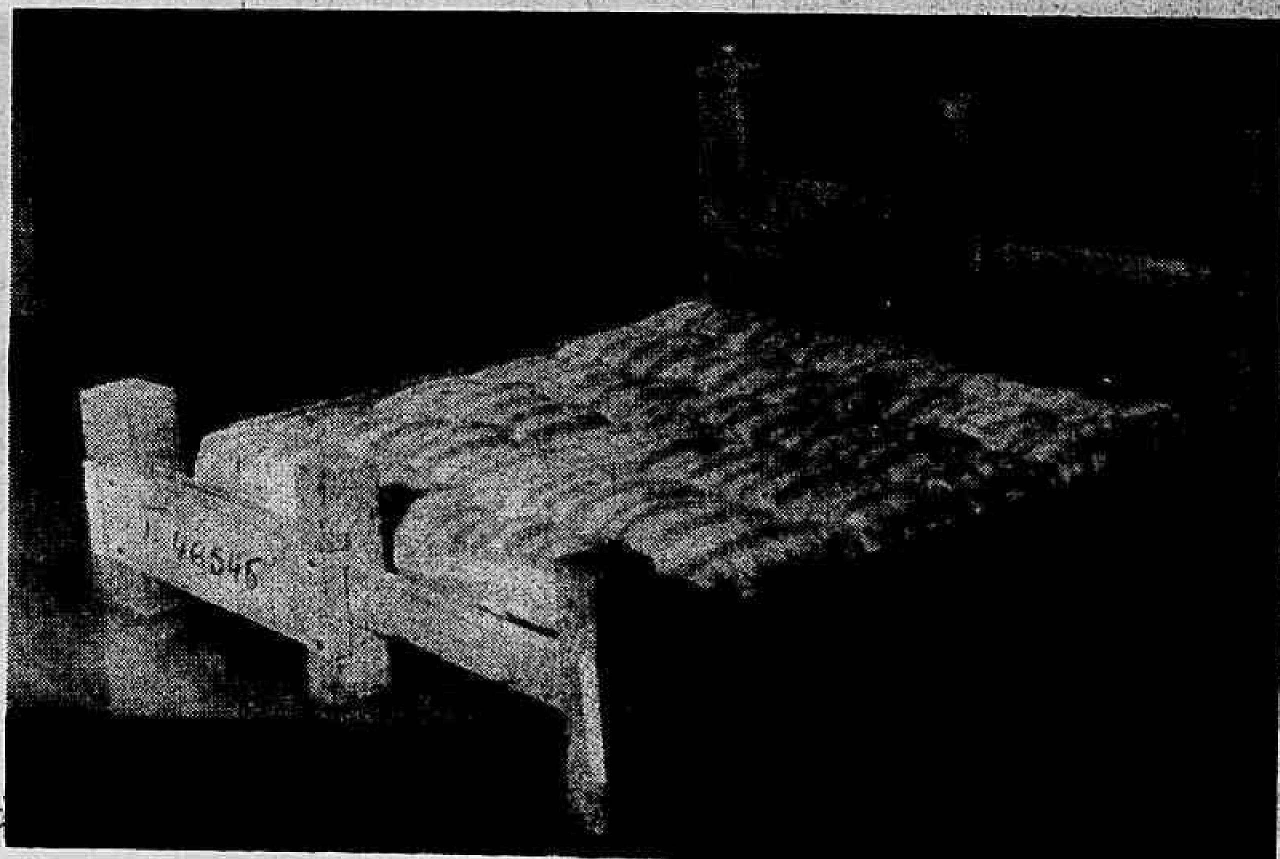
Texto de CARLOS DUARTE ★ Fotos de ARNALDO VIEIRA

Inventos que vingaram e outros que não chegaram nunca a caír em domínio público ★ Muita gente pretende resolver o problema do "motu-contínuo ★ Curiosas descobertas e as idéias que vão ficando atrás, no esquecimento...

UMA ala inteira do 5.º pavimento do Ministério do Trabalho é ocupada por uma repartição a que se poderia chamar de "Museu de Novidades". E' o Departamento Nacional da Propriedade Industrial, a Meca dos inventores; ali são registradas as patentes dos inventores nacionais e estrangeiros e, como a imaginação do homem é fértil, nunca falta trabalho para uma dezena de técnicos cuja função é, única e exclusivamente, examinar e dar parecer sôbre os produtos da imaginação, desde os simples "bibelots" aos mais intrincados aparelhos da ciência moderna, de entremeio com as idéias nem sempre temperadas de alguns maníacos que também costumam aparecer com seus inventos mirabolantes. Para lá correm os inventores do mundo inteiro, solicitando garantias contra os possíveis usurpadores de suas idéias, ou mesmo para evitar que um outro vá na frente registrar o mesmo engenho, tal como aconteceu com Edison, que perdeu a patente do telefone para Graham Bell apenas pela diferença de algumas horas, não obstante um viver em Londres e o





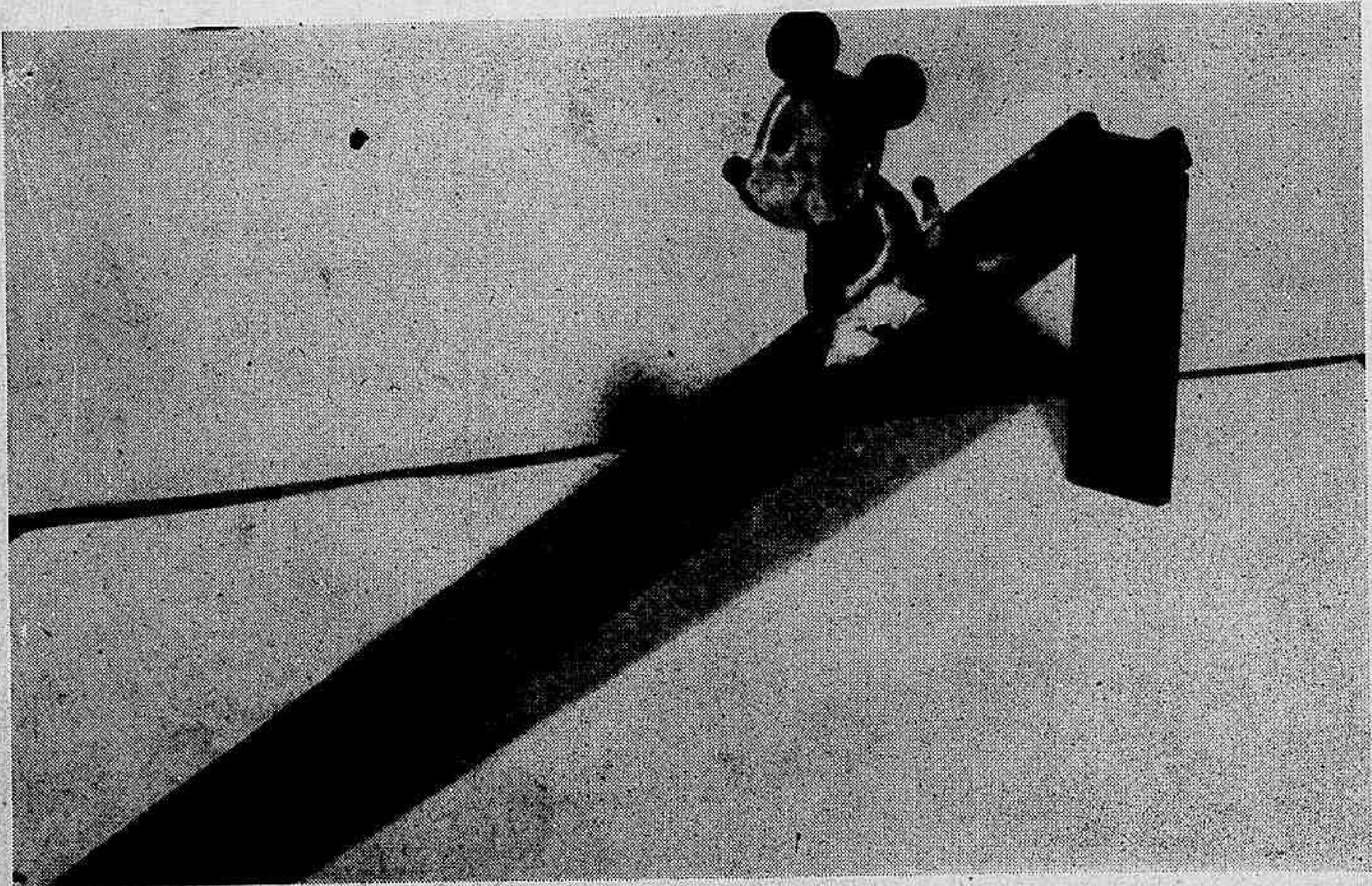


ESPAÇO VITAL
Um invento destinado a grande sucesso nesta cidade em que se dorme cada dia em maiores aperturas: a cama que pode servir para solteiro ou casal, bastando que se puxe a parte de baixo, abrindo como se fôsse uma gaveta. Se o dorminhoco não tem espaço, ou companhia, dormirá tal como se vê à esquerda; do contrário é só armar a cama dupla



FLEXIBILIDADE

Talvez sugestionado pela frase "eu quero ver é a pé", o inventor imaginou êsse modêlo de sola de sapato para dar maior fexibilidade aos pés femininos. Que tal?



ALÔ, MICKEY !

Brinquedos engenhosos, uns de fato interessantes, outros simplesmente medíocres, encontram-se às centenas. Vimos êsse modêlo de Camondongo descendo o plano inclinado, sem cair. Tem dois chumbos nos pés. Muito engraçado!

outro em Washington. Centenas de inventores — engenheiros, técnicos, cientistas, médicos, agrônomos, operários, burocratas, gente grande e crianças, homens e mulheres — todos os meses vão bater às portas do Departamento Nacional da Propriedade Industrial, com o fruto de seu trabalho perseverante ou passa-tempo das horas de lazer. Uma visita aos arquivos daquela repartição nos mostra quão poderosa é essa máquina pensante, o cérebro humano, o supremo invento da mãe criadora, a Natureza. Ali o homem de altos conhecimentos constantemente cruza os passos com o operário humilde, ambos, porém, igualados pelos dotes de inteligência e intuição que fizeram do simples impressor Guttemberg, inventor da imprensa, tão grande e talvez mais merecedor ainda que o Marconi, genial e rico, criador do telégrafo sem fio.

Naturalmente, ao homem inculto, mesmo de grande inteligência, é impossível uma incursão aos altos domínios da teoria científica, sendo, por isso, os princípios revolucionários da ciência sempre de autoria de cérebros contemplados pela cultura. Mas a ciência, como a vida, cresce da interdependência do espírito teórico com o prático, e, por isso, se somente longos estudos permitem intimidade com as suas leis fundamentais, o operário sagaz e possuidor de dom inventivo, no seu convívio diário com as máquinas muitas vezes completa a obra dos sábios. Hoje em dia, com o progresso crescente da especialização em todos os ramos da indústria e demais atividades humanas, é comum ver-se o gênio inventivo dos trabalhadores no ramo de suas atividades. Mas, é justamente a falta de conhecimentos que dá origem ao aparecimento de inventores de objetos e aparelhos já conhecidos de anos... São comuns êsses casos, no "bureau" de patentes do Brasil como no dos demais países adiantados. E' a ignorância ludibriando a boa-fé. Muitas vezes acontece o inverso, isto é, espertalhões, charlatães, copiam de livros e revistas estrangeiros os modelos mais modernos, apresentando-os como novidades... Que visam? Trata-se de cabotinismo ou "pulo" industrial, tentativa de privilégio para fabricação e venda de algo de grande aceitação e, portanto, lucro fácil. Os técnicos do registro de patentes têm, pois, que andar de olhos bem abertos.

O comércio e as rivalidades internacionais, desde os tempos mais remotos, levaram as nações a prestarem muita atenção aos seus inventores, assim como aos seus filhos bem dotados na arte, na literatura, na guerra. Como nos dias de hoje, já na Idade Média os inventos, às vezes, eram considerados segredos de Estado e os inventores sujeitos a lei de guerra, caso fornecessem ao estrangeiro as suas idéias. A história das patentes, isto é, dos registros de inventos, conta que na Grécia antiga, na colônia de Scybalis, 500 anos antes de Cristo, era dado privilégio, exclusividade pelo prazo de um ano, a todo cozinheiro que inventasse iguarias especiais... E isso se justificava, pois, segundo os historiadores, em Scybalis a vida era um prazer... Desde essa época, as patentes eram concedidas em pergaminhos bem ilustrados e cuidadosamente enrolados. Eram registrados juntamente com os títulos de nobreza, eram documentos do rei. Há o caso de uma "carta patente" assinada em 1405 pelo rei da Inglaterra, permitindo à mulher de um súdito, o "privilégio" de receber a cabeça do marido que fôra decapitado...

Florença, na Itália, ao que parece, foi a primeira nação a organizar um cadastro rigoroso de inventos. O grande arquiteto Brunelleschi, autor do tombo da Catedral da cidade e do não menos famoso palácio de Pitt, patentou um processo de transporte de cargas pesadas pelo rio Arno, e a "signoria" de Florença, "para estímulo aos inventores", tornou o seu uso obrigatório em todo aquêle rio. Galileu, o grande sábio que morreu queimado por ter dito que a Terra girava em tôrno do Sol e não êste em volta do nosso planeta, como se dizia,, em 1444 pediu privilégio para uma máquina de elevar água, o que deve ter sido uma coisa formidável naquele tempo. Os códigos de patentes dessa época, e o de Veneza era o mais serevro, já estabeleciam multas e prisão para os infratores de qualquer patente. A Inglaterra, que tem um serviço de contrôle dos inventos dos mais perfeitos, em 1855 inaugurou uma biblioteca especializada com algumas centenas de volumes; hoje, a biblioteca do "Patentes Office" possue mais de 300.000 volumes, abrangendo todos os ramos da tecnologia e dos conhecimentos humanos de todos os tempos.

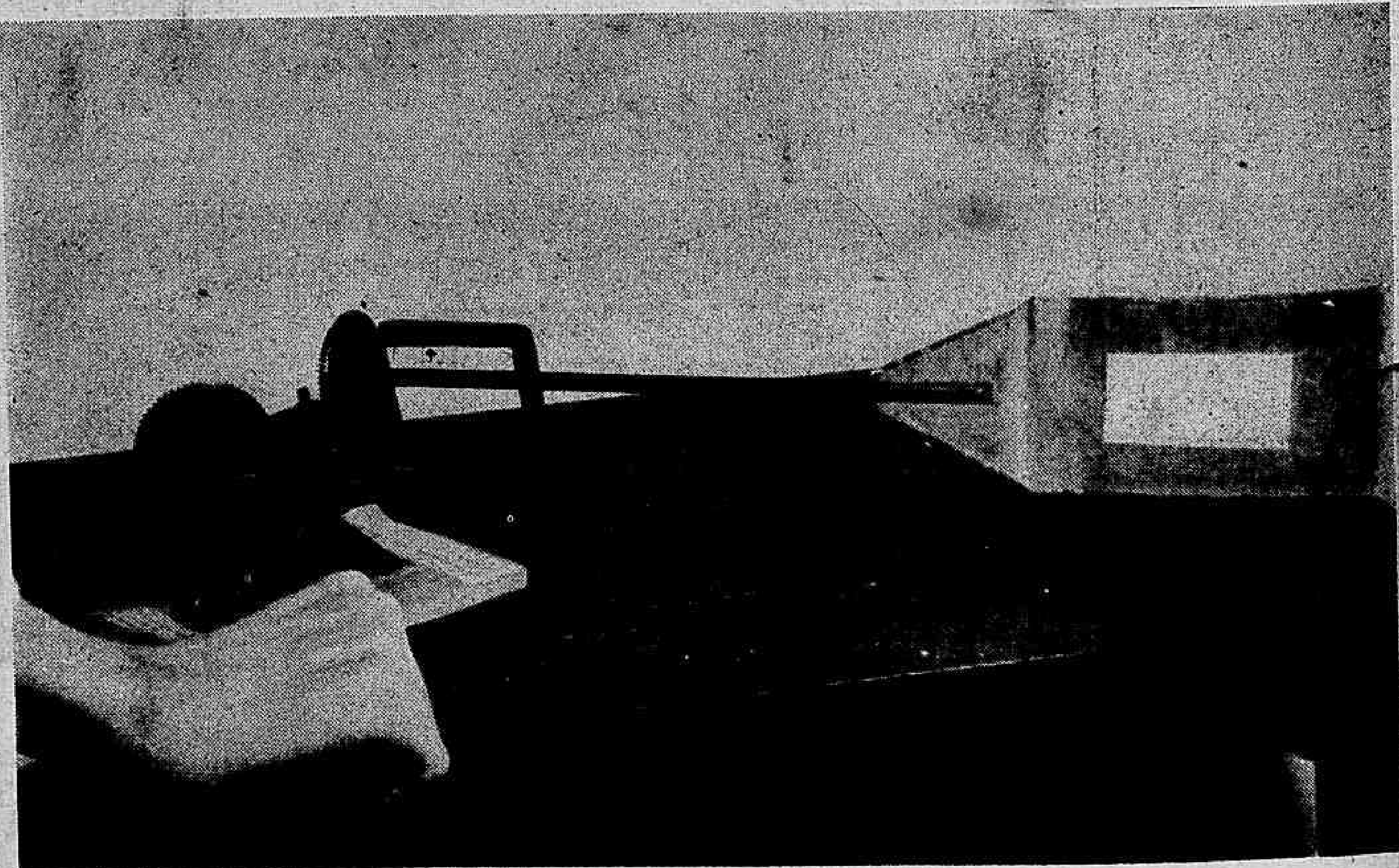
Uma convenção internacional, recentemente reajustada em Neuchatell, Suiça, assegura a inviolabilidade das patentes de quase todos os países do mundo. Apenas a Rússia e poucos outros países não aderiram ao acôrdo.

Não há país, porém, que acredite piamente na invio-



COMODIDADE

Mais comodidade para as costureiras: um marcador de altura das saias que evita aborrecimentos entre as mulheres e as modistas. Tudo prático, elegante e confortável



REMADOR

Embora não pareça, êste invento é um remador sincronizado, que executa todos os movimentos do reino, sem dispêndio de muito esfôrço por parte do atleta. Dando algumas voltas na manivela o barco deslisa que é um amor!

TUDO INVENTADO!

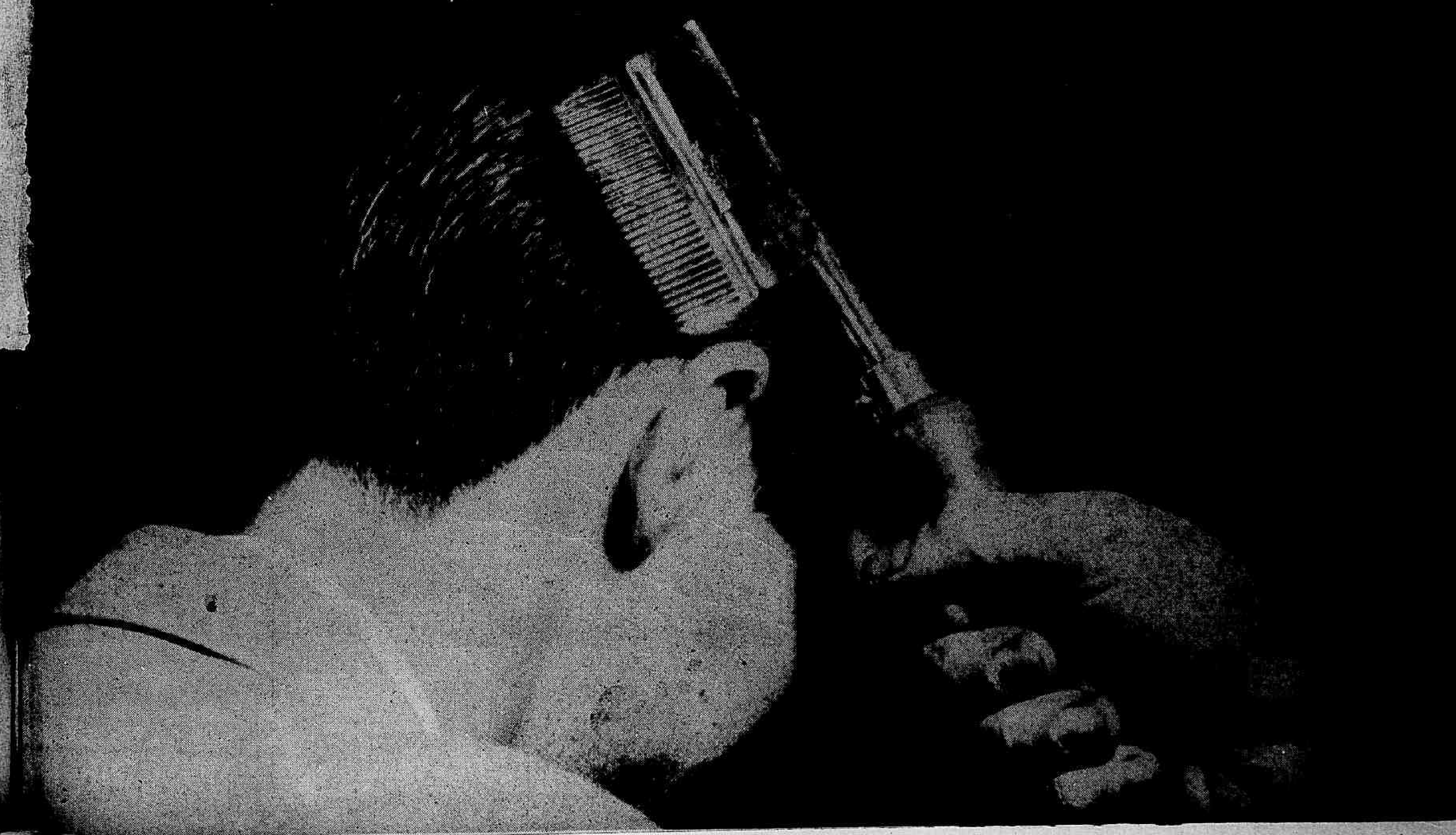
Palavras do Dr. Lepage: "O brasileiro possue gênio inventivo altamente desenvolvido. Mas faltam aos nossos inventores os meios que os estrangeiros têm à mão para concretizar suas idéias". E por isso — acrescentamos — as sugestões de inventos vão ficando acumuladas no arquivo do Departamento. Muitas dessas idéias poderiam ser de grande proveito

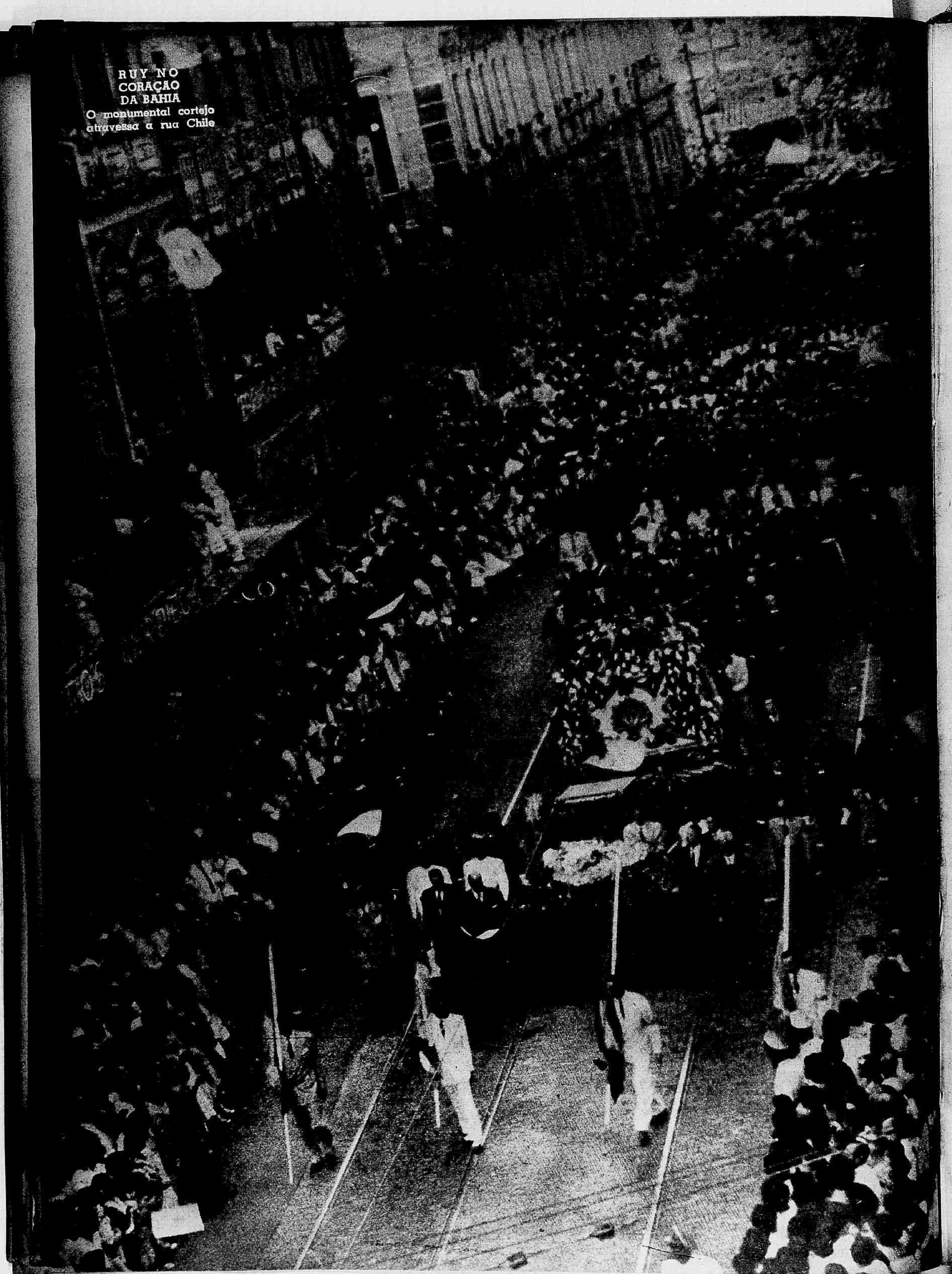
labilidade de suas patentes. Há um jôgo sutil em tôrno dos grandes inventos, principalmente quando a patente é de um aparelho ou objeto de grande valia industrial. O notável invento de um engenheiro brasileiro, Arens, um novo processo de fabricação de tubos centrifugados de ferro fundido — é cobiçado por alguns países, que não querem se sujeitar às conveniências que, sem dúvida, o inventor brasileiro oporia à sua fabricação livre. E assim muitos outros, como a conhecida controvérsia em tôrno do avião, que é de Santos Dumont, mas que os norte-americanos e russos reivindicam para si. Essa guerra surda atinge o auge no que diz respeito aos inventos considerados perigosos ou úteis à segurança nacional. São as patentes secretas de fabricação de armas, gases mortíferos, aviões, submarinos, a bomba atômica, etc. — segredos aos quais os governos das grandes nações se apegam qual o cão à caça, mantendo custosíssimos serviços de vigilância para evitar sejam roubados pelos agentes estrangeiros. A espionagem industrial e científica é uma preocupação constante das grandes potências.

(Cont. na pág. 86)

O PENTE QUE TE PENTEIA

O problema de alisar cabelos crespos é antigo e não está resolvido. Mil processos são experimentados, sem resultado. Aqui está um invento que talvez resolvesse a questão: o alisador de cabelos com um aparelho considerado "infalível" por quem o imaginou. Poderia ser utilizado, ainda, para massagens ao couro cabelo, friccionando-o com certo jeito





RUY NO CORAÇÃO DA BAHIA

O monumental cortejo atravessa a rua Chile



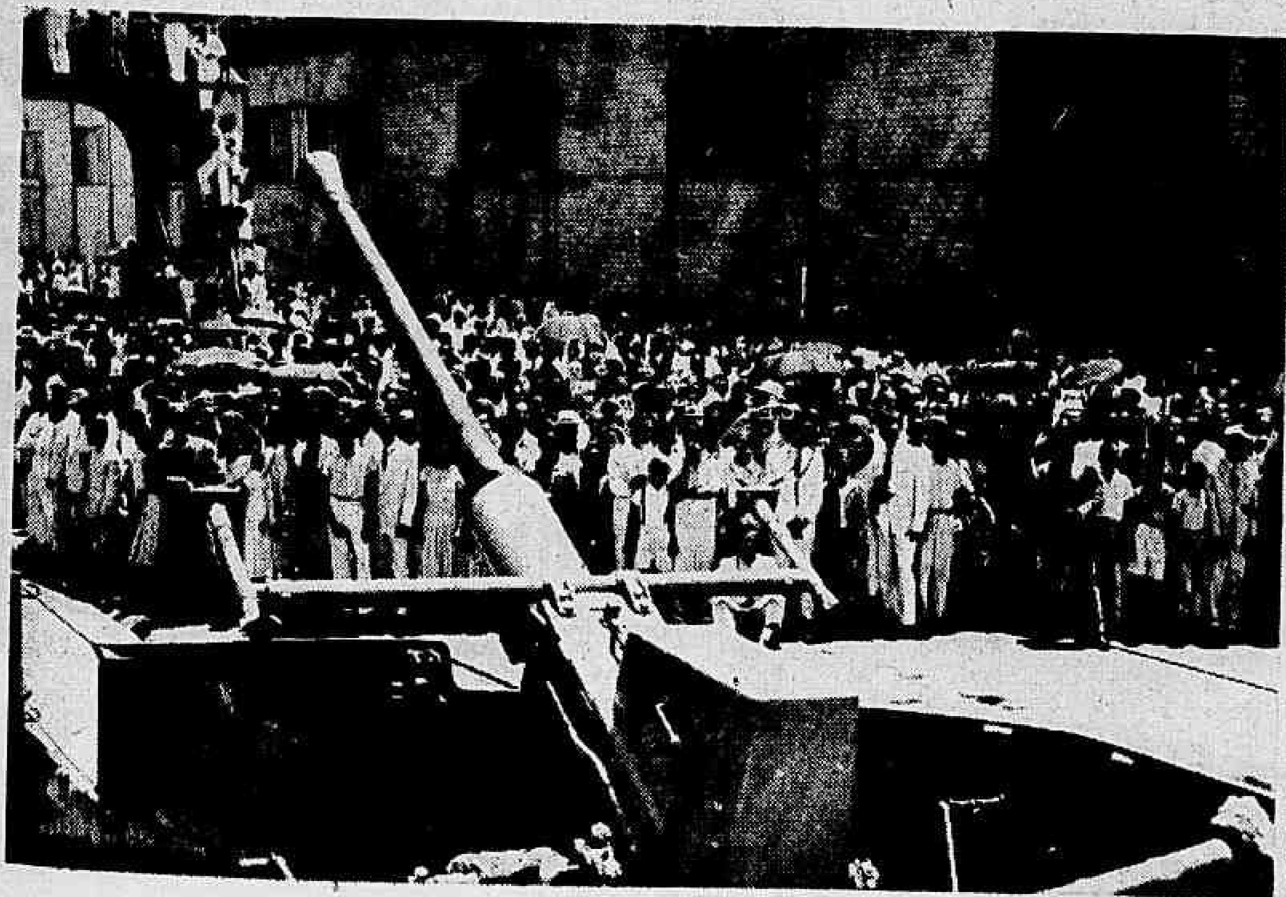
A urna contendo os despojos de Ruy é trasladada de bordo do "Mariz e Barros" para a carreta que a levará pelas ruas de Salvador ao Forum Ruy Barbosa, onde permanecerá através dos tempos a preciosa relíquia. Dali, do Cais do Pôrto, saiu o genial baiano pa ra o seu último passeio pela cidade que lhe foi berço, glorificado pelo povo que tanto amou. Em baixo, à direita — A visita oficial do govêrno baiano e autoridades federais e esta duais à urna de Ruâ, a bordo do navio capitânea "Mariz e Barros", momentos após a chegada

RUY VOLTOU À TERRA NATAL

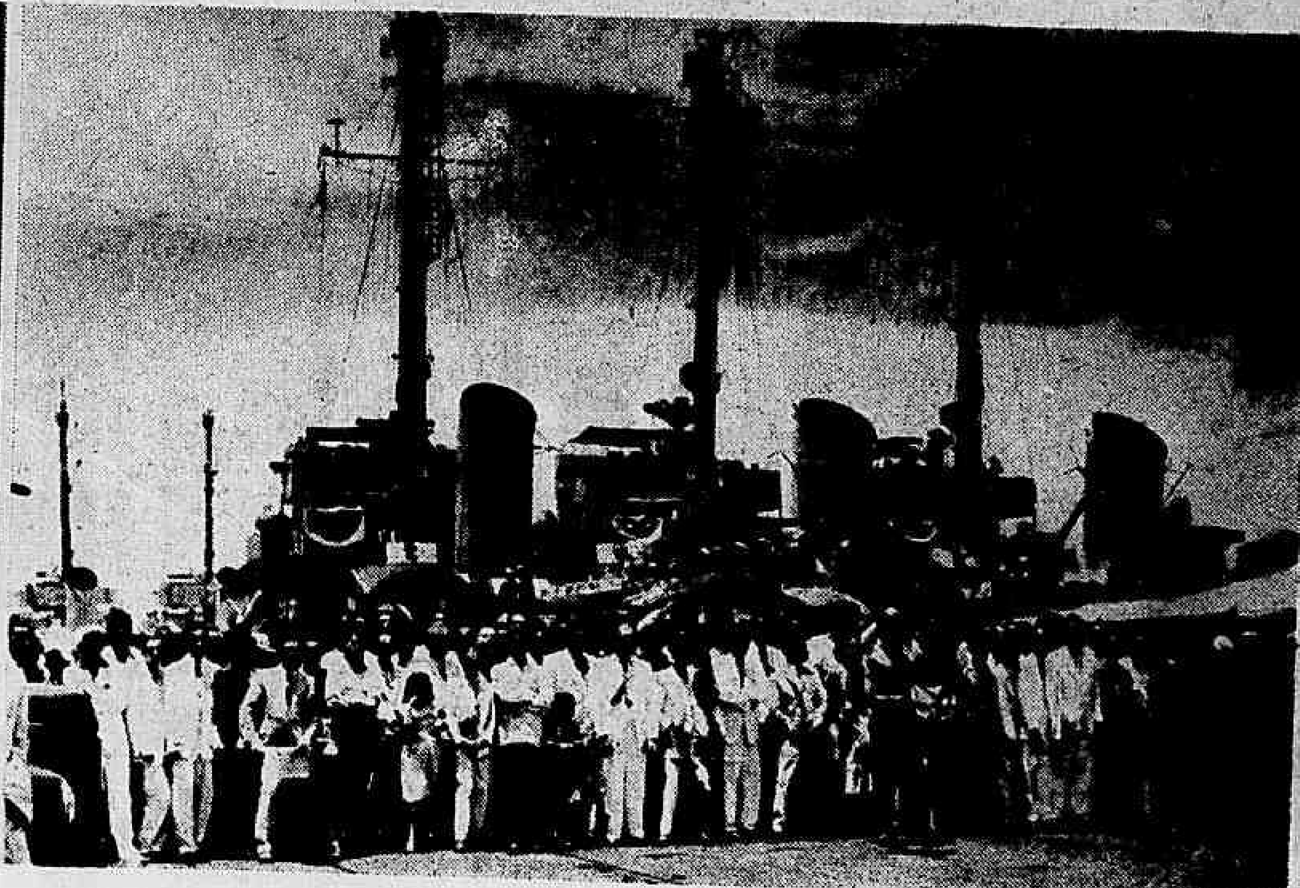
Texto e fotos de ADALBERTO MENDES

A REVISTA DA SEMANA já registrou, números atrás, as homenagens que a Capital da República prestou a Ruy Barbosa por ocasião do embarque dos seus despojos para a Bahia. O povo carioca soube tributar ao Mestre, com os transbordamentos de sua alma vibrante e dos seus sentimentos patrióticos, grandiosa homenagem, levando-o sob entusiásticos aplausos ao navio da esquadra que o conduziu em sua derradeira viagem. Mostraremos agora, nesta reportagem, como a Bahia recebeu o seu filho dileto, entre palmas e lágrimas, veneração e respeito, numa glorificação sem paralelo em sua história. A REVISTA DA SEMANA enviou à terra de Ruy um dos seus repórters, que apresenta, neste trabalho jornalístico, a fiel reprodução do dia 5 de novembro na Cidade do Salvador.





O povo comprimia-se no Cais do Pôrto de Salvador por ocasião da chegada da esquadra que conduziu à terra natal o corpo inanimado do maior de todos os baianos



Irmanados na tarefa patriótica de conduzir o Mestre querido em sua última viagem, aí estão o povo e os vasos de guerra que o transportaram em tão consagradora jornada



Dois estudantes baianos, no cortejo representando simbolicamente o Brasil e a Bahia, levam, orgulhosos, a efígie do grande brasileiro, encimada pelas armas da República



Arrostando a inclemência do sol, encheram-se tôdas as ruas, nenhuma janela ou porta ficou vazia, de gente que vibrou de emoção à passagem dos restos mortais de Ruy

Já muito cedo, na manhã do dia festivo de 5 de novembro, na Cidade do Salvador, o povo estava nas ruas. A urbe engalanada iria receber os sagrados despojos do maior de todos os baianos. No Farol da Barra uma pequena multidão procurava divisar, na linha do horizonte, a silhueta das belonaves de guerra que traziam, em procissão marítima, a urna contendo os restos mortais daquele que fôra, em vida, um expoente entre os homens de saber e de inteligência, elevando sua terra e sua gente a alturas nunca antes atingidas. A cidade repetia os dias culminantes dêste ano dos grandes centenários baianos, preparando-se para a apoteose final das esplendentes comemorações cívicas com que assinalou a passagem das maiores datas de sua viril existência.



Ruas apinhadas de gente, bandeiras e povo, povo e governantes reunidos na apoteótica consagração com que a Bahia recebeu os sagrados despojos do maior dos seus filhos. As artérias da capital baiana, por onde passou o cortejo da glorificação, pareciam haver concentrado tôda a população, para a derradeira homenagem à figura imortal de Ruy



OS ESTUDANTES NO CORTEJO



A SOLENE ENTREGA DA URNA



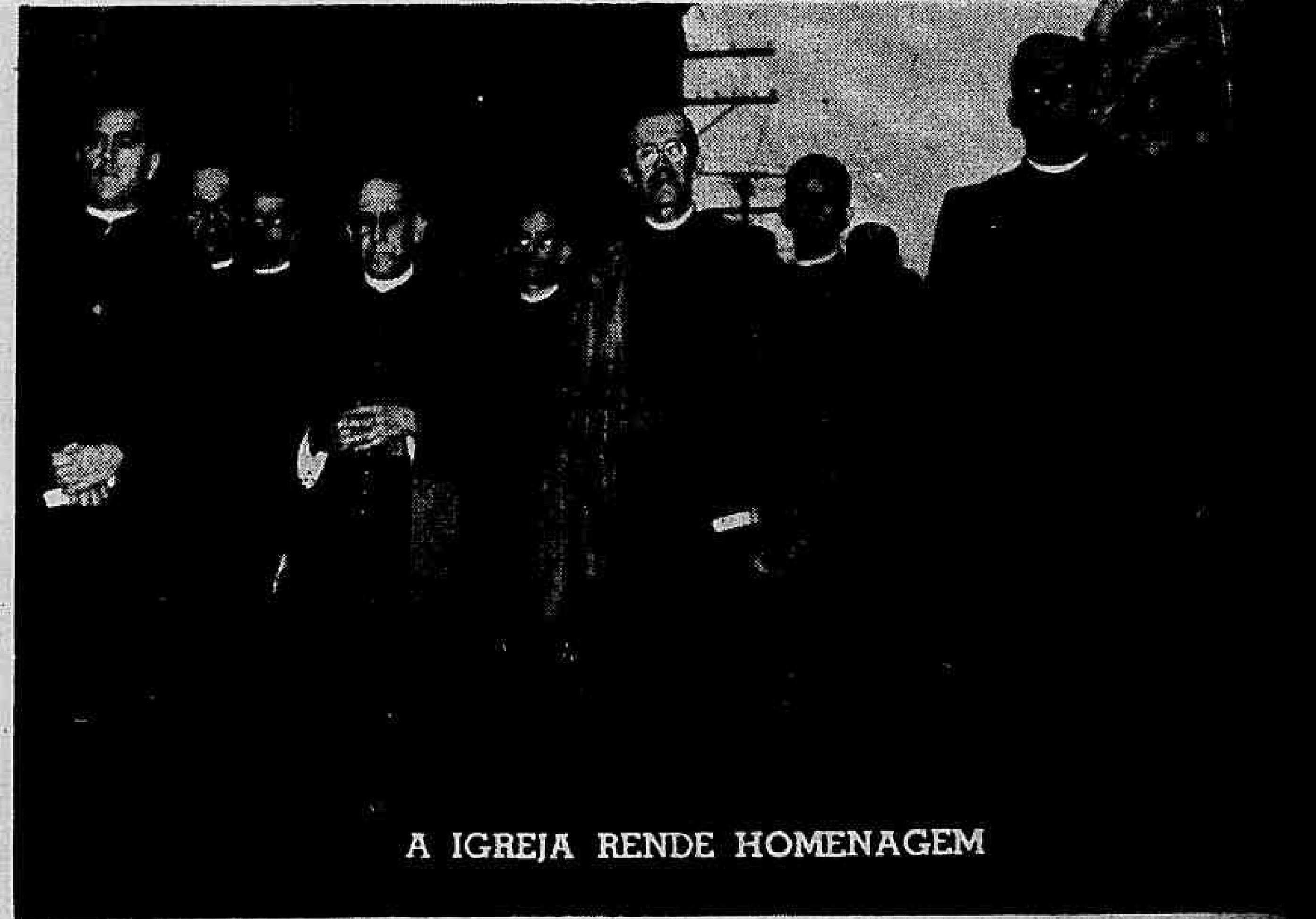
A GUARDA DE HONRA DA LEI



ALTAS PATENTES DA MARINHA



A FAMILIA DO GRANDE MORTO



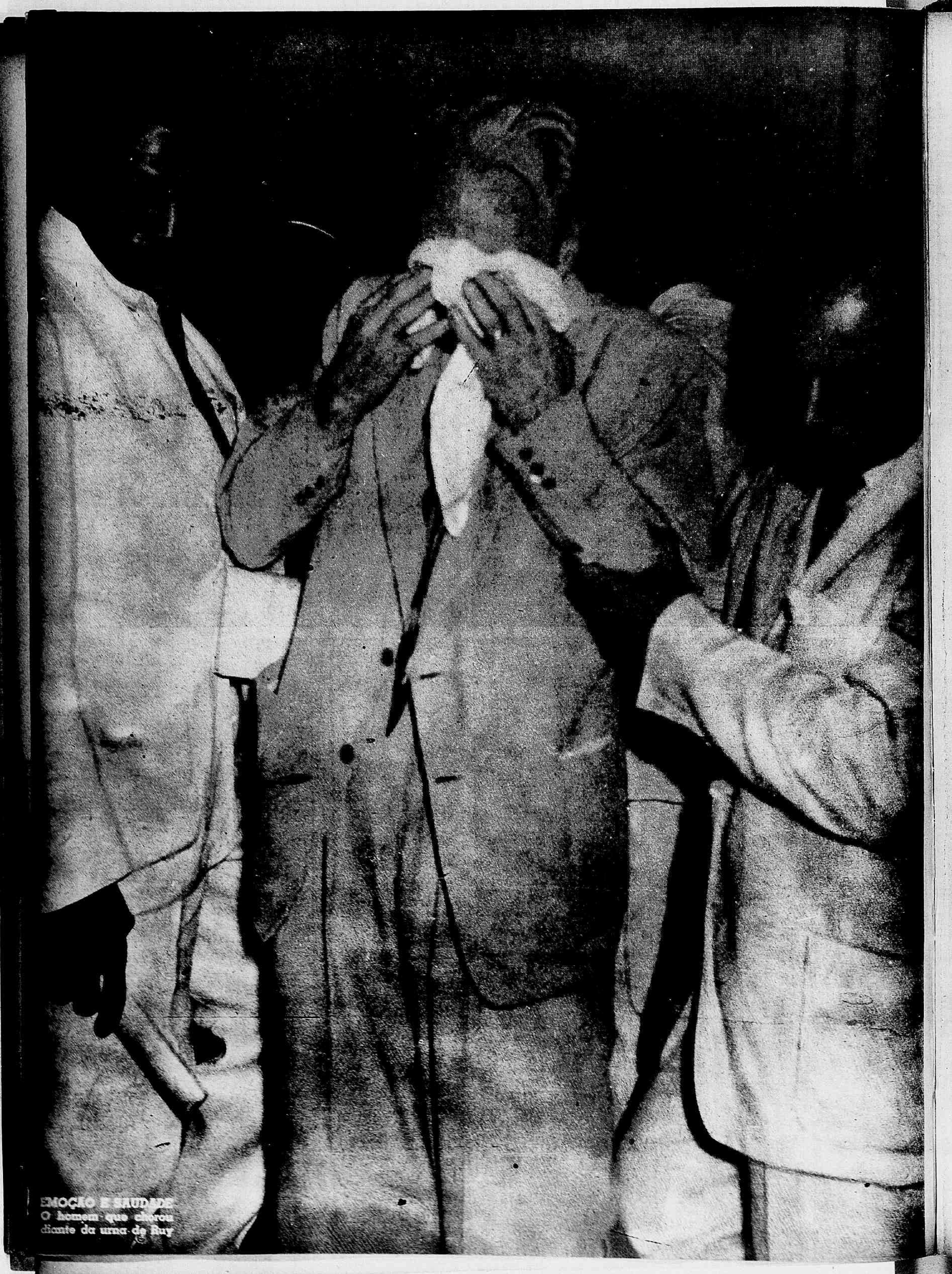
A IGREJA RENDE HOMENAGEM



NO "FORUM" PREITO DO SILENCIO



O GOVERNO UNIU-SE AO POVO



EMOÇÃO E SAUDADE
O homem que chorou diante da urna de Ruy



O governador Otávio Mangabeira pronunciou, de improviso, empolgante oração à entrada da urna de Ruy no Forum que tem o seu nome. Foi a saudação da Bahia ao filho genial que voltava a seu solo para o sono eterno



O povo da Bahia tributou a Ruy Barbosa, no seu definitivo regresso à terra natal, uma entusiástica recepção, valendo-se de todos os recursos possíveis para assistir à passagem dos sagrados despojos do imortal baiano

Era chegado o momento tão ansiosamente esperado — Ruy voltava à Bahia, aureolado pelas glórias conquistadas terras além, dentro e fora da Pátria; voltava para a veneração das gerações contemporâneas e das novas gerações, símbolo que é de uma vida inteira aplicada nas lutas em prol da Liberdade, do Direito e da Justiça.

Pouco depois das 8 horas, em impecável formação naval, dava entrada na Bahia de Todos os Santos a esquadra sob o comando do Vice-Almirante San Thiago Dantas, composta do navio capitânea "Mariz e Barros" e dos barcos "Baependi", "Bracuí", "Babitonga", "Bauru", "Bertioga", "Gurupi" e "Grajaú". Imediatamente formou-se um cortejo de pequenas embarcações que passaram a comboiar os vasos de guerra até a atracação. A êsse tempo, já as imediações do cais do pôrto estavam repletas de povo e o movimento de populares em tôdas as partes da cidade alta era intenso. Olhares ansiosos acompanhavam as manobras dos elegantes barcos em busca do ancoradouro, enquanto as fisionomias se iluminavam de incontido entusiasmo: Ruy chegara! Conforme estava programado, em seguida à atracação começaram as visitas das autoridades: o Governador Octavio Mangabeira, seus secretários de govêrno; o Arcebispo da Bahia e Primaz do Brasil, e altas figuras do clero; chefes militares de terra, mar e ar; as casas legislativas, estadual e municipal, desfilaram diante da urna de Ruy, a bordo do "Mariz e Barros", guardada por um destacamento da Marinha em uniforme de gala, onde permaneceu até às 13,30 horas. Então, formadas as guarnições navais e ao som do Hino Nacional, desceu e urna e foi colocada na carreta previamente armada, que saiu em demanda da Praça da Sé, onde a Marinha dela faria solene entrega ao govêrno do Estado. Partia Ruy, então, para o seu último passeio pelas ruas da cidade em que nascera. Ladeada por uma soberba guarda de marinheiros



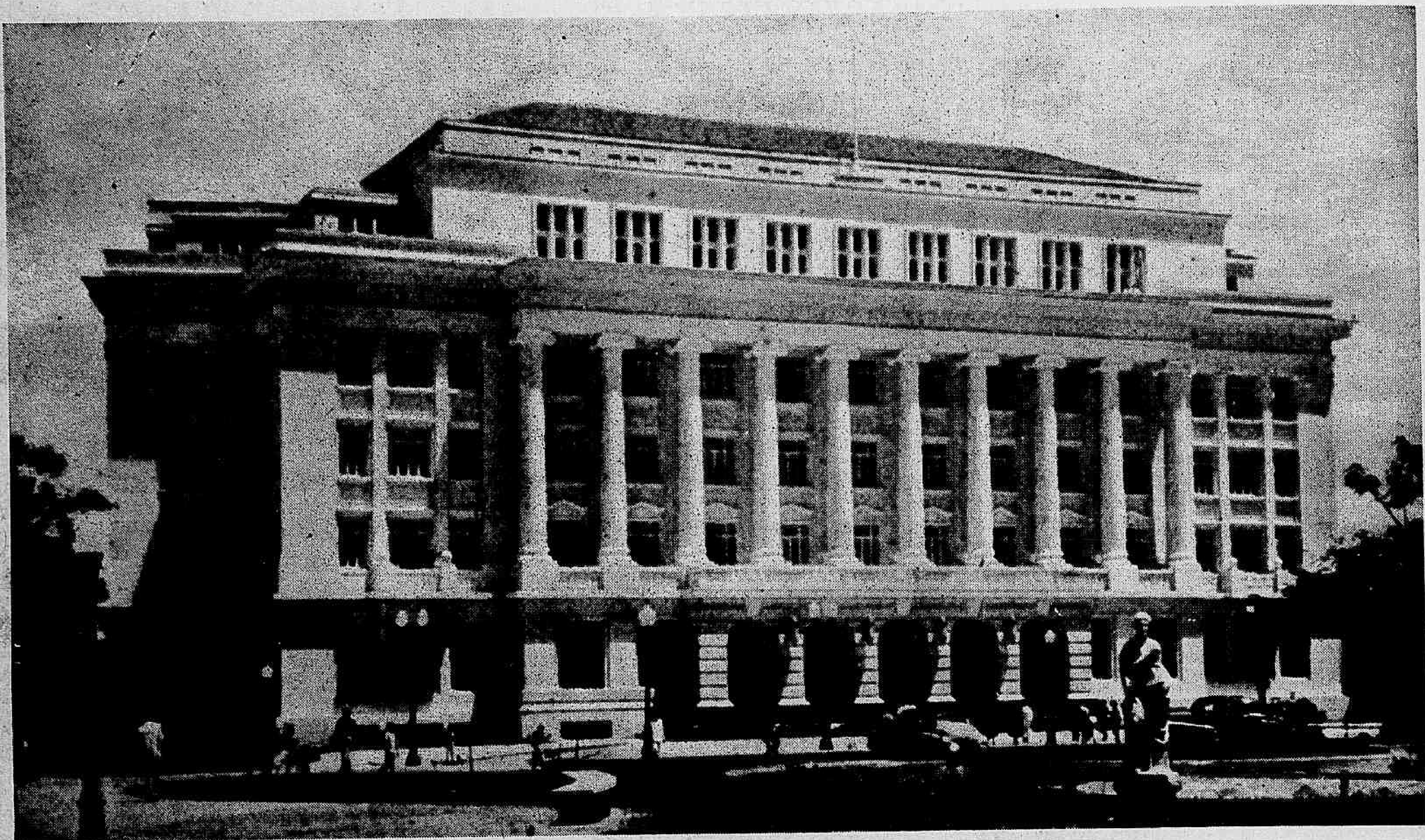
A juventude e a infância juntaram os seus aplausos aos da [illegible] multidão [illegible] que se estendia da praça da Sé ao campo da Pólvora. Ruy está verdadeiramente na consciência de todos [illegible]



Recordando as glórias de Ruy e suas obras imortais, êste carro alegórico de grande efeito participou do cortejo



Armas em continência à passagem da urna sagrada. Pela última vez, o Brasil e a Bahia reverenciavam publicamente seu grande filho, rendendo-lhe as homenagens a que fêz jus pela sua intransigente defesa do Direito e da Lei



Aqui está o majestoso edifício do Forum Ruy Barbosa, soberba concepção arquitetônica, onde hoje descansam para a eternidade os despojos do imortal brasileiro. Esta Casa da Lei era a maior e melhor homenagem que a Bahia poderia prestar ao seu filho amado, emérito cultor do Di eito e da Justiça e impertérrito defensor das Liberdades Humanas

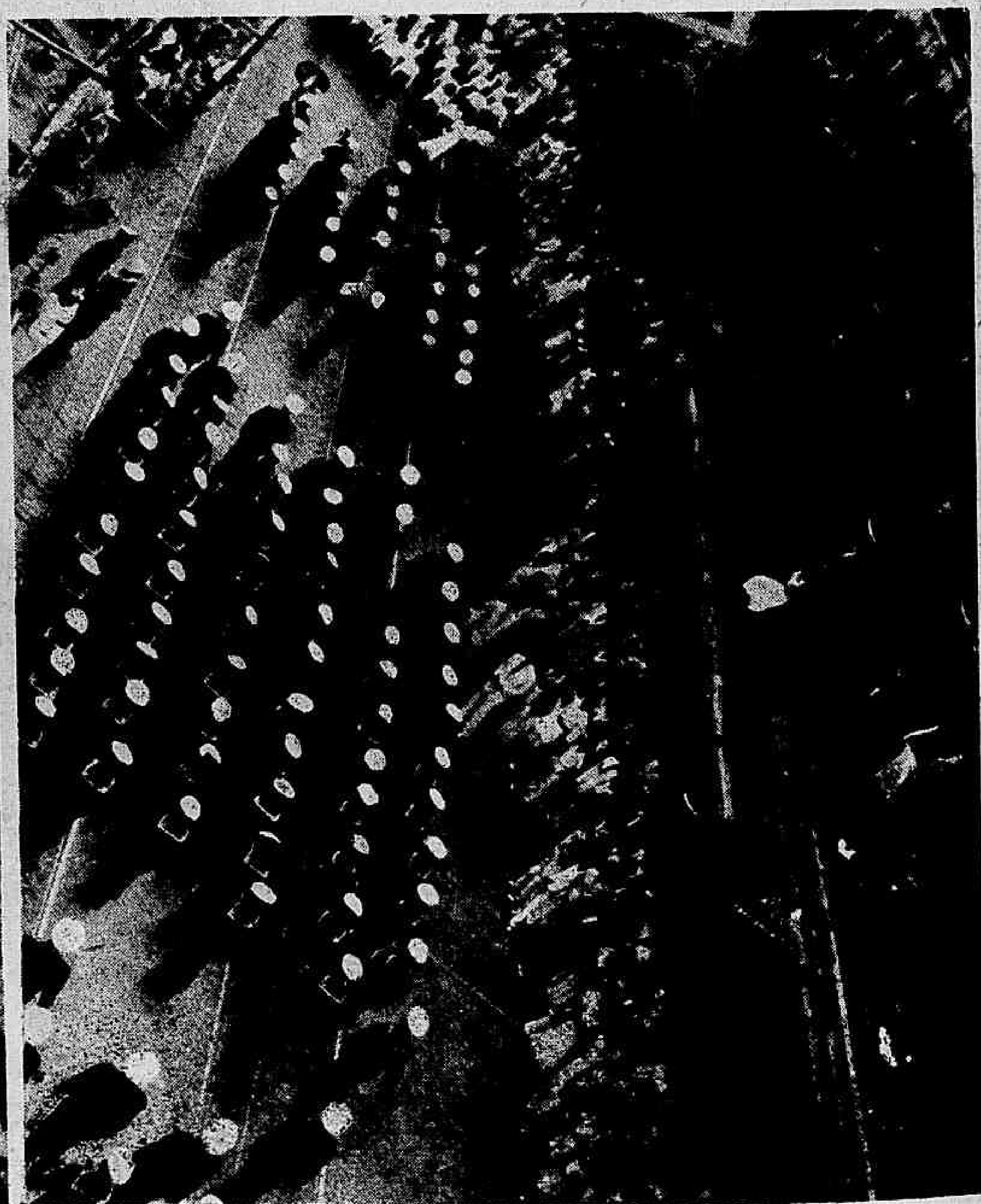
e seguida pela oficialidade dos vasos de guerra, à frente o Vice-Almirante San Thiago Dantas, movimentou-se a carreta através da Avenida França, Praça da Inglaterra e da tradicional Ladeira da Montanha, atravessando a Praça Castro Alves e parando adiante, na Praça da Sé.

Por tôda parte, o silêncio de emoção e respeito era logo interrompido pelos aplausos e exclamações da massa popular exaltando o seu ídolo. Já a Praça da Sé regorgitava das numerosas delegações que compunham o cortejo, conduzindo bandeiras e estandartes, dísticos e flâmulas. Formando a vanguarda de um imenso desfile,

(Conclue na pág. 86)



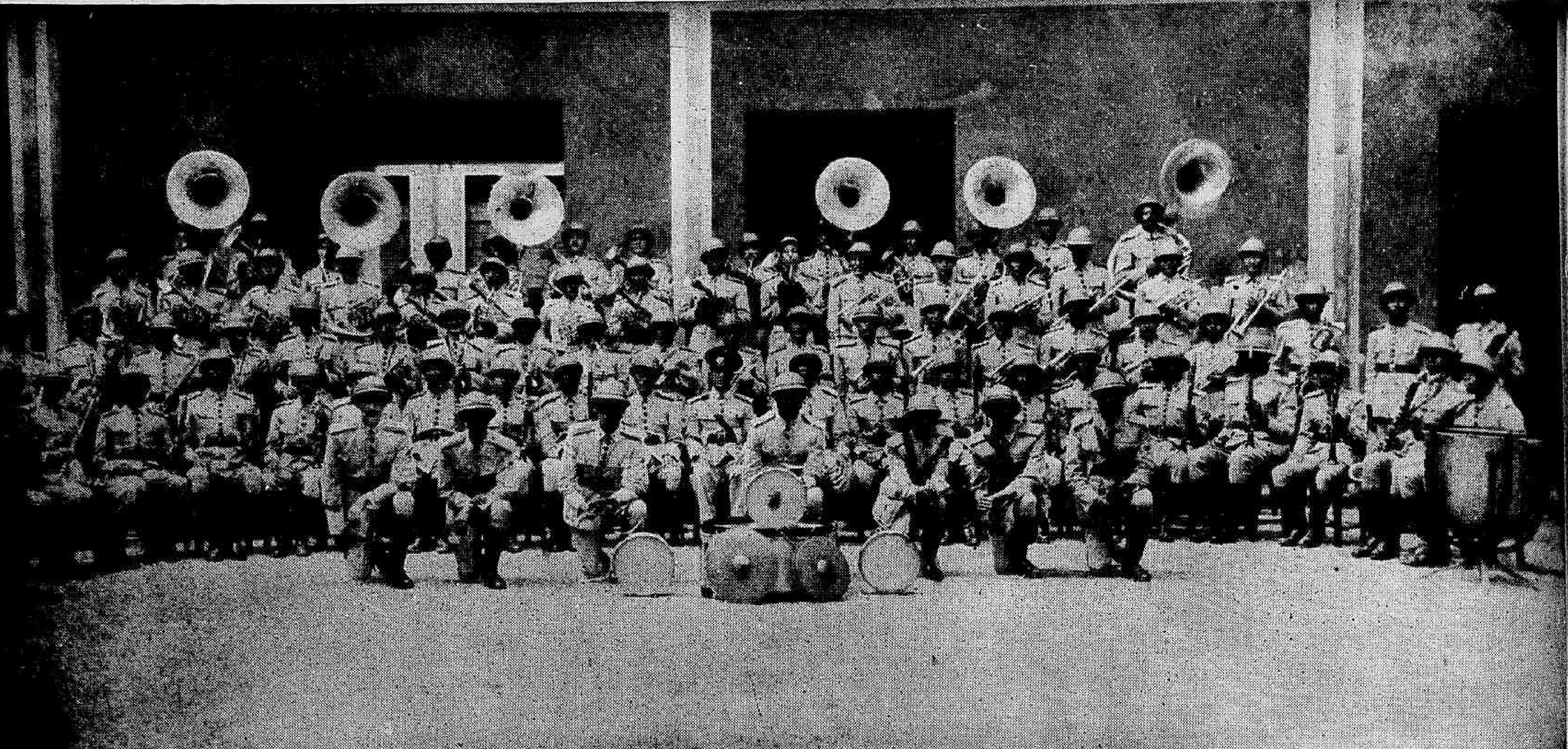
O cortejo imenso já estava com suas vanguardas no campo da Pólvora e a urna de Ruy descia ainda a rua Chile. Nunca a Bahia assistiu a um acontecimento igual a êste



Formações militares juntaram-se às delegações de todos os colégios da capital baiana no desfile monumental que levou os sagrados despojos de Ruy à sua definitiva morada

RUY NO "FORUM" DA BAHIA

Exemplo e lição para os pósteros



A gravura mostra o conjunto da Banda de Música da Polícia Militar da Bahia, em fotografia feita no dia em que completou o seu primeiro centenário (17-9-1949). A tradicional corporação tem sabido manter-se, através dêsse longo período de sua existência, em um nível de superior eficiência, sendo hoje um dos melhores agrupamentos musicais do país

A POLÍCIA BAHIANA NOS FESTEJOS CENTENÁRIOS

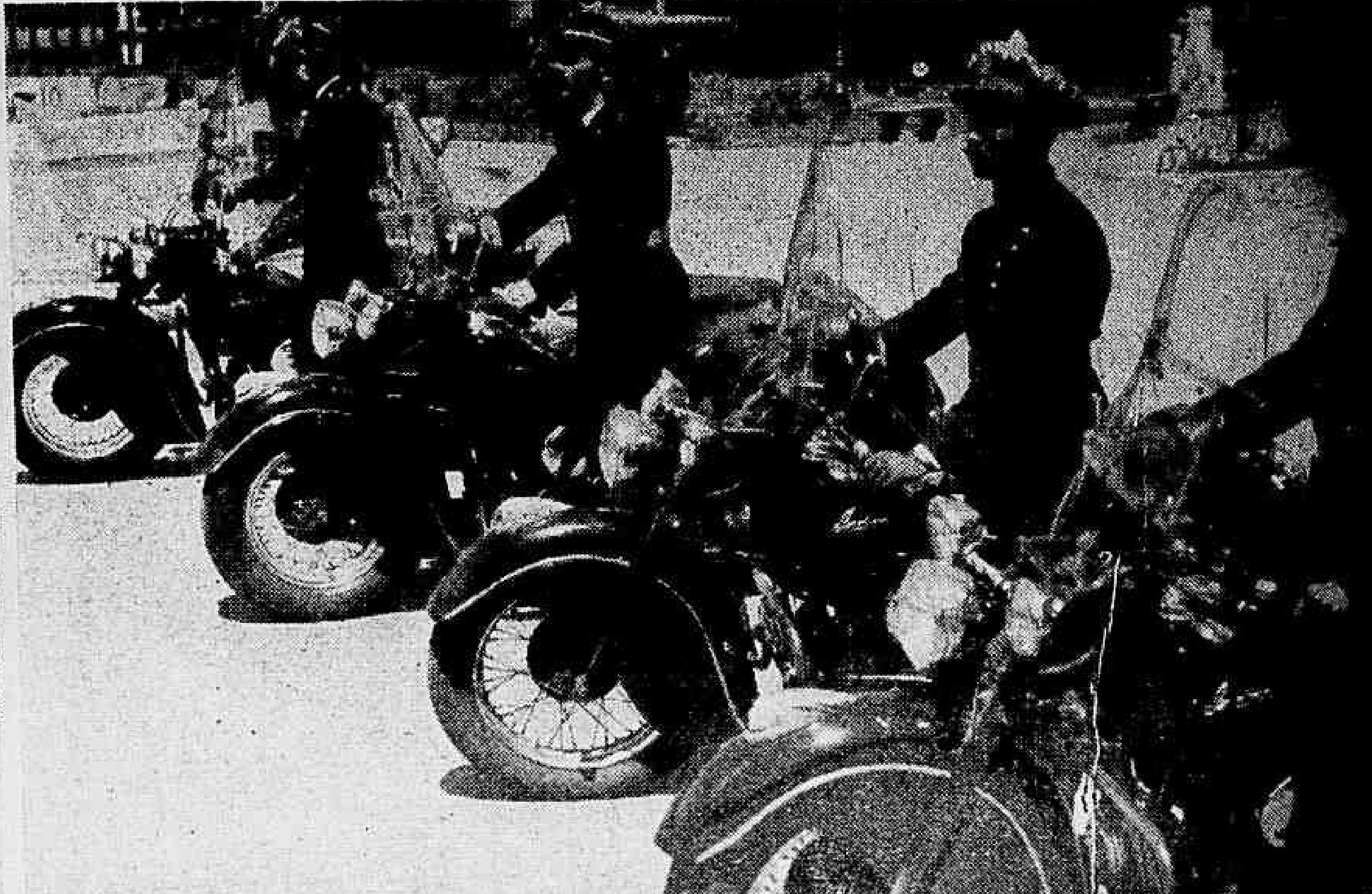


Um pormenor que não passou despercebido a quantos assistiram, neste ano dos centenários baianos, às grandiosas festas cívicas realizadas em Salvador, entre as quais avultaram o imponente cortejo dos quatro séculos e a formidável recepção aos despojos de Ruy, foi a perfeita ordem pública observada em todos os momentos e em tôdas as solenidades, notadamente o serviço de trânsito pôsto em prática nas cerimônias públicas, mesmo nas em que enormes extensões da cidade ficaram inteiramente isolados, como nos dois casos acima apontados. E' sabido que a Capital baiana oferece dificílimas condições de tráfego pela sua topografia multiforme como pela pouca capacidade de suas artérias. Mesmo assim, tudo correu bem, devendo-se isto ao bom serviço da Inspetoria de Trânsito e da Guarda Civil, que demonstraram muito preparo e eficiência para o complicado mister. E tudo foi praticado, é bom que se diga, com cordura e boas maneiras, portanto sem o recurso da violência, pois a Bahia possue hoje uma das mais humanas polícias do Brasil. E nem ali, onde governantes e governados vivem em ambiente de mútua compreensão e respeito, existe clima para atentados contra o povo. E' muito justo salientar-se o sucesso do serviço de trânsito e do policiamento em geral da Bahia, diretamente orientado pelo titular da secretaria de Segurança, o Dr. Oliveira Brito, magistrado que com tanto desvêlo e capacidade dirige êsse vital setor da administração pública.

Também nas referidas festas teve parte saliente a Banda de Música da Fôrça Pública da Bahia, o glorioso conjunto orquestral já nosso conhecido através de duas excursões memoráveis, uma em 1917 e outra em 1935, conquistando então triunfos inesquecíveis. Criada em 17 de setembro de 1849, contando, portanto, mais de cem anos de existência, marcada sempre pelos mais retumbantes sucessos, o esplêndido conjunto, no gênero um dos melhores do Brasil, abrilhantou as grandes festividades dos centenários baianos com a sua presença às solenidades e com a realização de concertos, evidenciando o superior grau de aperfeiçoamento alcançado pelos seus componentes, a cuja frente se encontra o maestro capitão Waldemar Manuel da Paixão, compositor e regente dos mais capazes. A magnífica Banda de Música prestou, assim, uma brilhante cooperação àquelas festividades comemorativas dos centenários baianos, registro que fazemos com inteira justiça.

A fotografia de cima e as duas de baixo reproduzem agrupamentos da Inspetoria de Trânsito e da Guarda Civil da Bahia, um dos quais moto-mecanizado, cujo grau de eficiência dirigindo o tráfego da cidade do Salvador, foi pôsto à prova neste ano dos centenários baianos, quando tiveram de enfrentar o problema das grandes solenidades públicas





A SURPRESA POR THEO



ELA: — Eu não lhe disse, Zenóbio, que escondesse, bem escondido, a fantasia de Papai Noel ? !

RESSURREIÇÃO

Novela de MARIA LECTICIA

NA grande sala de espera da Casa de Saúde, Humberto andava, nervosamente, percorrendo-a, centenas de vezes, de extremo a extremo. Aparentava nervosismo irreprimível. Fumava, olhava o relógio, alizava os cabelos, enquanto continuava na sua incansável caminhada.

Afinal, por que estou angustiado assim? — pensou, censurando-se. Sempre considerei ridícula a expectativa nervosa, demonstrada por todos os futuros pais; entretanto, agora, para pagar a língua, estou fazendo idêntico papel, dando êste espetáculo idiota. Preciso dominar-me, acalmar-me; já estou chamando atenção e detesto isso. Demais, não há motivos para apreensões. Todos os dias nascem crianças em tôdas as partes do mundo. E' um fato natural. Verdade que as mães sofrem tremendamente, porém, sobrevivem à dor. Não me devo, portanto, preocupar dêste modo desarrazoado. Daqui a pouco, tudo passará e nós continuaremos felizes com o nosso filhinho.

Apesar, porém, dessas conclusões tranquilizadoras, Humberto continuava intranquilo. Fitando a porta, por trás da qual sua esposa lutava para dar vida ao seu filho, aguçava os ouvidos, esperando ouvir o forte chorinho de criança recém-nascida, dando fim àquela angustiante espera.

Finalmente, os gritos do bebê romperam o silêncio opressivo daquela grande casa de sofrimento. Jogando fora o cigarro, prendeu a respiração e esperou. Um minuto após, a porta da sala de operações foi aberta, dando passagem ao médico. Êste ouviu a pergunta ansiosa:

— E então, doutor, como vão êles? Poderei vê-los agora?

Um tanto desconsertado, o médico respondeu, evasivamente:

— E' uma menina... bastante forte e engraçadinha. Tem covinhas no rosto...

Torcendo as mãos, numa angústia crescente, Humberto o interrompeu:

— E... e Marília... como está?

Um silêncio pesado foi a resposta.

O rapaz teve medo de insistir na pergunta. Gotas de suor gelado começaram a lhe umedecer a fronte. Decidindo-se, o médico falou, num tom disfarçadamente apiedado, no qual havia muito mais frieza, indiferença, que mesmo compaixão:

— Ela não resistiu. Coragem, meu amigo; lembre-se de que, agora, tem a sua filhinha...

Mordendo, violentamente, os lábios, para não gritar, Humberto retrucou com voz irreconhecível:

— Não me fale nessa criança, doutor! Não a considero minha filha. Voltei a ser sozinho no mundo.

E, antes que o médico notasse as lágrimas que lhe subiam aos olhos, voltou-lhe as costas, descendo, feito um furacão, as escadas de mármore.

Na rua, sentiu-se desorientado. Não queria voltar para casa, agora triste e vazia, povoada de lembranças, outrora felizes, hoje... desoladoras. Mas, para onde iria? Lembrou-se de se dirigir a qualquer botequim. Queria beber, beber, até não poder mais. Pois não dizem que o álcool embota as recordações?



Enfiou a mão nos bolsos. Restavam-lhe trinta cruzeiros. Tudo o mais, gastara com as despesas da Casa de Saúde. Era pobre, humilde, miserável mesmo; entretanto, fizera todos os sacrifícios, quisera que o filho nascesse num ambiente de confôrto. Não fôra mania de grandeza. Imaginara, apenas, que isso influenciaria para tornar sua existência mais fácil... Sonhara dar-lhe instrução, garantir-lhe o futuro. Êle e Marília gastavam horas fazendo projetos. O filho seria um grande médico, ou engenheiro, ou famoso escritor... Ao invés disso, que lhe reservara o destino? Nascera-lhe uma filha e... perdera a esposa. Não! Não tinha filha alguma! Poderia, acaso, admitir como filha a assassina da própria mãe, da sua meiga e querida Marília? Não a queria conhecer, nunca! Restavam-lhe trinta cruzeiros. Pois bem. Gastá-lo-ia em aguardente. Repugnava-lhe recorrer a meio tão mesquinho, visando esquecer, porém, não havia alternativa. Ansiava por qualquer bebida forte, capaz de o queimar por dentro, como as lágrimas, contidas num desesperado esfôrço de vontade, lhe queimavam os olhos.

Apertou energicamente as pálpebras. Não satisfeito, passou, com fôrça, as costas das mãos cerradas, pelos olhos doloridos. Evitava chorar. Afinal de contas, era um homem.

— Um homem? — repetiu baixinho, irônico. — Sem Marília, transformei-me num mísero farrapo humano. Sorriu dolorosamente, entrando no primeiro bar que encontrou. E começou a beber. Bebeu extravagantemente. A falta de hábito o tornou mais ébrio que qualquer beberrão inveterado. Uma tonteira invencível dominou-o. Viu as mezinhas, cadeiras, seis marinheiros americanos, o gordo português, dono do botequim, tudo se confundindo, transformando-se numa grande mancha escura a girar loucamente diante de seus olhos injetados de sangue. Tremendo enjôo revoltou-lhe o estômago. Experimentou fechar os olhos. Foi pior. Teve a impressão de que o assoalho afundava, que era atirado num pântano. Abriu-os depressa. A cabeça principiou a lhe doer, a latejar desesperadamente. Tentou acalmá-la, deitando-a nos braços cruzados sôbre a sua mezinha. O mais lamentável, porém, é que o álcool não lhe extinguiu a consciência das coisas. Por estranha e dolorosa coincidência, suas idéias se tornaram mais lúcidas. E êle ficou pensando na felicidade perdida, na sua Marília morta, na maldade da vida...

Despertou deitado numa cama com lençol muito alvo. Uma janela aberta em frente, deixava entrar no aposento o sol quente.

Já era de manhã, meu Deus?! — pensou, confuso. — E... como viera parar ali? Que lugar seria aquêle?

Dois moços vestidos com aventais brancos, aproximaram-se. Um deles disse, impaciente:

— E' o cúmulo! Dar-nos um trabalhão dêstes por causa de bebedeira!... Vagamente, Humberto compreendeu. Devia estar num hospital. Talvez desmaiasse naquele sórdido bar...

Indefinível sentimento de vergonha o dominou e êle conservou os olhos fechados.

De repente, lembrou-se de Marília. Quem sabe já fôra enterrada? Não! Não podia ser! Precisava vê-la uma última vez.

Pulando da cama, perguntou, ansioso:

— Quantas horas são?!

Sem lhe responder, um dos médicos — não o que o acusara de bêbedo — pôs-lhe a mão no ombro, dizendo:

— Foi insensato o que fêz ontem, meu rapaz. Cheguei a pensar ser tentativa de suicídio. Aliás, quase não faria diferença você haver tomado uma dose de veneno, a se encher de tanto álcool. Prometa-me, meu amigo: não beba mais.

— Sim, doutor... mas, quantas horas são? — insistiu.

Sabedor de que eram nove horas, saiu, precipitadamente, do quarto, sem mesmo se despedir dos dois internos.

Dirigiu-se rápido para casa. Lá chegando, soube, pela sogra, que o sogro havia providenciado tudo com decência. Dentro de suas posses, o entêrro fôra até bem bonito. Àquela hora, Marília já devia ter sido sepultada. Não tivera coragem de ir ao cemitério; ficara em casa, rezando por alma da filha.

Humberto não pronunciou palavra. A notícia aniquilara-o. Sentou-se num degráu da escadinha, que dava acesso ao dormitório, e ficou pensando. Não pudera despedir-se de Marília, beijá-la pela última vez. Nunca haveria de se perdoar por isso, nunca!...

Sacudiu os ombros, tentando persuadir-se de que assim havia sido melhor. Preferia recordar-se da companheira como ela fôra: cheia de vida, alegre, carinhosa, de um bom humor inalterável... Desculpara-lhe sempre seus momentos de impaciência, de irritação. Quantas vêzes, fôra injusto ao ponto de provocá-la, de armar discussões à toa. Dela, porém, jamais recebera uma réplica, uma censura. Contudo, êle a amara e, só agora conhecia a extensão exata dêsse amor. Geralmente, damos muito maior valor a autênticas preciosidades — sejam objetos ou pessoas — depois que as perdemos. E Humberto sentiu o coração pequenino, apertado por uma pontinha aguda de remorso ao concluir que podia ter sido melhor, mais compreensivo e menos arrebatado para a sua meiga Marília. Em compensação, porém, dera-lhe o confôrto permitido por sua condição de pobre e todo o seu reservatório de carinho e afeto. Marília era tudo em sua vida. Dava-lhe conselhos, estímulo... Agora... como suportaria a existência sem ela?

Um chôro de criança desviou-lhe os pensamentos. A sogra vinha ao seu encontro, trazendo um embrulhinho côr de rosa nos braços. Estendeu-lhe, dizendo:

— E' sua filhinha, Humberto; não quer vê-la? Parece-se muito com a nossa Marília, olhe. E' uma belezinha!

Desviando depressa a vista, êle respondeu, rancoroso:

— Não! Tire-a daqui! Esta criança matou a mulher que eu amava. Fique com ela, se quiser; eu me vou embora para sempre. Adeus.

E, daquele dia em diante, Humberto foi de degradação em degradação, até chegar ao último grau de sordidez humana. Acostumou-se a beber sem limites, envolveu-se em más companhias e, por fim, foi parar na cadeia, acusado de tentativa de assassinato. No desvario da embriaguez, agredira, a punhal, um companheiro de infortúnio.

Cinco meses após, fôra sôlto. Estava barbado, magro, doente, arruinado, física e moralmente. O médico da penitenciária lhe prevenira que êle não iria longe, caso reincidisse no vício de beber. Humberto não lhe deu importância. Que lhe valeria viver? Beberia, pois. Não que o álcool o fizesse esquecer; ajudava-o, porém, a suportar o pêso de uma vida sem finalidade, inútil, e isso o contentava.

★

Cinco anos após a morte de Marília, estava Humberto deitado, pensando, como sempre, cheio de revolta, na ingratidão do destino adverso. Era dia do seu aniversário. Sorriu amargamente a esta recordação. Há tantos anos, ninguém se lembrava dessa data... Também, para que? Seria ironizar, se alguém lhe desse eparabéns por continuar vivendo.

Escutou leves pancadinhas na porta do quarto. Quem o procuraria, ainda? — pensou surpreso.

Estava exausto, fraco, sem fôrças, por isso, não se moveu da cama. Contudo, como insistissem em bater, levantou-se de má vontade, indo atender. Fora, estava uma garotinha de olhos azuis. Trajava um vestidinho branco e, amarrando-lhe os cachos escuros, duas fitas, também brancas. Seguravam, os bracinhos gordos, um grande ramo de rosas amarelas. Sorriu sem medo ao ver o homem barbado e perguntou:

— E' você o meu papaizinho?

(Cont. na pág. 75)

Passou a dòr?

-um SORRISO-



graças a

CAFIASPIRINA

O REMÉDIO DE CONFIANÇA





Não seja do "Contra"! Faça o regime E N O — "Sal de Fructo" E N O, laxante e anti-ácido ideal, ao deitar e ao levantar, para garantir o seu bom humor diário e a saúde de tôda sua vida!

"SAL DE FRUCTA"

ENO

AUTOMÁTICO e preciso!

- Automático
- Impermeável
- Inoxidável
- Pára-choque
- Antimagnético
- Vidro inquebrável
- Preciso
- Elegante

CYMA
Automático

O CINEMA BRASILEIRO EM 1949



MARIA DELLA COSTA, uma criatura linda, com experiência teatral, dificilmente seria aproveitada no cinema nas mãos de um Luís de Barros, como aconteceu em "Cavalo 13" — aquela calamidade fotografada. No entanto, sob a direção de Fernando de Barros, seu marido, Maria Della Costa foi uma revelação em "Caminhos do Sul" — e pode estar certa de que tem um futuro brilhante no cinema, desde que encontre um bom diretor. Em "Caminhos do Sul", Maria Della Costa está mais linda do que nunca



VERA NUNES é uma pequena que apareceu em "Falta Alguém no Manicômio", "Pinguinho de Gente" e "Não me Digas Adeus". Tem vontade de vencer, mas não lhe surgiu ainda a oportunidade. Por enquanto é apenas um rosto bonitinho



GILDA DE ABREU, que nos deu "O Ébrio", um tiro de bilheteria, surgiu em 49 com "Pinguinho de Gente", realização que denota mais sinceridade e mais vontade de fazer cinema. Atualmente está dirigindo "Coração Materno". Veremos

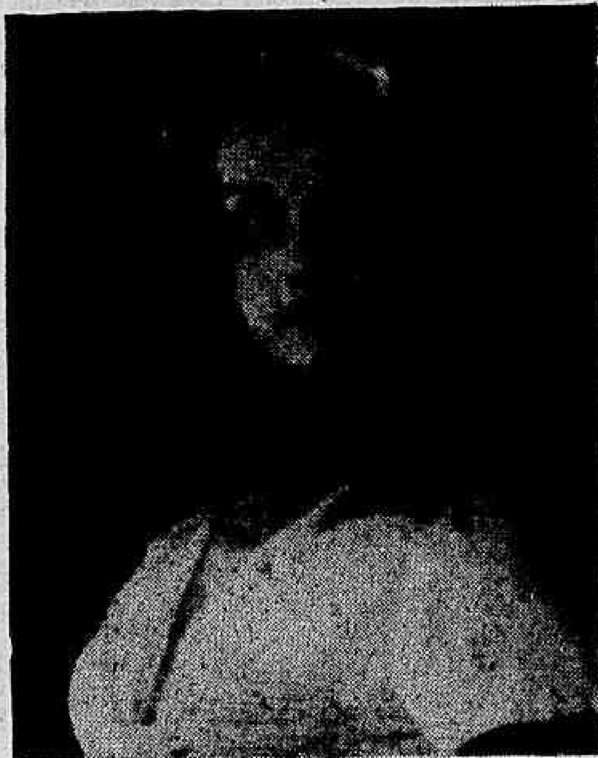


"CAMINHOS DO SUL" é um filme que podemos considerar "bom", pela sinceridade do argumento, e por algumas sequências essencialmente cinematográficas, bem como pela fotografia limpa e artística, onde podemos notar o aprimoramento da plástica. Sadi Cabral, Roberto Acácio e Cláudio Nonelli (no cliché), têm interpretações bem razoáveis. "Caminhos do Sul" não focaliza dramas pessoais, mas objetiva, com relativa sinceridade, a região de Uruguaiana, no Estado do Rio Grande do Sul

DE ano para ano, muita gente otimista afirma aos quatro cantos que "desta vez" o raquítico Cinema Nacional vai para a frente. Surgem raríssimas realizações feitas com propósitos honestos, mas a projeção das películas desfaz tôdas as nossas esperanças. Tanto mais, se levarmos em conta que, entre essas produções, misturam-se outras tantas, de fontes suspeitas, que, prevalecendo-se do prestígio das primeiras, vêm dissipar a fé do público, que já está farto de "shows" carnavalescos e já está mais do que convencido que cinema brasileiro não passa de um eterno carnaval.



TONIA CARREIRO, também uma das figuras principais de "Caminhos do Sul", é outra pequena que promete. Tonia tem uma bela máscara para o cinema, tem facilidade de fazer expressões — mas tem ainda muito que aprender para falar diante de uma câmera. Provavelmente, ela estará bem melhor em "Quando a Noite Acaba", o segundo filme de Fernando de Barros, ao qual ainda não assistimos, mas que promete ser um bom filme dentro dessa trilha que o nosso cinema pretende seguir



LOURDINHA BITTENCOURT veio das "boites" e há muito que trabalha no cinema, cantando e dançando nos "shows" carnavalescos da Atlântida e Cinédia. Lourdinha ingressou no drama em "Obrigado, Doutor" e "O Homem que Passa"



IRACEMA VITÓRIA parece ser uma grande aquisição do nosso cinema, pelo seu tipo vampiresco e sensual. Está rodando, atualmente, "A Mulher de Longe", filme êsse que traz a assinatura de Lúcio Cardoso, que estréia como diretor



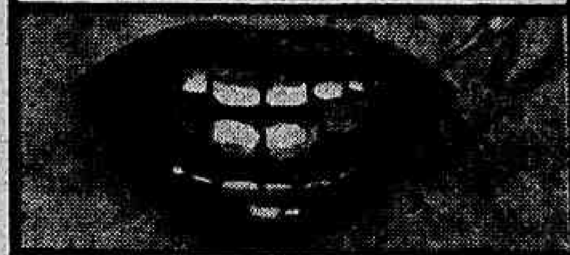
"IRACEMA" — Baseado no célebre romance de José de Alencar, ao contrário de "Inocência", que foi baseado no romance de Affonso Taunay, apresentou melhores resultados. Obra de vulto, não alcançaria os resultados esperados, caso não fôsse elaborada com o devido cuidado. O resultado foi que "Iracema" transformou-se numa verdadeira "comédia", tal a falsidade das situações. Há, no entanto, uma qualidade no filme: fotografia limpa e sentido de honestidade na sua realização

Sorriso que irradia saúde é o da KOLYNOS-ISTA!



MAS, VEJA ESTE CONTRASTE...

olhe os dentes de outra boca.. cariados e mal cuidados. Isto poderia ter sido evitado, com uma visita ao dentista e o uso diario de Kolynos.



GUERRA ÀS CARIES!

Somente KOLYNOS as combate DESTES 3 MODOS

1. ELIMINANDO OS ÁCIDOS DA BOCA

Os ácidos da boca, que causam as caries, ficam neutralizados logo que os ingredientes anti-ácidos de Kolynos se põem em contacto com a saliva. Esses mesmos ingredientes dissolvem a pelicula que sentimos sobre os dentes, antes de escová-los com Kolynos. É nessa pelicula que as bacterias se ocultam e se reproduzem.

2. DESTRUINDO AS BACTERIAS

A conhecida bacteria "Lactobacillus Acidophilus Odontolyticus" é a produtora dos ácidos que provocam as caries dentarias. Somente Kolynos contem certos ingredientes bactericidas que são mortais para essas bacterias. Estudos cientificos realizados em famosas universidades norte-americanas e européias provaram que Kolynos destroi cerca de 92% das bacterias da boca. *Este efeito de Kolynos dura varias horas.*

3. LIMPANDO PERFEITAMENTE

A espuma penetrante e refrescante de Kolynos retira as particulas de alimentos deixadas pela escova... e mantem os ingredientes protetores de Kolynos na superficie dos dentes, para evitar que se forme nova pelicula. Essa espuma penetrante leva os ingredientes anti-ácidos e bactericidas de Kolynos aos lugares perigosos... *atacando realmente a causa principal das caries.*

Delicioso sabor
E ECONÔMICO
Basta 1 cm. na escova



Mc CANN

Melhores resultados são obtidos escovando-se os dentes com Kolynos, depois de cada refeição

K-304

MATERNIDADE

ARNALDO DE MORAES



Para as futuras mãesinhas...

Uma instituição a serviço das senhoras sob o maior confôrto e técnica moderna

Assistência técnica do
PROF. ARNALDO DE MORAES

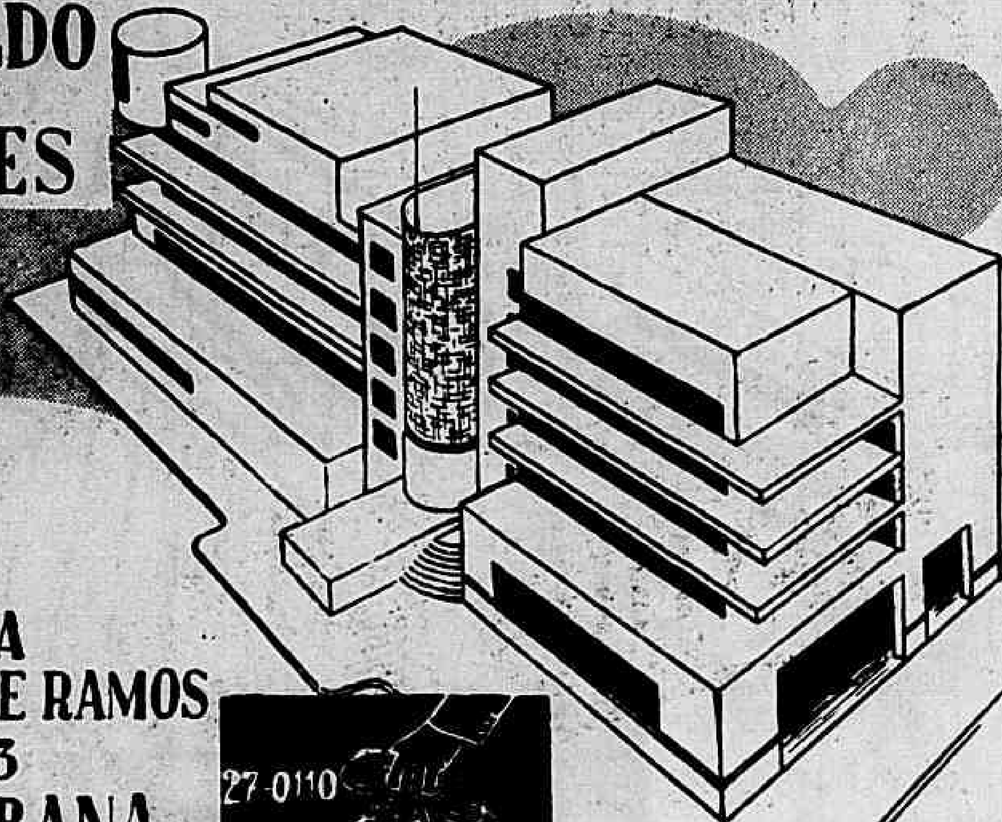
Parto com assistência médica e internamento por 6 dias — Cr$ 2.000,00.

Operações ginecológicas, tumores do ventre, tumores do seio, tratamento de moléstias de senhoras. Tratamento dos tumores pelos Raios-X e pelo Radium.

Diagnóstico do câncer. Tratamento da esterilidade.

PARTO SEM DOR

MATERNIDADE
ARNALDO DE MORAES



RUA CONSTANTE RAMOS 173
COPACABANA

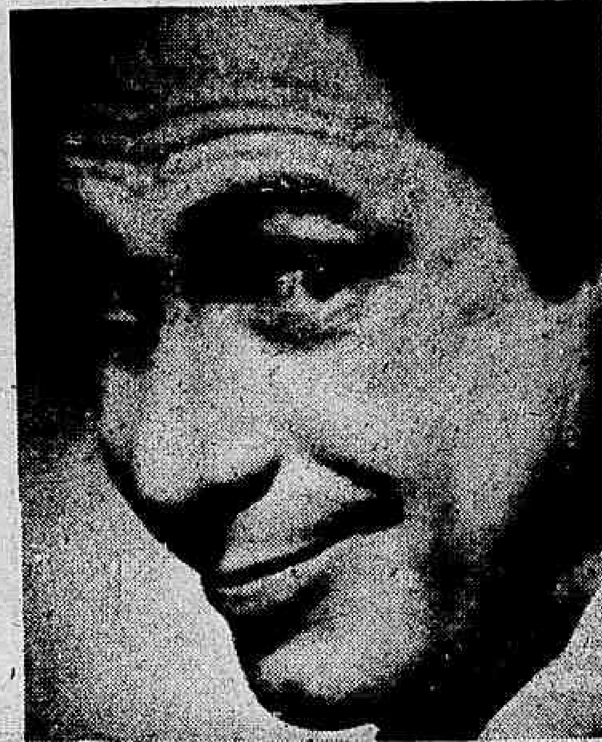
O ano de 49, no entanto, nos traz grandes esperanças. Esperanças de que, após tantos e tantos anos d elutas e sacrifícios, alguns homens serão recompensados; esperanças de que, após tantas explorações, alguns homens serão esquecidos dentro da sua mediocridade, dentro da sua pobreza de espirito e dentro da sua ganância que não encontrará mais lugar diante das platéias ou esabem diferençar entre a boa e má qualidade dos filmes, infelizmente exibies todos com o clássico e viciado carimbo da "censura" de



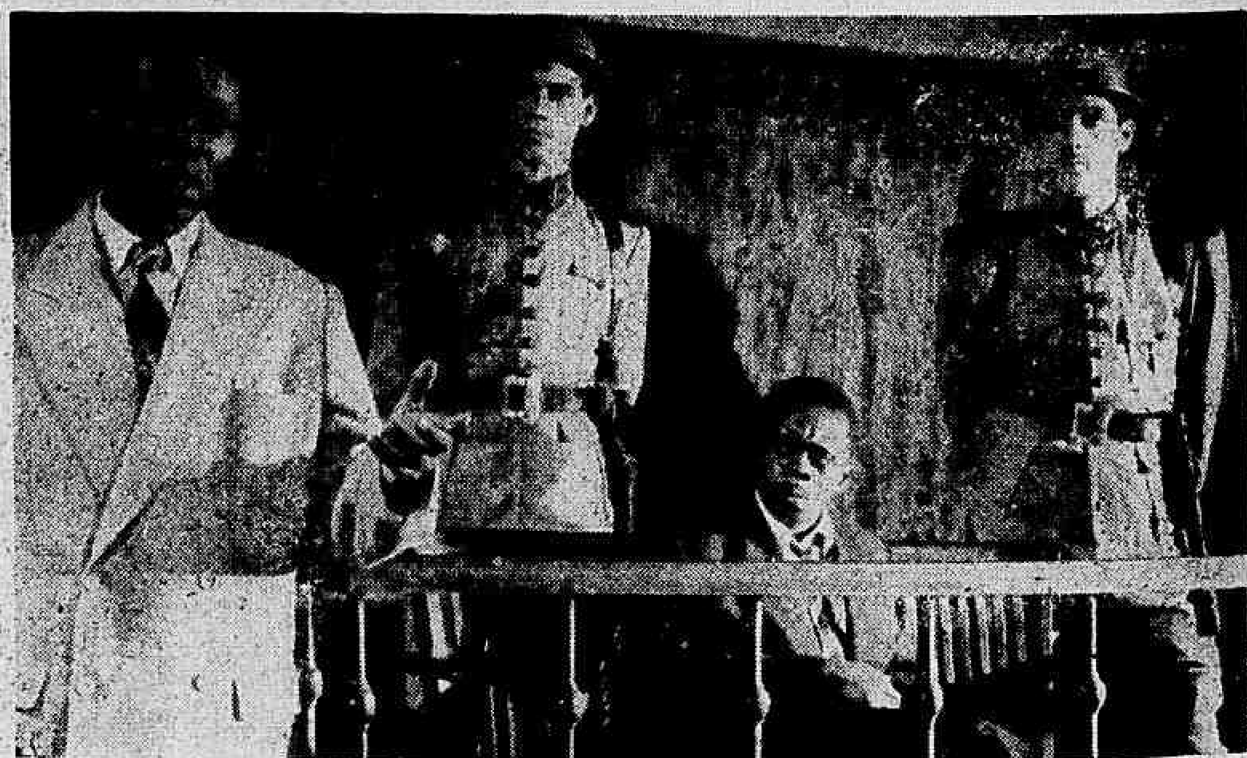
RODOLFO MAYER — Ator de mérito, que veio do rádio-teatro, revelou qualidades no filme "Obrigado, Doutor", aprimoradas agora em "O Homem que Passa", realização de Moacir Fenelon, um dos batalhadores pelo prestígio do cinema nacional. Mayer, possui, sem dúvida, tendências artísticas inatas, e sua fisionomia e suas expressões são sinceras. Apesar de um belo timbre de voz, falta-lhe, cremos, um pouco mais da naturalidade diante da câmera, que adquirirá, certamente, em outras produções



PAULO MAURICIO, jovem estudante, foi convidado para viver a figura de Castro Alves no filme luso-brasileiro "Vendaval Maravilhoso", que nos relata a vida e os amores do grande poeta de "Navio Negreiro" e "Espumas Flutuantes"



OSCARITO continua sendo o cômico número um do cinema brasileiro, e seus filmes provoeam verdadeiras enchentes nos cinemas. Em 49, Oscarito não melhorou nem piorou, repetindo as performances anteriores,, fazendo as mesmas caretas



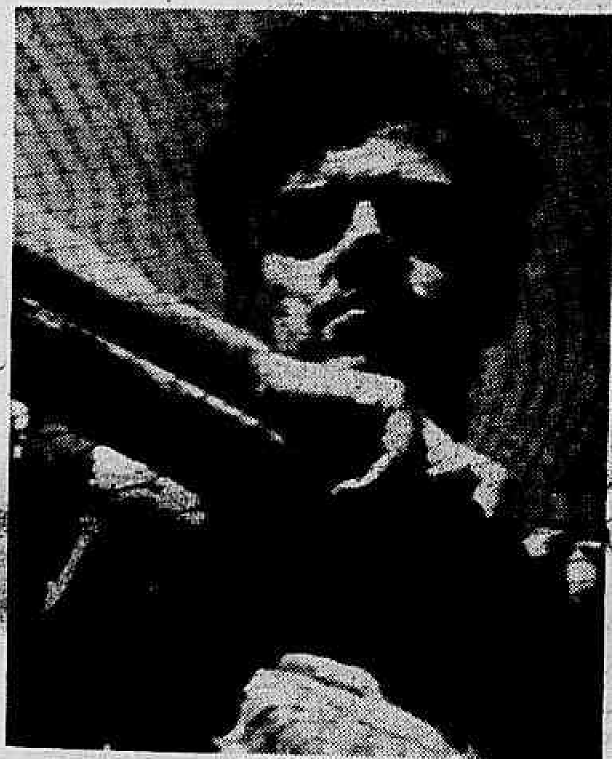
"TAMBÉM SOMOS IRMAOS" — Dirigido por José Carlos Burle, foi uma das raras realizações honestas apresentadas ao público brasileiro em 1949. O argumento, embora não explorado profundamente, apresentóu-nos um ligeiro estudo do preconceito racial, sem a penetração que se fazia necessária. Carlos Burle, embora contornando da melhor forma possiivel, o conteúdo da história, não conseguiu ir além da superfície do argumento. Contudo, foi um trabalho honesto que merece aplausos

"boa qualidade". Ao menos é o que constatamos, diante do esfôrço de alguns realizadores, que se investiram de forma impressionante, chegando a compreender que um filme, exige, antes de tudo, um argumento. E o ano de 49, felizmente, troux eum fio de luz a alguns cérebros, fazendo com que êles produzissem celuloides mais sérios. Salve, pois, 1949 — o ano em que o Cinema Nacional nos apresentou alguns filmes com argumentos. E olhem que "desta vez", sim — já é um verdadeiro passo...

LEON ELIACHAR



ANSELMO DUARTE é, sem dúvida alguma, o galã número um do cinema brasileiro. Tem um belo porte, tem vontade de vencer, e muito se esforça para isso. Anselmo faz do cinema a sua própria escola, e, realmente, vem melhorando de filme para filme. Já apareceu em diversas películas, como "Caçula do Barulho", "Não me digas Adeus", "Pinguinho de Gente", etc.. Está terminando "A Sombra da Outra", de Watson Macedo, onde interpreta um papel verdadeiramente dramático, que será a sua "chance"



ORLANDO GUI é outro galã que o cinema nacional conquistou, e que vem aumentar o número de artistas dramáticos, vivendo a figura principal do filme de estréia do diretor Lúcio Cardoso, "A Mulher de Longe", ao lado de Iracema Vitória



ORLANDO VILAR tem um belo tipo de galã e somente em "Caminhos do Sul" foi melhor aproveitado, não revelando, no entanto, nenhum talento. Com um pouco mais de esfôrço, talvez dê alguma coisa; do contrário... marcará passo



"VENDAVAL MARAVILHOSO" não é essencialmente um filme nacional, pois grande parte foi rodada em estúdios portuguêses, sob a direção de Leitão de Barros, o realizador de "Camões" e "Inês de Castro". Embora fôssem gastos cêrca de sete milhões de cruzeiros em sua realização, a película não pode ser enquadrada no plano das realizações anteriores. No entanto, a iniciativa merece entusiásticos louvores, pela ousadia de levar à tela a vida de um dos maiores vultos da literatura brasileira

Natal
Festa das Famílias.
Festa da Cristandade

SEMPRE NOVIDADES
EM ARTIGOS DE BOM
GÔSTO PARA CAVALHEIROS E MENINOS

★

GRANDE VARIEDADE
DE ARTIGOS PARA AS
FESTAS DE
NATAL E ANO BOM

A
TORRE EIFFEL
Ouvidor
97 - 99





Presentes que relembram horas felizes passadas no recesso do Lar...

Perpetue o encanto das comemorações do *NATAL* proporcionando aos que lhe são caros os benefícios de uma apólice de Seguro de Vida.

COMPANHIA DE SEGUROS

MINAS-BRASIL

CAIXA POSTAL, 426 — BELO HORIZONTE

SEGUROS DE VIDA

— OS PLANOS MAIS MODERNOS

•NA APÓLICE MAIS LIBERAL —

INCÊNDIO-TRANSPORTES-ACIDENTES PESSOAIS-ACIDENTES DO TRABALHO

Peça informações sem compromisso ao nosso agente nessa Cidade

ROCHA PUBLICIDADE

REMBRANDT

INTÉRPRETE DA BÍBLIA

Por JOSE' GONZALEZ

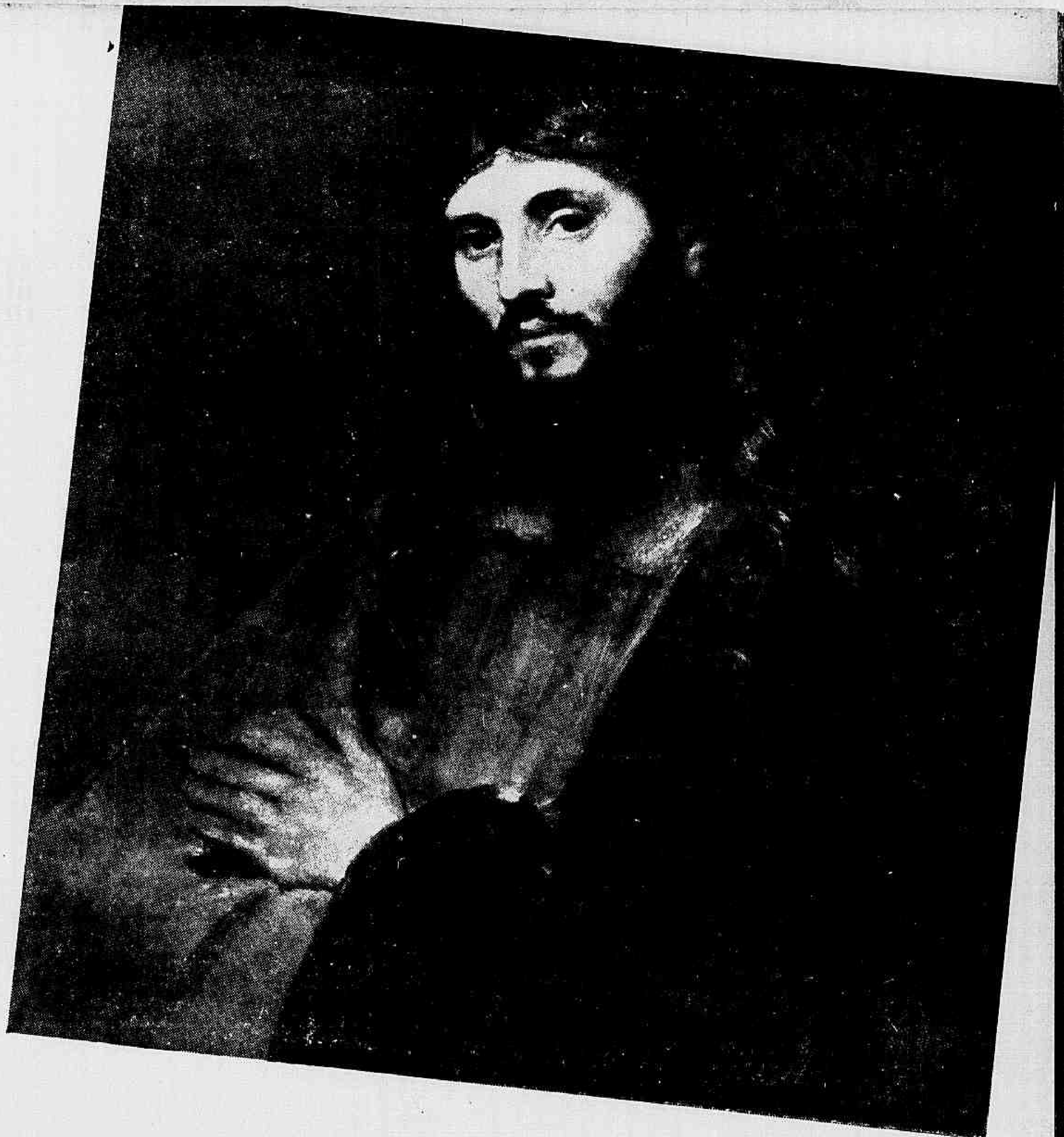
RECENTEMENTE pudemos admirar o belo volume intitulado "The Rembrandt Bible", cujo autor é Oswald Goetz. Essa excelente edição contém quarenta e nove reproduções de admiráveis desenhos, água-forte e bosquejos de Rembrandt em tôrno de temas bíblicos, tomados tanto do Velho como do Novo Testamento. Constituem verdadeiros exemplos da obra religiosa de um grande pintor. Se a isso acrescentarmos que o ambiente em que Rembrandt viveu não favorecia a representação artística de motivos bíblicos, pode-se ponderar o valor único dêsses desenhos, que lançam certa luz sôbre uma fase da alma de Rembrandt, insuficientemente estudada até os nossos dias.

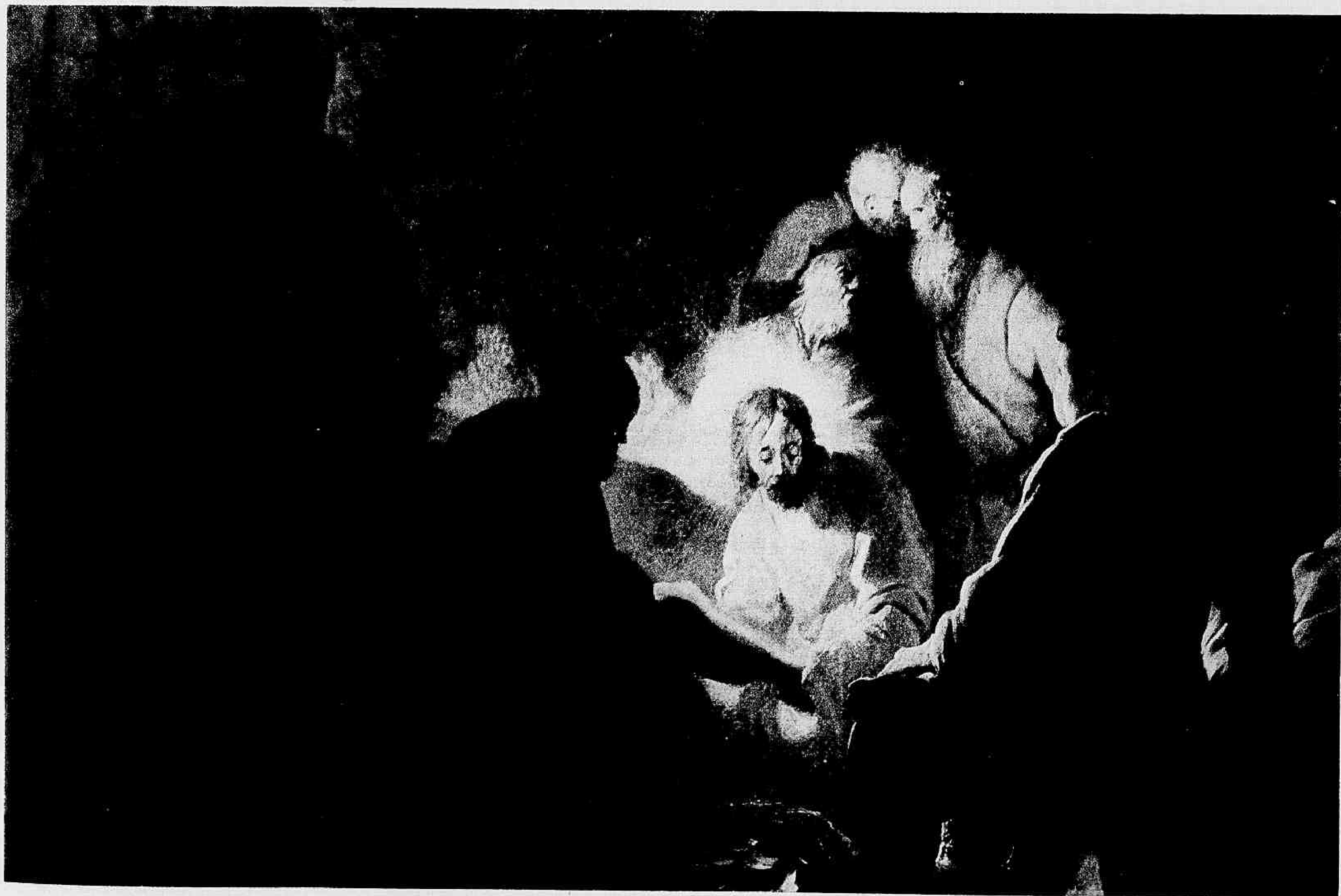
A coleção começa com uma gravura em água-forte do idílio de Adão e Eva e termina com outra água-forte sôbre a "Morte da Virgem", um tanto influenciada pelos trabalhos em madeira de Durer, traçando as diferentes etapas da vida de Maria.

Em tôrno ao estudo da tragédia do Paraíso, não podemos esquecer as comparações que faz Worringer entre Rembrandt e o máximo pintor alemão da Renascença. Enquanto que o Adão e Eva de Dürer são duas figuras de contôrno definido, eretas e claras, cheias de harmonia, os personagens rembrandtianos, curvados e vacilantes, se debatem entre a luz e a sombra, sob o gesto ominoso do monstro satânico. Acertadamente, Goetz assinala como o par edênico do holandês parece ter saído da caverna milenária, sem haver, entretanto, despertado completamente do sonho primitivo. Que contraste entre a luminosidade lírica de Dürer e a carga de pecado que oprime as vidas torturadas dos decaídos de Rembrandt!

Numa série de esbôços, cuja economia de meios maravilha, Rembrandt interpretou cenas culminantes como Caim matando Abel, Abraão temeroso diante da presença de Jeová, Lot abandonando Sodoma, o resgate do menino Moisés do Nilo, pela filha do Faraó, e Daniel na cova dos Leões. Está longe de nossas possibilidades

(Cont. na pág. 82)





Dois preciosos trabalhos de Rembrandt inspirados em motivos bíblicos: ao alto, "Cristo de braços cruzados", pintado entre 1658-1659, e em baixo, "Cristo" lavando os pés dos discípulos", que se acredita ter sido feito em 1634



A PRIMEIRA PAZ

ENTRE ÁRABES E JUDEUS

PRIMEIROS ENTENDIMENTOS ★ PAZ DIFÍCIL ★ O EPISÓDIO DA EVACUAÇÃO DE AL FALUJA ★ UMA NOVA ERA

De HAROLD JAMES
(Copyright News Press)

APÓS um trágico período de lutas os exércitos judeu e árabe concordaram em ensarilhar as armas. Havia sido longos meses de duros combates e de isoladas ações de guerrilhas, e tanto os exércitos como as populações civis já se esgotavam completamente.

PRIMEIROS ENTENDIMENTOS

Desde o início da disputa, entretanto, havia, no mundo todo, um movimento tendente a conseguir um acôrdo entre os beligerantes — acôrdo honroso e útil a ambas as partes, especialmente para a paz mundial que já se via, assim, muito tempo depois de terminada a segunda Guerra Mundial, seriamente ameaçada.

A ONU, também, desde os primeiros dias, vinha empregando os seus esforços para que a paz voltasse a imperar no Oriente Médio. E, assim, a ação conjunta de uns e de outros, aliada ao próprio interêsse das partes em luta de pouparem principalmente as suas cidades e os seus filhos conseguiu fazer com que se iniciassem os entendimentos.

A ONU nomeou seus representantes e os beligerantes indicaram os dêles. As conferências tiveram início, com a cessação ainda que provisória das hostilidades.

PAZ DIFÍCIL

Muitas vêzes, a partir dessa data, entretanto, as tréguas foram violadas e, seja por ações individuais ou mesmo por sérios e devastadores combates e bombardeios, a paz tornou a fugir.

A ação rápida, entretanto, das comissões, do armistício, e especialmente a atitude enérgica e decidida da ONU, fizeram com que aos poucos as escaramuças escasseassem, e os entendimentos passassem a evoluir rapidamente. Primeiro foi com o Egito. As autoridades egípcias e israelitas concluíram o armistício e a guerra entre ambos terminou, conquanto, em cumprimento do documento assinado, muita coisa ainda tivesse que ser feita.

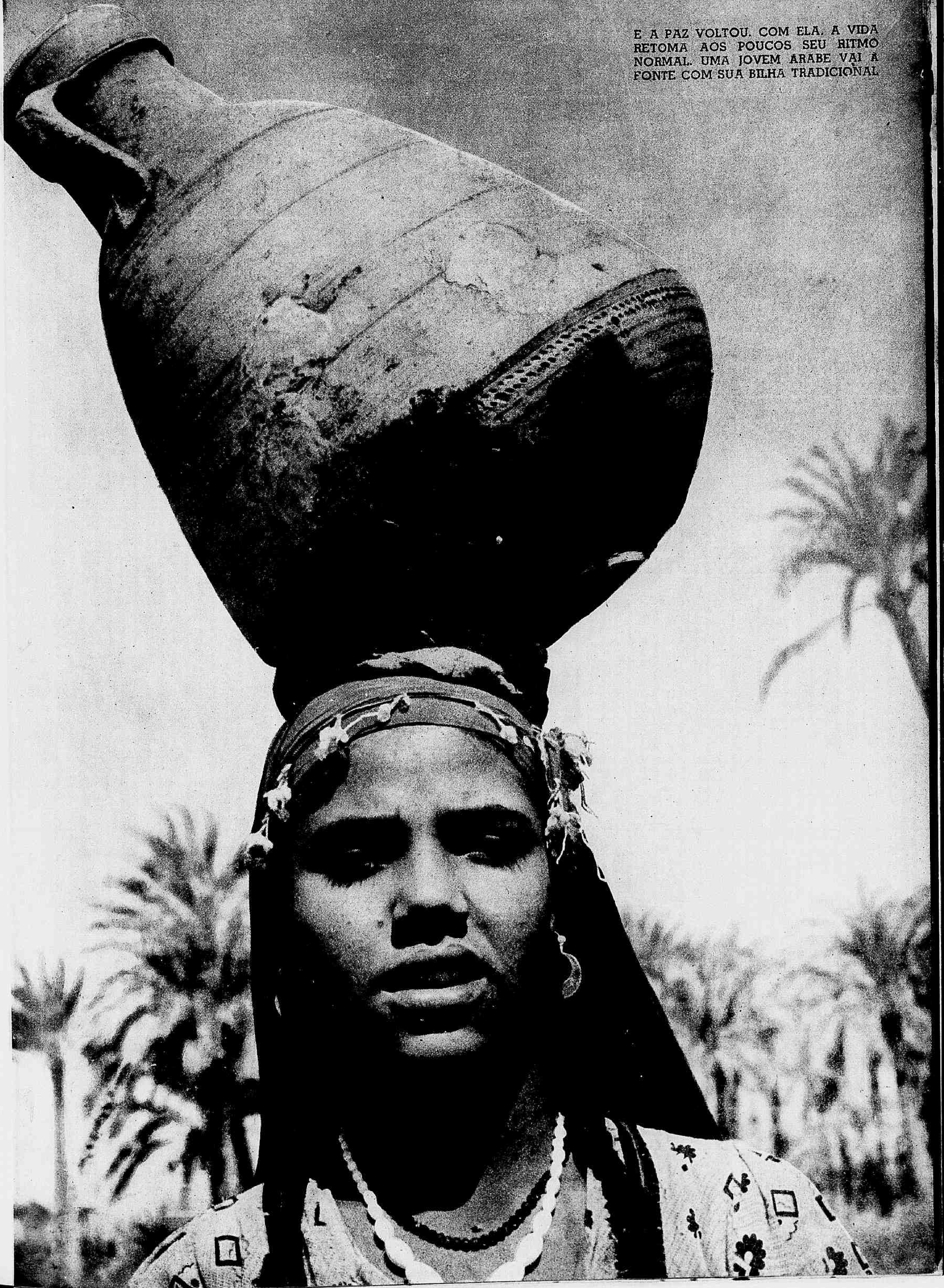
EVACUAÇÃO EM AL FALUJA

Assim uma das mais sérias ações decorrentes do armistício assinado — previam os observadores — seria naturalmente a evacuação das cidades ocupadas por um ou outro dos beligerantes, e que, em virtude do armistício tivessem que ser devolvidas aos opositores. A primeira das operações dessa natureza, cercada dos maiores cuidados, foi

ISRAEL
A bandeira azul-e-clara do Estado de Israel é desfraldada, ao lado das demais, frente à sede da ONU, em Lake Success, como uma nova entidade admitida na qualidade de membro efetivo das Nações Unidas



REFUGIADOS
Esta pobre família é bem um retrato da gravidade da situação antes de ser conseguida a Paz. Epidemias não conhecem fronteiras, e aqui vemos árabes refugiados, conduzindo crianças sèriamente enfêrmas. Meio milhão de almas vivia nos campos, sem qualquer preceito higiênico, e em poucas semanas mais de 850 novos casos eram registrados. Felizmente tudo passou



E A PAZ VOLTOU. COM ELA, A VIDA RETOMA AOS POUCOS SEU RITMO NORMAL. UMA JOVEM ÁRABE VAI À FONTE COM SUA BILHA TRADICIONAL



PAZ

A mocidade de Israel festeja o advento da paz. Milhões de irmãos, em centenas de anos, morreram por essa causa. Na gravura inferior, Sir Raphael Cilento, chefe da Divisão de Atividades Sociais das Nações Unidas, traça um plano de ação com o dr. John Kirk, representante da Organização de Agricultura e Alimentação, para abastecer os povos em paz



levada a efeito em Al Faluja, uma bolsa no deserto, que se encontrava em poder dos egípcios.

Afinal, tomadas com a maior cautela tôdas as providências, os observadores militares deram ordem para o início da evacuação da praça. Desde a madrugada, o movimento foi incessante. E viu-se, então, que a operação seria mais demorada e complicada ainda quando, ao partirem os primeiros comboios de soldados, uma parte dos civis ali residentes resolveu acompanhá-los.

E aos 2.900 soldados que havia em Al Faluja se uniram 1.050 civis, entre os quais muitos velhos, mulheres e crianças para uma longa e penosa viagem.

UMA NOVA ERA

Tudo decorreu em ordem, porém. Os soldados israelitas portaram-se muito bem e não houve a mínima rusga.

E' verdade que a ação durou muito mais do que se previra, pois o comboio inicial de caminhões apenas foi desde logo enriquecido de camelos, cavalos e burros conduzindo as mais diversas espécies de carga, mas o fato é que a primeira experiência redundou num completo êxito.

E a calma voltou a Al Faluja, como voltará por certo, a todo o Oriente Médio em muito pouco tempo.



Mudança

— Intão, Tinita, parece que se vamos, não?

A voz da mulher veio sem côr, sem sentimento, sem vontade:

— Como tu quêra...

— Meu Deus! Mulherzinha, não é como eu "quêra", é como tem de ser! A gente já não tem um tostão furado prá pagar arrendamento. Ainda se o gado estivesse vivo...

A mulher deixou escapar um soluço rouco e fugiu do galpãozinho. Joaquim foi encontrá-la no outro lado da casa de madeira, chorando encostada à parede. Ao sentir nas costas o pêso das mãos do marido, virou-se e agarrada a êle chorava agora aos gritos.

— Mulherzinha... mulherzinha...

Êle não conseguia dizer mais nada. Também estava de garganta apertada, mas tinha de resistir ao pranto, senão seriam dois a chorar e dessa forma não resolveriam nada. Ou por outra, tudo seria resolvido mais tristemente ainda. Se Tinita perdera a cabeça, êle precisava continuar firme, fingir que tudo não valia nada para seu coração e que deixar aquilo não lhe doia. Tinha de ficar firme no seu fingimento, senão... Lembrava as palavras da mãe: — "Casá é bom, porque quando a gente erra, o outro acerta; quando um chora, o outro consola; quando um desespera, o outro acalma". Era também o que êle achava. Se Tinita estava assim, a única solução era acalmá-la, tentando melhorar tudo para os dois.

Agora sabia o quanto era duro deixar a casa feita por êle, o campo onde antes pastava seu gado, deixar a quinta onde êle e a mulher haviam plantado filas de laranjeiras e pessegueiros. E a horta? E a chácara onde plantavam milho de um lado e do outro a aveia para forragem? Doia tanto que era como deixar filhos seus abandonados ao Deus dará, em mãos estranhas. E o pior era isso: *tinha* de ser! Não havia outro remédio! Tinha de fugir para a cidade, sem mesmo saber o que iria fazer por lá.

— Eu fico, Joaquim, nem que seja de cozinheira! — disse Tinita. — Nem que seja de lavadeira! Faço tudo! Mas não posso deixar isso aqui, o rincão, a querência. Tu sabe, Joaquim! A gente, que sempre viveu aqui, não encontra jeito de sair. E'... — e, como das outras vêzes, quando abordavam o assunto, ela caira no chôro.

Joaquim também se prontificara a fazer tudo, mas as estâncias estavam abarrotadas de gente. Não havia lugar para mais ninguém, nem mesmo para êle que, todos sabiam, era trabalhador e honesto. Parecia que a gente, o campo, tudo, queriam escorraçá-lo da querência. Mas por quê? Não fizera nada de ruim. Apenas não pudera pagar o arrendamento do campo porque a aftosa lhe matara todo o gado e porque a sarna batera em seu rebanho e não houve quem lhe emprestasse um banheiro para limpar as ovelhas.

Em último recurso fôra à estância do Coronel Tibúrcio, o último homem a quem se recorria num caso de apêrto, já sabendo a resposta, mas esperando um milagre. Ao sair de lá, ainda com a negação dura batendo nos ouvidos, Joaquim tivera vontade de voltar e meter uma bala no velho gordo. Ou então em si mesmo. Mas depois reagira. Afinal... isso só serviria para atrapalhar a situação. O que seria de Tinita depois?

E as ovelhas morreram diante de seus olhos, como os bois, as vacas e os terneiros.

Agora... Como era duro pensar no "agora"! Tinita, depois de revoltar-se, ficara naquela plastice, naquela moleza, respondendo sempre: — "Como tu quêra... Tu resolve..." — e nada mais.

★

— Falta ainda alguma coisa? — perguntou Joaquim.

Era o dia da mudança. Casa vazia. Móveis todos empilhados em uma das carretas. Na outra iam colchões e cobertas.

— Ó Tinita! Falta ainda alguma coisa? Tinitaaa!

A resposta da mulher não vinha. Joaquim estremeceu com o silêncio cheio de pressentimentos. Correu e entrou em casa: estava completamente vazia como a deixara. Foi encontrar a mulher lá fora, encostada à porteira do mangueirão, olhando para o campo que clareava aos poucos.

— Mulherzinha... Não chora...

Ao ouvir a voz do marido, ela se retezou e, virando-se mostrou-lhe, quase como num desafio, o rosto enxuto, com duas manchas vermelhas nas faces e os olhos também secos, muito abertos. Seus músculos estavam duros, retesos, e as unhas afundadas nas palmas das mãos. Joaquim compreendeu que a mlher estava se despedindo de tudo.

Ela sabia que a ninguém podia culpar de suas desgraças, mas era impossivel não odiar alguém naquele momento em que perdia tudo: seu céu, seus matos, suas sangas, sua querência! E todo o ódio se concentrou no marido! Podia garantir que êle estava abafando o contentamento! Lembrava muito bem um dia em que êle dissera que se pudessem, mais tarde, teriam casa na cidade. Êle não gostava do rincão!

Seu ódio era tão profundo, tão furioso, que Joaquim chegou a senti-lo. Compreendendo o que se passava com a mulher, retirou-se. Botou o último caixão dentro da carreta de trás e sentou num barranco, fazendo um cigarro enquanto esperava por Tinita.

— Me vou! Joguei tudo e perdi tudo numa vasa só! Tá acabado! A vida é que nem um jôgo de baralho. Perdeu, paga! Como tudo quanto é jôgo. E o diabo é que quem ganha é justo quem não precisa o dinheiro... Me vou. Nunca pensei que um dia a gente saisse do rancho. A pobre da mulher! Tá quase louca! Eu compreendo... Inda se a gente se arranja por lá, tá bem. Compadre Feliciano disse que me arranja um lugar de ferreiro lá no Passo do Registro. Santana... Rivera... Uma vez estive no Uruguai comprando carneiros pro seu Feliciano. Homem bom! Não fôsse êle, não sei como ia fazer esta mudança. Me emprestou as carretas e as juntas de boi. Parece mentira! Dos meus bois, nem os de puxá arado ficaram! Seu Feliciano! Êsse tem o céu garantido! Se mais êle tivesse, mais emprestaria...

— Vamo!

Joaquim levantou a cabeça estranhando a voz da mulher. Mas continuou calado. Ela entrou para a carreta e êle montou no lubuno, com a aguilhada na mão.

— Hêra, Corincho! Limão, boi! Chiru, boizinho...

Cada grito que dava com os bois era como se estivesse gritando para tôdas as coisas: — "Té logo, querência! Meu rancho, té logo Mangueirão, té qualquê dia! Só Deus sabe se um dia a gente volta..."

E cada vez que a aguilhada afundava no couro dos bois era como se estivesse entrando dentro de seu coração. Parecia que seu corpo estava por baixo das patas dos animais e das rodas rechinantes das carretas. Estava se esmigalhando por dentro. Êle era a terra! Não!!! A terra é que guardava um pouco do seu corpo e era por isso que tudo lhe doia cruelmente ao deixá-la.

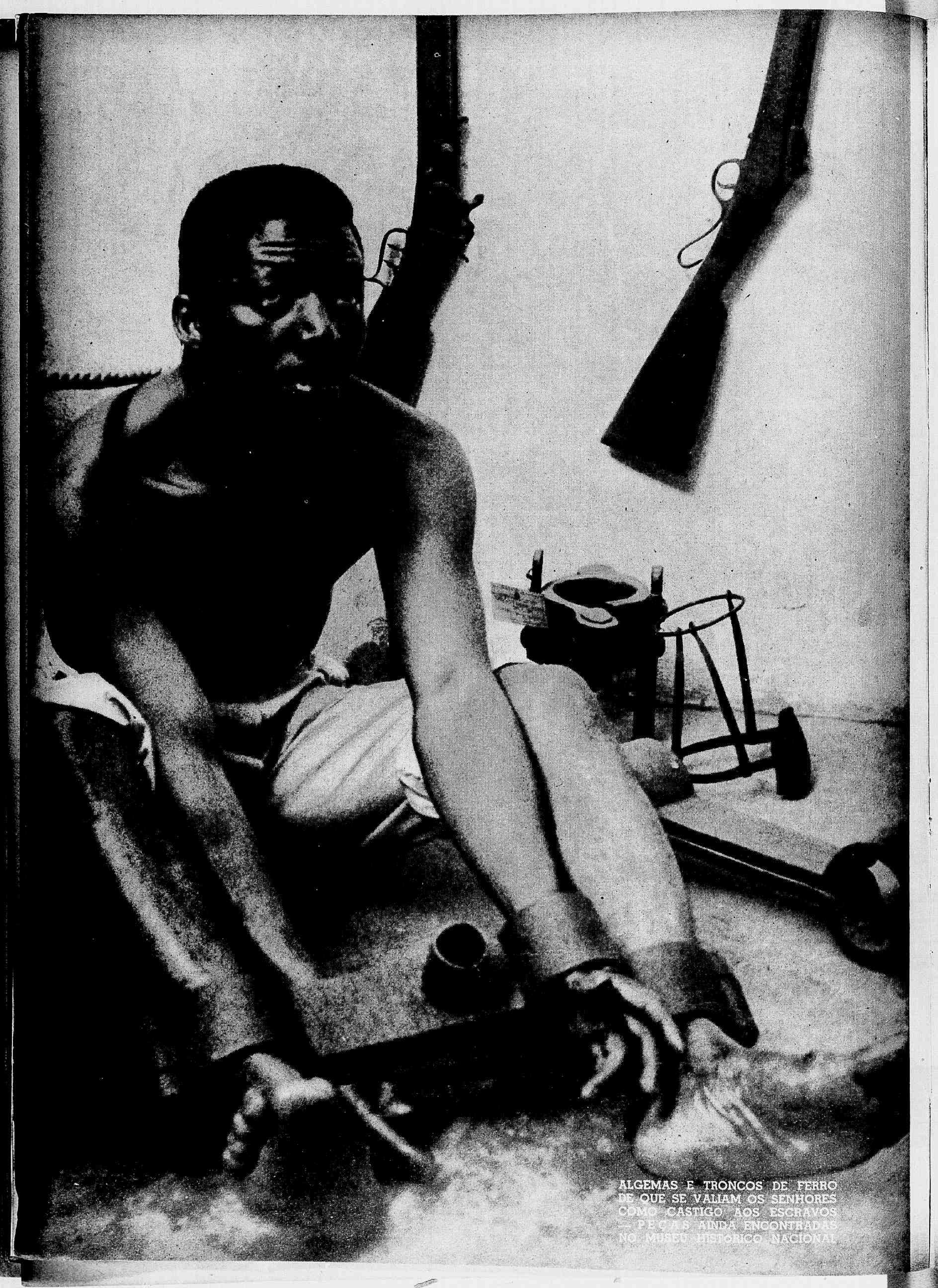
Não se animou a olhar para trás. Quanto mais depressa esquecesse o rancho, melhor! Começou a assobiar uma música qualquer. Já não aguentava o silêncio! O silêncio que pesava em seu peito e o silêncio que andava naquela madrugada fria.

Dentro da carreta, Tinita odiava aquêle assobio.

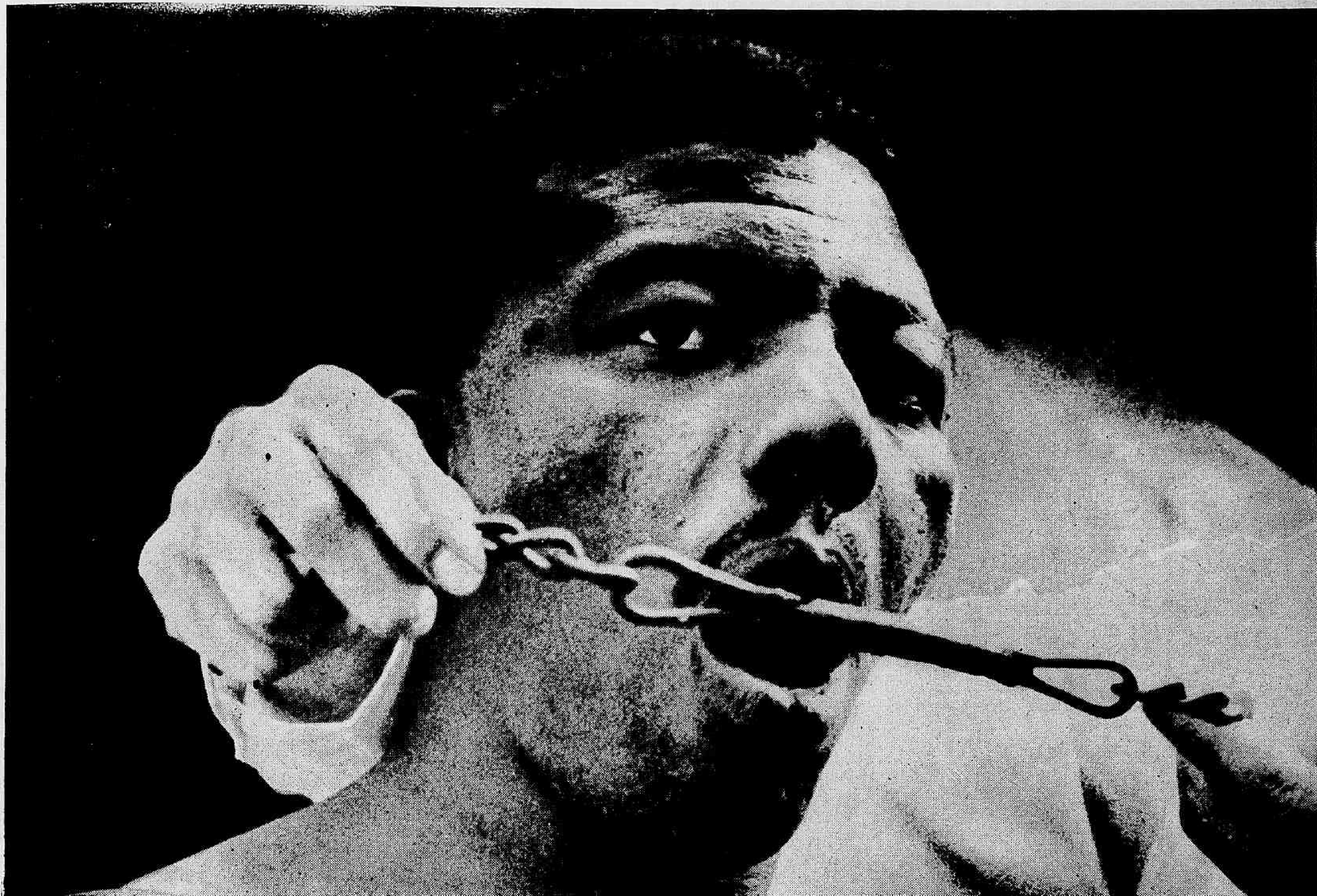
Na dobra do corredor, instintivamente olhou para trás. Lá estavam o rancho, o umbu, o galpão, a mangueira, o mato, tão sossegados, tão no abandono, até parecia

(*Continua na pág.* 74)

CONTO DE **THEREZA DE ALMEIDA** ★ ILUSTRAÇÃO DE **ARMANDO PACHECO**



ALGEMAS E TRONCOS DE FERRO DE QUE SE VALIAM OS SENHORES COMO CASTIGO AOS ESCRAVOS — PEÇAS AINDA ENCONTRADAS NO MUSEU HISTÓRICO NACIONAL



BRIDÃO

Outro instrumento para castigar a bôca dos escravos viciados. Aparelhos ainda mais ferozes eram utilizados até quando a Abolição pôs têrmo à vergonha da escravatura no Brasil

UM DIA DEPOIS DO TREZE DE MAIO

A abolição do cativeiro ★ Instrumentos de suplícios ★ O 14 de maio ★ Cenas de vingança ★ "A justiça de Deus na Voz da História"

Por MENEZES DE OLIVA

AO ser conhecido o resultado da votação do projeto de lei, que declarava extinta a escravidão no Brasil, por 43 votos contra 6, aclamações ruidosas e demoradas estrugiram dentro e fora do recinto das sessões. Flores e mais flores caíram das galerias sôbre os senadores, que mais tinham contribuído para a vitória da grande causa. A multidão, num transporte de incontido júbilo, invadiu tôdas as dependências do Senado. Um verdadeiro delírio!...

Ouviam-se músicas por tôda a parte. Foguetes riscavam o espaço e espoucavam no ar a cada instante. Os oradores se multiplicavam na praça pública. Cantando e dançando, numa alegria louca, negros e negras saíram pelas ruas. Nunca se vira entusiasmo igual!...

Faltou, todavia, para fêcho de ouro dos acontecimentos, a repetição do gesto do ministro americano, James R. Partridge, que, em 1871, apanhara no chão do recinto das sessões do Senado algumas flores das muitas que o



COM CAMPAINHA

Colar de ferro para negro fujão, munido de campainha para dar o alarme



MORDAÇA

espatulada que se punha na bôca dos escravos para não comerem terra



SUPLÍCIO

para torturar os negros, não raro provocando as mais graves feridas



ALGEMAS

Ficavam os escravos manietados com êsse aparelho atroz. Nas minerações do século XVIII era utilizado êsse "equipamento" em grande escala, com os mais terríveis efeitos



CORRENTES

Assim eram conduzidos os negros, por meio de correntes, como se fôssem animais ferozes. Nenhum poderia cogitar de uma fuga com tais medidas — e fugir era apenas sonho

povo atirara ao Visconde do Rio Branco, declarando que as ia mandar para os Estados Unidos, a fim de "mostrar como aqui se fêz uma lei, que lá custara tanto sangue."

Mas, transcorrido o entusiasmo dos primeiros momentos, que devia ter sucedido, entre amos e ex-escravos, na manhã de 14 de maio de 1888?

Temia-se que os negros, abandonando o trabalho dos campos e os afazeres domésticos, imprevidentes e ociosos, sem capacidade de prover a própria subsistência, se tornassem elementos perturbadores da ordem pública. Sabemos todos, porém, que muitos dêles, longe de cometerem crimes ou desatinos, procuraram logo depois do 13 de maio seus ex-senhores, pedindo para voltarem às ocupações que dantes desempenhavam... Não sabiam como agir, como trabalhar, como viver... E' sempre doloroso passar do sonho à realidade...

E' relativamente fácil escrever sôbre o 13 de maio. Basta recorrer aos jornais da época, compulsar os Anais do Senado e da Câmara do Império, reeditar velhos conceitos sôbre a escravidão, e, num abrir e fechar de olhos, está esboçado o livro, feita a conferência ou improvisada a crônica. Mas, a repercussão dêsse acontecimento no dia 14 de maio ainda não foi estudada. Que fizeram os senhores de engenho, quando ali chegou a notícia de que os negros eram livres, que podiam ir para onde quisessem ou servir a quem melhor lhes pagassem? Como repercutiu entre os fazendeiros empobrecidos o gesto humano de Isabel, redimindo tôda uma raça infeliz?

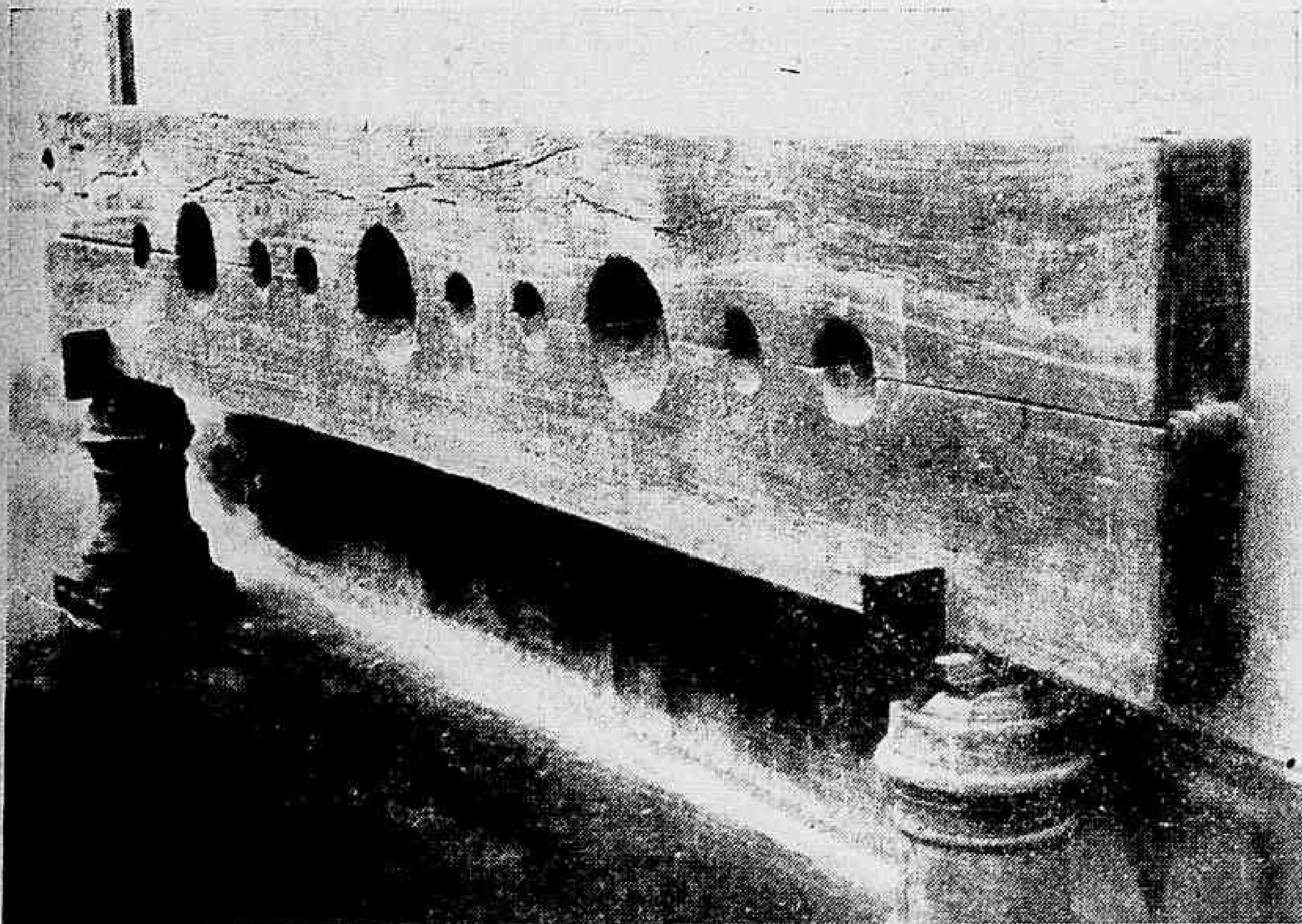
Os portuguêses, apesar de terem gozado a fama de ferozes escravagistas, foram, contudo, entre nós, amos complacentes e bondosos. Daí não se ter revestido de requintes de crueldade a escravidão negra no Brasil.

Tendo durado séculos, foi sempre e cada vez mais humanizando-se pela compreensão existente entre brancos e pretos, nascida, principalmente, das qualidades afetivas da raça portuguêsa.

E' certo, todavia, que alguns senhores castigaram duramente os escravos. Mas, constituíram exceção à regra os que assim procederam, pois, em geral, eram humanos e indulgentes. A cordialidade que reinava entre senhores e escravos ia até a assistência religiosa prestada pelos primeiros aos segundos, onde uns e outros se encontravam, genuflexos, na mesa da comunhão, embora houvesse nessa prática o sentido político de lhes obter a resignação.

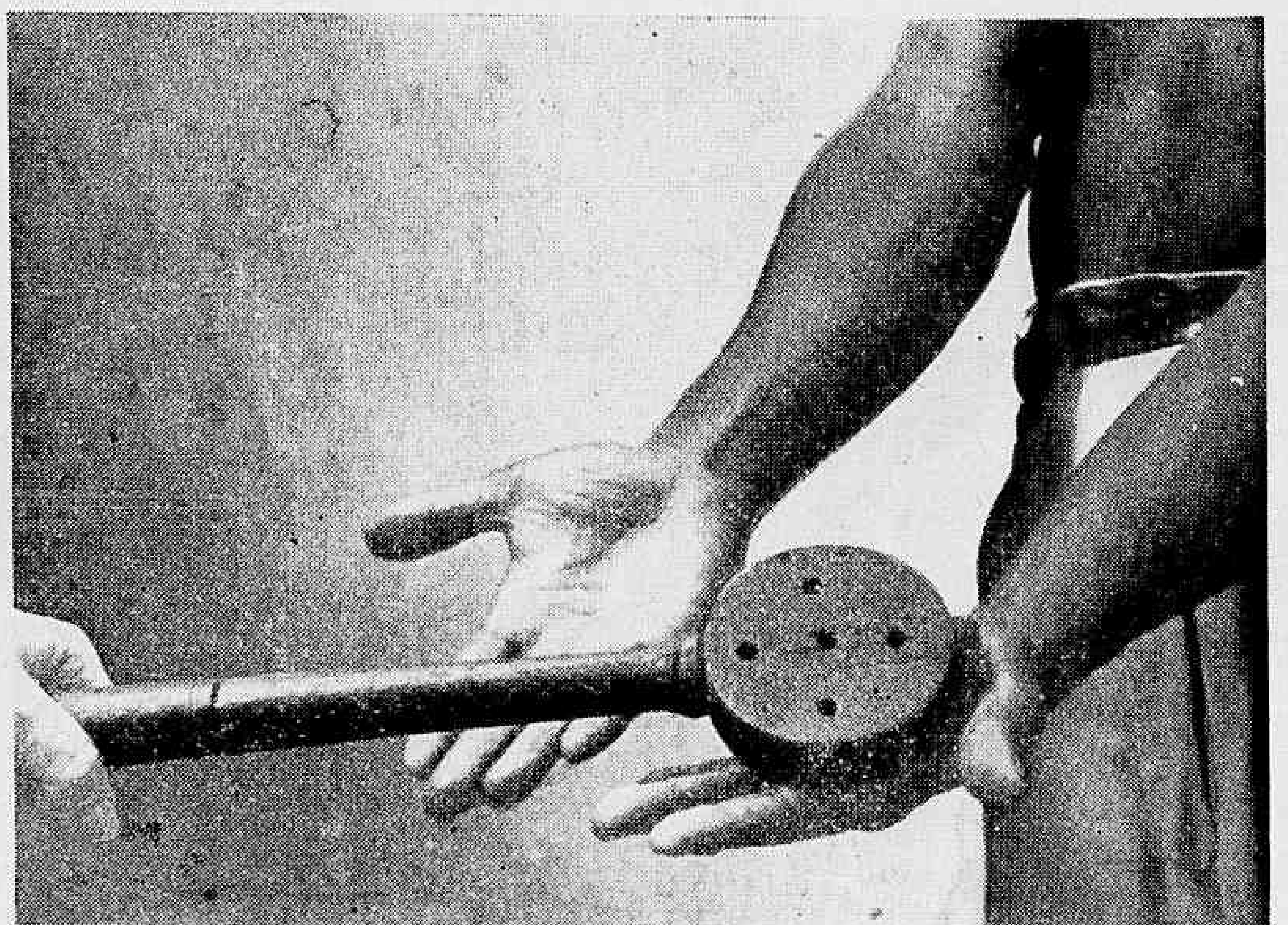
Ao demais, a lei sempre os amparou e protegeu. Feijó, quando ministro da Regência, mandou, em aviso de 17 de janeiro de 1832, "que os juízes de paz procedessem a corpo de delito e sumário de culpa sempre que os escravos sofressem de seus senhores castigos imoderados". Mais tarde, Regente do Império, em 1836, por lhe ter constado que determinado Senhor, espancara, cruelmente, um escravo à rua do Conde n. 4, ordenara à autoridade que fôsse à referida casa, fizesse indagações e procedesse a corpo de delito, "a fim de que possa dar as devidas providências como requerem a justiça e a humanidade".

(Cont. na pág. 82)



TRONCO

Êste era o tronco da Câmara da Vila de Mecejana, formado por duas peças de seis a sete pés, prêsas a uma dobradiça de ferro e munidas de um cadeado com chave



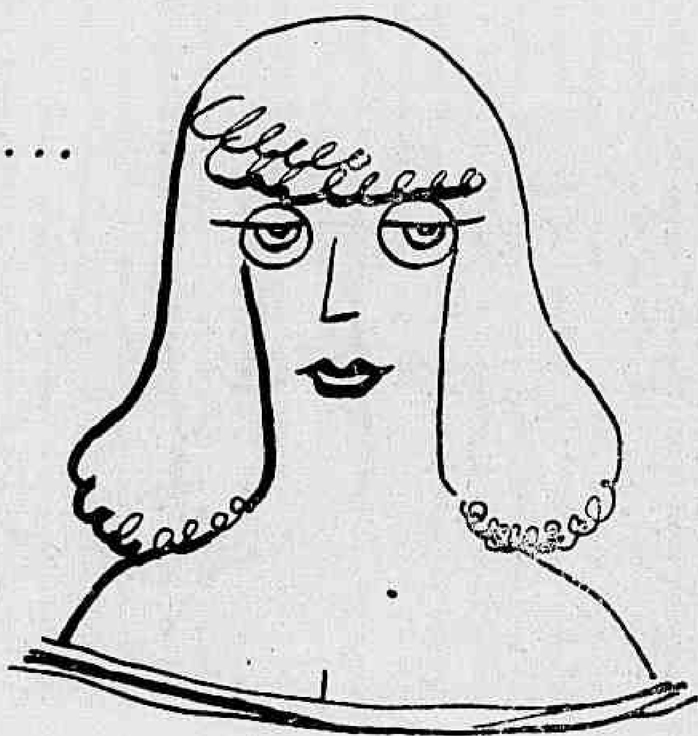
PALMATÓRIA

O "bacalhau", o tronco, as gargalheiras, as algemas, o colar e o cinturão de ferro supliciavam o pobre negro. Mas a palmatória era para êles muito mais humilhante

Nicodemus MOSTRA COMO E' FEITO O

PÃO NOSSO DE CADA DIA ...

MANEIRA DE FAZER:
TOMA-SE
UMA
LOURA
OXIGENÊ...



ACRESCENTA-SE OS
DEMAIS INGREDIENTES
E MEXENDO DEVAGAR
DERRAMA-SE O BASTANTE
DE UMA NOVA
AMISADE
PARA FORMAR
UMA PASTA LEVE
E MACIA
NÃO ESQUECENDO
O SAL
E UMA COLHER
DA NOVIDADE
FRESQUINHA
DE ALGUMAS GRAMAS
DO FERMENTO
DE ESCANDALO...



BATA MUITO BEM DANDO, IGUALDADE 'A MASSA



E TEMOS AI', FEITO NAS CHAMAS DE UM FORNO
DO INFERNO, O PÃO QUE O DIABO AMASSOU!



Ela não é apenas uma completa artista nos segredos da cerâmica, mas uma grande apaixonada da música. E nas horas de folga, senta-se ao piano, seu devotado amigo, divagando na região dos sons e dos ritmos. Seu compositor preferido é Chopin. As mais românticas páginas do gênio polonês, Margaret as executa dando largas à sua sensibilidade

MARGARET SPENCE NA ARTE DO FOGO

Quem é Margaret Spence ★ Cursou a Universidade de Los Angeles ★ Ocupações nos períodos de férias escolares ★ Primeiro esposo, um astro cinematográfico ★ Trabalhou no Studio "Von Walthausen" em Hollywood ★ Presidente durante dois anos da "Young Artists Guild" ★ Como empregou o seu tempo no período da guerra ★ Não há segredos em sua arte ★A única que faz cerâmica na própria "pedra de sabão" ★ O processo de cristalização ★ Grande adepta da Arte Moderna

ANTES de abordarmos a exótica personalidade de Margaret Spence, vejamos alguma coisa sôbre a cerâmica brasileira. Essa arte admirável que dista, entre nós, desde os tempos pré-colombianos, parece incrível que, sòmente no ano de 1947, com o primeiro "Salão de Cerâmica Brasileira", de iniciativa de Djalma De Vincenzi, no Museu Nacional de Belas Artes, tenha logrado ser conhecida e observada de perto.

E' interessante saber que o Brasil, na América do Sul, é o mais importante centro industrial cerâmico, tanto artístico como comercial, possuindo produção de grande vulto e dando trabalho a milhares de artesões.

No entanto, é de lastimar que sejam precaríssimas as organizações de ensino oficial da arte-cerâmica em nossa terra. Aproveitando-se da carência de obras escritas no nosso idioma e da falta de material existente nas escolas de cerâmica, envolvem os mestres desta arte os detalhes de técnica nas composições das pastas, vidrados e esmaltes coloridos, numa onda de verdadeiro mistério para os seus próprios alunos, com receio talvez de perderem a posição de "mestres misteriosos", numa arte que de mistério nada possui.

Caberia à Prefeitura do Distrito Federal criar uma Escola de arte-cerâmica, onde fôsse ministrado aprendizado completo, sem o objetivo, é claro, de formar obreiros industriais e bem assim desenvolver o gôsto artístico, cultural e fazer surgir hábeis ceramistas, dedicando os cursos principalmente às professôras escolares para que estas se habilitassem também a divulgar a matéria aprendida aos seus alunos, o que permitiria introduzir maiores conhecimentos estéticos, no curso a ser administrado.

A Sociedade dos Artistas Nacionais já lançou a idéia de ser criada essa escola e também o Museu de Arte Popular, no Rio de Janeiro, e nenhuma cidade está melhor aparelhada quanto esta, para levar avante a iniciativa



Em companhia de Dejalma De Vincenzi, outro elemento de marcante valor, ceramista e crítico de renome

almejada há muito pelos cultores amadoristas da arte cerâmica. Sendo assim, entremos agora no mundo encantado dessa Arte, onde Margaret Spence é uma das suas fadas mais originais.

★

Margaret é natural de Santa Barbara — Califórnia. E' filha do diretor proprietário da fábrica "Western Wholsale Produce Co.", dessa mesma localidade. O seu curso primário foi feito na "School Grafield" e naquela época tornou-se um elemento destacadíssimo como clarinetista da orquestra sinfônica de Santa Barbara. Na escola, sempre se distinguiu pela originalidade dos seus trabalhos de desenho. Era ainda uma criança e já sentia a necessidade imperiosa de "criar algo de novo no mundo artístico da cerâmica, pintura e escultura, o que lentamente se transformou em realidade, pois, Margaret Spence é hoje uma artista exótica e exclusivista na maneira de criar. Tudo nessa artista representa uma eterna sinfonia de criação. Jovem ainda e magnífica em sua arte, ela impressiona terrivelmente, com a sua marcante personalidade, a todo aquêle que dela se aproxima.

★

Na sêde insaciável de saber, terminou Margaret o curso na "School Grafield" e ingressou para os três anos preparatórios na "Heigh School"; aí sentiu a definição total do seu gôsto artístico. Começou a se interessar pelas obras de cerâmica, escultura e pintura, entretanto, tôdas pareciam insignificantes para a menina que desejava saber tudo de uma só vez. Expressou ao seu pai o desejo de deixar Santa Barbara, para ir buscar num centro maior a fonte inesgotável dos ensinamentos para subli-



A ARTISTA E SUA OBRA — UMA COMPOSIÇÃO ABSTRATA FEITA A ÓLEO. E SUA REALIZADORA

Não é muito fácil preparar a massa para dar início ao trabalho da cerâmica. A artista nem sequer usa luvas, trabalha de mãos nuas com vários tipos de barros naturais. Em baixo, retirando as peças no pequeno fôrno de sua residência, já modeladas.

MARGARET SPENCE NA ARTE DO FOGO



O processo de cristalização no valor artístico da peça é minuciosame sabem que a artista já fez cenários cinematograficos em Hollywood, sol

mação do seu temporamento artístico. O pai, entretanto, revelou-se contrário à idéia e disse-lhe que caso ela deixasse a sua terra de origem, cortar-lhe-ia a mesada dos estudos. Margaret não se deixou impressionar; pensou que a atitude do pai não passasse de tempestade em copo dágua. Todavia, a resolução do "velho" não admitia suposições. Vendo que era inútil outra tentativa, resolveu trocar a sua cidade natal por Los Angeles. Com as poucas economias que lhe restavam, ingressou na U. C. L. A. (Universidade de Los Angeles) e durante a noite trabalhava em pequenos estúdios de modelagem, a fim de poder custear os seus estudos. Na Universidade, pode, realmente, desenvolver as suas aptidões artisticas. As dificuldades que surgiram por falta de apoio monetário eram consideradas pela jovem de somenos importância, em comparação ao pedestal da fama que crescia no mais profundo do seu ego, como se fôsse a mais deliciosa das miragens.

★

Percebendo que o estômago não admitia ponderações sôbre a arte e que seria inútil recorrer ao pai, procurou Margaret em Los Angeles outras ocupações; entretanto, estas nunca fugiam ao setor artístico. Empregou-se, no seu primeiro periodo de férias da Universidade numa

companhia
para desen
Neste ramo
do mundo;
de criador
desenhou
Cada imag
sua imagin
para o pe
no mundo
companhia
garet, nos
estimulo pa
a manutenc

Jovem, b
dificil desp
conheceu M
ator cinem
o inevitáv
e pediu q
atraida pel
si mesma



Um ângulo da magnífica biblioteca da ceramista norte-americana, em dades, mas principalmente os da sua arte predileta. Dezenas de volume



tico da peça é minuciosamente explicado por Margaret à repórter. Poucos
atograficos em Hollywood, sob contrato, com o salário semanal de 50 dólares

pai, entretanto,
e caso ela dei-
a mesada dos
ssionar; pensou
pestade em copo
não admitia su-
tativa, resolveu
Com as poucas
a U. C. L. A.
a noite traba-
gem, a fim de
versidade, pode,
artísticas. As
apoio monetário
os importância,
crescia no mais
is deliciosa das

tia ponderações
o pai, procurou
ões; entretanto,
Empregou-se, no
versidade numa companhia de construções de igrejas. Foi aproveitada para desenhar e executar janelas em vidros coloridos. Neste ramo de atividade sentiu-se a criatura mais feliz do mundo; podia enfim, demonstrar as suas habilidades de criadora artística. Inúmeras foram as janelas que desenhou e executou para as igrejas de Los Angeles. Cada imagem de Santo ou objeto religioso que saía de sua imaginação privilegiada era um verdadeiro sucesso para o pequeno gênio, que lentamente havia de penetrar no mundo maravilhoso da arte e da fama. E foi nessa companhia de construções de igrejas que encontrou Margaret, nos seus períodos de férias escolares, o verdadeiro estímulo para sua vocação e os recursos pecuniários para a manutenção dos seus estudos.

★

Jovem, bonita e com um futuro brilhante, não lhe foi difícil despertar a atenção do sexo oposto. Certa tarde conheceu Margaret, num restaurante em Los Angeles, o ator cinematográfico Kenny Kinny. Nasceu entre ambos o inevitável. O jovem "astro" interessou-se pela moça e pediu que se casasse com êle. Apesar de sentir-se atraída pelo moço apaixonado, não podia decidir-se por si mesma e assim teve que comunicar o fato aos pais,



Modelagem, exige antes de tudo uma leveza de mãos absoluta; da argila, úmida e mole, vão surgindo as formas, como por milagre. Em baixo, Margaret trocando a cerâmica pela pintura, retoca o seu quadro, que já foi batisado: Chama-se "Saciado"



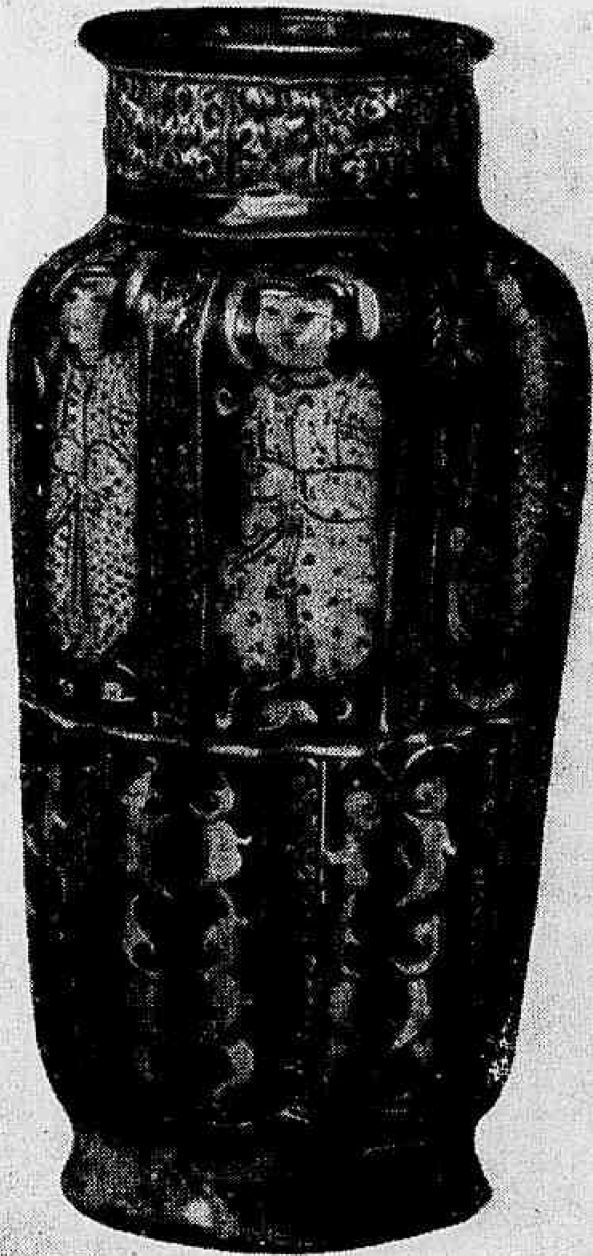
eramista norte-americana, em que se misturam volumes de várias especiali-
predileta. Dezenas de volumes sôbre cerâmica podem ali ser encontrados





PIA BATISMAL EXECUTADA E
IDEADA POR MARGARET — EN-
CONTRA-SE HOJE NA IGREJA
DE ITAIPAVA (ESTADO DO RIO)

MARGARET SPENCE NA ARTE DO FOGO



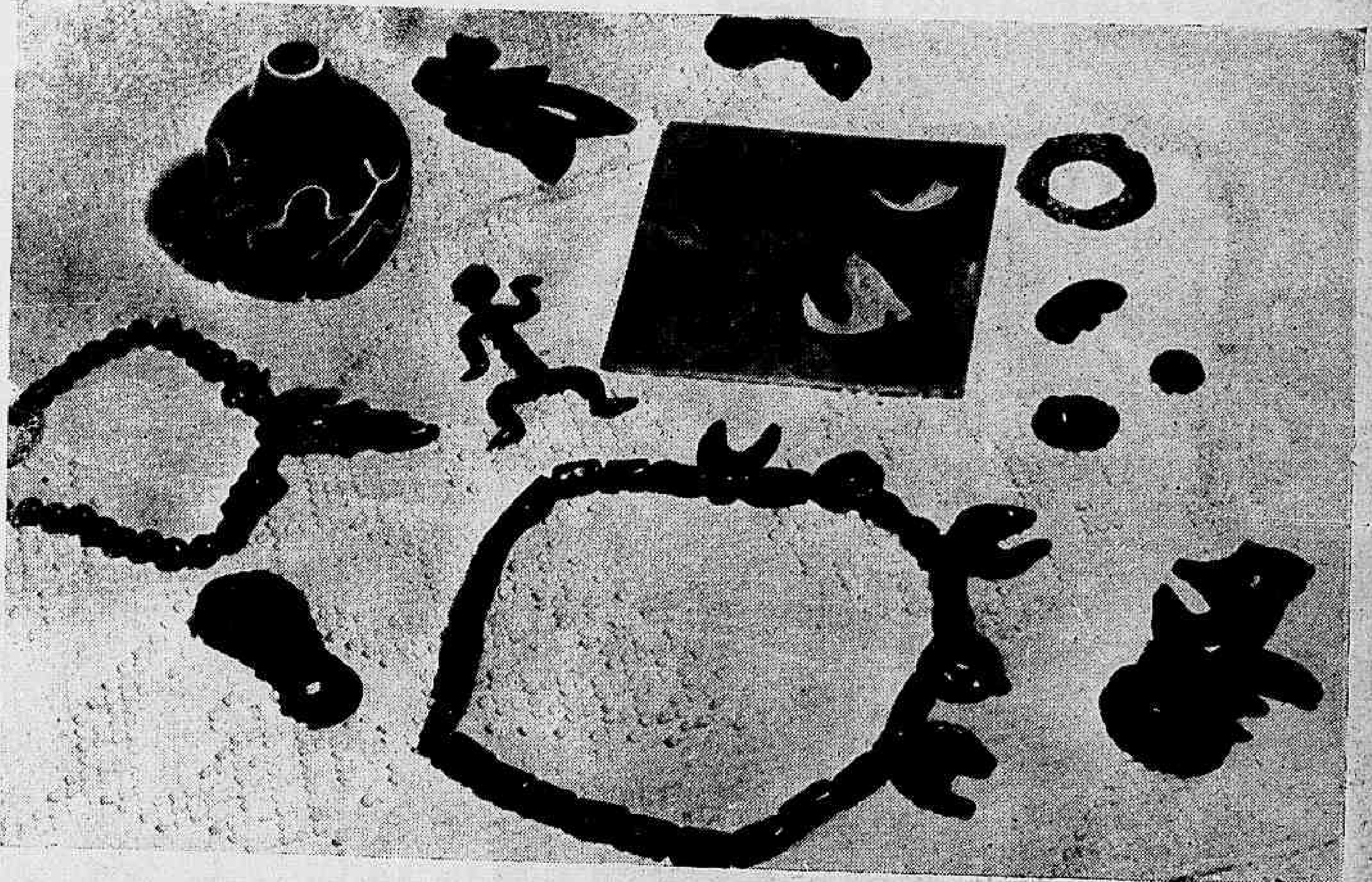
Jarra de cerâmica persa, legítima, do século XIII, peça de alto valor, que integra a coleção de Margaret Spence

que lhe negaram permissão, pois um artista de cinema em Santa Barbara não gozava de bom conceito social e, mais uma vez, contrariou Margaret o desejo de seus pais, casando-se com Kenny Kinny. Mesmo casada, não interrompeu os seus estudos, porém, teve que residir no bairro dos artistas, ou seja Hollywood. Na época, a sua arte e fama atingiram o auge do desenvolvimento. Expôs vários de seus trabalhos em "Assistence League Hollywood" e em várias galerias de renome de Hollywood Blod. Possui Margaret das exposições realizadas em Los Angeles inúmeros prêmios. Infelizmente, não lhe foi possível permanecer mais tempo no bairro dos artistas, pois teve a sua felicidade conjugal sèriamente prejudicada pelo temperamento irresponsável do astro. Concebeu dêste matrimônio quatro filhos: Barbara, Patricia, Kenneth e Judith. Contraiu novas núpcias com o engenheiro Harold Spence, de quem hoje é espôsa e possui mais um filho, que se chama Cristovão.

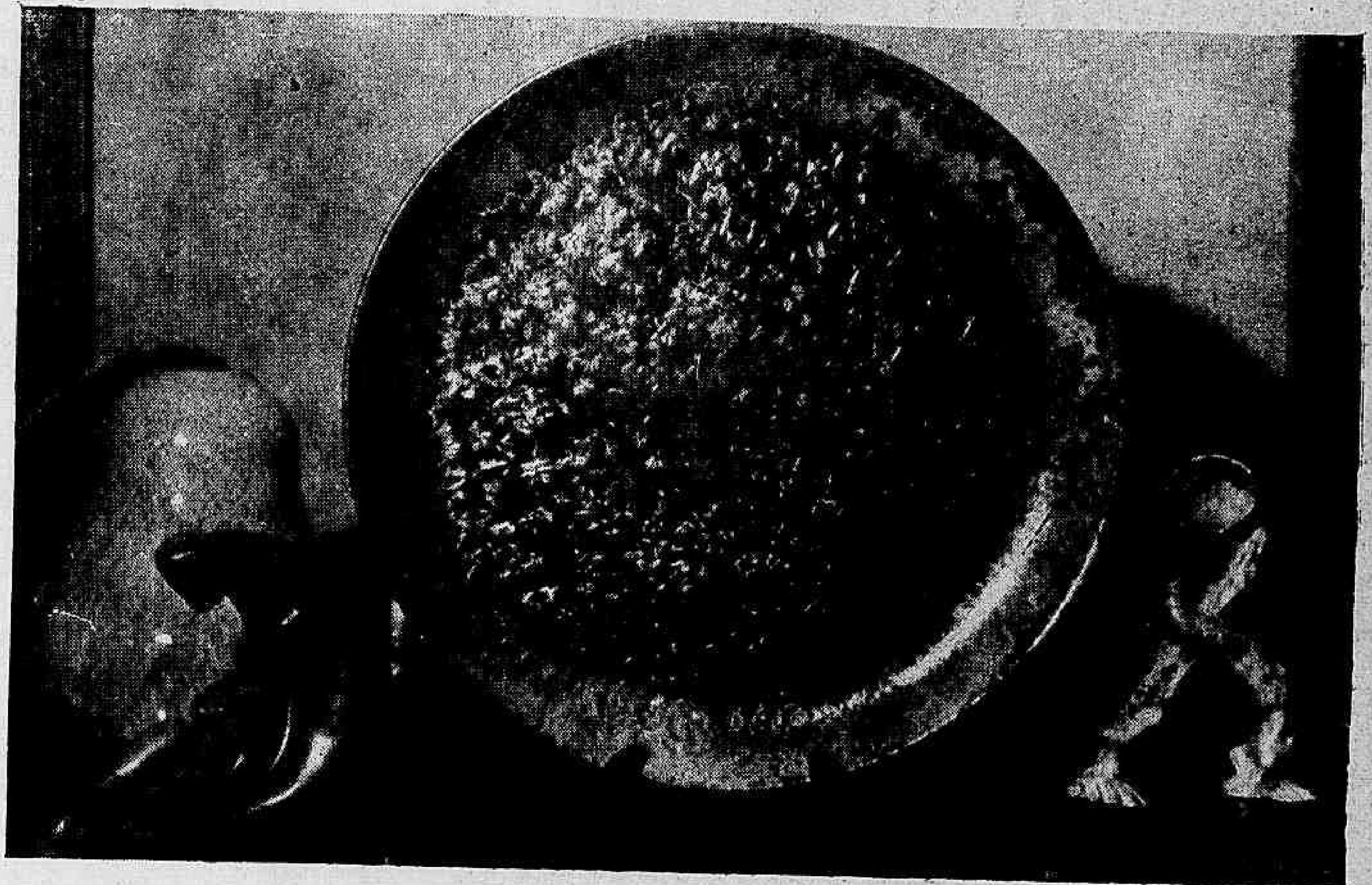
(Cont. na pág. 78)

Os tinhorões adquirem um efeito majestoso nesse jarro, artístico, em estilo Sgraffito, da mesma grande coleção





Ao alto, colares e outros objetos em cerâmica. Observe-se o rigor de pormenores nas referidas peças, de extraordinário efeito. Ao centro, cristais conseguidos pela saturação de silicato de zinco, trabalho premiado em São Paulo e



no "Inquérito Popular" da S.A.N.. São realmente dignos de atenção, constituindo um novo aspecto do seu trabalho. Em baixo: composição a óleo, "Ruídos", também de Margarret, cujas variantes de trabalho são realmente múltiplas



FESTAS

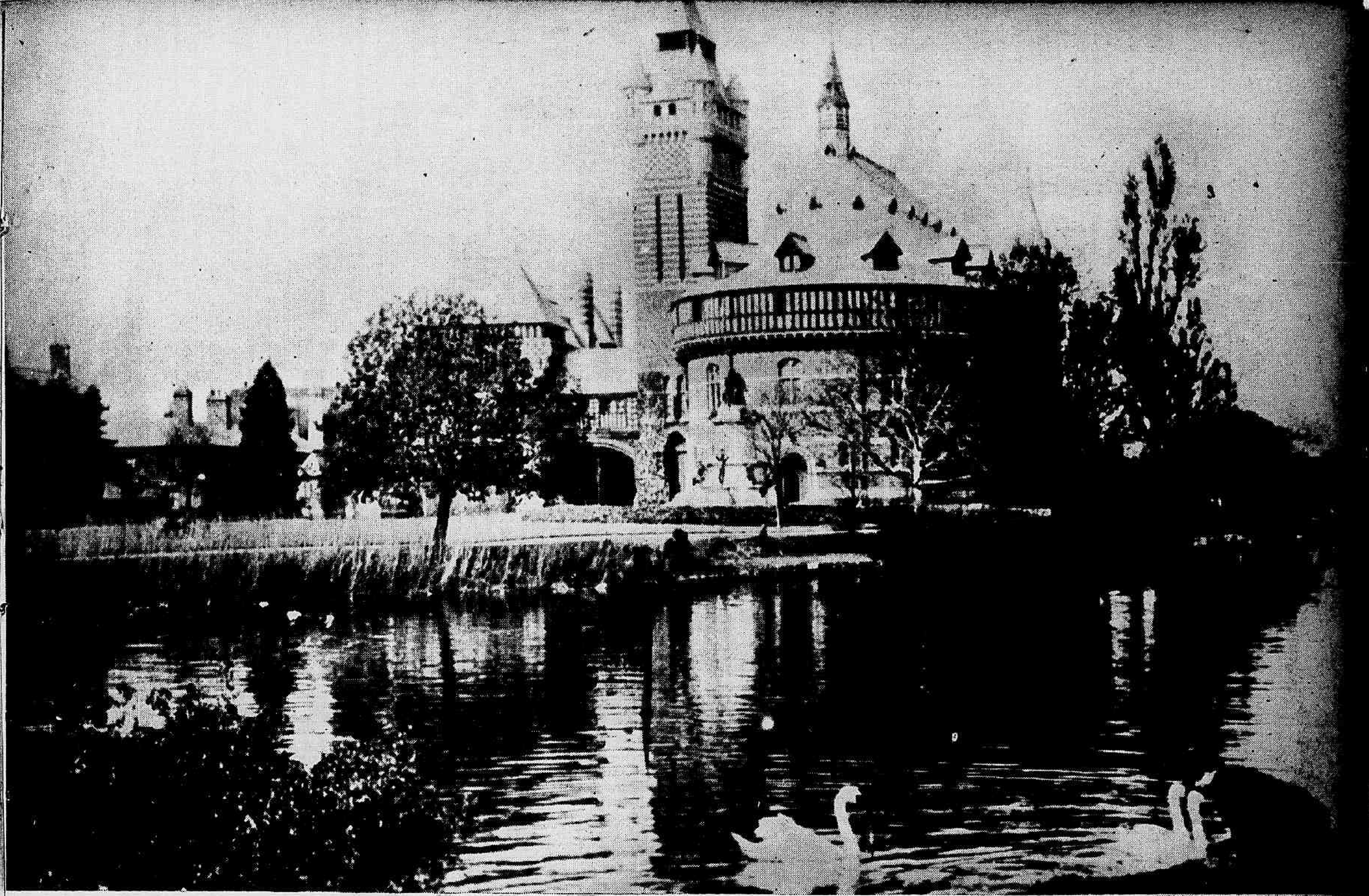








M. Queiroz



"MEMORIAL THEATRE"

À margem do rio Avon, levanta-se o histórico e majestoso "Memorial Theatre". Ali o culto a Shakespeare toma forma concreta; suas peças mais famosas anualmente desfilam para os espectadores que chegam do mundo inteiro, ávidos de conhecer, mais de perto, o berço do dramaturgo e poeta. O culto a Shakespeare, longe de arrefecer, cresce de intensidade geração após geração

STRATFORD

BERÇO NATAL DE SHAKESPEARE

ORLANDO BEGHELLI  (Exclusivo para a REVISTA DA SEMANA)

CRÊ-SE que jamais um turista foi à Inglaterra sem deixar de ir a Stratford-upon-Avon, o berço natal de William Shakespeare, Stratford sendo uma pequena cidade e Avon o rio a cujas margens ela se ergueu.

Não estávamos em Oxford na condição de turistas, mas ainda assim, em um domingo chuvoso, tiraram-nos de entre os salões da Universidade e levaram-nos em ônibus para longe dos conferencistas que nos prendiam horas inteiras ao curso de especialização que ali fôramos fazer. Foi assim que chegamos à terra de Shakespeare, depois de cortar mansamente, no velho estilo britânico de que não há pressa, campos e vilas, tomando um contacto mais íntimo com o interior dessa inimitável Inglaterra, da qual apenas conhecíamos os casarões londrinos e os austeros paredões de Oxford.

Stratford é realmente uma cidade encantadora, com suas casas lembrando épocas que se foram, seus jardins silenciosos, em cuja relva o turista cansado se deita nos dias de sol, e as margens ajardinadas do seu rio formando contornos graciosos; cidade tipicamente de turistas, que lotam seus hotéis e formam alegres bandos a cruzar as ruas, ora entrando em uma das históricas casas que formam os pontos de interêsse da cidade, ora se quedando de admiração ante um prédio que parece que vai desabar mas que o guia explica como um remanescente da época Tudor, com alguns bons séculos nos alicerces e apto a durar mais alguns outros. Em Stratford é assim, como em tôda a Inglaterra: os séculos desfilam ante os olhos do estrangeiro e não lhe é difícil encontrar obra de cada século em cada esquina. A vitalidade dêsse país deixa estonteado aquêle que conhece pouco de seu passado de lutas.

Em Stratford nasceu William Shakespeare e cada casa ligada à vida do poeta e de sua família é hoje um ponto de atração, administrado por um consórcio organizado, que preserva as propriedades e mantém intensa atividade, tôda ela girando em tôrno da vida de Shakespeare e de sua obra. Anualmente, milhares de visitantes acorrem à cidade e mediante pequena contribuição têm acesso às casas controladas pelo consórcio, conservadas ainda hoje como na época em que lá viveram seus habitantes ilustres. Lá dentro,



CENÁRIO

Assim é Stratford, o mais belo cenário para os poemas de William Shakespeare, e onde sua memória é cultivada com o respeito e veneração de quem sabe venerar as figuras imortais



PANTHEON

Aqui repousa Shakespeare, sob o pêso de sete séculos da igreja paroquial. Tôda a atmosfera dêste lugar vive impregnada de sua obra: Hamlet, Rei Lehar, Romeu e Julieta...

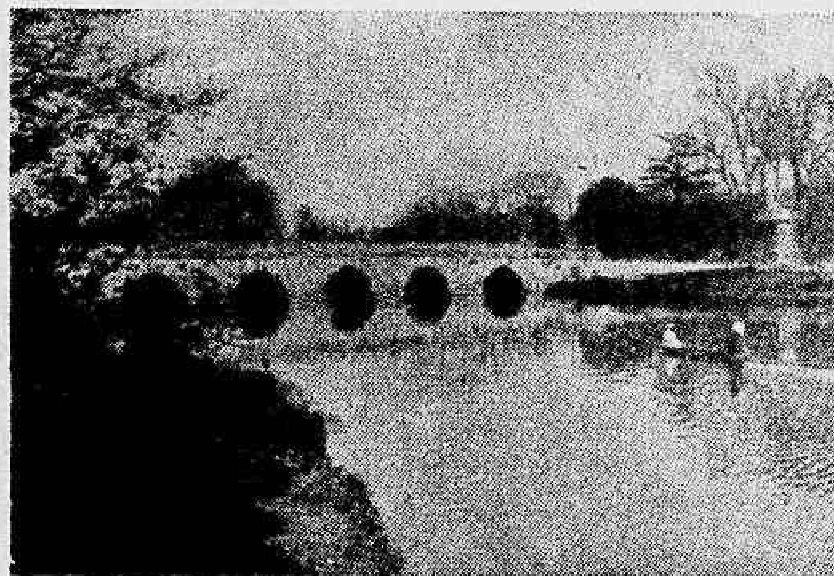


ORIGEM

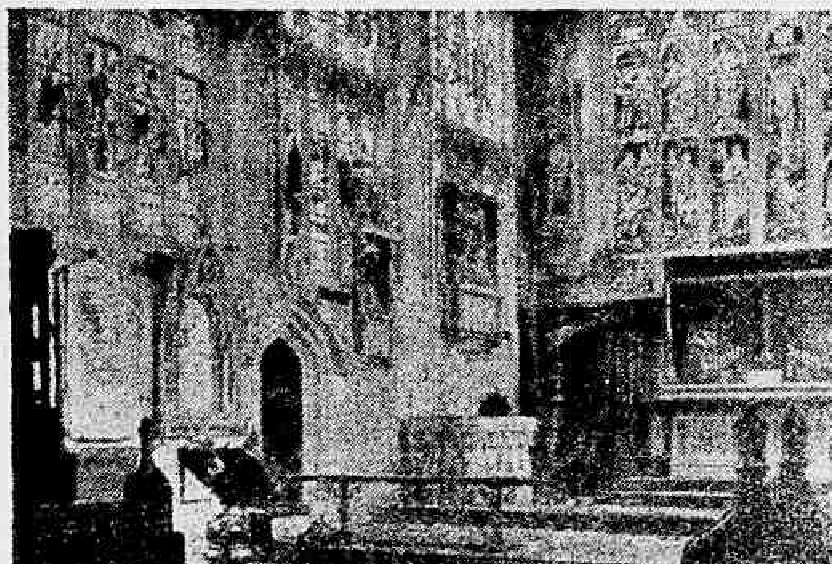
Nesta casa nasceu William Shakespeare. Nos seus cômodos estreitos sente-se ainda hoje a presença do poeta e no jardim vêem-se flores mencionadas em seus poemas. Tudo é conservado com estrita fidelidade, procurando manter o mais possível o "clima" do homem cuja memória sabe resistir à ação dos séculos, e onde centenas de autores modernos vão beber nova inspiração

um extranho mundo aguarda o visitante; o pêso dos séculos que ali se acumulam parece sufocar-lhe e nos cômodos baixos e pequenos, onde a luz do dia se infiltra preguiçosamente pelas janelas apertadas, surge-lhe aos olhos a vida do século 15, uma vida que êle conhece por descrição mas que jamais pôde ter em suas mãos, real, palpitante, existindo ainda naqueles bancos rústicos ou nas enormes panelas, como dentro daquelas quatro casas que tanto privaram da intimidade de William Shakespeare e de sua família: a casa onde nasceu o poeta, no dia 23 de abril de 1564; a casa que em 1579 o poeta comprou para residir e na qual morreu em 1616, com 53 anos de idade, que está junto à casa de Thomas Nash, casado com Elizabeth, neta do poeta, conservada agora como um museu de história local e relíquias de Shakespeare; a casa onde viveu em solteira Anne Hathway, esposa do poeta ainda hoje conservada como na época, magnificamente situada em meio a lindo jardim; e finalmente a casa de Mary Arden, progenitora do poeta, distante 3 milhas de Stratford, um raro exemplo de granja da época Tudor, ao lado da qual são ainda vistos os celeiros, o pombal e outros edifícios típicos que compunham a fazenda.

Sem dúvida, em meio a êsses locais históricos, que os visitantes admiram em silêncio quase religioso, sobressai o berço natal, a interessante casa de Henley Street, no centro de Stratford. Primeiro ponto da peregrinação do turista e realmente o máximo de respeito e admiração. No jardim, ao lado da casa, árvores, arbustos e flôres mencionadas nos poemas de Shakerpeare. Na casa, entra-se por uma porta e sái-se por outra. Um movimento constante de turistas e um silêncio profundo, só quebrado pelas vozes cantadas dos guias, que vão fazendo desfilar para os ouvintes quadros da época do poeta. Entre aquelas paredes parece que se sente a presença de Shakespeare, lembrado a todo instante por relíquias de incalculável preciosidade. Vive-se ali a vida daquele século distante. O chão de terra batida, a escada de madeira que dá acesso ao pavimento superior, onde alguns



Cinco séculos não conseguiram destruir a ponte Clopton (ao alto). Longas noites passou aqui o poeta a contemplar o luar. Em baixo — Aqui foi batizado e sepultado o autor de "Hamlet". Ao fundo, seu túmulo



buracos pequenos lembram ao turista a conveniência de abrir bem os olhos ao se transportar para a época do poeta. Jornais do século e manuscritos de Shakespeare enchem mostruários envidraçados e na semi obscuridade das pequenas salas, o turista pouco pode ler na letra daquele que hoje é uma glória de todos os povos; em baixo, em cômodo estreito, uma interessante relíquia, dessas que mostram os gênios iguais a todos os mortais: uma viga de madeira, enterrada no solo, à qual se acha prêso um rústico aparelho em forma de arco, que, empurrado, gira em contínuas voltas em tôrno do eixo de madeira, parecendo ter servido para ajudar ao "little" William a encher suas horas de lazer, enquanto esperava o momento em que deveria deslumbrar o mundo com o "Hamlet".

À porta de um cômodo, o braço do guia apontou solenemente para o interior: "Neste quarto nasceu Shakespeare!" Silêncio profundo entre os visitantes. Ao nosso lado, uma senhora de Buenos Aires ergueu nos braços a filhinha, fazendo-a olhar por cima das cabeças dos que enchiam a porta. Shakespeare pertence a todos os povos e a tôdas as idades.

★

Nosso guia, protegido por enorme guarda-chuva, leva-nos a percorrer o centro de Stratford, onde se encontram todos os pontos obrigatórios da peregrinação do turista, à exceção das casas de Mary Arden e Anne Hathway, mãe e esposa do poeta, distantes algumas milhas. Stratford, em verdade, não vai além do centro; umas poucas ruas que se cruzam, uma lembrança de Shakespeare em cada rua, alguns séculos que espiam os visitantes do cume da tôrre da igreja paroquial, Holy Trinity Church, em que se pode ver o túmulo do poeta, os registros de seu batismo e enterramento e as lápides dos túmulos de Anne Hathway, Susannah Shakespeare e John Hall, genro de William Shakespeare. — Século treze! — sussurrou o guia apontando a igreja, erguida às margens do rio Avon. Um ca-

lafrio percorreu-nos a espinha. "Grande e imortal Inglaterra", sentenciou um italiano. Lá dentro, bandeiras de gloriosas batalhas, em farrapos, como se tivessem acabado de chegar da luta. Em meio aos símbolos dos feitos heróicos de seus irmãos repousa aquêle que é o próprio símbolo da imortalidade da Inglaterra.

Bem junto ao Shakespeare Hotel, no qual desde o nome até uma velha bandeja usada pelo poeta e que o gerente fêz dependurar sôbre a lareira, na sala de refeições, tudo lembra ao forasteiro o culto ao gênio de Stratford, está a Grammar School, em que se acredita tenha sido educado o poeta e na qual viu êle seu primeiro trabalho teatral representado.

— Fundada em 1291 — disse o guia, mas não nos disse se o casarão também tem essa idade fabulosa. A chuva fustigava-lhe o rosto vermelho e apressou-se a concluir a tarefa, apontando-nos a casa onde viveu, em solteira, Katherine Harvard, mãe de John Harvard, fundador da famosa universidade americana, que desde 1909 é a proprietária da mansão, graças à doação que lhe fêz Mr. Edward Morris, que a comprou por sugestão da novelista Marie Corelli.

Entretanto, não são apenas êsses os pontos de interêsse da encantadora cidade. Misturando-se em seu grau de importância e recebendo indiscriminadamente as interjeições de admiração dos visitantes, relíquias da época de Shakespeare e obras que antecederam ao poeta, espalham-se pela cidade, onde às vezes a mão do operário do século vinte aparece, em um jardim ou uma estátua. Uma galeria de arte extasia o visitante com gravuras da história do teatro, e dos trabalhos de Shakespeare, uma ponte espantosamente resistente à ação dos séculos que se lhe acumulam, atravessa o rio Avon e o poeta, impressionante Shakespeare de bronze, contempla do alto de enorme pedestal, à entrada da cidade, o mundo que o reverencia.



Casa onde viveu a mãe do fundador da Universidade de Harvard, hoje pertencente à Universidade. Já resistiu quatrocentos anos e todos esperam que atravesse mais quatro séculos com a mesma imponência

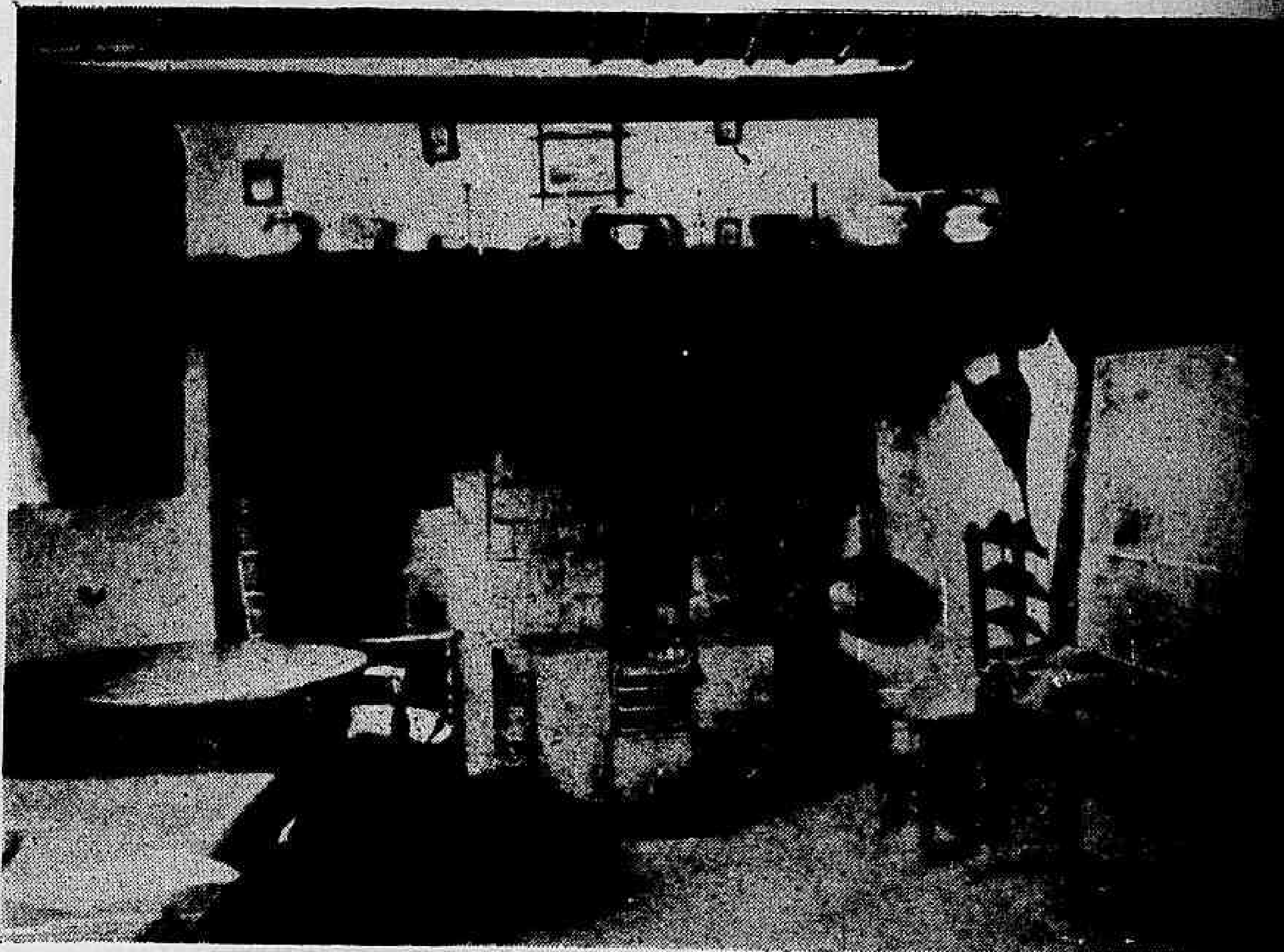
Stratford é Shakespeare. Cidade alguma do mundo jamais reverenciou a memória de um filho ilustre como essa linda cidade inglesa. Ali, tudo é lembrança do autor de Otelo. Anualmente, seu famoso "Memorial Theatre", magnífica construção à margem do rio, encena as peças do poeta e cursos de teatro e literatura são mantidos para estudantes ingleses e estrangeiros. Forasteiros de tôdas as partes do mundo tocam seu seio e seus vinte e cinco hotéis e inúmeras pensões constantemente se lotam de viajantes que vão prestar ao poeta a homenagem de sua visita e que em Stratford se alojam para percorrer com vagar os vários centros turísticos que lhe são vizinhos, como Coventry, a histórica cidade que a sanha nazista destruiu, ou Worcester, onde se ergue a famosa catedral, ou Sulgrave Manor, onde viveram ancestrais de George Washington, ponto obrigatório de visita para o turista norte-americano.

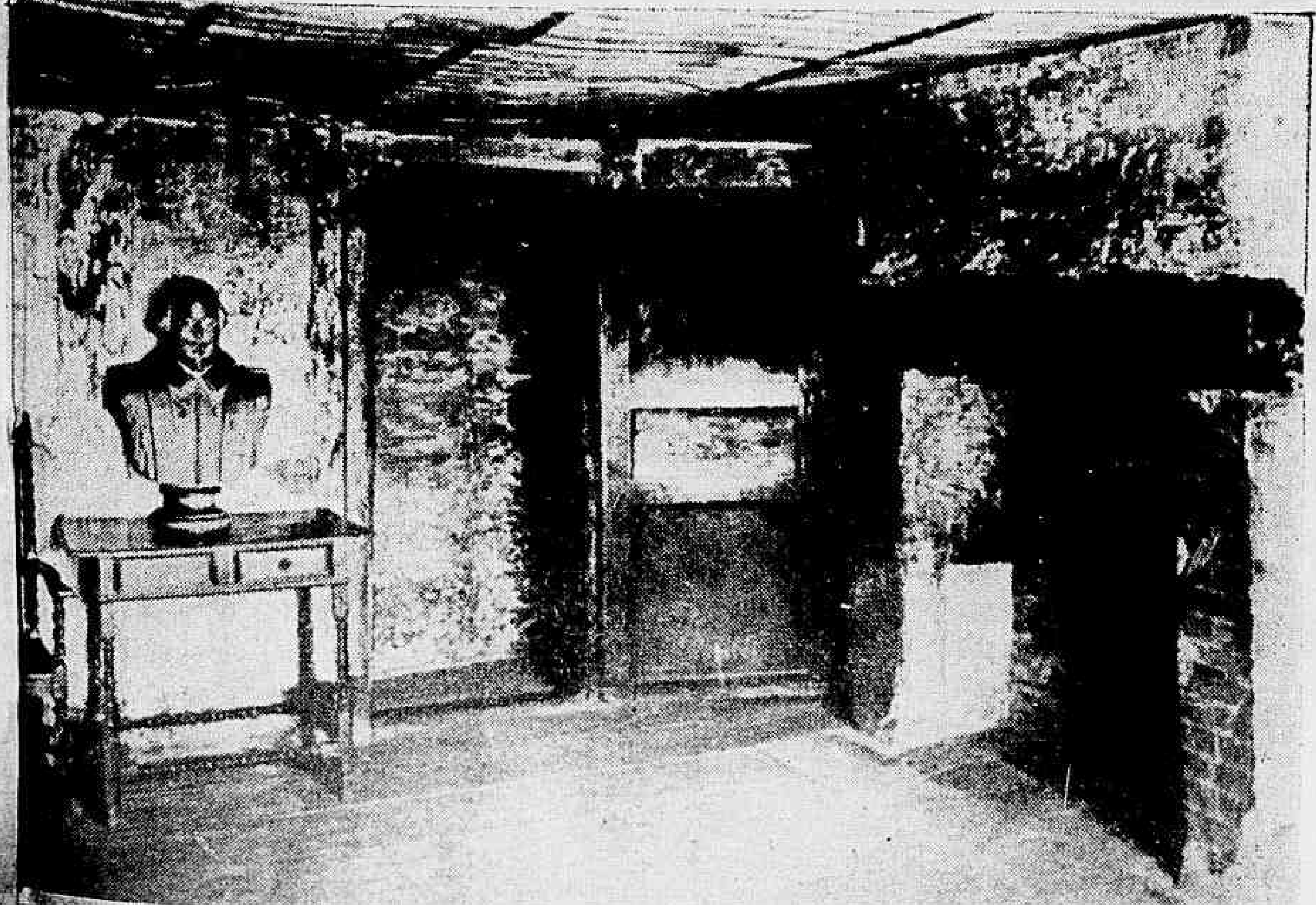
A homenagem do forasteiro ao poeta é uma tradição, como tradição que jamais morrerá é o culto do Inglaterra ao seu filho querido, que de ano para ano sempre mais reverenciado no mundo inteiro, deixa de ser apenas uma honra para Stratford-upon-Avon e uma glória para a Inglaterra, para ir se convertendo em um dos mais preciosos monumentos do gênio do homem, filho de todos os países e santo do altar de todos os corações.

EVOCAÇÃO

Em baixo, da esquerda para a direita — Berço do amor do poeta. Anne Hathaway viveu entre florões. Aqui Shakespeare encontrou a que seria sua espôsa. — Tudo como há cinco séculos no interior da casa de Anne Hathaway: a louça, o banco de madeira, até a mesma almofada. — Aqui o turista cerra os olhos e o guia explica: "Neste quarto nasceu Shakespeare, no dia 23 de abril de 1564". — Grammar School, onde se acredita ter sido educado o poeta e onde foi representada sua primeira peça. Ao lado o Shakespeare Hotel









A Chave

Conto de
FERENC MOLNAR

Ilustração de
JERONYMO RIBEIRO

(Salão muito modesto. Quase noite. Os convidados saíram. Restam apenas a dona da casa e sua melhor amiga. As duas fazem confidências mútuas, em voz baixa, tomando a última xícara de chá).

A AMIGA — E' a coisa mais extraordinária que já me aconteceu. Você não vai acreditar.

A DONA DA CASA — Acredito, sim.

A AMIGA — Mas, eu preciso contar a alguém. E um homem não compreenderia.

A DONA DA CASA — Continui.

A AMIGA — Aconteceu quarta-feira passada. Mas, se você não estiver preparada para acreditar no que vou dizer, não adianta...

A DONA DA CASA — Mas, eu acreditarei em você.

A AMIGA — Bem, às sete e um quarto, na quarta-feira passada, cheguei em casa e para grande surprêsa minha encontrei meu marido. Êle nunca está em casa antes das oito e meia, mas ali estava êle sentado na sala de jantar, lendo um jornal. Dei-lhe um beijo, êle me beijou, como fazemos sempre e abri minha bolsa, procurando um lenço. O fato de meu marido ter chegado em casa antes de mim me aborreceu um bocado e me fêz esquecer as precauções que eu deveria ter, pois ao tirar o lenço da bôlsa caiu uma chave no chão.

A DONA DA CASA — Sim.

A AMIGA — Foi justamente o que meu marido disse.

A DONA DA CASA — O quê?

A AMIGA — "Sim". Sem razão aparente êle disse "Sim". Eu corei. Quando eu deixo cair alguma coisa espero que meu marido apanhe. E um gesto delicado que êle tem tão naturalmente que por nada neste mundo eu pensaria em impedi-lo. No entanto, dessa vez cometi o êrro imperdoável de apanhar a chave. Sem dúvida, eu estava perturbada. O fato de o encontrar em casa me surpreendera; deixar cair a chave me atrapalhou ainda mais; e quando êle disse "Sim" liquidou comigo. Eu tinha plena certeza de que lhe despertara as suspeitas e que alguma coisa terrível ia acontecer.

A DONA DA CASA — E aconteceu?

A AMIGA — Sim. Meu marido sorriu. Um sorriso desagradável. Não disse nada; apenas ficou olhando para mim. Eu devia ter uma aparência muito culpada, pois cometi o êrro de ficar também calada. Então, depois do que me pareceu um silêncio interminável, êle perguntou em voz baixa e cortante: "Que chave é essa?"

A DONA DA CASA — Que horror!

A AMIGA — "Que chave é essa". Imagine só! Se ao menos fôsse uma chave comum... Mas, não era. A chave brilhava, não como brilha uma chave que é velha e muito usada. O brilho era espetacular, cintilante, com o sinal de lima e do polimento... em suma era reluzentemente, evidentemente nova. Ora, há qualquer coisa de tranquilizador, qualquer coisa que inspira confiança numa chave velha. Uma chave velha é um amigo velho. Quando a olhamos demoradamente e pensamos nas lembranças que ela nos traz, quase nos parece uma coisa viva. Mas aquela chave nova, tão ameaçadora, tão estranha, com seus antecedentes tão claramente limitados a uma fechadura vulgar, com suas lembranças...

A DONA DA CASA — Conta-me o que se passou.

A AMIGA — Êle disse: — "Que chave é essa?". E eu compreendi que chegara o momento crítico de minha vida e que, qualquer que fôsse minha resposta, eu estava perdida. E' curioso, mas você sabe, qual foi a primeira coisa que me passou pela cabeça? Uma pilhéria sem graça que eu ouvira quando era garôta. O marido pergunta à mulher, que acaba de chegar do apartamento do amante: "Onde você estava, querida?". Ela responde: "Com meu amante, querido". E o marido sorri e diz com ar conselheiro: "Não faça isso, meu anjo". Ocorreu-me dizer a meu marido: "Esta é a chave do apartamento de meu amante". Mas, na mesma hora tive a certeza de que não teria coragem para levar a coisa no necessário tom de troça e de despreocupação. Não, dei-me por perdida. Completamente. Não podia descobrir uma saída. Na milésima parte de um segundo vivi tôdas as angústias de ser descoberta. Estava tudo acabado entre mim e meu marido. Pela primeira vez fiquei satisfeita por não têrmos filhos. Eu estava ali, perfeitamente alheia a êle, expulsa, desonrada, sem amigos, sòzinha.

A DONA DA CASA — E então?

A AMIGA — E... veja que criaturas nós, mulheres, somos de fato... repentinamente fiquei calma e rija. Uma paz mortal pareceu cair sôbre mim. Se meu marido fôsse inteligente teria lido no meu rosto. E porque eu disse aquilo... como cheguei a pensar naquilo não saberei dizer-lhe... mas... fiquei estatelada ao ouvir minha própria voz dizendo: "Esta chave? Ora, é a chave da sala de jantar".

A DONA DA CASA — Da sala de jantar?

A AMIGA — Da sala de jantar. Eu poderia ter dito que era a chave da cozinha, da sala de estar, ou de qualquer outra sala. Mas não disse. Alguma loucura e sangue frio me fêz dizer que era a chave da sala de jantar. Depois baixei a cabeça e esperei que a tempestade desabasse em cima de mim. Porém não desabou.

A DONA DA CASA — Que aconteceu?

A AMIGA — "Da sala de jantar?" — repetiu meu marido. "Sim" — respondi. — A chave velha se perdeu e mandei fazer uma nova". Êle tirou a chave da minha mão e marchou diretamente para a porta da sala de jantar. Nossa sala de jantar, como você sabe, tem duas portas. Uma dá para a copa, a outra para o hall. Êle marchou primeiro para a porta da copa e experimentou a chave na fechadura. Não deu. Olhou para mim. Eu encolhi os ombros. Êle foi para a outra porta. A porta que dá para o hall. Meteu a chave na fechadura. Um calafrio correu-me pela espinha... Mas a chave entrou... entrou... deu volta no trinco... rangeu tão docemente como se não tivesse sido feita para abrir nenhuma outra porta.

A DONA DA CASA — Como foi isso?

A AMIGA — Yvette Guilbert canta uma canção a respeito justamente dum milagre dêstes. Um milagre que vem da divina misericórdia da Madona, que tem compaixão de uma espôsa pecadora e no último momento faz o milagre de salvá-la do castigo e de lhe pôr os passos de novo no caminho da retidão. Chame isso de milagre ou de extraordinária coincidência. O fato é que aconteceu.

A DONA DA CASA — Espantoso! E depois que se passou?

A AMIGA — Pensei que você pudesse imaginar o resto. A primeira parte de minha história era mística, miraculosa, incrível. Mas o resto qualquer mulher pode perceber. Fiquei, naturalmente, indignada. Arqueei as sobrancelhas e disse, na minha maneira mais desdenhosa: "Realmente, suas suspeitas são muito degradantes!"... Nunca, nunca êle saberá como eu tinha ficado aterrada. Na sua maneira de pensar como homem, êle tirará, creio eu, uma ponderosa lição moral do espisódio. Que um homem nunca deve deixar uma mulher saber que desconfia dela, enquanto não tem nas mãos a prova de sua culpa. Porém, êle nunca saberá como teve perto da mão a prova naquela quarta-feira.

A DONA DA CASA — Que foi que êle fêz depois?

A AMIGA — Fomos jantar. Cada um aborrecido com o outro. E falamos de outras coisas... Foi sòmente muito depois, quando fiquei sòzinha, que senti o pêso de tudo aquilo. Foi um choque cruel para meu sistema nervoso.

A DONA DA CASA — Você se saiu com muita sorte. Espero que seja...

A AMIGA — Uma lição para mim?

A DONA DA CASA — Sim.

(Cont. na pág. 74)







NEVE

Paisagem hibernal da Suíça, terra onde o ski é praticado até por quem nunca pensou dedicar-se a êsse desporto. Tudo é neve e as montanhas variam de altitude, dos 800 aos 4.500 metros. Ali se encontram muitas escolas para skiadores, procedentes de todos os países

AS ESCOLAS SUIÇAS DE SKI

ONDE SE APRENDE A SALTAR DE 70 METROS DE ALTURA ★ SKIADORES QUE MESES ANTES NÃO PENSAVAM, SEQUER, EM MANTER O EQUILÍBRIO ★ SOL E NEVE, REJUVENESCIMENTO CERTO E APETITE DEVORADOR ★ O MILAGRE DA MONTANHA

Por CHS. JEAN (Para a REVISTA DA SEMANA)

A não ser que se ambicione um título de campeão, em qualquer idade se pode aprender a fazer, e se pode fazer, muito naturalmente, o ski. Êste desporto não é o privilégio dos jovens, pois o podem praticar, também, pessoas de idade. O grau de perfeição depende ùnicamente dum treino metódico, estando êsse treino ao alcance de tôda a gente. Evidentemente, a gente nova tem tendência para redobrar as suas audácias e consegue, mais fàcilmente, a virtuosidade para atingir o máximo de emoções e para sentir a embriaguez da velocidade, nas descidas pelas encostas íngremes. Com a idade, os jovens de agora, se tornarão, no entanto, e pouco a pouco, skiadores moderados e prudentes.

As montanhas suiças têm uma variedade incalculável e incomparável de terrenos para fazer ski — desde as encostas muito suaves até ás quase verticais. Podem essas montanhas, portanto, oferecer a cada um de nós, conforme as nossas habilitações, a pista que nos convém. Também, seja quem fôr poderá praticar ski onde mais à vontade se sinta. Os principiantes contentar-se-ão, naturalmente, com os terrenos de treino, de encostas fáceis. Os mais adiantados em conhecimentos já farão excursões. E os campeões, êsses, irão aos cumes das montanhas e dêles descerão a velocidade de aerólitos! E como todos estão no seu elemento, e em convívio com os seus semelhantes, não se incomodam entre si e não incomodam ninguém.

De resto, as estações suiças de desportos de Inverno, tôdas elas dispõem de Escolas de ski, para, em várias classes, o ensinarem. Os seus programas, baseados numa larga experiência dêsse ensino, são elaborados por professôres competentes, e inteiramente à disposição dos turistas.

Os métodos são tão bem elaborados, adotados e praticados, que todos, absolutamente todos os alunos, no fim dos cursos, sabem servir-se dos seus skis à perfeição.

Desde que se criaram as Escolas suiças de ski foram turistas aos milhares e milhares, inverno após inverno, procurar neste país as vantagens do método unficado e racional, cuja técnica aperfeiçoada está ao alcance de todos, sem distinções de sexos ou de idades. Depois de executados os exercícios preliminares e de bem distendidos os músculos, tôdas as articulações passam a trabalhar harmoniosamente, e a permitir, com facilidade, a execução de exercícios que o principiante nunca teria julgado possível fazer. E a boa dispo-



O MAIS MODERNO MEIO DE LOCOMOÇÃO PARA A SUBIDA: A "CADEIRA-TELEFÉRICA"

sição de espírito, o sol alpino e a neve deslumbrante encarregam-se, por fim, do resto!

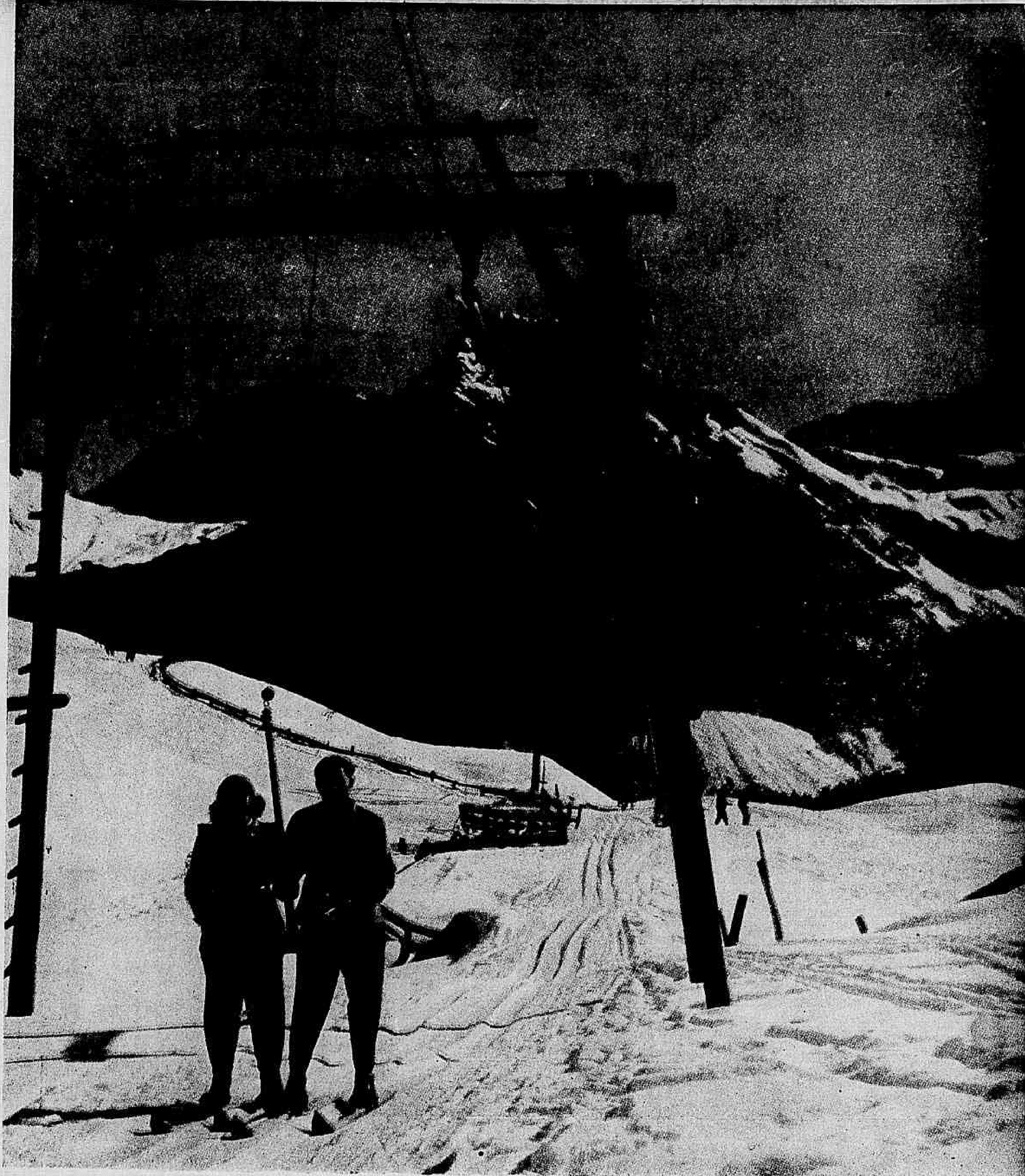
Graças à configuração do solo, a Suiça, com os seus mil vales e diferenças de altitude, que vão de 800 a 4.500 metros, é o "Eldorado" dos desportistas ávidos de corridas de velocidade. O skiador só tem embaraço da escolha, para poder precipitar-se, quase em linha reta, dum alto cume ao plaino dum vale, ou para praticar o "slalom", essa maravilhosa disciplina do ski, onde a flexibilidade tem de estar aliada à qualidades físicas excepcionais, quando se pretende atingir a perfeição.

O ski atingiu tal popularidade na Suiça, que os desportistas e os iniciados nesse desporto procuram aproveitar cada fim de semana, cada dia livre e mesmo algumas horas diárias de que podem dispor para gozar ao máximo os seus prazeres. Como a vida trepidante das cidades modernas tem as suas exigências, facilitou-se o acesso aos campos de ski, pondo à disposição do homem apressado, de hoje, os meios que lhe permitam chegar ràpidamente aos altos das montanhas. E assim construiram-se os "ski-lifts", os trenós movidos elètricamente ("funi-luges"), os teleféricos, que levam o skiador, ràpidamente e sem esfôrço, ao ponto de partida das suas excursões ou exercícios, evitando-lhe a fadiga de subidas.

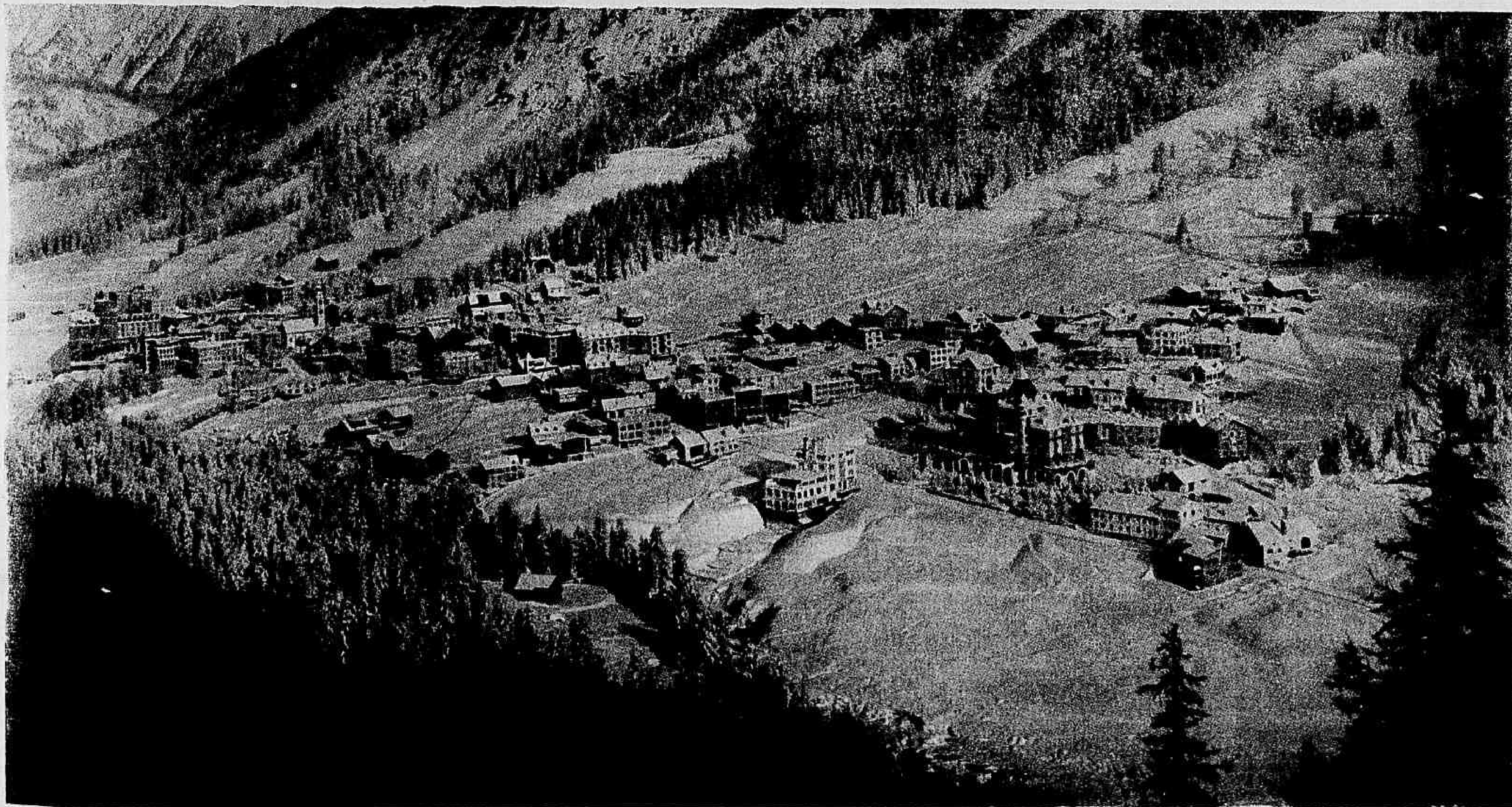
Dêsse modo se ganha tempo, se pode aumentar o número de descidas e se economizam fôrças. Existem, no entanto, desportistas da velha guarda que desprezam tais engenhos e consideram o esfôrço físico como indispensável para se ter a categoria de bom skiador. Não podem acostumar-se à idéia de utilizar outro meio de locomoção que não seja o das próprias pernas, para escalar as encostas antes de as descer! E como, na Suiça, cada qual é livre...

Imagine-se um skiador aproximando-se com fabulosa velocidade dum trampolim, para saltar, e imagine-se que salta, indo aterrar 70 metros mais longe, numa pista de neve, e ter-se-ão idéias, ainda que vagas, da temeridade, do treino e da perfeição física que essa exibição — talvez uma das mais espetaculares de todos os desportos de inverno — exige dum desportista. Pois quase tôdas as estações de desportos de inverno na Suiça possuem um trampolim de salto, que está à disposição dos amantes dêste desporto.

Não há médico algum de competência, em todo o mundo, que não reconheça, sem reservas, o valor terapêutico do clima alpino no inverno, e que não recomende aos seus doentes uma es-



SOL... AR LIVRE...
Os efeitos curativos do sol das montanhas e do ar forte e sêco do clima alpino são elementos novos da medicina. Êste casal prepara-se para uma descida espetacular numa deslumbrante pista de neve



PONTRESINA
Parece a "maquette" de uma futura construção; na realidade, é a vista autêntica de Pontresina, uma das mais conhecidas estações suíças de inverno. Hotéis e vivendas particulares, estabelecimentos para curas de repouso, tudo se encontra em profusão, na Suiça



BONITO!

Salto espetacular de trampolim. Se o desportista não cair... poderá fazer uma linda aterrissagem a setenta metros de distância. Nervos controlados, pernas firmes, corpo dobrado... e lá vai êle...



O "SLALOM"

Esta é uma das mais difíceis disciplinas do ski. Os exercícios têm de multiplicar-se até a dama ou cavalheiro ganharem treino

tada nas montanhas, facilitando-lhes, dessa maneira, meios de recuperarem a saúde e de conhecerem e saborear a alegria de viver.

Os efeitos curativos do sol das altitudes e do ar forte e sêco do clima alpino, por demais têm sido reconhecidos como excelentes e preciosos auxiliares da medicina. São elementos novos e infalíveis de que, na realidade, os médicos, atualmente, se servem para acelerar a cura dos seus doentes e para conservar a saúde das pessoas que a têm.

A 1.000, 1.500 e 1.800 metros de altitude sentimo-nos rejuvenescer! As pequenas indisposições, que tanto nos aborreciam na cidade, desaparecem como por encanto. Volta-nos o apetite. A nossa capacidade física aumenta e, com ela, o desejo de nos expandirmos, de viver, cresce também. As múltiplas vicissitudes da nossa vida diária, as nossas preocupações, em breve as pomos de parte e as vemos, como o fumo, desvanecer-se no espaço. Respiramos profundamente. Rimo-nos. Divertimo-nos. Sentimo-nos outros, sob os raios ardentes do sol que, em poucos dias, nos crestam a pele. O organismo refaz-se. A saúde está reforçada...

Fêz-se o milagre da Alta Montanha!



APRENDIZAGEM

Escola suíça de ski no campo de exercícios de Flims. Êles tentam os primeiros passos, buscando o equilíbrio imprescindível para alcançar o objetivo. Ao fundo uma paisagem que mais parece cartão-postal ou cenário cinematográfico. Tudo, afinal, impressionante!



A CASA DAS NOVIDADES
cumprimenta sua distinta
clientela, desejando-lhe
FELIZ NATAL e
PRÓSPERO ANO NOVO
1949 1950





IMPORTAÇÃO DIRETA
PADRÕES EXCLUSIVOS



AV. N. S. DE COPACABANA N.º 611
TELEFONES 37-7122 E 37-7088



"LA VOIX HUMAINE"

Morineau foi a São Paulo especialmente para inaugurar o Teatro Brasileiro de Comédia. Ela aqui está vivendo a intérprete única da famosa peça de Jean Cocteau, na cena do telefone. Notem a sua expressão de angústia. Mas a artista, que agora se encontra no Sul, declara não ter a necessária compensação material com o seu trabalho, representando apenas por idealismo. Sem lucro certo

COMO E' DIFICIL FAZER TEATRO NO BRASIL!

O impossível também acontece ★ Em S. Paulo, capitalistas financiam um teatro sem visar lucro ★ Quem ganha? Os donos das casas de espetáculos ★ Ninguém conta com auxílio oficial, porque êle não resolve

De PAULO FABIO

NESTA nossa terra brasileira tudo é possível. Até milagres acontecem, como êste, cuja notícia nos chega de São Paulo. Na terra do café, um grupo de capitalistas se reuniu. Não, leitor, não discutiram problemas do câmbio-negro nem nasceu nenhum novo tubarão. Cogitaram de fundar um teatro permanente, sem visar lucro. Aí é que está o milagre: trabalhar sem lucro, só por divertimento e amor à arte.

O grupo começou a série de loucuras adquirindo um prédio próprio, de quatro andares. Não satisfeitos, os idealistas contrataram Ruggero Jacobbi, famoso diretor de cena, e Adolfo Celi, ensaiador de mérito. E, como se isso não bastasse, obtiveram ainda o concurso, com exclusividade, de um rapaz que se celebrizou, no Rio, com um só papel: Sérgio Cardoso, criador do "Hamlet" entre nós.

Esse teatro dispõe apenas de trezentos lugares, a 35 cruzeiros cada. Só tem localidades de uma classe única: poltronas. As indicadoras são moças apresentáveis, em vez de marmanjos.

Como conseguem isso?

Com o dinheiro e o idealismo que possuem. Os encabeçadores da idéia são muitos: Abílio Pereira de Almeida, ator e autor, que o Rio conhece, é um dêles. Os outros são Francisco Matarazzo Sobrinho, tam-



"NICK BAR"

Outra encenação do já famoso teatro da rua Major Diogo. Em "Nick Bar", êsse quadro à esquerda provocou muitas controvérsias. A que escola obedece? À cubista, dadaísta ou bobista? E' o que Nonnenberg parece indagar ao público. O quadro, entretanto, deu sorte e a peça ficou em cartaz muitas semanas. O teatro dos idealistas é o que está dando a nota, êste ano, ali na capital bandeirante



"ARSENICO E ALFAZEMA"

Teddy Roosevelt foi encarnado pelo bacharel Rui Afonso Machado, na peça norte-americana. Era um paranóico que se julgava o ex-presidente dos Estados Unidos. Com êsse trombone, êle enchia o palco de barulho



"ANTES DO CAFÉ"

Um monólogo de O'Neill, que dura 20 minutos, foi uma interpretação magistral da Nicol. A platéia fica em suspenso até quando a artista depara com o cadáver de Alfredo, ente invisível que acaba de se suicidar



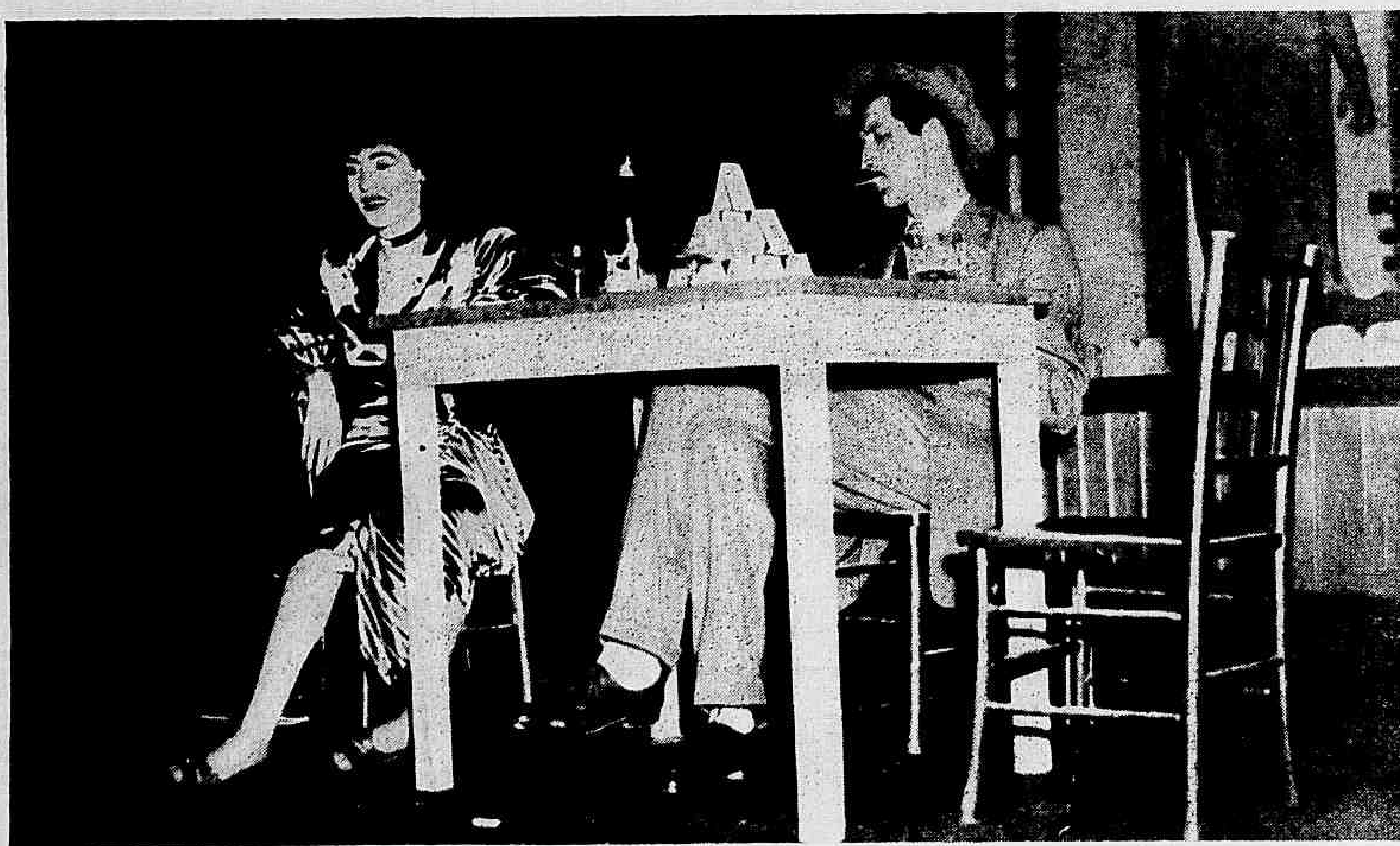
"L'AMOUR, TOUJOURS L'AMOUR..."

O amor aos vinte anos é uma coisa muito séria. Nem o vendedor de cigarros escapa à sua sedução. Ela, um "brotinho" em flor, Elisabeth Henreid; êle, Gus Haroldo Gregori, que o Rio já conhece. Ambos moços e cheios de entusiasmo, representando a nova geração de artistas dramáticos em formação nos meios artísticos de S. Paulo



"INGENUIDADE"

Isso é beijo ou saca-rôlha? Os artistas beijam realmente, como se faz (às vêzes) na vida real. No entanto a peça chama-se "Ingenuidade", ora vejam só! O galã que não usa ligas é Maurício Barroso, outro valor da geração nova. Foi do rádio carioca, encontrando no palco do revolucionário teatro bandeirante sua ambicionada "chance"



CASTELO DE CARTAS

Um que foi do jornalismo para o teatro — Nonnenberg. Dificilmente se verá um ator trabalhando com tanta naturalidade. Êle arma castelos de cartas para Cacilda Becker, que surgiu, no profissionalismo, pela mão de Roulien, há vários anos. Mas a real afirmação de Cacilda só agora veio a registrar-se nessa temporada paulistana

bém diretor do Museu de Arte Moderna, Franco Zampari, engenheiro italiano, o casal Paulo Assunção (Dna. Fifi Assunção e a pintora Noêmia di Cavalcanti fazem também os cenários), Alfredo Mesquita, que tem o micróbio do teatro no corpo, e outros mais.

★

No momento em que escrevemos, os idealistas estréiam "O Mentiroso". São três atos e oito quadros de Carlo Goldoni. A comédia nos apresenta, com riqueza de detalhes, a Veneza romântica e alegre de 1750, numa das maiores montagens já tentadas entre nós.

Bem, êsses homens têm o dinheiro e podem se dar a êsse prazer. Prazer que é, aliás, um presente às pessoas de bom gôsto.

★

E OS PROFISSIONAIS? — O leitor não pense que tudo é mar-de-rosas. Vem agora o problema dos atores profissionais no Brasil. Vivem bem ou mal? Têm problemas econômicos, como qualquer um de nós? Sua vida é folgada, como parece no palco, ou tem também seus dias negros?

Vamos por partes.

O empresário vive de cabelos brancos. Vamos ver por quê.

Há o aluguel do teatro, quase sempre extorsivo. Vai de trinta a cinqüenta por cento sôbre a renda bruta do espetáculo.

Existe a necessidade da propaganda. Verbas para rádio, jornais, revistas, camelots no meio da rua, cartazes, programas distribuídos de graça.

Isso tudo custa dinheiro, exceto os programas, cuja confecção é paga pelos anúncios, quando o comércio está de boa maré.

Há o problema do estrelismo. A atriz X, porque brilhou na peça Y e foi elogiada pelos críticos, já não quer fazer papéis secundários, ainda que dêles possa tirar grande proveito. Ora, fazendo só papéis principais, ela terá de se vestir bem. E vestindo "bem" gasta muito dinheiro. Ela precisará ganhar bons ordenados. Quem paga o pato? O empresário, que terá de satisfazer seus caprichos, e o público, que entrará com mais 10 ou 15 cruzeiros em cada entrada.

★

E quando as companhias teatrais excursionam?

Aí a coisa é pior. As despesas aumentam excessivamente.

E' preciso pagar mais vinte por cento aos artistas, eletricistas, secretário, ensaiador, etc.

Por quê? Porque êles terão despesas de viagem, de alfaiate e de hotel. Para viajar, gasta-se taxi, trem, vapor ou avião. Tudo isso sai caro. Em geral o artista prefere morar num hotel ou pensão perto do teatro em que trabalha, para não perder a hora do ensaio e do espetáculo. Se não conseguir essa facilidade, terá que pagar ainda a condução.

E o alfaiate? Sabe o leitor quanto custa hoje um traje esporte? E um "smoking"? Já pensou em quanto fica um vestido de baile, para a atriz X brilhar na peça de Pirandelo ou de Joraci Camargo?

★

Não, leitor, não pense no auxílio do Govêrno.

Quando Eros Volúsia estava brilhando em Paris, um belo dia recebeu um telegrama do Brasil.

Não era de felicitações nem pedia autógrafos. Era a Prefeitura carioca, que intimava a brilhante criadora do bailado brasileiro a vir reassumir, dentro de oito dias, o seu emprêgo, sob pena de perdê-lo.

Também as subvenções não resolvem.

De que vale dar 200 mil cruzeiros a uma companhia teatral se ela paga

(*Continua na pág. 80*)



"COW-BOY"

Parece um verdadeiro herói do "far-west", à maneira de Buffalo Bill, com o seu chapelão, os seus cabelos inimigos do fígaro e o "cavaignac". Vem a ser uma excelente caracterização de Waldemar Wey, que mostra seu revólver ao colega. O Rio quase não conhecia estas e outras revelações dramáticas surgidas no ano a findar



"PIF-PAF"

Madalena Nicol é sobrinha de um dos candidatos à Presidência da República nas próximas eleições. Contralto consagrado em Genebra e Nova York, fêz-se um dos bons valores do teatro paulista. Abílio de Almeida, advogado, autor e ator, ganhou mais de cinquenta mil cruzeiros com sua peça "Pif-Paf"... e não sabe jogar o "pif-paf"



MARIDO E MULHER preparam-se para festejar o Natal longe dos importunos, sem pensar em filmes e sonhando com um porvir ainda mais feliz: — Tyrone Power e Linda Christians



AVA GARDNER pediu um vestido novo a Papai Noel. Um só? Muitos, para o Ano Santo inteirinho. Êsse, de amostra, vale ser copiado. As rendas estão muito em moda e os encantos pessoais da linda "estrêla" de Hollywood ganham um realce notável, como podemos verificar nesta gravura. Pessoalmente? Muito melhor ainda!



MARION MARSHALL brinca de menina colegial; os livros a tiracolo, a correia pendurada no ombro, a maçã (de respeitáveis proporções) tentando a todos nós, o "shor" um amor! O Natal em companhia de Marion Marshall deve ser duplamente magnífico. Essa maçã vale a consoada inteira!

NATAL EM HOLLYWOOD

SIM, os "astros" e as "estrêlas" tambem mandam mensagens a Papai Noel pedindo um brinquedo de Natal. Apenas, os brinquedos variam de gênero, classe e dimensões: uns preferem estrelar filmes de grande sucesso, outros contentam-se com uma nova "toilette" ou a renovação do contrato por bom salário... Aqui estão alguns dos mais queridos artistas da tela, revelando ao leitor as suas preferências e todos contentes, muito satisfeitos, porque o pedido de um "astro" é uma ordem para o Papai Noel...



GLORIA DE HAVEN mostra suas habilidades e um certo jeitinho para "brincar de teatro". Certamente ela recebeu um convite para o "party" de Ano Bom em casa do diretor do estúdio — e ensaia!



ANNE BAXTER — fantástica! — mostra a roupa de banho em cetim elástico, para o verão próximo, em Santa Monica. Mas como o verão chega primeiro ao Rio, o figurino pode ser copiado à vontade



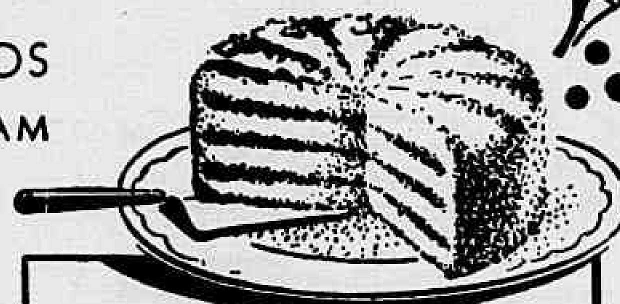
BETTY GRABLE ganhou dois revólveres "de mentira" e com êles ameaça meio mundo. Papai Noel foi muito generoso; mais o seria ainda se mandasse Betty Grable em pessoa de presente para nós...



Natal!

Símbolo da Religião
Tradição da Família

DEPOIS DOS CULTOS RELIGIOSOS
OS FESTEJOS NATALÍCIOS SE EVIDENCIAM
NAS MESAS PREPARADAS
COM ESMERO E COM FARTURA.



O COMPLEMENTO DE SUA MESA
SERÁ O SABOROSO
BÔLO DE NATAL
COM A INSUPERAVEL

MAIZENA
DURYEA

MARCAS REGISTRADAS



BÔLO DE NATAL

- 500 grs. de açúcar
- 400 grs. de manteiga
- 350 grs. farinha de trigo
- 150 grs. Maizena Duryea
- 12 gemas e 6 claras
- 1 cálice grande de cognac
- 1 cálice grande vinho do Porto
- 250 grs. amendoas moidas
- 250 grs. passas sem caroço
- 4 paus de chocolate
- 150 grs. doce de laranja ou cidro
- 1 colher, das de sopa, de canela.

Bate-se a manteiga com açúcar, as gemas batem-se separadamente, juntam-se as claras batidas em neve, bate-se ainda um pouco e mistura-se com a manteiga e açúcar, e os demais ingredientes, sendo que o chocolate deverá ser derretido em 1 xicara de leite.

Assa-se em 3 formas lisas e bem untadas de manteiga. Quando pronto, recheia-se com uma geléia de damasco e cobre-se todo com suspiro feito com 4 claras e 8 colheres de açúcar e polvilha-se com amendoas e nozes torradas, moidas, enfeitando-se em cima com nozes.



CARTA A PAPAI NOEL

EU gostaria, Papai Noel, que você desse uma olhadela por aqui e visse bem quanta coisa triste vem acontecendo... Você que distribui tudo, desde
o mais modesto brinquedinho de matéria plástica até o mais custoso abrigo de pele e até mesmo "cadillacs", deveria distribuir também um
pouco de compreensão, respeito e dignidade entre os homens... Palavra, Papai Noel, que isto anda fazendo uma falta louca... Imagine, Papai
Noel, que noutro dia andaram dando tiros à-toa, à-toa, e até mataram uma mulher... E não é só isso, Papai Noel... Há tanta ruindade por
aí... Há tanta gente fazendo coisas tão más que a gente fica até com vontade de chorar... Mas chorar não adianta. Não resolve nada. E
a gente fica é sem compreender por que é que existem tantos homens ruins. Tanta gente que faz maldade só por prazer; gente que só
procura iludir a boa fé alheia; gente que procura tirar partido até das situações mais tristes. Cada coisa, Papai Noel, de arrepiar os cabelos... Seria
bom que você visse bem tudo e seria bom também que tomasse algumas providências. Imagine que belo seria o mundo se na noite em que você anda
distribuindo brinquedos, jóias, automóveis e outros presentes, os maus, os egoístas, os irresponsáveis os insensíveis, os desumanos, encontrassem dentro
dos seus sapatos um pouco de amor, de bondade, de bons sentimentos enfim. Você já imaginou o que seria isso? A gente poderia andar pelas ruas
com tôda tranquilidade, sem aquêle receio que em dados momentos nos tira todo o ânimo, nos cerca de desconfianças, nos impede até de fazermos
planos para o futuro. Andamos pelas ruas ocm receio de sermos atropelados, assaltados, baleados e sei lá o que mais... E' uma intranquilidade, uma
insegurança que se nota em cada pessoa que cruza a rua conosco. Andamos sérios, carrancudos, com a mão apertando no bolso o pouco que temos
e com o olhar inquieto de quem vê apenas salteadores, exploradores e outras tantas coisas... Tão bom, Papai Noel, se não fôsse assim. Tão bom se
pudéssemos andar pelas ruas com um sorriso aberto para todo mundo... Se pudéssemos cumprimentar a todos e sentir em todos os sorrisos e em todos
os olhares a mesma lealdade, a mesma confiança o mesmo desejo de ser bom!... Se pudéssemos atravessar tranquilamente as ruas, se pudéssemos
dormir tranquilamente em nossas casas, se pudéssemos traçar planos para o futuro... Tão bom! Papai Noel, se pensassem menos em coisas ruins e
cuidassem de ajudar aos que necessitam de ajuda; se ajudassem a espalhar sôbre a terra um pouco de bons sentimentos, de alegria e de tranquilidade!
Será, Papai Noel, que você pode fazer isso? — **O.B.**

"Vestidinhos"







NO verão, é grande a necessidade dêsses vestidinhos frescos e agradáveis que podem ser vestidos pela manhã, ou mesmo à tarde para um passeio esportivo. Os tecidos preferidos são o algodão, o linho cru, o tobralco, etc.. Nestas páginas reunimos alguns modelinhos dessa espécie, graciosos e simples, que trazem, no entanto, a marca de grandes costureiros, como Marcelle Chaumont, Carven, Nina Ricci, Jacques Heim, Maggy Rouff, Jeanne Lanvin.



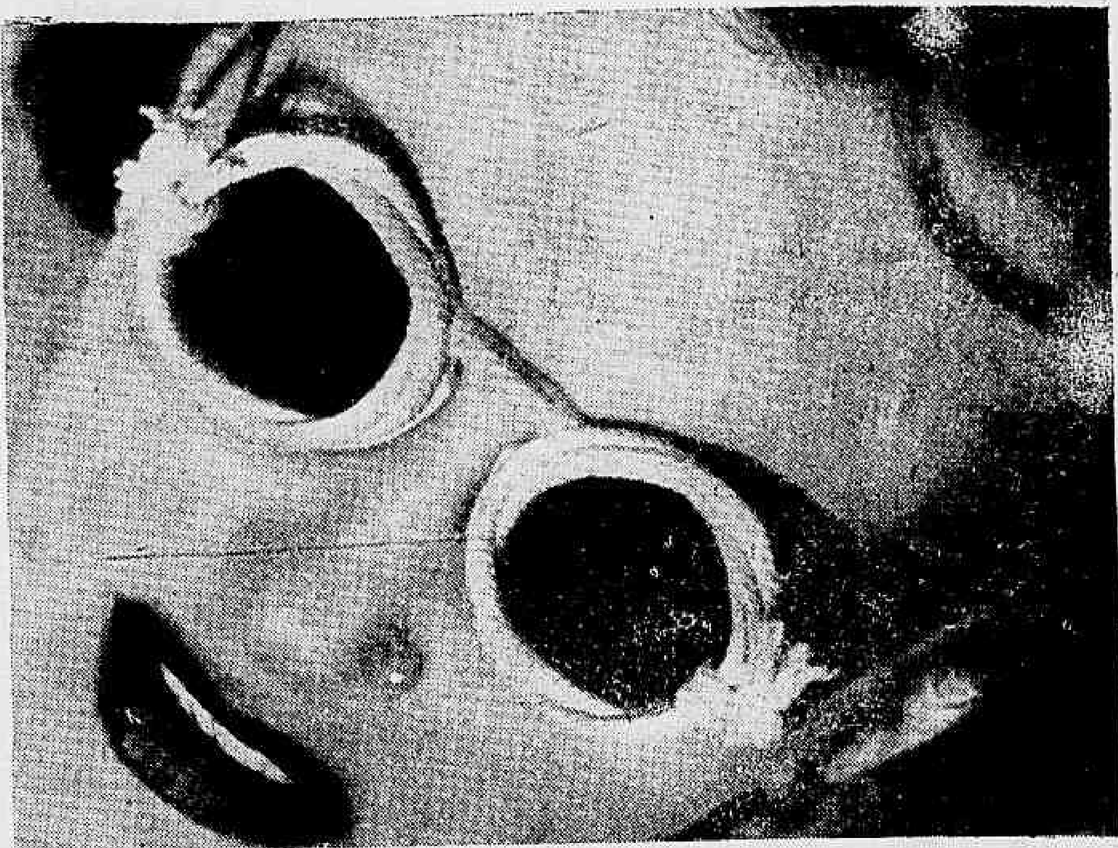




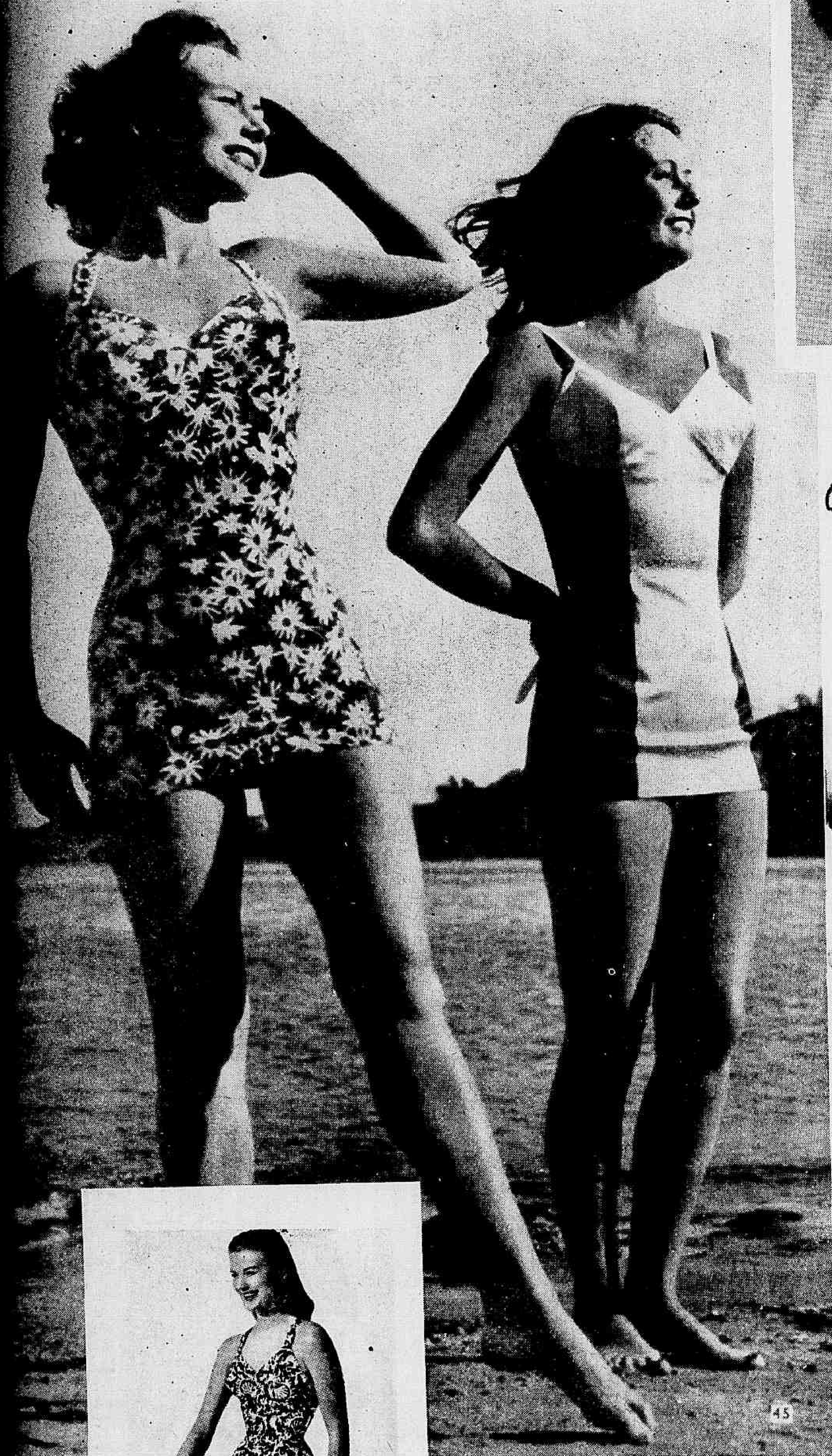
EM linho, "shantung", albene, ou mesmo em seda, o "tailleur" de verão permite uma variedade maior de feitios, um pouco mais de fantasia, apelando, só de vez em vez, para a linha clássica. Os modelos aqui apresentados estão dentro dêsse espírito. Alguns têm jaqueta muito justa à cintura, com bolsos abotoados de forma original. Outros têm pequenas "abas" imitando bolsos ou pequenas "basques". As saias em geral são muito justas, algumas vezes em tons que rontrastam com os dos casacos.



"Tailleurs" DE VERÃO



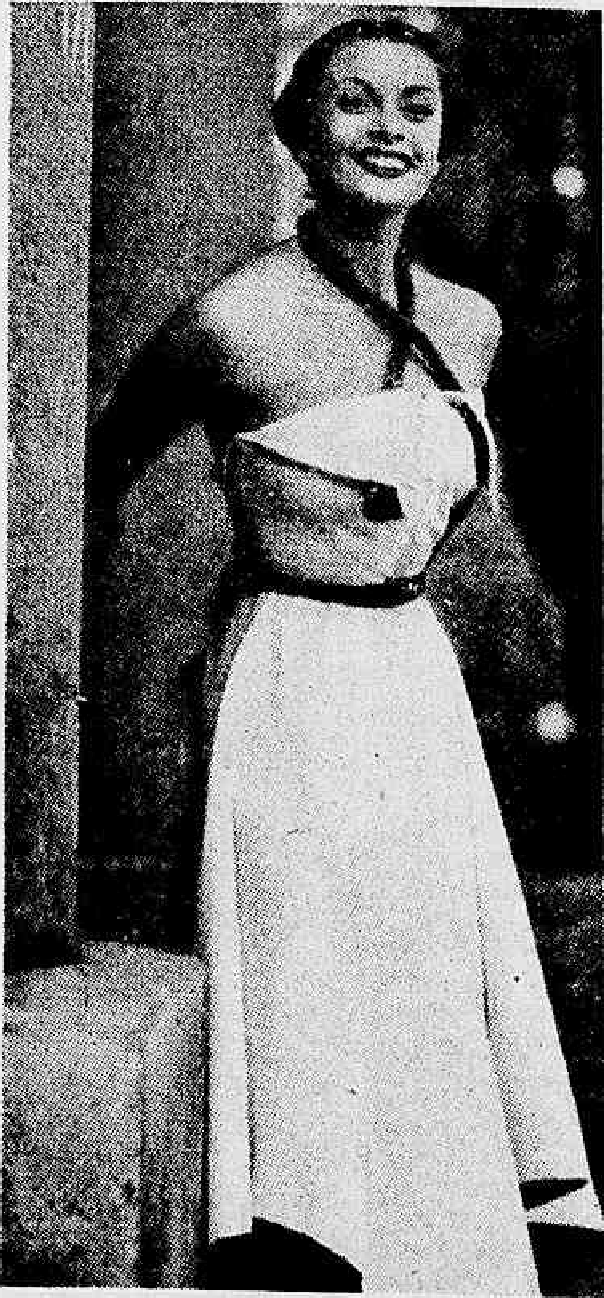
Praia







PARA as garotas bonitas de Copacabana e para as não menos bonitas que enfeitam as outras praias da nossa cidade, eis alguns "maillots" impecáveis, "made in France", para o nosso verão. O "lastex", o estampado, o "maillot" em duas côres, são os favoritos. Uma interessante capa de praia é feita em tecido unido de um lado e estampado do outro, e a parte superior do "maillot" é fechada por uma "écharpe" do tecido estampado. O "pois" também atingiu os "maillots". Em matéria de complementos, a variedade é grande e grande também é a originalidade. Vejam, por exemplo, êstes óculos com aros de corda!... Bem original, não?



JEAN PATOU

Elegantíssima criação em sêda branca. Reverso em sêda de côr viva. Original busto, completado por cordão em côr escura

JACQUES GRIFFE

Sensacional êste modêlo em cetim. Busto em côr bem viva, saia ampla bem franzida em dois tons, sendo um tom na côr da blusa

MARCEL ROCHAS

criou êste sensacional modêlo em tule branco. Busto bordado em "pailette". Saia bem farta em babados franzidos de corte original

JEANNE LAFAURIE

Original e discreto êste modêlo para noite, em renda "Chantilly" verde claro. Saia ampla bem franzida com grande apanhado





"Reveillon"

A INAUGURAÇÃO DAS NOVAS INSTALAÇÕES DA CASA QUEIROZ









Os habitantes do Méier e adjacências estão de parabens. E' que, com a inauguração das novas e moderníssimas instalações da Casa Queiroz, a popular sapataria que de há muito vem se esmerando no sentido de dotar o Méier com uma casa à altura de suas congêneres do centro da cidade, a população daquele importante subúrbio não terá mais de se submeter às inconveniências de locomoção à cidade quando da necessidade da procura de uma loja de calçados. Ali mesmo, no número 15-A da rua Carolina Méier, encontrará a Casa Queiroz apta a atender ao mais exigente freguês.

Compareceram ao ato inaugural pessoas de destaque do mundo social e representantes da Imprensa e do Rádio, tendo os Srs. Zani Filho e Nena Martinez falado através da Rádio Guanabara, que lá instalou seus microfones sob a direção do locutor Ary Viseu. Em seguida, o Sr. Armando Machado usou da palavra em nome do Sr. Obadia Cohen, chefe da firma, agradecendo tôdas aquelas expressivas manifestações.

As fotos que estampamos nesta página foram colhidas no dia da inauguração das novas instalações da Casa Queiroz, vendo-se diversos aspectos da solenidade, destacando-se ao alto, à esquerda, entre o grande número de pessoas que compareceram, os irmãos Obadia e David Cohen, sócios do tradicional estabelecimento Em baixo, aspecto da fachada principal, evidenciando-se o trabalho estético e artístico com que foram dispostas as vitrines.

week-end NA COZINHA



PERU À BRASILEIRA

Modo de preparar: — Mate 1 peru novo de véspera, depene depressa, sem agua, chamusque, corte o pescoço rente, deixando a pele envolvente a qual é talhada na frente por onde se deve retirar o papo. As tripas e os miudos são arrancados pela parte inferior da ave. Pendure pelos pés e deixe assim por algumas horas. Depois deite o peru numa bacia, esfregue com sal, por dentro e por fora, regue com vinha-dalho e guarde até o dia seguinte em lugar fresco.

Modo de assar: Retire o peru dos temperos, enxugue por dentro e introduza no papo uma farófia escolhida. Estique as pernas ao comprido; enfie um fio forte com agulha e amarre em baixo para firmar. Cubra todo o corpo com lâminas de toucinho fresco e amarre todo com um barbante. Deite numa assadeira, regue com manteiga, cubra com 1 folha de papel impermeável e outra de papel pardo por cima e leve a assar no forno. De vez em quando retire o papel, regue e torne a cobrir; quando o peru ficar assado e macio, descubra, retire todo o barbante, regue com manteiga e torne a levar ao forno quente apenas, para tostar e sempre regando com a própria gordura. Retire o peru para um prato; desengordure o môlho, dissolva o tostado com 1 xícara de água, ½ de vilho, adicione uma colher-de-chá de araruta, reduza e sirva.

★

FARÓFIA COM AMEIXAS

Tome 250 gs. de ameixas pretas, retire os caroços e leve ao fogo com 2 colheres de manteiga para amolecerem; parta aos pedaços e junte com a farófia feita com 6 colheres de manteiga e farinha bastante para não deixar muito sêca a farófia.

★

COSTELETAS DE PORCO

Limpe e prepare as costeletas, descarnando os cabos, deite numa frigideira com banha quente e deixe fritar em fogo fraco para a própria gordura derreter sem queimar, mas devem ficar bem douradas. Arrume as costeletas de um lado, ao comprimento do prato, com os cabinhos para fora, coloque uma rodela de limão sôbre cada uma e sôbre o limão uma avelã de manteiga gelada. Do outro lado do prato deite um pirão de batata doce e enfeite com galhinhos de agrião.

★

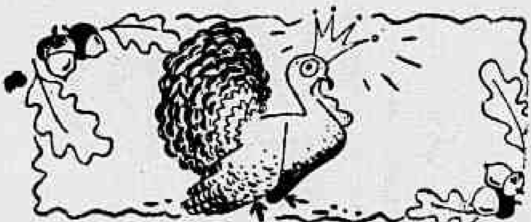
CASTANHAS EM CALDA

Depois de retiradas as cascas grossas de 1 kg. de castanhas, pele com água a ferver como se faz com amêndoas, cubra com água e leve a cozinhar. Faça à parte uma calda grossa com ½ kg. de açúcar e nela ainda quente deite as castanhas cozidas, também quentes. Deixe esfriar e depois bote as castanhas a escorrer numa peneira e sirva como guarnição do peru ou de qualquer ave.

★

PUDIM DE CASTANHAS

Deite numa caçarola 200 grs. de açúcar e 8 gemas; bata até ficar branco como gemada, junte uma colher-de-chá de maizena, dissolva com



4 xícaras de leite e leve ao fogo sempre batendo com colher de pau até que ao levantar a colher ela fique coberta de creme. Deixe esfriar e junte 200 gs. de castanhas cozidas e peneiradas, 100 gs. de passas sem caroços e 100 gs. de frutas embebidas num cálice de vinho. Adicione 150 gs. de creme de leite, batido com um pequeno cálice de cacau e baunilha e 6 folhas de gelatina dissolvida em meia xícara de água e 4 claras em neve. Deite numa fôrma lisa, forrada de papel impermeável e leve a gelar. Desenforme no momento de servir e arrume ao redor castanhas cozidas, passadas em calda grossa e no açúcar.

★

CHAMPAGNE PUNCH

Prepare, numa poncheira, 1 colher de açúcar, caldo de limão, 1 colher de xarope de groselha, 2 rodelas finas de laranja e 2 de abacaxi. Junte 1 garrafa de Champagne e sirva em taças.



Compre a melhor gordura...



GORDURA de CÔCO CARIOCA



...e terá uma linda lata para mantimentos

COMPANHIA CARIOCA INDUSTRIAL
Rua 1.° de Março N.° 6 - 10.° andar - Telefone 23-2010

BANCO NACIONAL DE DESCONTOS
SOCIEDADE ANÔNIMA
ALFANDEGA 50
RIO

Apresenta a seus amigos e clientes sinceros votos de FELIZ NATAL e prospero ANO NOVO.
Dezembro 1949

1949 1950

COMPANHIA T. JANÉR, COMÉRCIO E INDÚSTRIA

Distribuidora exclusiva para o Brasil de:

MATERIAL CIRÚRGICO STILLE — AÇO INOXIDÁVEL SUECO — APARELHOS DE RAIOS X G. SCHONANDER, SUÉCIA — LINHA COMPLETA DE APARELHOS DIAGNÓSTICOS E ACESSÓRIOS EM GERAL

Exposição e vendas:
Av. Rio Branco, 85, 12º andar — Fone 23-5931 — Rio de Janeiro

Filiais:
S. Paulo — Curitiba — Pôrto Alegre — Belo Horizonte — Recife

MUDANÇA

(Cont. na pág. 39)

que já tinham virado tapera naqueles quinze minutos de solidão.

O apêrto veio subindo pela garganta e estalou num soluço, e escorreu dos olhos molhando-lhe o rosto com barba de muitos dias. Pulou do cavalo e gritou pela mulher.

— Vem!

Ela saltou da carreta, pronta para insultar o marido. Já não aguentava mais!

Aproximou-se. Joaquim chorava olhando para o rancho. Ela olhou primeiro para o rancho, depois para Joaquim. Era como se o visse pela primeira vez. Êle estava perdido, sòzinho como o rancho que ficara lá em baixo, quase escondido atrás do umbu. Joaquim chorava...

A dureza que estava dentro de Tinita foi se derretendo, se desfazendo como o escuro da noite na manhã que nascia. Tinita se aproximou e pôs as mãos nos ombros magros do marido.

— Joaquim... Calma... Não chora! A gente vai, mas te juro que a gente volta! E quando a gente vier é porque êsse campinho foi comprado por nós. Te juro! — Que importava essa mentira? Sabia muito bem que era difícil, impossível, enriquecer no povo concertando carretas. Mas Joaquim estava chorando e lhe doía aquêle pranto! Uma mentira a mais, que importava? Não podia ver Joaquim sofrendo! E ademais, agora sabia que ambos sofriam muito. Ela não estava sòzinha...

Passou um braço pelas costas de Joaquim e fê-lo virar-se.

— Vamos! A gente vai, mas a gente volta! O rancho fica aí, nos esperando.

Joaquim soluçava baixinho.

E as carretas, lentas, chorosas, iam rumando para o povo.

A CHAVE

(Cont. na pág. 54)

A AMIGA — De fato, será. Nunca mais devo ser tão descuidada... A noite passada êle veio me procurar.

A DONA DA CASA — Quem?

A AMIGA — O tal... para cuja porta a chave tinha sido feita... Veio e ficamos conversando sòzinhos... na sala de jantar... E eu contei a êle — não tôda a história — sòmente que eu tinha descoberto que a chave dêle abriria a porta de nossa sala de jantar.

A DONA DA CASA — Que foi que êle disse?

A AMIGA — Disse: "Não me interessa saber se ela abre a porta. Mas, será que a fecha?"

A DONA DA CASA — O quê?

A AMIGA — É... a fechou.

A DONA DA CASA — Oh! Depois de você ter escapado por um triz? Aquela chave! A própria porta...

A AMIGA — Não seja bôba. Que importância tem a chave? Ou a porta... Afinal de contas nada tem importância... senão as aparências.

(*Enrola-se na capa de peles caríssima e vai embora*).

FIM

METAIS NÃO FERROSOS - CANOS DE CHUMBO - BOBINAS DE COBRE - CHAPAS DE COBRE, LATÃO, ZINCO, ALUMÍNIO, ETC.

METAIS MADUREIRA LTDA.
(Metais em geral)

RUA FIGUEIRA DE MELO, 256-A
São Cristóvão ★ Fone 48-6344 ★ RIO

LIVRARIA FRANCISCO ALVES
EDITORA PAULO DE AZEVEDO, LTDA.
LIVREIROS E EDITORES
ARTIGOS DE PAPELARIA E MATERIAL ESCOLAR

RIO DE JANEIRO
Rua do Ouvidor, 166

S. PAULO
292, rua Líbero Badaró

BELO HORIZONTE
Rua Rio de Janeiro, 655

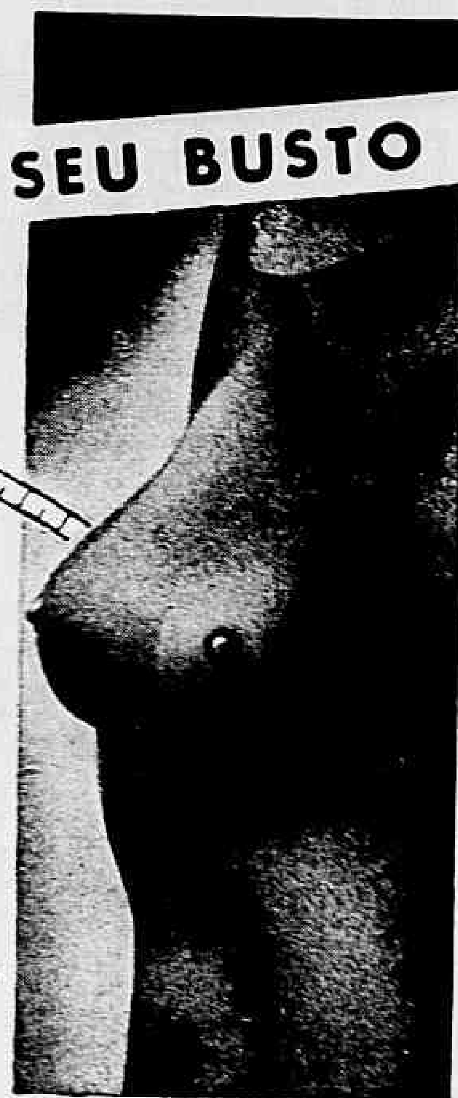
CONFEITARIA COLOMBO
GONÇALVES DIAS, 32-36

AS MAIS FINAS IGUARIAS NO AMBIENTE MAIS ELEGANTE DO RIO DE JANEIRO

Filial:
RUA N. S. DE COPACABANA, 890 (Esq. de Barão de Ipanema)

O MESMO ESMERADO SERVIÇO E OS MESMOS PREÇOS RAZOÁVEIS DA CASA MATRIZ

A MEDIDA DO SEU BUSTO
é a medida de sua BELEZA!



Corrija os defeitos de sua plástica com HORMO-VIVOS, um produto que atúa no local onde é preciso: no próprio seio. HORMO-VIVOS n.º 1 é indicado para os seios pequenos ou flácidos; HORMO-VIVOS n.º 2 para os seios excessivamente desenvolvidos. Inofensivo à saúde e de absoluta confiança, HORMO-VIVOS é encontrado nas bôas farmácias e perfumarias. Para maiores detalhes mande seu nome e endereço para a Caixa Postal, 3671 – Rio de Janeiro, ou então remeta, para o mesmo endereço, o cupon abaixo, devidamente preenchido.

Nome..
Rua..
Cidade.................. Estado..................

BUSTO PERFEITO COM Hormo Vivos

COLCHÃO DE MOLAS VENTILADO? SÓ

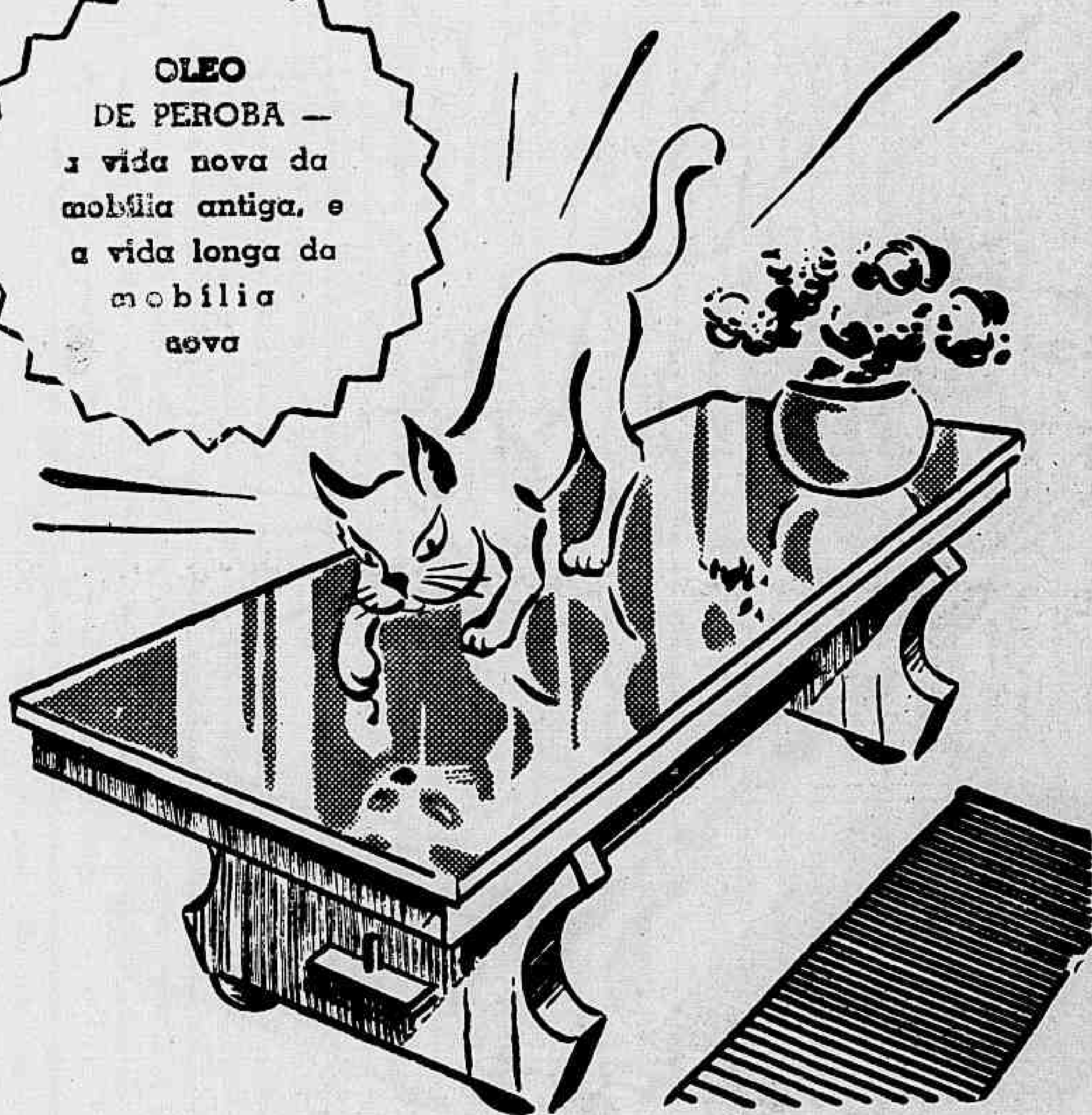
AMERICANO



O legítimo COLCHÃO AMERICANO DE MOLAS DE AÇO VENTILADO é acompanhado dum CERTIFICADO DE GARANTIA DE 10 ANOS.

EXPOSIÇÃO E VENDAS:

Rua da Quitanda, 23-4 — Tel.: 42-8875
Rua do Catete, 86 — Telefone: 25-2115
Av. Copacabana, 1.010-A — Tel.: 27-9206
Av. Ataulfo de Paiva, 620-A — Tel.: 27-1535



RESSURREIÇÃO

(Cont. da pág. 28)

Dominando a emoção, êle respondeu perguntando:

— Quem é você, pequena? Quem a mandou aqui?

— Eu chamo Marília. Minha avozinha deixou-me aqui. Disse-me que o papai haveria de me querer agora. Trouxe para êle estas rosas e um beijo pelo seu aniversário. E' você o meu papaizinho? — repetiu.

Humberto lhe observava o rostinho vivo e puro. Os mesmos traços delicados da sua Marília. Os olhos muito azuis, igualmente ternos, risonhos... Os cabelos pretos, jeitosos, brilhantes... O sorriso manso, simpático, envolvente... Era a filha que ela deixara, sua imagem, a recordação mais viva, a saudade mais presente. Era como se, por um passe de magia, ela própria, a companheira morta, estivesse ali à sua frente, cativante e intocável como um sonho. Assim, já não poderia renegar-lhe a filha. Agora, viveria para a segunda Marília que o destino lhe dera. Deixaria de beber, trabalharia esforçando-se por se tornar digno dela. Do Céu, a sua Marília haveria de abençoar seus novos propósitos. Afinal, que culpa tivera aquela pobre criança inocente da sua morte? Já não lhe bastava a imensa infelicidade de perder o maior bem da terra, ao nascer? Fôra a vontade de Deus e a ela nos devemos curvar sem revoltas inúteis. Êle, Humberto, sim, deveria envergonhar-se de haver chamado a filha de assassina.

Impulsivo, num desejo sincero de se redimir, ajoelhou-se diante da meninazinha, que lhe havia salvo a alma descrente com sua pequenina e mágica presença, beijou-lhe as mãozinhas impregnadas pelo suave perfume das rosas amarelas e respondeu comovido:

— Sim, Marília, sou eu o seu papai. Minha filhinha... minha filhinha...

Nada mais pôde falar, porque as lágrimas, há cinco anos contidas, inundaram-lhe, livremente, os pobres olhos cansados, abençoadas como chuva nos sertões nordestinos.

FIM

Publicidade para a
Revista da Semana
em São Paulo
Tratar com
Jarbas de Freitas Galvão
Rua Brigadeiro Tobias, 613
2.° andar - Sala 217
Fone: 6-6718

MOVEIS TAPETES CORTINAS



GRANDE DESCOBERTA PARA OS CALVOS

TÔNICO CAPILAR "AMARALINA" — (Trata-se da famosa descoberta verificada na Bahia). De base vegetal dá certeza absoluta que seus cabelos tornarão a nascer. Os fabricantes garantem devido a milhares de casos em todo o Brasil. Com um vidro detém a queda dos cabelos, elimina totalmente a caspa e com a continuação fará voltar a sua saudosa cabeleira. Encontra-se em Drogarias, Perfumarias, Farmácias, etc. a Cr$ 35,00, o vidro

Aceitamos pedidos pelo Reembôlso Postal. Preço: Cr$ 45,00, livre de porte. M. M. BURLE & CIA. LTDA. — Avenida Rio Branco, 137 — 6.° andar — Sala 616 — RIO DE JANEIRO

A Agua Sanitaria CLARINHA
Dá valiosos brindes na chapinha

A SAÚDE DO BEBÊ

DIARRÉIAS NO REGIME ARTIFICIAL

DR. SABÓIA RIBEIRO

É no alactamento artificial (leite de vaca), que as diarréias na infância revestem gravidade maior, e tanto maior quanto mais tenra a criança. No primeiro trimestre a criança requer sempre, maior provisão de água, pois assim o exige a própria constituição de seus tecidos. A água incorporada nas mesmas, por outro lado, não se acha ainda assás fixa, por isso os processos que drenam a água dos tecidos, como a diarréia, ou os processos febris, que o fazem através da expiração sob a forma de vapor dágua — levam a criança com extrema facilidade e rapidamente à desidratação, desaparecendo, em consequência, o vigor normal dos tecidos e ficando a pele pregueada e sêca.

Existem além disso, crianças que, devido à sua própria constituição, têm essa tendência naturalmente aumentada ao processo; daí que, com poucas horas de diarréia, o pêso cai, transformando-as num saco de ossos, com a pele pregueada no abdomen, os bracinhos e pernas muito finos, a **moleira** (sinal muito importante) funda.

Precedendo a diarréia, o que se vê, por vezes, é o estado de anorexia. Quando uma criança, até então apetente, recusa o peito ou a mamadeira, a desconfiança de uma infecção incubada se justifica plenamente. Havendo febre, a suspeita transforma-se em quase certeza. Cumpre então buscar a sede da infecção, que, ou estará no próprio intestino, ou noutro órgão à distância. O exame da garganta esclarece não poucas vezes essa fenomenologia. A existência de pontos brancos e a vermelhidão nas amigdalas, e o catarro escorrendo pela parede posterior, denunciam a rino faringite responsável. Pensar-se, conforme o caso, nas chamadas doenças da primeira infância (sarampo, coqueluche), e na gripe. O vômito, as manifestações da esfera nervosa (convulsões), com febre alta, são outros fortes indícios da infecção declarada. A paralisia infantil deverá estar sempre lembrada em face dessas manifestações, pois assim, habitualmente, faz sua entrada.

De outras vezes, precedendo a diarréia, o que havia era a prisão de ventre. E' mais que provável, nesse caso, que a diarréia seja devida a êrro crônico alimentar, evidenciada a a febre, deve-se cogitar, em primeiro lugar, de uma participação do colibacilo, à infecção do qual favreceram as próprias condições criadas com o êrro alimentar crônico (misturas fermentescíveis do alimento mal preparado).

No alactamento artificial a gravidade das diarréias depende, principalmente:

1.º — da idade (maior até 3 meses, grande entre 3 e 6 meses).

2.º — do estado anterior da criança (menor se não imperavam antes, na criança, distúrbios da esfera gastro-intestinal ou desvios da nutrição como em certas crianças criadas com excesso de farinhas e açúcar).

3.º — da causa do distúrbio (se se trata de uma "infecção intestinal" — tifo, desenteria bacilar — a natureza do germen e sua agressividade própria é que regulam, a gravidade; se se trata de "êrro alimentar" eventual, o simples jejum da criança pela dieta hídrica, e a realimentação gradual, às mais das vezes, apenas em horas, corrigem a perturbação).

4.º — **da constituição** — E' por demais conhecida dos pediatras a extrema tendência à perda da água dos tecidos dos diatéticos. E' uma categoria de crianças, esta, que se reconhece à primeira vista em muitos casos — a **crosta lactea** nas bochechas, a prurigem em forma de máculas salientes mais vermelhas, menos vermelhas; a **seborréia do couro cabeludo, a língua geográfica.**

A ação isolada de qualquer dêsses fatores é de si capaz de levar ao estado de atrofia rápida da criança, tanto mais quando se associam.

Nos vários casos impõe-se sempre, como medida racional, a **dieta de fome** + líquidos (água, chá, mate, adoçados com sacarina), durante 12 a 24 horas.

Esta providência serve de teste: se a diarréia é infecciosa, perdura a febre, quando há; na hipótese de uma causa

(Cont. na pág. 80)

PRODUTOS SUÉCOS DE ALTA QUALIDADE

FAMOSOS EM TODO O MUNDO

exijam estas marcas

A VENDA NAS BOAS CASAS DO RAMO

Q U A L I D A D E

POLAR STAR

SCANDIA — RELIANCE

MAQUINAS PARA USO DOMESTICO — MAQUINAS DE COSTURA BICICLETAS

Husqvarna

FOGAREIROS, COSINHAS, LANTERNAS, FERROS PARA SOLDAR, LAMPARINAS

PRI-MUS

NAVALHAS PARA BARBA E TESOURAS

TRÊS CORÔAS

M K

BAHCO

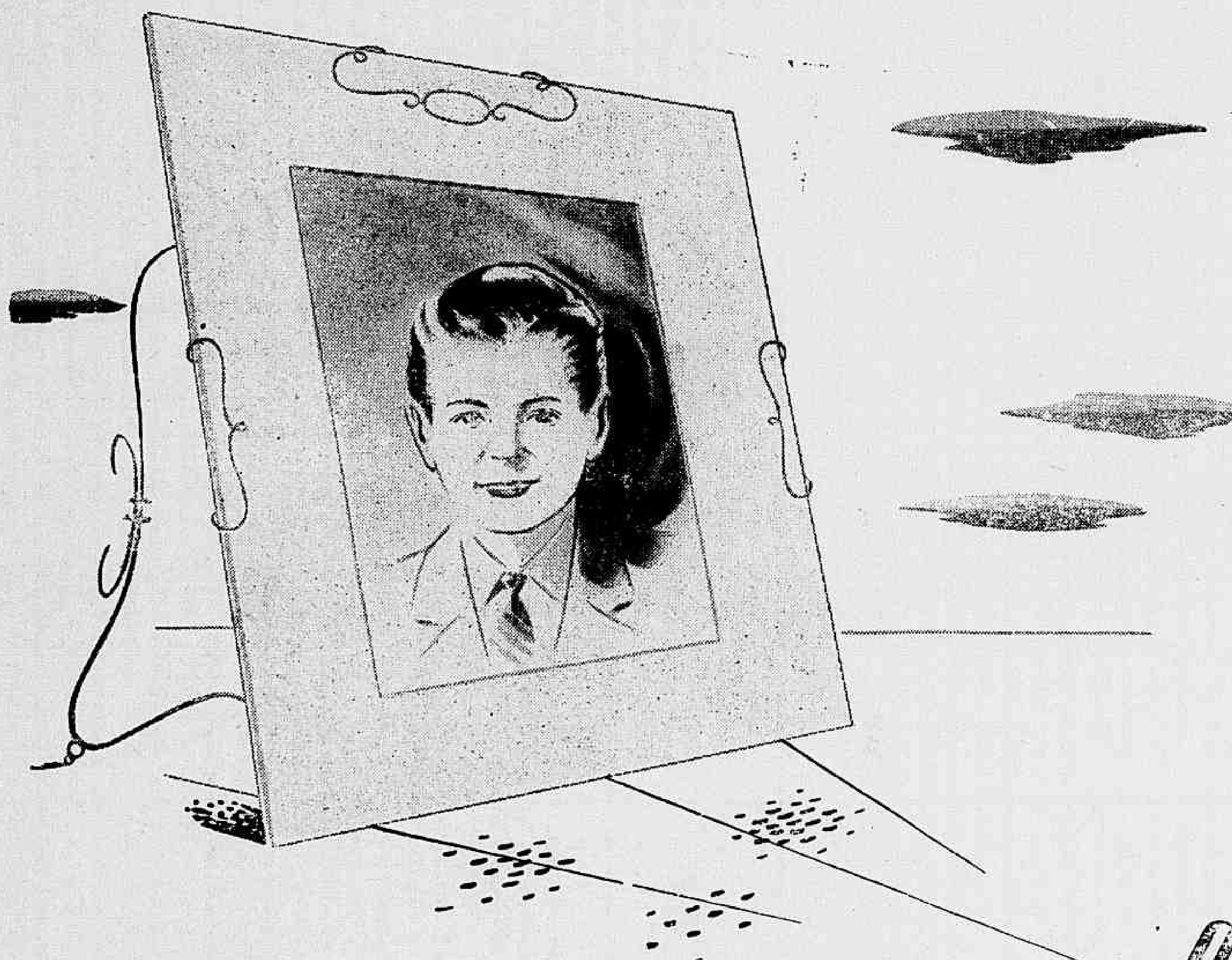
DOBRADIÇAS, PARAFUSOS, ETC.

STENMAN

SUENCO

STRIDSBERG

Serras Para Madeira e Metais — Facas Para Maquina Serrotes



Que será seu filho AMANHÃ

advogado
engenheiro
médico ou . . . ?

Seu futuro depende do presente - da sua capacidade para dedicar-se aos estudos. Depende das energias que o Tônico Infantil fornece ao organismo da criança. Contendo em sua fórmula fósforo, cálcio, arsênico, iôdo, tanino e vitaminas - os elementos de que as crianças mais necessitam na idade escolar - Tônico Infantil permitirá a seu filho ser, hoje, um colegial exemplar... amanhã, homem de verdade.

TÔNICO INFANTIL



COTTO BLANC

UM BRANCO PARA SAPATOS



UM PRODUTO

COTTOMAR

Seção de vendas:
AVENIDA VENEZUELA, 27 - S. 1303
TEL. 23-1093 - RIO DE JANEIRO

MÚSICA

"Rentrée" de Eleazar de Carvalho -- Berkshire no Brasil

Roberto Lyra Filho

CORPO ESBELTO E FACEIRO!...

Vinho Chico Mineiro

Seja inteligente! Não espere engordar demais, tome de hoje em diante VINHO CHICO MINEIRO, que conservará o seu porte elegante. A perda de pêso é natural, não faz mal e não provoca rugas. Insista no tratamento e depois do terceiro vidro o seu corpo tomará linhas firmes e delgadas adquirindo forma elegante indispensável à mulher moderna.

A venda nas boas Farmácias

PARA COMPLETAR A SUA BELEZA E PERSONALIDADE, USE ESTES PRODUTOS DA MULTIFARMA:

LEITE DE ARROZ

Para manter a limpeza e a higiene da pele, use LEITE DE ARROZ pela manhã, à tarde antes da maquilagem e à noite antes de deitar. Para fixar o pó de arroz não há melhor que o próprio LEITE DE ARROZ. O seu uso constante remove as partículas mortas e queimadas da pele, sardas, manchas, panos e cravos, tornando-a lisa, macia, aveludada e eliminando o cheiro desagradável do suor (Exigir a embalagem verde)

E LEMBRE-SE QUE O SEGRÊDO DE UMA LINDA CABELEIRA SEM CASPAS E CABELOS BRANCOS ESTÁ EM EUTRICHOL ESPECIAL EXPERIMENTE-O E VERÁ

MULTIFARMA

PRAÇA PATRIARCA, 26-2.º

S. PAULO

Remessa pelo Reembolso Postal

O maior sucesso da temporada sinfônica dêste ano foi proporcionado ao público carioca pela iniciativa de Eleazar de Carvalho, que trouxe Serge Koussevitsky ao Brasil.

Colaborando com o mestre, auxiliando-o nos ensaios, preparando a orquestra, concorrendo para a apresentação, nas melhores condições, do conjunto, Eleazar de Carvalho já estava em plena atividade, com a O.S.B., antes, mesmo de fazer sua "rentrée" oficial.

Iniciando uma série de concêrtos, por conta própria, êle apresentou programas variados, originais, incluindo obras raramente executadas entre nós e várias primeiras audições.

SEGURANÇA E AUTORIDADE

Ganhando segurança e autoridade à medida que vai disciplinando, com a experiência e o estudo, o talento demonstrado nos primeiros passos de sua carreira, Eleazar de Carvalho já ultrapassou a fase das promessas para entrar num periodo de realização. Não é mais o moço ao qual se augurava brilhante futuro: é o regente aclamado no estrangeiro, que tem desenvolvido uma atividade fecunda e persistente, no sentido de utilizar o prestigio alcançado para divulgar a música brasileira.

E a prova de que não se esquece de dar sua contribuição, também, para o brilho das nossas temporadas sinfônicas é, não só a sua presença, com obras novas, como uma série de iniciativas: a visita de Koussevitsky, o concurso da juventude, o auxilio a músicos brasileiros, que tem levado para estudos no Berkshire Music Center, onde, sob a orientação de Koussevitsky, terão oportunidade de desenvolver aptidões e consolidar conhecimentos.

ESTÍMULO AOS NOVOS

Tendo proposto a realização do Concurso da Juventude, Eleazar de Carvalho não se contentou com a distribuição do prêmio ao vencedor, de acôrdo com o parecer do júri presidido pelo maestro Serge Koussevitsky.

Selecionando duas outras partituras, dentre as que não foram premiadas mas revelaram qualidades dignas de especial atenção, prometeu incluí-las no programa de um de seus concêrtos, a fim de que a audição da obra anime os jovens compositores, estimulando novas tentativas.

Quanto à Terceira Sinfonia, de Cláudio Santoro, que obteve o primeiro lugar, no concurso, será executada no último concêrto de Eleazar de Carvalho, aqui no Rio. Esta obra, preparada em Paris, durante a estadia do compositor naquela capital, em gôzo de uma bôlsa de estudos, mereceu de Serge Koussevitsky palavras elogiosas, que o regente escreveu na própria partitura.

ATA DO JULGAMENTO

Para informação dos interessados, transcrevemos, abaixo a ata da reunião da Comissão Julgadora do Concurso:

"Aos vinte e sete dias do mês de outubro de mil novecentos e quarenta e nove, reuniu-se para sua decisão final a comissão julgadora do Concurso da Juventude, sob a presidência do dr. Serge Koussevitsky e com a presença dos outros membros professor Paulo Silva, Eleazar de Carvalho e Roberto Lyra Filho. Deixou de comparecer o maestro Camargo Guarnieri, que justificou sua ausência e mandou seu voto por escrito. O sr. Roberto Lyra Filho, da Comissão Organizadora, fêz um relatório lembrando as bases do concurso e os prêmios oferecidos. Realizou-se, em seguida, a votação, com o seguinte resultado: Camargo Guarnieri (voto enviado) — Sinfonia nº 3; Serge Koussevitsky — Sinfonia nº 3: Eleazar de Carvalho, Sinfonia nº 3; Roberto Lyra Filho — Sinfonia nº 3; Prof. Paulo Silva — Fantasia O.S.B. Abriu-se, então, o envelope da obra premiada identificando-se o seu autor, Cláudio Santoro, que obteve quatro votos entre os cinco componentes do júri. O presidente do juri, dr. Serge Koussevitsky louvou a iniciativa do maestro

(Cont. na pág. 80)

A BELEZA DOS SEIOS **BÉL-HORMON**

Quando o busto for insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando for ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado modernissimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio

BÉL-HORMON

Distribuidores para todo o Brasil: Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro



Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" nº ....

NOME ....

RUA .... Nº .....

CIDADE .... ESTADO..........

Preço para todo o Brasil Cr$ 35,00

Da Amazonia



Lendária

...para o seu toucador!

Uma "linha" de perfume diferente é original caracterisada pelo tom das madeiras d'Amazonia de fragrancias belas mas inexplicáveis! Pó de arroz, rouge, extrato, loção e brilhantina em originais embalagens de madeira. Peça ao seu perfumista

MADEIRAS D'AMAZONIA.



Criações PHEBO

PERFUMARIAS PHEBO

ALMEIDA COMÉRCIO E INDÚSTRIA DE FERRO LTDA.

Sucessora de L. B. DE ALMEIDA & CIA.

RUA DOS ARCOS N.os 28-42

Fundição de ferro e outros metais — Oficinas mecânicas em geral — Fogões a gás e lenha marca "Progresso" — Prensas para ladrilhos e escritório — CADEIRAS para DENTISTA Almeida Pinho — CADEIRAS para BARBEIRO — BANCOS PARA JARDIM e BENGALEIROS de ferro fundido em ornatos — Importadores de chapas de ferro pretas, galvanizadas e corrugadas para portas — Ferro em barras — Vergalhões — Cantoneiras T - U e eixos para transmissões — Tubos de ferro galvanizados, pretos, vermelhos e de aço para caldeira

★

TELEFONES:

Armazem: 22-0409 --- 22-1718 --- 22-2748 --- 22-1584

Escritório Técnico: 42-4675

Contabilidade: 22-1342 --- 22-2549

POMADA MINANCORA

Um verdadeiro tesouro!



PARA FERIDAS, ECZEMAS, INFLAMAÇÕES, COCEIRAS, FRIEIRAS, ESPINHAS, ETC.

NUNCA EXISTIU IGUAL

BANCO DO BRASIL S. A.

1 8 0 8 — 1 9 4 9

Sede — Rua 1º de Março, nº 66, Rio de Janeiro (DF)

Taxas de depósitos

Depósitos sem limite	2 % a. a.
Depósitos populares	
Limite de Cr$ 10.000,00	4 ½ % "
Depósitos limitados	
Limite de Cr$ 50.000,00	4 % "
Limite de Cr$ 100.000,00	3 % "
Depósitos a prazo fixo:	
Por 6 meses	4 % "
Por 12 meses	5 % "
Com retirada mensal de juros:	
Por 6 meses	3 ½ % "
Por 12 meses	4 ½ % "
Depósitos de aviso prévio:	
30 dias	3 ½ % "
60 dias	4 % "
90 dias	4 ½ % "

Letras a prêmio (sêlo proporcional)
Condições idênticas às de depósitos a prazo fixo

O Banco faz tôdas as operações do seu ramo — descontos, empréstimos em conta corrente, cobranças, transferências, etc. e mantém filiais ou correspondentes nas principais cidades do país ou do exterior, possuindo no Distrito Federal, além da Agência Central, na Rua 1º de Março, nº 66, mais as seguintes:

Bandeira, Rua Mariz e Barros, nº 44 — Botafogo, Rua Voluntários da Pátria, nº 449 — Campo Grande, Rua Campo Grande, nº 100 — Copacabana, Avenida Nossa Senhora de Copacabana, nº 1.292 — Glória, Rua do Catete, nº 238-A — Madureira, Rua Carvalho de Souza, nº 299 — Méier, Avenida Amaro Cavalcanti, nº 95 — Ramos, Rua Leopoldina Rêgo, nº 78 — São Cristovão, Rua Figueira de Melo, nº 360 (esquina da Rua S. Cristovão) — Saúde, Rua do Livramento, nº 63 — Tijuca, Rua General Roca, nº 661 — Tiradentes, Avenida Gomes Freire, 20/22.

Além das operações normais, a Agência Metropolitana da Glória está habilitada a receber depósitos fora das horas de expediente, quer durante o dia, quer à noite, utilizando-se do Receptor Automático instalado na referida Agência, e a Metropolitana de Copacabana oferece, mediante módico aluguel mensal, cofres de vários tipos para guarda de valores (títulos, jóias, etc.) em casa forte dotada de moderno equipamento.

Margaret Spence

(Cont. da pág. 49)

Enquanto legalizava a sua situação matrimonial, recebeu Margaret um convite para trabalhar no 'Studio Von Walthausen", em Hollywood, que é especialista em cenários cinematográficos, com o salário de 56 dólares semanais. Viveu nessa época a fase mais intensa de sua arte. Idealizava e realizava os cenários mais difíceis para filmes de grande metragem. Pelo seu valor artístico, tornou-se um elemento disputadíssimo entre os diretores de estúdios. Entretanto, a bem da aprimoração técnica de sua arte, nunca se deixou fascinar pelos altos salários. Enquanto esperava que se normalizasse a situação do seu matrimônio fracassado, trabalhou apenas para 'Von Walthausen", por ter encontrado aí ambiente e material que favoreciam satisfatoriamente os seus caprichos de criadora incansável no setor artístico.

Célere correu a fama artística da jovem Margaret Spence por várias localidades dos Estados Unidos. Ao deixar Hollywood, foi convidada para presidir a 'Young Artists Guild", de Los Angeles. Aceitou com grande entusiasmo o cargo que lhe foi oferecido e muito trabalhou pelas jovens artistas americanas. Como presidente da Associação promovia tôdas as exposições e arranjava compradores para os trabalhos das jovens que faziam parte da 'Young Artists Guild". Num verdadeiro desprendimento artístico, permaneceu dois anos na presidência da Associação. Apenas dois anos, porque assim a guerra o exigiu.

★

A guerra inclemente tentou desviar Margaret do seu mundo interior, porém, não o conseguiu. Foi convocada para prestar sua colaboração à Marinha Americana, entretanto, ao declarar que era mãe, foi dispensada de seguir com as fôrças armadas. Todavia, não foi possível dispensarem a sua preciosa ajuda. Em que poderia, finalmente, ser aproveitada Margaret Spence? Apenas pintando. E pintando cooperou duramente. Deram-lhe um 'macacão", uma 'pistola" e um 'passe" para frequentar os estaleiros americanos. Pintando as coisas mais exóticas sob a forma de 'camouflagem" nos cascos dos navios aliados, não demorou em transformar-se num ídolo das Fôrças Armadas Americanas.

★

Não fazendo segrêdo de sua maneira de trabalhar, explica Margaret, em palavras simples, destituídas da ênfase de erudição, como procede para a obtenção das obras maravilhosas que produz. Numa síntese ao alcance de todos, explica como se faz a cerâmica: primeiro a preparação da massa para a modelagem da peça. O tipo de massa mais usado no Brasil é o barro natural ou mistura de barros para facilitar a confecção da cerâmica. Êsses tipos de massa podem ser usados com grande êxito por qualquer 'leigo" na arte-cerâmica. A sua queima não requer mais de 600º a 1.000º centígrados. Quando nestas misturas de massa

ORLANDO ANTONIO DE AZEVEDO

Comissões — Consignações
Representações — Conta Própria

★

CIA. GERAL DA AGRICULTURA DAS VINHAS DO ALTO DOURO (CIA. VELHA — PÔRTO) ★ M. SALDANHA & CIA. LTDA. (LISBOA) ★ H. M. BORGES, SUCRS. LTDA. (FUNCHAL) ★ ALBINO FILIPE BARBOSA (PÔRTO)

★

TRAVESSA DO COMÉRCIO, 26 - 1º (Esq. da rua do Ouvidor)
TELEFONE 23-0691 — RIO DE JANEIRO

SUGESTÕES "AGIR" PARA O NATAL DAS CRIANÇAS BRASILEIRAS

"Coleção Pintalagua" - **Maravilhosos livros que como por obra de magia ficam coloridos sem tinta nem lapis. Basta passar um pouco d'água por cima. Em cada exemplar muitas surprêsas. Cada volume: Cr$ 7,00.** Coleção **"Mi Amigo"** - Livros que ao serem abertos mostram um lindo cenário. 8 tipos. Cada volume: **Cr$ 5,00.** E mais: **As gozadas aventuras de "Zé Pancada" - Zé** Pancada compra um cão de guarda. Zé Pancada faz-se cocheiro, Zé Pancada o invisível e Zé Pancada o salvador. Cada volume: Cr$ 9,00. **Livrinhos fáceis com texto e gravuras multicores** - O colar e outras histórias, Na praia e outras histórias, Piquenique e outras histórias, A aula de desenho e outras histórias - Cada volume: Cr$ 9,00. **Para crianças maiores:** Contos do Mar, Cr$ 25,00. Caderno da Juventude, Cr$ 30,00. Vida e Costumes dos Pássaros. Cr$ 20,00.

Livraria **AGIR** *Editôra*

RIO - RUA MÉXICO, 98-B — **B. HORIZ NTE** - RUA AFONSO PENA, 919
S. PAULO - PRAÇA RAMOS DE AZ VEDO, 209 - s/ 211

Para pedidos pelo REEMBÔLSO remeta à C IXA POSTAL 3291 — Rio o cupom abaixo, mencionando o (s) volume (s) que desejar.

Nome: ....

Endereço: ....

Cid :de: .... ***Estado:*** ....

a ceramista luta com dificuldades para a baixa da temperatura, adiciona-se o 'alvaiade de chumbo'' ou o 'vidro moido''. Para os tipos granitos, usa-se 'feldspato'', 'quartzo'', 'caolin'' e 'argila''; nestes tipos, a temperatura que deve ser usada pelos ceramistas em seus trabalhos é de 1.000º até 1.250 graus. Para que os trabalhos não saiam 'gretados'', para que se consiga côres vivas e brilho mais intenso, é de grande vantagem utilizar o talco moido na proporção mais ou menos de 50%. Para os tipos grês e porcelana, usam-se as mesmas substâncias do tipo granito, sendo o 'feldspato'' em maior quantidade, para que se obtenha melhor vitrificação da peça. A ceramista Margaret usa para as grandes esculturas o tipo de massa refratária, que é um composto de barros especiais com 'chamotte'' queimado, a 1.300 graus ou mais.

O segundo elemento na confecção da peça cerâmica é o vidro que consiste de fundentes, como: óxido de chumbo, óxidos de sódio e potássio e óxidos de cálcio, magnésio, zinco e ainda quartzo e óxido de alumínio.

Utiliza em seus trabalhos quase todos os tipos de vidros, desde os de alto chumbo, usado nas baixas temperaturas, até os vidros de porcelana. Apesar de fazer Margaret todos os tipos de cerâmica, possui uma técnica especial para um tipo pouco usado talvez em todo o mundo. E' feito da seguinte forma: prepara um bloco de porcelana crua e deixa secar e depois faz a escultura a faca, levando ao forno para 'biscoito'', isto é, a massa queimada sem vidro, que em seguida é posta à vidração. As técnicas usadas por Margaret Spence são próprias,, o que acontece em geral com todo ceramista. Pinta Margaret com grande êxito em baixo e em cima de esmalte e com esmaltes coloridos, separando às vêzes as côres com mistura de 'chamotte e vidro'' como foi usada na arte antiga Persa. Como podemos observar, não existem segredos na arte de Margaret Spence. O que ela faz qualquer ceramista pode fazer, desde que tenha habilidade e técnica. Leu a citada ceramista vários escritores versados sôbre a cerâmica, como sejam: Binns, Picasso, Leach, Marti. Os trabalhos de Jacquemart, Bourry, Burton, Honey, Bushell, etc. Entretanto, não se deixou influenciar por nenhum dêstes autores. São, portanto, a técnica e a habilidade de Margaret produtos exclusivos de longos anos de trabalho no setor cerâmico.

Revelando desprendimento pouco comum, a que mesmo não estamos habituados, a artista oferece aqui aos que se interessam pelos estudos da cerâmica, uma fórmula para obtenção do 'vidro de arte''. Alvaiade de chumbo — 50%. Quartzo — 22%. Feldspato — 20%. Caolin 1%. — Mármore — 1%. Rutilio — 6%.

Para côres: óxidos, como cobalto, para a côr azul; cobre, para a verde; manganês, para tons de roxo e ferro para os amarelos

(Cont. na pág. 84)

BOLOS BISCOUTOS e MINGAUS de

CREME de MILHO LUX

Em pacotes de celofane de um e meio quilo

Produto muito imitado, mas nunca igualado, alimento ideal para adultos e crianças, em mingaus, bolos e biscoutos

A MERENDA IDEAL PARA CRIANÇAS

ADRIANO RAMOS PINTO & IRMÃO LTDA. (**VILA NOVA DE GAIA**
VALENTE COSTA & CIA. LTDA. (
BRANDÃO & CIA. LTDA. — **MATOZINHOS**
JOSÉ MARIA DA FONSECA SUCRS. LTDA. — **LISBOA**
M. BARBEITO DE VASCONCELOS — **FUNCHAL**

A. S. Macedo & Cia. Ltda.

REPRESENTAÇÕES - COMISSÕES

RUA DO MERCADO, 14 - 1º
END. TELEGRÁFICO "RENATO"
TEL. 23-3637

RIO DE JANEIRO

É realmente uma carícia...

Desperte seus atrativos femininos usando em seu maquillage social o super-creme "O SEGRÊDO DA SULTANA", dando à tez um precioso e sedutor aspecto, dissimulando os defeitos e beneficiando a pele.

Líquido, sólido e em bastões para barba





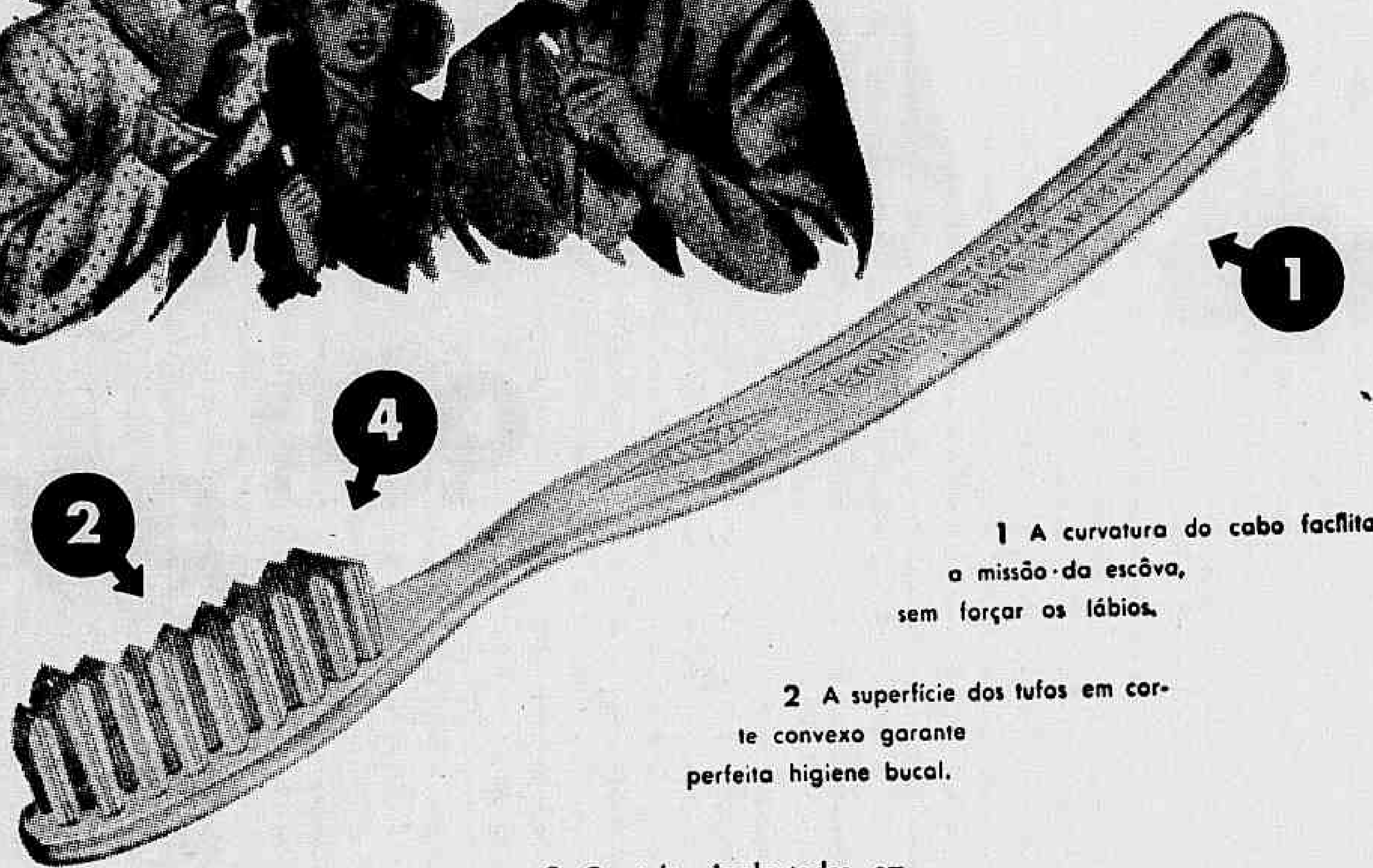
Há ainda para higiene, saúde e beleza da mulher:
Agua de Colônia 107
Sabonete 107
Sabão Russo, liquido,
vidro de 270 grs.
vidro de 630 grs.
vidro de 1.000 grs.
A VENDA EM TODA PARTE

Laboratório do SABÃO RUSSO
FUNDADO EM 1830
MANOEL LUIZ GARCIA
Rua D. Maria, 107 — RIO DE JANEIRO

Indispensáveis em todos os lares



A ESCÔVA DE DENTES TÉCNICAMENTE PERFEITA!



1 A curvatura do cabo facilita a missão da escôva, sem forçar os lábios.

2 A superfície dos tufos em corte convexo garante perfeita higiene bucal.

3 Os tufos implantados em base côncava resistem à ação da pasta sempre com a mesma rigidez.

4 Os tufos são pontiagudos, asseguirando a perfeita limpeza externa dos dentes e simultâneamente a dos interstícios, ponto inicial das cáries.



FÁBRICA DE ESCÔVAS DISTINTA E SANIS LTDA.

BANCO DO COMERCIO S. A.

FUNDADO EM 1875
O mais antigo da praça do Rio de Janeiro
Sede:
RUA DO OUVIDOR, 93-95
TEL. 43-8966
Agências no: Distrito Federal, Estado do Rio, Estado de São Paulo, Estado de Minas Gerais
★
Tôdas as operações bancárias, inclusive câmbio



Música

(Cont. da pág. 77)

Eleazar de Carvalho de incentivo aos jovens. Nada mais havendo a tratar foi encerrada a reunião e eu, Maria José Dutra, secretária, lavrei a presente ato que vai por mim datada e assinada. Rio de Janeiro, vinte e sete de outubro de mil novecentos e quarenta e nove".

BERKSHIRE NO BRASIL

O maestro Eleazar de Carvalho está empregando seus esforços, agora, no sentido de conseguir que o Brasil crie uma fundação semelhante ao Berkshire Music Center, tornando possivel não só a formação musical completa como o aperfeiçoamento e estudos mais avançados, aqui mesmo.

Além disso, um tal centro organizaria concêrtos e promoveria outras atividades artisticas, apresentando os novos compositores e intérpretes.

Um projeto como êsse bem merece a atenção e a simpatia dos que dispõem dos meios indispensáveis, a fim de que êle se concretize, a bem da cultura e do progresso do Brasil.

A saúde do bebê

(Cont. da pág. 76)

alimentar, a febre se some com a dieta de fome + liquidos.

Dissemos que a dieta em questão é racional, porque, nessas diarréias, havendo em geral processos fermentativos intestinais, a pausa alimentar impõe-se; além do que, para compensar as perdas liquidas da diarréia, a ingestão de líquidos (chá, mate) é que se há de pedir um supletivo.

Só após a dieta de fome + liquidos caberá realimentar a criança.

Aqui os pediatras se dividem; e uns preferem o leitelho, ou ao menos, o leite desengordurado com algum corretivo; outros, o leite caseinado, ou pelo menos, o leite corrigido por um caseinato de cálcio preferem o leitelho, ou ao menos o leite

Mas nos casos excepcionalmente, graves o leite humano deve ser o preferido a tudo, ou quando a criança está no 1.º trimestre ou conta pouco mais.

COMO E' DIFICIL FAZER TEATRO...

(Cont. da pág. 62)

-0% de direitos autorais, 40 a 50% ao dono do teatro e 15% de impostos de Sêlo e Estatística?

★

Em matéria de arte, os paulistas não estão dormindo no ponto. Pensando em cinema, fundaram a Cia. Cinematográfica Vera Cruz, que já lançou suas ações na praça.

Quem seria o diretor? Escolheram Alberto Cavalcanti, um brasileiro que se fêz gente grande nos maiores centros cinematográficos do mundo.

Vai estrear, dirigindo um tema brasileiríssimo: "Os Caiçaras". Vamos ver se dá certo.

Note-se que a capital paulista só dispõe de dois teatros: o Santana e o Brasileiro de Comédia, ambos particulares. O Municipal quase que só acolhe artistas estrangeiros, gente com cartucho forte ou padrinhos poderosos. O Colombo pertence à Prefeitura, mas em tôrno de sua devolução ao povo há uma demanda que já dura vinte anos. Quando terminará, ninguém sabe, pois no Brasil não há pressa. Ou há e ninguém deu por isso?

★

DEPOIMENTOS DOS INTERESSADOS — Dizem que Procópio enriqueceu com teatro, que Jaime Costa gasta fortunas no Jockey, etc. Antes de se acreditar nisso, lê-se o que êles dizem, neste depoimento. Jaime Costa diz: "Uma praça importante como São Paulo só pode ser visitada uma vez por ano, às vezes nem isso. Motivo? Falta de casas de espetáculo".

Procópio assevera: "Tenho o público nas mãos. Mas, para trabalhar o ano todo, tenho de correr todo o Sul do Brasil, como acabo de fazer agora. Por sinal que em Cachoeira, no Rio Grande, quase morri de frio".

Mme. Morineau garante: "Tudo o que ganhei êste ano, gastei numa excursão ao Norte. Só não desisto do teatro porque vivo também de idealismo".

De Roulien: "Sim, quero fundar mais uma companhia teatral. Você me arranja lugar decente para trabalhar?"

Essa a situação.

Ou os cariocas arranjam dez Mecenas, como o pessoal do Teatro Brasileiro de Comédia, ou o problema continuará sem solução. Salvo melhor juízo.

Tinja seu CABÊLO com
ORF-LÉNE *Liquido*
É um produto do AMÉRICO

RIO ELEGANTE
ALFAIATARIA
SOUZA & CHAPETA LTDA.
Exímio Contra-Mestre H. W CHAPETA
CORTE LONDRINO
AVENIDA RIO BRANCO, 111-2.º ANDAR — SALA 202 — TEL.: 43-3234

METROPOLE

COMPANHIA NACIONAL DE SEGUROS GERAIS



SEDE PRÓPRIA DA «METRÓPOLE»
RUA DA ASSEMBLÉIA, 51 - 10° e 11°

OPERA NAS SEGUINTES CARTEIRAS:

VIDA, INCÊNDIO, TRANSPORTES (MARÍTIMOS E TERRESTRES), AUTOMÓVEIS, ACIDENTES PESSOAIS E ACIDENTES DO TRABALHO



FILIAIS E AGÊNCIAS EM TODOS OS ESTADOS DA UNIÃO

RUA DA ASSEMBLÉIA, 51 - 10.° e 11.° and.
(SEDE PRÓPRIA)

FILIAL DO DISTRITO FEDERAL
AVENIDA RIO BRANCO, 110 1.°

FÓSFOROS
USEM
DAS MARCAS
SOL
E
YPIRANGA
SÃO OS MELHÔRES E
POR TODOS PREFERIDOS

CASPA!. CABELOS BRANCOS!
use LOÇÃO XAMBÚ
CABELOS BRANCOS OU GRISALHOS VOLTAM À SUA CÔR NATURAL. ELIMINA A CASPA — EXITO GARANTIDO.
LABORATÓRIO — Rua Souza Dantas nº 23
Pedidos pelo Reembolso Postal — Rio de Janeiro

ACIDO URICO
REUMATISMO
ARTRITISMO
GOTA
LYTOPHAN

Um dia depois do Treze de Maio

(Cont. da pág. 42)

Numerosos estrangeiros ilustres, que por aqui passaram, louvam a bondade com que eram tratados os escravos. Bennet, viajante inglês, citado por Donald Pierson, chega mesmo a afirmar, "que embora seja possível, que alguns escravos fôssem maltratados (e indubitàvelmente eram), a condição de muitos dêles era melhor que a de algumas pessoas nascidas livres aqui na Inglaterra, nos dias de hoje."

Debret, que descreve, com expressivas côres, a aplicação de vários castigos sofridos pelos negros no tempo do cativeiro, garante, no entanto, que era o Brasil, "seguramente, a parte do Novo Mundo, onde o escravo é tratado com maior humanidade". Não é outro o falar de Spix e Martius, James Wells e Codman, acordes todos em frisar o lado humano da escravidão em nosso país.

Mas, havia entre os senhores de engenho o pavor da revolta dos negros, que punha em perigo a vida e a fortuna de cada um dêles. Necessário, portanto, se tornava possuirem instrumentos de suplício, conforme documentam os exemplares reunidos às coleções do Museu Histórico Nacional, no sentido de manter a disciplina entre os escravos, de aterrorizá-los e poder dominá-los, pois, quase sempre, as pessoas da família e os criados dos fazendeiros estavam numa grande inferioridade numérica em relação àqueles que trabalhavam nas lidas domésticas, na produção do açúcar ou no plantio dos campos. O autor da VIAGEM PITORESCA E HISTÓRICA AO BRASIL nos dá, em pranchas soberbas de observação, a visão dorida do suplício do tronco, da aplicação do açoite, do colar de ferro dos negros fujões e do mercado da rua do Valongo. O tronco, escreve Debret, "é formado por duas peças de madeira de seis a sete pés de comprimento, prêsas a uma dobradiça de ferro e munidas, na outra, de um cadeado, cuja chave fica em mãos do feitor. O fim dêsse dispositivo é de sobrepor as duas partes dos buracos redondos através dos quais são passados punhos ou pernas, e, às vêzes, o pescoço dos torturados". Êsse instrumento que ficava, quase sempre, num barracão fechado, era aplicado ao negro indisciplinado, ao fujão ou para impedir, que, excitado pelo desejo, abandonasse a senzala à noite.

Havia também troncos de ferro. O mais terrível era o VIRAMUNDO, que, forçando o desgraçado, prêso pelos punhos e pelos pés, a uma torturante posição, se dali não era retirado depois de um ou dois dias de castigo, vinha, então, a morte libertá-lo para sempre.

A palmatória, o *bacalhau*, o tronco, as gargalheiras, as algemas, o colar e o cinturão de ferro supliciaram, sem dúvida, o negro. Não devem, porém, ser encarados como instrumentos de tortura, porque dêles se valiam os senhores, como recurso de legítima defesa, na repressão dos excessos praticados pelos escravos nos seus momentos de rebeldia. E, tanto assim era, que, durante a guerra do Paraguai, quando para lá foram mandados para lutar contra os soldados de Lopez, questão que apaixonou a opinião pública daquela época, o Conselho de Estado, em parecer notável, faulhante de lógica e elevação mental, fêz sentir o tratamento suave e brando, justo e compassivo, que existira sempre no Brasil entre senhores e escravos.

Foram raros, porém, os senhores de engenho, embora amos bondosos e tolerantes, que se resignaram, no primeiro instante, com as conseqüências da Lei Áurea. Desmantelada a lavoura, paralisados os engenhos, empobrecidos seus proprietários da noite para o dia, ficaram, muitos dêles, sem recursos materiais para o resgaste de títulos ou o pagamento de dívidas. Pareceu-lhes, então, "que o castigo mais severo do cativeiro não recaiu sôbre o cativo e sim sôbre a classe que o oprimia". Confrange pensar, que, em desespêro de causa, tenham alguns dêles procurado vingar-se, estravasando tôda a sua cólera, sôbre os pobres negros...

Lembro-me de ter ouvido em pequeno, dentre as histórias do cativeiro, a triste repercussão dêsse acontecimento no dia 14 de maio de 1888. Certo fazendeiro do Recôncavo bahiano, que se deitara rico e amanhecera pobre, mandara um portador levar ao filho mais velho, que estava à testa de um dos seus maiores engenhos, a notícia de que a Princesa Isabel, em virtude da lei, alforriara todos os escravos e que os podia mandar embora...

O filho, porém, antes de cumprir a determinação paterna, reuniu no pátio da senzala todos os escravos, e, mandou que o feitor aplicasse, indistintamente, em cada um dêles, uma dúzia de bolos. Quando o último negro acabou de sofrer o imerecido castigo, esbravejou: — Vocês estão livres... Mas, apanharam. Agora vão para o diabo!". O dr. Afonso de E. Taunay, que nunca se recusa a esclarecer àqueles que buscam seus sábios ensinamentos, assevera-me que, logo após a assinatura da Lei Áurea, os jornais cariocas narraram, em têrmos indignados, fato idêntico, como havendo ocorrido no Maranhão e que também em S. Paulo um fazendeiro de Indaiatuba, perto de Itu, mandara surrar todos os seus ex-escravos no dia seguinte ao 13 de maio.

Velho e querido amigo, cuja palavra não pode sofrer contestação, disse-me ter conhecido no Recife um senhor de engenho do Nordeste, que, mal teve conhecimento da abolição da escravatura, mandou ferretear, com o mesmo ferro de marcar o gado, alguns dos seus ex-escravos.

Contou-me, certa tarde, no parque das águas de Caxambu, a propósito dêsse mesmo assunto, um ex-senador estadual paulista dos áureos tempos do P.R.P., membro proeminente de prestigiosa família ituana, que uma sua parente, residente na Capital Bandeirante, e, que vivia, em companhia de duas ou três escravas, da encomenda de doces e biscoitos para festas de casamentos e batizados, ao saber que ia perder as criolinhas, que tanto a ajudavam na labuta diária, mandou, por vingança, arrancar, a torquez, os dentes incisivos de tôdas elas, afirmando, com incontido rancor, que assim fazia para que as "negrinhas não fôssem logo encontrar namorados ou maridos".

Distinta professôra desta Capital, conhece uma preta velha, ex-escrava de conhecido titular do Império, outrora, abastado fazendeiro na Província do Rio de Janeiro, que sempre afirmou ter "*sinhô veio*", quando soube que a Princesa Isabel havia libertado os negros, mandado tocar fogo às senzalas, causando a muitos dêles, que de nada ainda sabiam, ferimentos e queimaduras.

Quantos episódios como êstes, que, fatalmente, o 14 de maio de 1888 registra, mas que ainda não chegaram ao nosso conhecimento, não ocorreram por êstes brasis a fora! E' fácil avaliar a tristeza de Sinhàzinha, quando, um dia depois do 13 de maio, não teve mais quem lhe trouxesse, ainda na cama, o café saboroso e o desespêro de Sinhá Velha, dificilmente contido, vendo, desertas as senzalas, paralisada tôda a labuta doméstica! No melancólico cenário da Casa Grande, desoladoramente silenciosa, voejando por sôbre os sêres e as coisas, a intranquilidade do dia de amanhã, andava a despertar recalques terríveis e inconfessáveis na mente dos seus proprietários!... Vingavam-se, então,, nos desgraçados negros, que, isentos de culpa, tão sòmente pediam "a Justiça de Deus na voz da História".

REMBRANDT

(Cont. da pág. 35

descobrir o vôo eloquente da mão de Rembrandt, a sutileza do ambiente, que se produz com um toque aqui e ali, e a qualidade legendária dos rostos e dos gestos. E Rembrandt logrou captar com inteira liberdade imaginativa e espírito da Bíblia, precisamente porque não se propunha "ilustrá-la" no sentido moderno do conceito. Mais ainda, como verdadeiro amador dela, pôde tratá-la segundo a lei de sua própria emoção, sem se preocupar ou se comprazer nos gostos alheios.

À medida que desfilam diante de nossos olhos êstes episódios da história hebráica, surpreende-nos a intuição dramática do autor. Os elementos estão situados dentro de uma rêde de fôrças, visíveis e invisíveis, que compõem um problema humano. Assim é que, como indica Goetz, até o divino é humanizado por Rembrandt, e os anjos e homens se aproximam atraídos por um calor que emana de um mesmo espírito de fraternidade, de amor filial, e de outros valores comuns. A luta parece apresentar-se em têrmos de mal e bem, de pecado e salvação, com o divino e o humano, aliados contra o diabólico e o irracional.

Essa emoção fundamental se vai tornando mais explícita conforme nos adiantamos no caminho de Cristo. Na água-forte simbólica da apresentação no templo, a cabeça de José, que sustém o menino nos braços, resplandece como uma estrêla contra as trevas profundas que o rodeia, e as outras figuras, com exceção do sacerdote, apenas estão insinuadas. Depois vem o combate de Jesus contra tôda a degeneração e perversão que havia em seu tempo; a cura dos enfêrmos, a parábola do bom samaritano e a ressurreição de Lázaro e da filha de Jairo. Vão adquirindo maior intensidade nos desenhos até aquela água-forte vibrante em que se vê o Redentor castigando com o chicote os mercadores do templo. O flagelo em mãos de Jesus está rodeado de candente claridade, enquanto que os mercadores espantados fogem em um tumulto de sombras.

E, depois, a inevitável reação dos malvados. O desenho a tinta de Jesus, objeto da zombaria dos soldados romanos, é uma obra mestra de patetismo, pelo eficaz contraste entre o gesto peculiar da vítima e o cinismo que brilha nas figuras dos soldados. O Ecce Homo foi sempre aclamado pela sobriedade, dignidade e serenidade que Rembrandt soube infundir a uma cena de tormentas. Nesta água-forte o pintor holandês logrou um equilíbrio quase perfeito entre os elementos clássicos arquitetônicos e o movimento multiforme dos personagens, cada um identificado com jeito característico.

Finalmente, não se pode deixar de mencionar o lamento sob a Cruz e o entêrro no qual a técnica impressionista de Rembrandt soube combinar solenidade, dor e grandeza. Depois da Ressurreição, Jesus aparece em tôda sua magnificência divina, como um sol bondoso, que volta a convencer os incrédulos. A cena de Tomas, o cético, está cheia de claridade simbólica, posto que já no drama metafísico, a luz triunfou e os atores são silhuetas de transparência.

O auto sacramental terminou, e ao cair o pano, Rembrandt — seu autor — aparece no tablado para receber o aplauso do mundo — seu público — que soube admirar o drama próprio de seu coração.

Industrialização

PHILIPS



Alguns aspectos da nova fábrica Philips, em São Paulo, onde são produzidos os rádios e lâmpadas preferidos pelo público de todo o Brasil.

PHILIPS

Orgulho da Indústria Nacional

TÉCNICA HOLANDESA

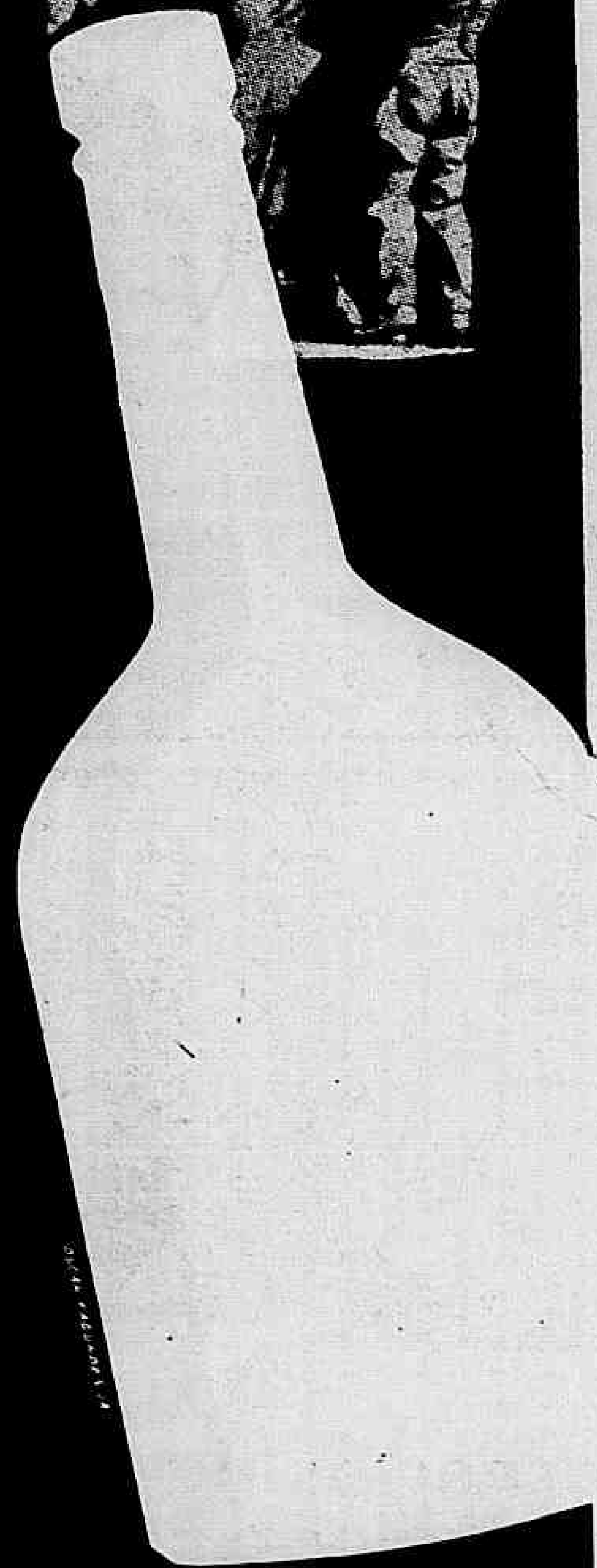


FABRICAÇÃO BRASILEIRA

ERWIN WASEY

O TÔNICO DAS LACTANTES





AGUA INGLÊSA

GRANADO



Margaret Spence

de 1 até 3%, a 1.000 graus de calor, mais ou menos.

★

Lendo Margaret um livro sôbre arte cerâmica egipciana, encontrou uma referência em relação a "pedras de sabão", que foram vidradas pelos egipcianos há cêrca de 4.000 anos. A nota despertou um certo interêsse na artista sempre ávida de saber. Resolveu fazer uma experiência com a "pedra de sabão" do Brasil. Agiu da seguinte forma: esculpiu com uma faca, na própria pedra, levando-a em seguida ao forno para queimar. Na segunda queimação utilizou várias qualidades de vidros para poder acertar uma que surtisse o desejado efeito. E' algo realmente admirável, as esculturas que consegue esta genial artista na "pedra de sabão". E' interessante saber que esta "pedra" é encontrada, com grande abundância, nos Estados de Minas, Paraná e Bahia. A substância principal encontrada na referida pedra é o "steatite" (o conhecido talco para a pele).

As esculturas preferidas por Margaret na "pedra de sabão" variam entre os abstratos e os realísticos.

★

Em longas e pacientes experiências chegou a reconstituir o processo de cristalização, cuja fórmula desapareceu há quase 50 anos, com um francês, o seu único possuidor. Êste processo, o qual podemos chamar um "segrêdo" cujos detalhes de técnicas estão detidos por Margaret, e que é totalmente desconhecido entre nós, dando importante valorização artística à peça de cerâmica, consiste em determinar cristais por meio de saturação de silicato de zinco, num vidro, com óxido para a côr, em processo de resfriação especial. Afirma a artista que êsses cristais podem ser conseguidos por qualquer cerâmica num forno adequado, que possa atingir até 1.300 graus centígrados.

Além de exímia ceramista e escultora é Margaret Spence uma grande pintora modernista. O seu estilo fluente e vibrante impressiona de tal maneira que, o observador pode facilmente adorá-lo ou odiá-lo à primeira vista. E' um estilo quase másculo, originado pela tonalidade de côres fortes. Está, entretanto, tentando a artista introduzir no seu estilo, por meio de côres e de movimentos, uma emoção no espectador; êste poderá sentir, através de suas telas, uma sensação de desespêro, devaneio, quietude, melancolia e desprêzo. Conforme na cerâmica e na escultura, tem Margaret na pintura uma técnica própria e bastante original. Nos seus quadros não encontramos a influência de Picasso ou Portinari. O seu estilo vibrante nasceu de pinceladas a bel-prazer. Totalmente dominada pela magnífica impressão que causam os seus trabalhos, vai Margaret criando os elementos mais pitorescos e incisivos dentro de sua arte. Já realizou duas exposições, sozinha, no Instituto dos Arquitetos do Rio de Janeiro; tomou parte aproximadamente em 15 exposições de grupos; já obteve medalha de prata e de bronze no nosso Salão de Belas Artes; ganhou o prêmio do "Inquérito Popular", da S.A.N., no Salão Paulista, obteve Menção Honrosa; o Comitê Nacional da Comissão Interamericana de Mulheres conferiu-lhe um diploma de Honra. E, finalmente, foi convidada a expor os seus trabalhos no "Museu Internazionale delle Ceramiche", na Itália, sendo ela a única ceramista no nosso país, que já mereceu tão grande honra. E assim... é Margaret Spence.

M. MERCEDES SANTOS

Como eles vêem o Natal

da festa, não deixa de lhes agradar a margem considerável da vantagem pecuniária. Ciosos de suas tradições, zelosos dos postulados que o Talmud-Torah preconizou, êles caminham pelo mundo agasalhando sempre a esperança da recompensa divina. Seguem crentes da filosofia de Eliá, o profeta, respeitam o passado porque, na história dos sábios, êles bebem o princípio sagrado da existência. São os judeus que comemoram até hoje a saída do Egito. Homens que não hesitaram em seguir Moisés, o cocdificador da religião judaica, o grande homem que se recolheu ao Sinai para ouvir as palavras de Deus. Mas, apesar de todo o amor, tôda a crença, todo o devotamento, não conseguem se livrar da paixão pelo ouro e esquecem as palavras de Moisés quando, ao descer do Sinai, os advertiu contra a adoração dos bezerros de ouro



★ Vendas pelo CRÉDI-MESBLA

A "ORGANIZAÇÃO ALFA" AOS NOSSOS LEITORES



(IMOBILIÁRIA)

Diretor: ALVARO DA SILVA

A conhecida firma imobiliária "ORGANIZAÇAO ALFA" traz ao conhecimento dos leitores da REVISTA DA SEMANA que:

— Tem sempre à venda ótimos prédios nos diversos bairros desta Capital.

— Vende sempre em excepcionais condições, com pequenas entradas e saldo em 5, 10 e 15 anos, sempre pela tabela Price. (Amortizações suaves de juros e capital).

— Procurá-la, para comprar ou para deixá-la encarregada de vender, é sempre um passo acertado.

— Da sua fundação, em 1938 até esta data, vendeu nada menos de 1.295 imóveis, entre prédios e terrenos. Só nos 12 últimos meses vendeu entre outros os grandes conjuntos de prédios, como segue:

R. Bicuíba — 8 apartamentos e 13 casas de vila (Lins de Vasconcelos).

Rua 24 de Maio n. 351 — Prédios de frente e 6 casas de vila (Riachuelo).

R. Nicarágua e R. Santiago — 10 apartamentos e 17 casas de vila (Penha).

Rua Magalhães Castro, 169 — 12 casas de vila (Riachuelo).

Rua Ana Nery, 332 e n. 1923 — Vila com 23 prédios, divididos em 21 apartamentos.

R. Itapoã, do n. 1 ao 39 — 8 prédios, divididos em 16 apartamentos, etc.

Isto sem contar os inúmeros prédios isolados e o grande número de lotes de terrenos vendidos neste período de apenas 12 meses de 1949!!!

Vêem, pois, os leitores, como vende de verdade essa firma imobiliária. E ela não tem luxo nem aparatos. E' instalada com modéstia e simplicidade, sendo provável que por isso mesmo é que vende muito.

Vende muito e vende barato! Vende em boas condições! Serve assim aos ricos e aos pobres!

DESEJANDO VENDER — eis pois, o melhor caminho: "ORGANIZAÇAO ALFA". Recebe autorizações de prédios, isoladamente, ou de grandes e pequenos conjuntos residenciais (vilas, edifícios de apartamentos, avenidas, etc., etc.). Cuida dos necessários desmembramentos e averbações. Não dá o menor trabalho aos seus clientes.-

Escritórios à disposição:

No Rio: à Rua dos Andradas, 26 — 2.º — Tel.: 43-8658

Em Ramos: à Rua Uranos, 705 — sob. — Tel.: 30-3316

Em Duque de Caxias: Av Nilo Peçanha, 15 — 2.º and.

Nº 30

A MULHER SCARLET INVISIVEL

POR RUSSELL STAMM

MAS, MOÇA EU NÃO POSSO PARAR AQUI NO MEIO DO CAMINHO...
SAIA, POR FAVOR, VENHA COMIGO!!!

AVANCE... EMPURRE-O PARA FORA DO CAMINHO!
NÃO TENHO TEMPO PARA CONVERSAS...
VAMOS DAR MARCHA-RÉ...

QUE É QUE HÁ? EN, PEQUENA...
NÃO TENHO TEMPO PARA CONVERSAS...

A ANSIEDADE DE SCARLET E A SUA FORMOSURA CONVENCERAM O CHOFER A DEIXAR O CAMINHÃO E A SEGUI-LA.
SE EU PUDER DETÊ-LOS POR UNS POUCOS MINUTOS...

SE CONSEGUIR SEGURAR O VOLANTE...
VAMOS LOGO!

QUE É QUE HÁ?
SCRANK

COMO PODE SER TÃO ESTÚPICO?!
PERDI A DIREÇÃO, MALIGNANT...

ELES ESTÃO ENCURRALADOS NO BECO. DEIXE-ME FALAR ANTES DE COMEÇAREM A ATIRAR.
ESTÁ BEM.

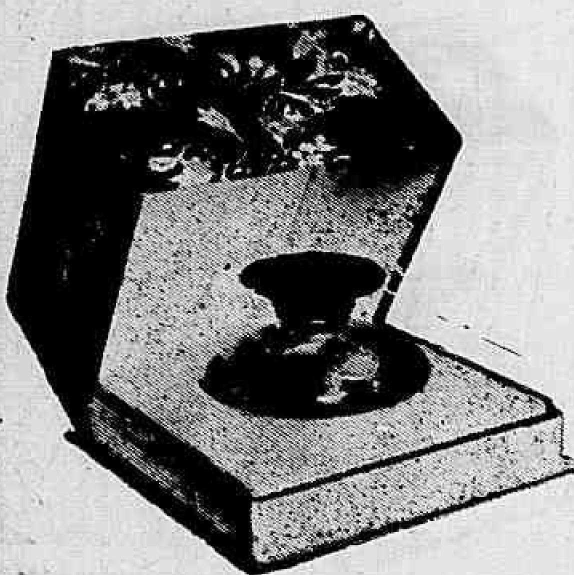
A POLÍCIA!!!

DECIDA-SE MALIGNANT. QUER VIR VERTICAL OU HORIZONTALMENTE?
NÃO AMOLE, TIRA!
BANG

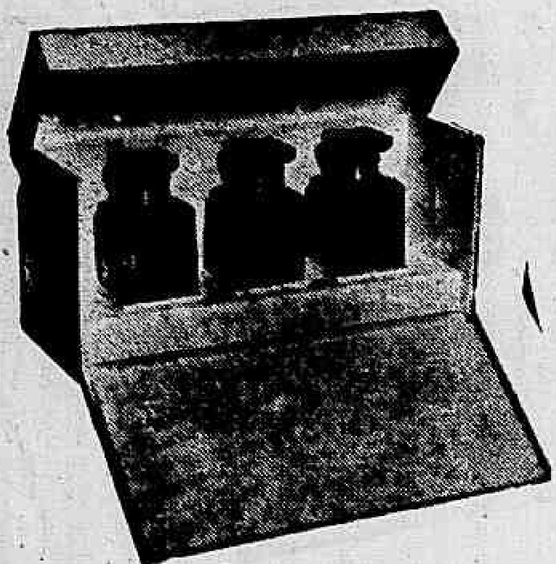
BANG
ZING-G-G..
ZING-G-G..
BANG
BANG

P E R F U M E S

EXÓTICA



NARCISO NEGRO
Delicado perfume, em elegante estojo forrado com finíssimo cetim, constituindo valioso presente
CR$ 45,00



Lindo estojo com 3 vidros de finos e exóticos perfumes diferentes
CR$ 55,00

Pelo Reembolso Postal, sem qualquer outra despesa. Pedidos à
PERMUMARIA EXÓTICA
RUA CAMPOS DA PAZ, 165
Fone: 48-8137
Enviamos catálogos a quem solicitar

RUY VOLTOU À...

Cont. da pág. 2)

Começaram a passar os colégios da Bahia, as associações culturais e esportivas, sindicais e escoteiras, fôrças do Exército, da Marinha, da Aeronáutica e da Polícia Militar do Estado, ostentando seu novo e magnífico fardamento de gala. A seguir era a urna solenemente entregue pela Marinha Brasileira ao Govêrno da Bahia, falando nessa ocasião o Vice-Almirante chefe da flotilha e o Sr. Octávio Mangabeira. Lentamente, já agora ladeada por uma guarda de honra composta de bacharelandos de Direito, começou a movimentar-se a carreta com a urna. Seguiam-na a Congregação da Faculdade de Direito da Bahia, trajando suas becas, membros da família de Ruy, o govêrno do Estado incorporado, o corpo consular, os juristas do Congresso de Direito Constitucional e os membros do Congresso de Jornalistas então reunidos em Salvador, e demais autoridades. Um pouco à frente da carreta estava a representação do clero baiano, chefiada pelo Arcebispo Primaz. O povo, espremido pelos cordões de isolamento, era todo emoção e entusiasmo. Sacadas e janelas cheias, extravasando gente pelas marquises das casas comerciais, pelos postes, pelas árvores. Vivas e palmas, gritos e exclamações eram ouvidos enquanto a urna deixava a Rua da Misericórdia e penetrava na Rua Chile. Ruy novamente estava no coração da Bahia, na principal artéria da cidade natal, onde tantas vezes arrebatara o povo nas suas jornadas cívicas, êsse mesmo povo que agora o levava em triunfo ao panteon da glória.

E através dêsse roteiro que terminaria no Forum Ruy Barbosa, os mais comoventes episódios foram registrados. Aqui, era uma moça que cobria de pétalas de rosas o precioso esquife; ali, era um homem que, num arrebatamento, improvisava um discurso; mais além, uma revoada de pombos lançados por mão anônima; e os jovens e as crianças ainda mal compreendendo a magnitude do vulto que passava, juntando os seus aos retumbantes aplausos da massa. E o homem que chorou diante da urna. E, frente a esta, o povo ajoelhado, orando pelo Apóstolo! E a palavra emocionada de Octavio Mangabeira, à entrada do Forum, improvisando uma oração das mais belas que em

A RESPONSÁVEL por petiscos saborosos e saudaveis!

● Sopas, pudins e demais pratos ficam saborosos e nutritivos si preparados com "Maizena Duryea" — alimento ideal para todas as idades.

Verifique o nome MAIZENA em cada pacote



AMIDO DE MILHO
MAIZENA DURYEA
MARCAS REGISTRADAS

À "MAIZENA DURYEA" 51-11
Caixa Postal, 6-B - São Paulo
Peço enviar-me, GRATIS, o livro
"OS MAGOS DA CULINÁRIA"
NOME
RUA
CIDADE ESTADO

sua vida de tribuno possa haver pronunciado.

A chegada de Ruy à Bahia constituiu um espetáculo de grandiosidade sem par. A Bahia soube reverenciar o seu ídolo, hoje entregue à veneração dos homens em seu pedestal no Templo da Justiça — o Forum Ruy Barbosa, erguido em sua homenagem, a maior de tôdas as homenagens que poderia ser prestada ao cultor máximo da Lei e da Ordem. Ruy voltou à terra natal, que o acolheu, numa apoteose de verdadeiro civismo, de amor, de carinho. E agora, na cripta do Forum que tem o seu nome, repousa para a eternidade, envolto no respeito e na admiração dos pósteros, aos quais legou a Lição e o Exemplo de sua vida predestinada.

MADEIRAS E MATERIAIS PARA CONSTRUÇÃO
TACOS DE 1 QUALIDADE COLOCAÇÃO ESMERADA
ALBINO MESQUITA & CIA.
Rua D. Manoel, 22 e 26
Telefone: 42-1427
RIO DE JANEIRO

AS IDÉIAS VALEM DINHEIRO

(Cont. da pág. 24)

Foi o serviço secreto britânico que evitou que os alemães fabricassem a bomba atômica antes dos Estados Unidos, fazendo com que as usinas de tratamento de urânio germânicas fôssem destroçadas pelos aviões de bombardeio.

O segrêdo sôbre o preparo do "whisky e certos vinhos finos é um capítulo dessa corrida pela engenhosidade alheia. Um francês, René Cerbelaud, funcionário do "bureau" de patentes do seu país, teve uma idéia: compilou tudo quanto havia a respeito da preparação de perfumes e artigos de toucador nos arquivos que diàriamente manuseava e publicou tudo num livro só. Foi um Deus nos acuda entre os perfumistas franceses, até então senhores absolutos dessa indústria. Processaram o homem e taxaram-no até de traidor da pátria! René Cerbelaud, no entanto, apesar do prejuízo que, na verdade, o seu livro ocasionou à França, foi absolvido por terem os juízes considerado que as patente eram concedidas por prazo determinado (geralmente 15 anos, renováveis) e que não podiam ser consideradas segredos de Estado porquanto muitas estavam registradas em vários países. O francesinho atrevido assim, com aquela "divulgação", pôs o "segrêdo" dos mais finos perfumes ao alcance de qualquer um que tivesse os meios para cozinhar as rosas... Em consequência, porém, hoje em dia, nenhum industrial pede registro para os seus produtos exclusivos. Assim, nos perfumes, nas bebidas, nos medicamentos, nas indústrias químicas e metalúrgicas de um modo geral. Quem sabe o segrêdo de fabricação dos famosos "whiskies" escoceses ou dos mais apreciados vinhos franceses?

O gênio inventivo, como se vê, é mercadoria talvez a mais cotada do mercado internacional. A idéia original de fabricação de uma quinquilharia, que tanto pode ser uma boneca como a tampinha de garrafa, comumente rende milhões; os aperfeiçoamentos industriais, tais como em determinadas peças dos automóveis, provocam às vezes verdadeira revolução na indústria e os fabricantes menos privilegiados perdem terreno na competição de mercados. A Singer, patenteando unicamente o furinho da agulha da máquina de costura (que do meio da agulha passou para a extremidade) constituiu uma das mais poderosas indústrias de uso doméstico de todo o mundo. Têm razão, pois, os países que se mantêm vigilantes em tôrno dos seus inventos e protegem os seus inventores. Os Estados Unidos e a Inglaterra não só apoiam os seus próprios inventores, facilitando-lhes tudo para que possam concretizar suas idéias, como ainda procuram aliciar os estrangeiros.

Vejamos um caso interessante, que define duas situações: a do inventor naqueles dois países e o brasileiro. Durante a guerra, quando mais intenso era o bombardeio de Londres, um cidadão do Paraná surgiu no Departamento Nacional da Propriedade Industrial com um invento fabuloso: encontrara um processo de captar certos raios cósmicos frequentes na fronteira daquele Estado e por meio dêsses raios, que brasileiramente batisou de "jussara", "indiara", ou coisa parecida, dizia poder derrubar qualquer avião à distância, e ainda mais uma novidade: os mesmos raios serviam para a cura de certas doenças da pele. Viu-se logo que a idéia de "inventor" não era lá coisa de se acreditar fàcilmente, e os técnicos evidenciaram logo a puerilidade do invento. O homem porém, insistia. Mandaram-no então apresentar um modêlo do seu invento, mesmo porque não se concede patente a idéias e somente a aparelhos, máquinas, objetos, utilidades, aperfeiçoamento e a processos de fabricação, de acôrdo com o "Código da Propriedade Industrial". Aí o homem embatucou... mas não desanimou. Escreveu para a Rainha da Inglaterra e menos de um mês depois obteve a resposta, dizendo S. M. que êle fôsse procurar auxílio na Embaixada Inglesa, que já fôra notificada Que o invento deu em nada, não há dúvida, porquanto os alemães continuaram bombardeando a Inglaterra por muito tempo. Mas o exemplo serve para mostrar a diferença de tratamento entre lá e cá. No Brasil, afora os cuidados do D.N.P.I., que em muitos casos auxilia o inventor e até melhora o seu invento, nada mais se faz para proteger tão importante setor de atividade de nosso povo, que, como todos os demais de origem latina, é dotado de um grande gênio inventivo — segundo nos declarou o engenheiro Ataliba Zepage, acessor técnico do D.N.P.I., e chefe da seção de orientação do mesmo Departamento, pelas mãos do qual passam todos os processos de registro de patentes.

No Brasil, um invento, via de regra, só desperta logo a atenção das autoridades quando diz respeito aos interêsses militares. Nos Estados Unidos e outros países, as grandes indústrias, como a General Electric, a Standard Oil, os laboratórios, o consórcio Dupont de Nemours, lider da fabricação de munições e produtos químicos, a Zeiss, alemã, no domínio da ótica, etc., mantêm equipes de engenheiros e técnicos cuja única preocupação é procurar algo novo. Daí o progresso portentoso e a segurança com que estas indústrias entram no mercado internacional, auém do poder do grande capital que representam, para subjugar os concorrentes mais fracos. Há uma infinidade de inventos de brasileiros nos arquivos do Departamento Nacional da Propriedade Industrial. Muita coisa sem importância, brinquedos, modelos de tudo quanto é utilidade que se possa imaginar; mas inventos notáveis também, como o processo do engenheiro Ariosto Semeraro, de tubulação de borracha removível para as instalações elétricas dos grandes e pequenos edifícios, processo que está sendo aplicado na construção da nova sede do Clube de Engenharia; como o do engenheiro Mascarenhas, de Juiz de Fora, que aperfeiçoou grandemente o tear elétro-pneumático, que promete revolucionar a indústria de tecidos, e outros. Até no domínio do "moto-contínuo" alguns brasileiros têm se aventurado, embora o "moto-contínuo", até hoje, não passe de uma esperança vã de pôr a máquina trabalhando à sua própria custa, enquanto o homem ficaria de braços cruzados, "papo pro ar", tocando violão, bebendo cachaça, falando das mulheres e outros coisas boas. Há menos de um mês, um mineiro, que há 13 anos anda atrás da máquina maravilhosa, anunciou que solucionara o problema, apresentando um aparelhozinho simples, de menos de dois quilos de pêso, que foi examinado pelas autoridades militares, por atenção do Presidente da República, estando, ao que nos parece, em construção um modêlo maior e mais aperfeiçoado do invento para sua posterior comprovação. Queira Deus que êsse Jeca metido a físico, Carlos Pinto da Rocha — êsse o seu nome — venha dar ao Brasil mais essa glória e ao homem, cansado de tanto trabalho, êsse Eden!

A BELEZA NASCE DO...

(Cont. da pág. 11

dra de Guaratiba. Pernas e braços atrofiados, retorcidos pela dor, são revestidos de barro como de um bálsamo. A operação se repete dias seguidos, com renovada confiança. E pouco a pouco, as articulações se desatam, os nervos se distendem, os músculos reagem ao influxo de um sangue mais vivo.

Há o caso de um senhor que veio a primeira vez em cadeiras de rodas; untou-se religiosamente semanas a fio; hoje anda perfeitamente; e, se leva uma bengala, é pura precaução.

★

Ora, quando acontecem essas descobertas, os médicos ficam num dilema. Mesmo que não acreditem, não podem negar a" priori". E se houver mesmo um princípio científico explicando a coisa, um agente químico nesse pouco de terra? Não há a lama de Poços de Caldas? As máscaras de Araxá? As águas rádio-ativas nacionais e estrangeiras?

E neste caso da Pedra de Guaratiba, se bem não fizer, mal também não faz o creme natural e gratuito. Por isso, não tiram as ilusões das moças. E se o cliente reumático deseja experimentar o remédio, o médico não se opõe.

Sugestão e fé também curam.

MESTRE QUE NUNCA FOI DISCÍPULO



Dentre a grande quantidade de fotografias a lápis feitas pelo jovem e genial desenhista, destaca-se a de Bibi Ferreira

QUEM passar pelo "hall" do Teatro Regina, terá sua tenção despertada por uma exposição de retratos de artistas do teatro e do rádio.

Aproximando-se dos exemplares expostos no vestíbulo daquela casa de diversões, procura, naturalmente, examinar mais de perto os quadros e quem os assina. Lá está: **Artur**.

Quem é o artista? Trata-se, evidentemente, de algum mestre do lápis vindo de país estrangeiro, pois, no Brasil, ninguém conhecia com êste nome nenhuma autoridade no assunto.

Mas o artista **Artur** não é nenhum mestre estrangeiro. E' brasileiro. Brasileiríssimo.

Artur, ou melhor, Artur Botelho de Barros e que assina, geralmente, Artur Botelho, é um jovem alagoano, nascido na cidadezinha de Quebrângulo, no dia 25 de maio de 1924. E' filho de Antônio de Barros Passos, já falecido, e que exercia na citada cidade o cargo de tabelião público, e de Dona Julieta Botelho de Barros.

Seu avô materno era uma das figuras mais festejadas de Quebrângulo, o Dr. Artur Botelho, farmacêutico, homem estudioso e de grande independência mental.

O Dr. Artur Botelho, já falecido, era conselheiro, médico, farmacêutico e apaziguador de brigas daquela pequena cidade do interior alagoano banhada pelo Paraíba, localizada numa zona cujo aspecto representa o estado de transição entre a mata e o sertão: — o chamado agreste.

Quebrângulo foi, durante muitos anos, a ponta dos trilhos da Estrada de Ferro da Great Western no chamado ramal de Viçosa, a partir de Rio Largo, entroncamento que separa a linha interestadual entre Recife e Maceió.

Cidade de costumes sertanejos, sem maiores ânsias de progresso, sua indústria se limitava a pequenas usinas de beneficiamento de algodão. Tudo sempre girou em tôrno da pecuária e da agricultura processada sob sistemas primitivos, com a enxada e à espera das chuvas quando Deus mandava.

Que poderia um meio dêsses influir no espírito de um homem a ponto de transformá-lo em artista?

O pequeno Artur Botelho de Barros, porém, desde cedo, começou a denunciar perante os de casa sua vocação para as artes plásticas. Enviuvando, Dona Julieta passou a ocupar o lugar de chefe de família, mantendo o lar e os filhos com os proventos de sua função de agente dos Correios daquela cidade.

Ordenado pequeno, meio sem recursos, falta de estabelecimento de ensino secundário e superior, de artes e ofícios, seu filho não poderia passar do grupo escolar, das bolandeiras de algodão e da criação de gado.

O menino gostava de garatujar cadernos e gastar lápis. De quando em quando pedia "material" a Dona Júlia. Esta, sabendo das aperturas da vida, procurava mostrar ao filho que essa história de estar gastando dinheiro com lápis, papel, cartolina, não dava certo. Mas o menino sentia qualquer coisa dentro dele que insistia nas súplicas.

Mudaram-se depois para a cidade do Pilar, terra do grande Artur Ramos, recentemente falecido na França. A cidade do Pilar está a poucas horas da capital, ligada por excelente estrada de rodagem e à margem da lagoa Manguaba. O ambiente, o cenário da natureza, era completamente diverso daquele em que nascera Artur Botelho. Havia mais amplidão, mais idéia de liberdade pela proximidade do mar. Ali passou outra etapa de sua vida o menino riscador de paredes e de cadernos escolares.

Anos depois foi sua mãe transferida para a Agência Postal de Bebedouro, subúrbio de Maceió. Crescendo, terminou os estudos primários e se matriculou no secundário, sem poder terminá-los. Auto-didata como, aliás, é a grande maioria dos que não podem frequentar escolas no nordeste, Artur Botelho passou a estudar por si mesmo, chegando a adquirir uma cultura sólida, à qual não faltou o conhecimento de linguas estrangeiras.

Já em plena adolescência, êle se dedicava à arte que lhe iria, mais tarde, abrir as portas da vida. O menino rabiscador passara a impressionar os seus maiores e não tardou que fôsse levado à presença de mestres da pintura alagoana. Um dêsses, depois que o viu pintar e desenhar, bateu-lhe no ombro e disse: "Olha, rapaz, nada tenho que lhe ensinar. Você é um mestre".

A arte de Artur Botelho é absolutamente espontânea. Nunca frequentou êle qualquer curso de pintura ou desenho, de perspectivas ou de arte. Também ninguém o "descobriu". Giotto, quando menino e pastor de carneiros em Florença, foi descoberto por Cimabue. Giotto recebeu lições do seu descobridor e é hoje considerado o pai da pintura. Leonardo da Vinci teve como guia a Verrochio, e o próprio Rembrandt, embora não recebesse influência de seus mestres Lastoan e Van Swanenburg, teve mãos sábias que o guiaram na estrada da glória artística.

O jovem pintor alagoano de Quebrângulo impressionou os meios artísticos da capital e sua exposição, a primeira que realiza no Rio, faz-se sob os auspícios de Dulcina de Morais, que muito o tem incentivado. O resultado dessa mostra de arte é em benefício da "Casa dos Artistas".



Pôse especial para esta REVISTA, do jovem artista Artur Botelho ao lado de vários exemplares de trabalhos seus na exposição ora aberta no saguão do Teatro Regina



Emilinha Borba no traço de arte do jovem desenhista alagoano cujo talento está causando geral admiração



Sagramor é esta que foi retratada pelo lápis firme de Artur Botelho de Barros, cuja exposição está vitoriosa

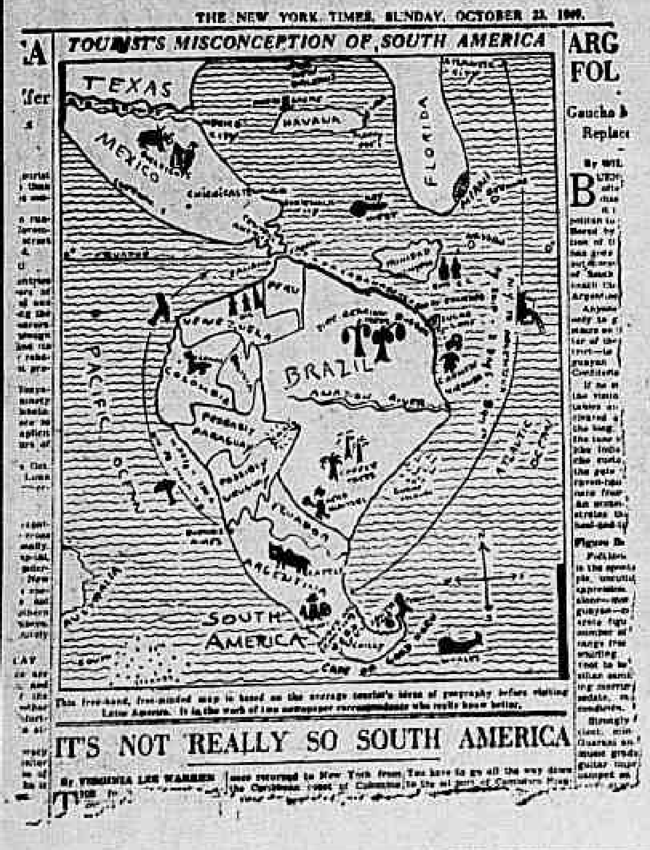


Dulcina de Morais, ao ver o primeiro trabalho do jovem artista de Quebrângulo, amparou-o com o seu prestígio

Tudo isto

OS TURISTAS E O BRASIL

JÁ houve uma época em que falar sôbre o Brasil era falar de uma espécie de África sul-americana, com suas tabas, cobras e bananeiras, além de outros bichos venenosos ou ferozes que andavam pelo meio das ruas de qualquer cidade, especialmente da sua capital, o Rio. Com o andar dos tempos essa concepção do que fôsse o nosso país foi-se atenuando um pouco mais; com Carmen Miranda e o nosso samba, os norte-americanos, inglêses, etc., passaram a ter do Brasil uma idéia bastante pitoresca. Para mostrar, basta que relembremos o que sucedeu numa festa levada a efeito em Londres, na qual estava a mocidade brasileira representada por jovens patrícias. Uma aristocrata britânica, admirada, perguntou: "Mas... eu pensei que as brasileiras se vestissem como a Carmen Miranda". Faz poucos dias os jornais divulgaram uma notícia do exterior na qual a espôsa de um embaixador que se retirara do Rio para sua terra, dizia que, apesar de ter vivido aqui durante três anos, nenhuma cobra a mordera, nem aos seus filhos... Surge agora na edição de 23 de outubro de 1949 do "The New York Times" um documentário ilustrado sôbre a concepção que fazem da América do Sul os senhores turistas, que provoca as mais gostosas gargalhadas. O próprio jornal novayorkino estampou um mapa com esta legenda: "A falsa concepção que os turistas fazem da América do Sul". Para que o leitor goze o assunto, basta dizer o seguinte: Copacabana, o Pão de Açúcar "estão ao norte do Amazonas; as seringueiras já dão pneus e câmaras de ar; o rio Amazonas está no nordeste, o café dá em palmeira e há tribos de índios corta-cabeças"... Isso quanto ao Brasil. O resto é de matar de rir...


THE NEW YORK TIMES, SUNDAY, OCTOBER 23, 1949.

TOURIST'S MISCONCEPTION OF SOUTH AMERICA

This free-hand, free-minded map is based on the average tourist's ideas of geography before visiting Latin America. It is the work of two newspaper correspondents who really know better.

IT'S NOT REALLY SO SOUTH AMERICA

By VIRGINIA LEE WARREN

LADRÃO BEM HMORADO



Esta aconteceu aqui mesmo no Rio, conforme relatam jornais desta capital. A figura de "Geraldão" continua no cartaz policial. As autoridades estão lutando para pôr-lhe a mão. Mas até agora não foi possível sua captura. As mais intensas diligências estão sendo feitas pelos nossos melhores detectives, investigadores e técnicos da polícia. Sua prisão é necessária à elucidação do assassínio da "mansão das lágrimas" na semana passada surgiu o primeiro sinal da presença de "Geraldão" no Rio. Êle, ou alguém por êle, se dirigiu às autoridades policiais por intermédio de uma carta. Nessa missiva diz êle que não se apresentou há mais tempo porque teme sofrer violências. Frisa que não foi, depois que seu nome surgiu no noticiário, à residência da noiva em virtude de infâmias que lhe foram assacadas pelo jardineiro do milionário Curtiss. Recomenda que as autoridades apertem o cêrco em tôrno do jardineiro Pazinato, do ex-guarda Manuel de Matos e de Mercedes. Êles teriam muita coisa para contar. A carta chegou às mãos da Polícia em data de 27 de novembro, tendo sido postada na Agência da Lapa. O mais interessante de tudo isso é que no local destinado à residência do remetente pôs o perigoso larápio o seguinte endereço: "Rua da Relação, 55, Rio".

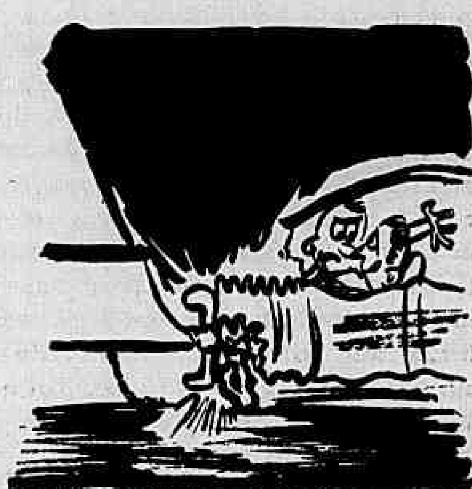
E sabe o leitor de quem é êste endereço? Da Delegacia de Roubos e Falsificações... Não resta a menor dúvida: "Geraldão" é um "blagueur".

CUIDADO COM AS BIOGRAFIAS



Duas espécies de literatura que a gente deve ler com certa precaução: a biográfica e a de viagens. Se é o próprio autor que escreve sôbre sua vida, temos então a chamada auto-biografia, uma coisa que jamais poderá constituir obra sincera. E' que ninguém vai contar coisas escabrosas de sua vida num livro que vai ser lido por gregos e troianos... Livros de viagens são como histórias de caçadores. Há cada uma! Há, entretanto, uma classe de biografia que a gente tolera. E' a que é escrita pelos biógrafos, muitas vêzes longe dos biografados ou quando êstes já morreram. Quem não gosta de ler as biografias dos grandes artistas, dos grandes cientistas, dos grandes soldados, das mulheres célebres? A vida de Goethe, de Leonardo da Vinci, de Napoleão, de Guttemberg, de Giotto, de Edison, de Santos Dumont, Ruy, Couto de Magalhães, Mauá?... São obras que se vendem com rapidez. Foi pensando nisso que o sr. Adolfo Simões Muller escreveu uma biografia sôbre o almirante Gago Coutinho e a Livraria Tavares Martins, do Pôrto editou. Mas, para azar do escritor e do editor, o biografado não gostou do livro e já protestou em órgãos de nossa imprensa, acusando os lançadores dessa biografia até de desonestos. Um dos pontos mais censurados pelo almirante Gago Coutinho é o próprio título da obra: "O grande almirante das estrêlas do sul". Por isso e muita coisa falsa no contexto do livro que foi dado à estampa sem autorização do biografado, o almirante recomenda a todos: "Não leiam!".

RAZOÁVEL INOVAÇÃO



Segundo dizem telegramas da Agência USIS, de Washington para a nossa imprensa, cêrca de 8 mil escolas secundárias dos Estados Unidos dão a seus alunos treinamento de direção de automóveis, durante o ano letivo. Peritos em segurança afirmam que o programa tem provado ser o meio mais eficiente para o ensinamento das regras de tráfego, dentre os que agora foram postos a provas. Em 4.600 escolas os alunos têm atualmente, noções básicas de direção, com aulas teóricas e práticas, quer sôbre os veículos pròpriamente ditos, quer sôbre as regras de tráfego, para uma perfeita direção. A Associação Nacional de Educação informa que mais de duzentos mil estudantes recebem atualmente tais instruções e treinamento. Os estudantes são treinados nos centros urbanos de tráfego intenso, sempre acompanhados de seus instrutores. Grande número de escolas estão instalando áreas de treinamento nos próprios pátios das escolas. Alguns dêsses estabelecimentos de ensino têm seus próprios carros para treinamento de alunos; a maioria, porém, tem seus carros fornecidos segundo um programa patrocinado por vendedores de automóveis e pela Associação Automobilística Americana. Excelente inovação no ensino até aqui puramente intelectualístico, se, entre nós, os colégios e ginásios organizassem cursos semelhantes. E' indiscutível que, ao invés de encher a cabeça do estudante com quanta coisa inútil haja, o ensinemos a guiar automóveis e conhecer as leis do tráfego.

UM MONSTRO



De quando em quando surge em nosso legislativo federal movimentos para que seja adotada no Brasil uma lei obrigando os que vão casar-se ao exame pre-nupcial. As razões para êsse regime são conhecidas de todos, e a ninguém ocorre opor obstáculos que desprestigiem a sugestão. E' claro que, sendo a finalidade principal do casamento a perpetuação da espécie, deverá esta ser sadia, isenta de taras, de moléstias congênitas, de distúrbios hereditários que concorram para a degeneração da sociedade humana. Até agora porém, não se conseguiu efetivar o caso. Há, entretanto, uma outra particularidade acêrca de casamento que deveria merecer as atenções de nossos governos. Queremos referir-nos sôbre o estado mental dos futuros organizadores de uma nova família. Muitas vêzes um indivíduo é perfeitamente são, podendo dar à pátria filhos sãos, mas que, por deficiência de educação ou má índole, tornam-se, depois de casados e chefes de família, verdadeiro problema para o meio social em que vivem e para os membros da própria família. Veja o leitor êste caso passado agora em Alagoas: o agricultor Manuel Máximo, exaltado com a rebeldia de seu filho José Máximo Carnaúba, de 16 anos, espancou-o brutalmente. Depois de seviciar o menor, arrastou-o sôbre um braseiro, jogando-o, em seguida esvaindo-se em sangue, sôbre uma pedra, alheio aos rogos de sua mulher, que suplicava ao monstro suspendesse o martírio do filho. O menino morreu no dia seguinte. E o monstro? Com certeza será processado; mas bastará isso?

Aconteceu

QUE VOCAÇÃO!



O diretor da Casa de Detenção de S. Paulo surpreendeu, a 24 de novembro dêste ano da graça de 1949, o recluso de nome José Antunes Machado, que se acha cumprindo pena por falsificação, quando o mesmo, de pinça e tesoura na mão, dedicava-se a alterar notas de dez para quinhentos cruzeiros. Conduzido à Delegacia de Falsificações, o malandro não negou o crime. Ao contrário, espontâneamente revelou que já há algum tempo vem adulterando cédulas em sua cela na Casa de Detenção. Não revelou como obteve o material com que realizava a fraude, nem fêz qualquer referência ao meio pelo qual conseguia pôr as cédulas falsas em circulação. Acha-se prêso em cumprimento a longa pena e frisou serena e cinicamente que dentro ou fora da cadeia, onde estiver e como puder, continuará sempre falsificando dinheiro. A isso pode-se dar o nome de vocação. Vocação para o mal, vocação ilícita, contra a sociedade, mas vocação perfeita. A Justiça devia ter, para tais casos, uma solução mais consentânea com o progresso do mundo, com a evlução da sociedade. José Antunes Machado é um dêsses casos perdidos. Não faz reservas de sua tendência à falsificação de dinheiro e acha mesmo que é inútil mantê-lo prêso. De qualquer maneira trabalhará nesse ofício... Mas como conseguiu êle as "ferramentas" para a conversão de uma nota de dez cruzeiros numa de quinhentos? Como conseguia pô-las em movimento fora da Detenção? Aí está uma parte da "habilidade" do delinquente que precisa ser esclarecida...

DE ESMOLA GRANDE...



O povo carioca é louco por frutas. E quem não gosta de saborear uma manga bem doce, melões e melancias, uvas e sapotis? Por êsse motivo o povo do Rio de Janeiro enfrenta preços exorbitantes de frutas nacionais ou estrangeiras e as consome sem desfalecimento, salvo os mais sensíveis, que têm síncopes diante do custo... Estávamos com as uvas a preços que variavam entre vinte e cinco e trinta cruzeiros o quilo, conforme o bairro e o ambiente em que eram expostas. De repente surgiu a sensacional notícia por tôda a cidade: uvas gregas, a doze cruzeiros! E de caminhão... Com efeito, começaram a circular pelo centro da cidade vários caminhões carregados de caixotes de uvas que nos vinham da imortal terra de Péricles. O povo investiu na ânsia de aproveitar a oportunidade. Todo mundo ficou admirado com essa novidade. Como se explicava o milagre? Várias versões começaram a circular. Embora não interessasse pròpriamente a origem dessa baixa em uvas tão belas e tão baratas (relativamente, é claro) e sim o fato visível aos olhos de todos, o carioca continuava com a pulga atrás da orelha... E a verdade surgiu. As toneladas de uva grega vendidas em caminhões foram arrematadas em leilão por determinada firma que ,além das facilidades da Prefeitura que lhe ofereceu transportes, pagou uma ninharia, fazendo verdadeiro negócio da China com as uvas da Grécia. Segundo afirmam, o quilo não custou ao arrematador nem três cruzeiros! Em menos de uma semana apuraram Cr$ 1.500.000,00! E' bem verdade: de esmola grande cego desconfia!

CAVALOS E HOMENS

OS soldados Francisco Ribeiro dos Santos e Guanair José da Silva, ambos do Regimento Escola de Cavalaria, saindo para passeio nas montadas números 214 e 577, o fizeram de tal modo, exigindo esfôrço muito superior às fôrças orgânicas dos referidos animais, apesar das recomendações recebidas, que ao amanhecer do dia seguinte as aludidas montadas estavam mortas.

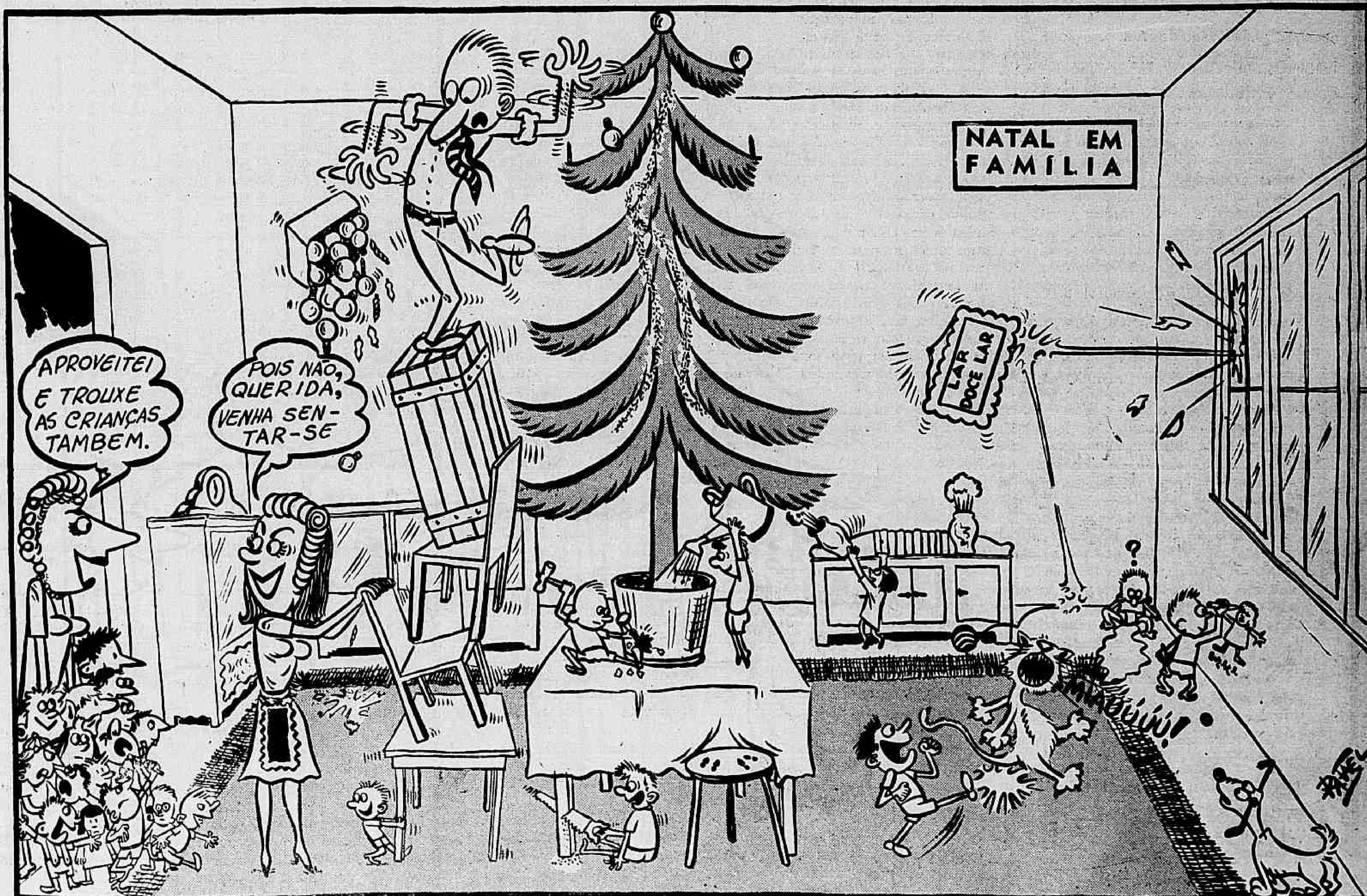
Em face dessa situação, foram os mesmos soldados submetidos a inquérito policial militar e afinal denunciados na Primeira Auditoria de Guerra da Primeira Região Militar.

O auditor Abel Caminha pensa de modo diverso do do promotor, por entender que o fato não constitui crime e ficar apenas no âmbito da ação disciplinar.

O promotor Amador Cisneiros, por sua vez, não se conformando, recorreu para o Tribunal Militar em cuja secretaria os autos deram entrada a 26 de novembro, em grau de recurso.

Deixando de lado o aspecto jurídico do caso, com suas configurações de crueldade e prejuízo contra o patrimônio do exército, comentemos o que se passa a respeito de excessos de esfôrço orgânico entre os homens. Há nas indústrias e no comércio grande quantidade de menores a trabalhar, a ganhar dinheiro com o suor do seu rosto. Mas, apesar das vigilâncias e da Lei, muitos são os que abusam da capacidade física dêsses pequenos trabalhadores e exigem dêles maiores esforços.

Certa vez, sob o pêso de volumosa carga, um menor atravessou a avenida Rio Branco e caiu à entrada da rua do Ouvidor. E se não fizesse o serviço, seria despedido... Protejam os cavalos, mas não se esqueçam dos "outros"...





LEITURA NOS ENGENHOS

PREPARO-ME para colaborar na REVISTA DA SEMANA e logo me chegam à memória as lembranças da infância, os tempos de "menino de engenho", de rapaz, no convívio da família. E aí me ligam as lembranças às leituras da sala de jantar, à luz do candieiro de porcelana, com os jornais da Paraíba e Recife estendidos sôbre a mesa grande. E meu avô para um canto, no jôgo do lasquinê, e todos nós atrás das notícias, dos telegramas.

Não havia ainda as seções esportivas. E o nosso herói, aquêle que desafiava a nossa curiosidade, não era outro que o cangaceiro Antônio Silvino, sôlto pelos sertões e caatingas, como um govêrno de fato, mandando em tudo. Quando havia uma aventura nova do cangaceiro corriam as negras da cozinha para ouvir a narração detalhada, que líamos, devagar, tropeçando numa palavra mais difícil, para chegar ao fim com a vitória do bandido indomável.

Mais tarde, e é por isso que o convite me provocou a recordação, é que começaram a chegar as revistas do Rio. "O Malho", com o Zé Povo, pobre homem muito opinativo, mas um triste homem que ninguém levava a sério. E aí a política já entrava, através das figuras, das caricaturas, a nos interessar. Víamos Ruy Barbosa, Pinheiro Machado, Hermes da Fonseca, Dantas Barreto; víamos o povo nas ruas, e a nossa admiração tomava outros heróis para cultivá-los. Foi quando o primo Silvino teve a iniciativa de assinar a REVISTA DA SEMANA. E entravam assim na casa grande do engenho Corredor, mais do que os políticos, as mulheres bonitas, os contos de dona Júlia Lopes, os bonecos de Raul, os versos, os inquéritos sôbre literatos. O poeta Bilac, de bigodes e "pince-nez", os sonetos, a vida elegante do Rio, as casas de chá, todo êsse mundo que para nós parecia-nos de outra gente. Quando chegava a REVISTA, logo apareciam os bilhetes de outros engenhos, pedindo-a emprestada. Copiava-se vestidos, comprava-se versos, sabia-se das receitas de uma senhora Potoka, mulher sóbria que dava conselhos para a pele e para a alma.

E as lições encontravam um campo fértil. As mulheres se contaminam da moda de tal maneira que através desta receptividade fabulosa tôda poderá chegar a vencer. A REVISTA DA SEMANA operou uma espécie de revolução nos hábitos caseiros dos engenhos. A vida da moça começou a sofrer a influência da carioca que aparecia nos "footings", nas páginas da capa, na elegância dos vestidos, nas preferências pelos perfumes e poetas. O primo Silvino, sem querer, havia sido uma espécie de "missão francesa" nos pachorrentos engenhos da várzea paraibana. E tudo com aquela assinatura da revista elegante, papel impresso, com figuras de sedução, com palavras bonitas, com o "chic" de um Rio que se exibia como uma galante senhora capaz de tudo.

As revistas cariocas voltavam a mandar no gôsto das moças dos engenhos. Nos tempos do segundo reinado os jornais de moda, admiràvelmente impressos, apareciam por ali, com colaboração da melhor gente. Machado de Assis, no "Jornal das Famílias", publicou muitos de seus contos. E dizem que traduzia para o tal jornal receitas de doces e legendas para os desenhos dos figurinos.

Com a República as revistas cariocas perderam o prestígio. E' que havia desaparecido a Côrte e os começos do novo regime não davam oportunidade às elegâncias.

Quando a revolução urbanista de Passos se consolidou, voltava o Rio a ser uma cidade elegante. As saudades dos serões da Côrte não puderam evitar a criação de novos mitos. Dona Laurinda Santos Lobo consolidou a nova era. Fêz um salão de elegância que atravessou os primeiros anos do século.

Lá para as nossas bandas, chegavam pelas revistas os sucessos da nova sociedade. "O Rio civiliza-se", da frase do cronista, faria das revistas de elegâncias, verdadeiras condutoras dos germes da civilização metropolitana que se propagava pelos quatro cantos do Brasil.

JOSÉ LINS DO REGO

NESTE NÚMERO

REPORTAGENS

Como êles vêem o Natal (Victor Leal ... 4/7
A beleza nasce do barro (Achilles Camacho) ... 10/11
As idéias valem dinheiro (Carlos Duarte) ... 14/17
Ruy voltou à terra natal (Walberto Menezes) ... /26
A primeira paz. (Harold James) ... /38
Um dia depois do 13 de maio (Menenezes de Oliva) ... /42
Margaret Spencer na arte do fogo (M. Mercedes Santos) ... /49
Stratford, berço natal de Shakespeare (Orlando Beghelli) ... /53
As escolas suíças de ski (Chs. Jean) ... /58

ATUALIDADES

Mensagem ... 3
Carta a Papai Noel (O. B.) ... 67
Leitura nos Engenhos (José Lins do Rego) ... 90

LITERATURA

Ressurreição (Maria Leticia) ... 28
Mudança (Tresa de Almeida) ... 39
A Chave (Ferenc Molner) ... 54

HUMORISMO

Bom Humor ... 12
A Surpresa (Theo) ... 27
Pão nosso de cada dia (Nicodemus) ... 43
Festas (Queiroz) ... 50
Natal em família (Rafael) ... 89

TEATRO

Como é dificil fazer teatro no Brasil! (Paulo Fabio) ... 60/63

CINEMA

Cinema Brasileiro em 49 ... 30/33
Natal em Hollywood ... 64/65

ARTES PLASTICAS

Rembrandt, intérprete da Bíblia (José Gonzalez) ... 35
Mestre que nunca foi discípulo ... 87

MÚSICA

Crônica de Roberto Lyra Filho ... 77

SEÇÕES PERMANENTES

A Semana em Revista — A Personagem da Semana ... 8
Puxe pelo cérebro ... 9
A Saúde do Bebê (Dr. Saboia Ribeiro) ... 76
Tudo isto aconteceu ... 88/89

FOLHETIM

Scarlet ... 85

FEMININAS

Vestidinhos ... 68
Tailleurs ... 69
Praia ... 70
Reveillon ... 71
Week-End na Cozinha ... 73

★

FOTOGRAFIAS: Arnaldo Vieira
Achilles Camacho
Adalberto Mendes
News Press
Avulsas

★

ILUSTRAÇÕES: Armando Pacheco
Jerônimo Ribeiro

★

NA CAPA

Myrna Dell (RKO)

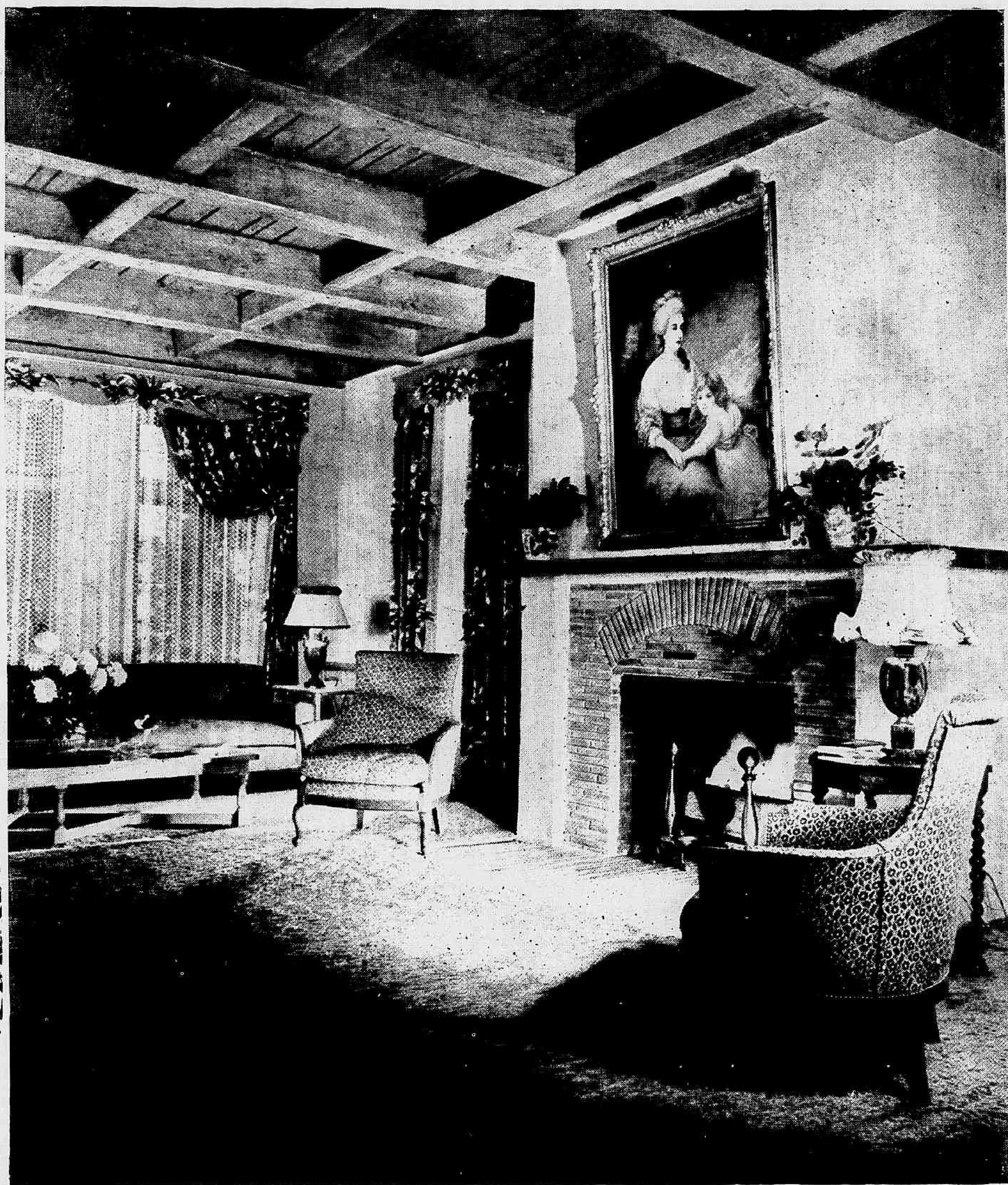
★

(Esta edição contém 92 páginas)

PUXE PELO CÉREBRO

Respostas

1 — 1896
2 — Nascimento de D. Pedro II
3 — Condoreira
4 — Rodrigues Alves (1918)
5 — Olavo Braz Martins dos Guimarães Bilac
6 — Mãe do Marechal Deodoro
7 — Senador
8 — Haydn
9 — Monitor Campista
10 — Já nasceu com dois dentes
11 — Um dos sete sábios da Grécia
12 — Do moleiro de Sans-Souci
13 — As pirâmides do Egito
14 — José Ingenieros, argentino
15 — O general Osório
16 — Venus
17 — Júpiter
18 — Cêrca de 144 (doze anos terrestres)
19 — Júpiter
20— Masacchio (começos do século XV)



MOBILIÁRIOS E DECORAÇÕES

Orçamentos e sugestões por técnicos decoradores

TAPETES E PASSADEIRAS

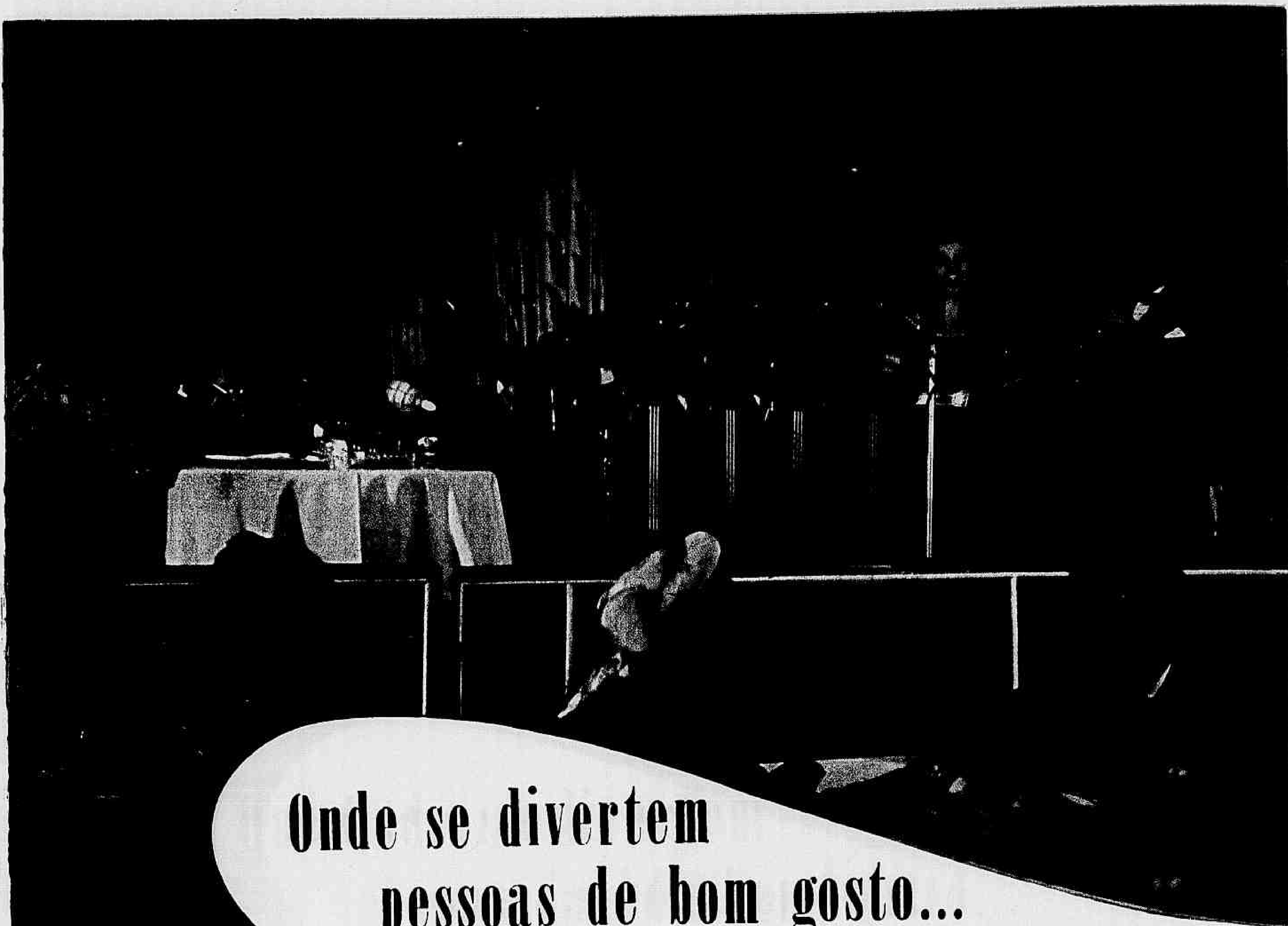


de tôdas as partes do mundo fabricadas especialmente para a

CASA NUNES

MARCA REGISTRADA

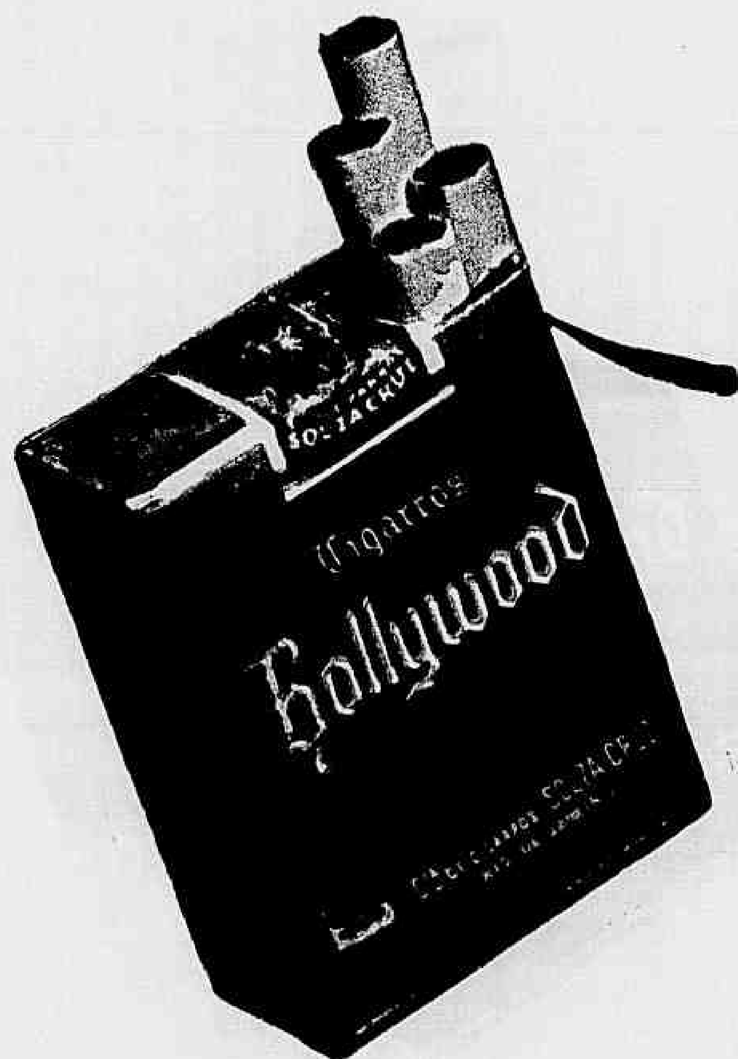
65 RUA DA CARIOCA 67 ★ RIO



A boite do Hotel Excelsior animada pela magnifica orquestra de Zacharias, é um dos mais elegantes centros de reunião da sociedade paulista.

aí se encontram os cigarros Hollywood

Chegou a hora do *show*... mas, para apreciá-lo melhor, acenda um Hollywood — o cigarro que dá mais realce às horas de lazer e faz passar mais rápidas as horas de trabalho. Pela suavidade toda especial... resultado dos fumos escolhidos e combinados com acerto, Hollywood é, de há muito, o cigarro-tradição da sociedade brasileira. Entre também para o grupo elegante dos que fumam Hollywood.



cigarros

Hollywood

uma tradição de bom gosto

Companhia de Cigarros **SOUZA CRUZ**

REVISTA DA SEMANA

Cr$ 3,00 em todo o brasil



OS HÁBITOS ADQUIRIDOS NA INFÂNCIA...





Joaquim Menezes

PERDURAM POR TÔDA A VIDA

CONTA POPULAR

Depósito inicial 50,00
Limite 100.000,00
Juros .... 6% ao ano

BANCO NACIONAL DE MINAS GERAIS S.A.

CAPITAL CR$ 60.000.000,00

FILIAL: AV. PRESIDENTE VARGAS, 509

Agências no Rio: Bandeira, Catete, Castelo, Madureira e Ramos

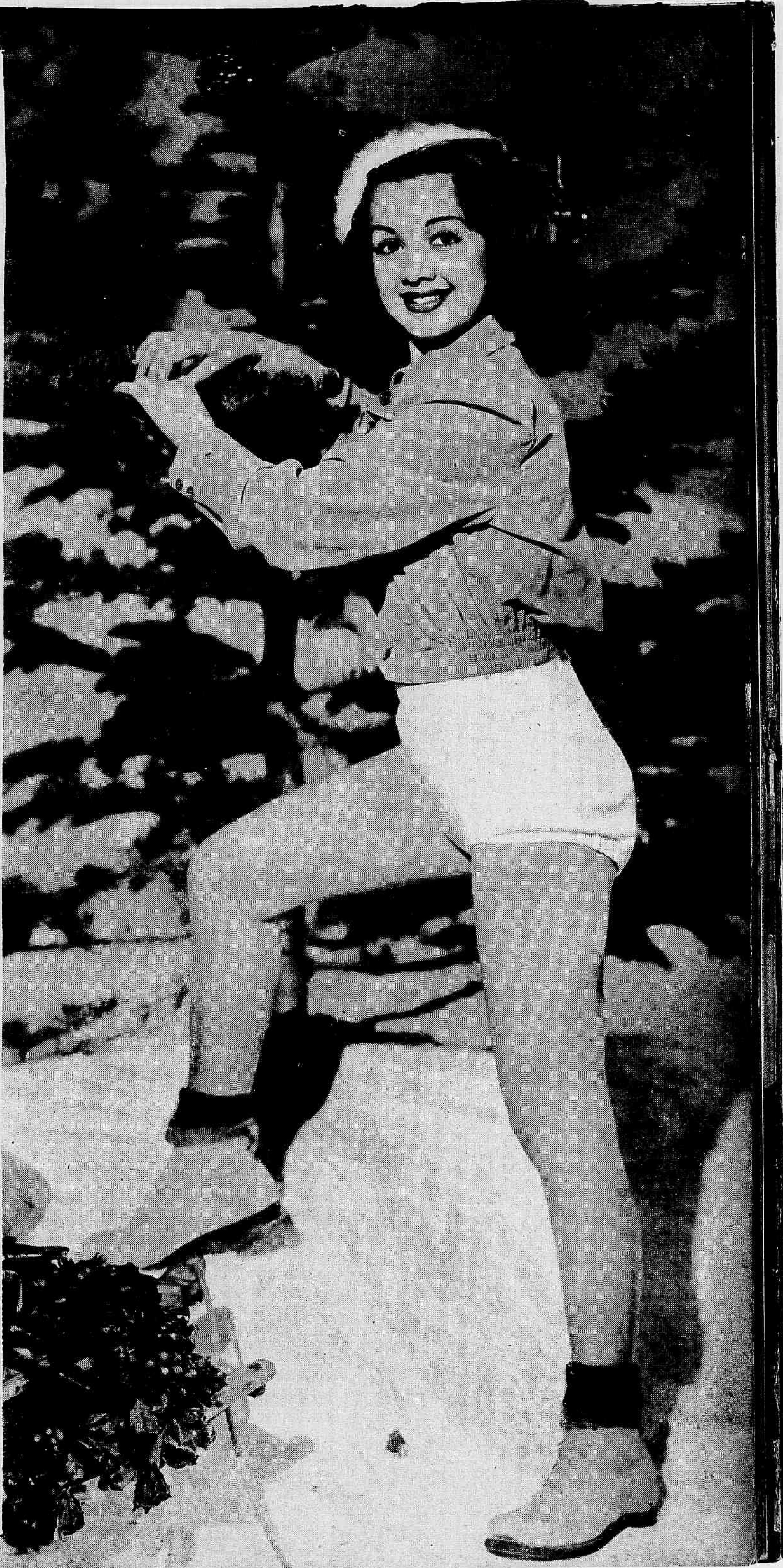
A DATA convencional que a cristandade hoje celebra é a do nascimento de uma criança que viu a luz num curral. O destino reservado a essa criança transformou o acontecimento humilde na mais solene das efemérides do calendário. E' que com essa criança nasceu um mundo novo, e êsse mundo é êste ainda em que vivemos e que a sua doutrina criou. Os dezenove séculos e meio que se interpõem desde o nascimento de Jesus até à civilização contemporânea estão cheios da sua memória. A nossa obra é a sua obra. Tudo o que a humanidade, nestes mil novecentos e quarenta e nove anos sonhou de belo, de generoso e de perfeito foi inspirado nas leis morais que êle revelou. A marcha ascensional do homem realizada neste período e que lhe entregaram tantos dos segredos da Natureza não conseguiu afastá-lo dêsses princípios eternos, fontes da moral e da legislação, que hoje ainda presidem, intactos, a todo o ideal humano.

Dezenove séculos e meio depois da morte de Jesus, ainda não foi possível realizar senão no campo idealista o seu programa de inefável ternura e de instintiva justiça. Os homens ainda prestam culto à fôrça, ainda são suscetíveis de cólera e de ódio, ainda abusam da inocência, ainda se acometem como feras, ainda se mancham de crimes. Mas a fraternidade que êle solicitou do gênero humano, se ainda não foi atingida, não deixou de conservar-se o ideal que ansiosamente se procura alcançar. A história dêstes séculos é tumultuoso conflito entre êsse ideal e os nossos instintos, a lenta purificação do homem em semi-deus. Evidentemente, a espécie humana está ainda longe dêsse ideal de perfeição, sonhado pelo divino visionário, mas é necessário, para não se perder a fé, olhar para trás, para as idades remotas em que êste homem do século XX, que voa nos espaços aéreos, que transmite os seus pensamentos através das ondas hertzianas, que viola tantos dos mais íntimos segredos da natureza, que se serve das fôrças magnéticas, elétricas e rádio-ativas, era um animal hirsuto, e bronco, vivendo nas cavernas em promiscuidade ou em luta com a fauna diluviana. Para se ter a consciência do caminho andado é indispensável alongar a vista até às lôbregas idades em que os antepassados de Homero, de Virgílio, de Dante, de Petrarcha, de Milton e de Camões se exprimiam por meio de rugidos como as feras. Esta é a grande lição da fé.

Desde que Jesus expiou numa cruz o crime de haver pregado o amor entre os homens, nunca mais essa fôrça incomensurável de ideal se extinguiu. Desaparecendo da terra, o celestial visionário deixou para lhe continuarem a obra — que nunca mais poderá ser interrompida — legiões de visionários, propagadores da sua doutrina e que caminham, através das tempestades, anunciando a bonança.

Todos nós e cada um no limite das suas fôrças somos ou podemos ser os colaboradores de Jesus. Cada pensamento justo, cada obra generosa, clemente ou misericordiosa que praticamos nos aproxima dêsse ideal resplandecente. Todo o homem bom é um discípulo de Cristo.

A torrente caudalosa da maldade e da ferocidade humana, herança da fera ancestral, não poderá impedir que ininterruptamente, embora imperceptivelmente, nos aproximemos da perfeição: finalidade radiosa do progresso. E a festa do Natal é a da afeição familiar, núcleo indestrutível de onde se irá propagando a afeição universal. Essa, a inefável lição de idealismo que encerra a data convencional do nascimento de Jesus.



"O ROMANCE DO RIO GRANDE"

Dois dedos de prosa com o escritor mais lido do Brasil, motivados pelo lançamento de seu novo livro: "O Tempo e o Vento" ★ O livro nasceu de uma fotografia de Mlle. Fifi ★ O personagem Juvenal toma uma atitude que Érico Veríssimo não esperava ★ O escritor e a política ★ Conversa íntima com o leitor

Texto de LUIZ CARLOS LESSA

JÁ muitas cidades de dois séculos se estendiam ao norte do Brasil, e as campinas do Rio Grande do Sul ainda eram um deserto palmilhado apenas pelos índios minuanos e charrúas levando para os Sete Povos das Missões Jesuíticas os rebanhos que vagavam, selvagens, pelas planuras verdejantes. A terra virgem e as gadarias sem dono eram uma promessa de fartura. E foi com o olhar voltado para esta fartura promissora que os portuguêses e espanhóis, açorianos, paulistas, lagunistas e indígenas enxarcaram de sangue as campanhas sem fim. Durante um século as fronteiras do sul oscilaram, tocadas pelas armas de Castela e Portugal, ou se raspavam cortadas pelas tropas revolucionárias em derrocada, buscando homízio nas terras platinas.

Mas um dia êste rosário de lutas pareceu findar. Pela vez primeira o gauchito recebeu, em lugar da lança, uma cartilha, e pela primeira vez os homens do sul puderam repousar em seus lares, com o pensamento voltado para as coisas do espírito, quando antes deviam tê-lo prêso à linha do horizonte, onde se desenhavam os perfis das armas inimigas. Surgem, então, os primeiros escritores gaúchos. Mas tão viva permanecia a memória dos tempos passados, que os intelectuais não se puderam furtar ao olhar de angústia das mulheres, ao brilho dos olhos dos campeiros esperando a próxima peleja, ao tristonho olhar do pequerrucho indagando mais uma vez onde fôra o pai que nunca mais voltara. E assim surgiram — desde a geração do Visconde de S. Leopoldo, passando por Caldre e Fião, Simões Lopes Netto, Alcides Maya, Apolinário Pôrto Alegre, Aurélio Pôrto, até nossos dias — as obras literárias gaúchas, quase tôdas retraçando em páginas sentidas, a vida agitada do Rio Grande de outrora.

Enfim, pode-se dizer que o traço dominante da literatura sul-riograndense foi sempre a presença constante e avassaladora da terra gaúcha e sua história. Por isso causava estranheza o fato de Érico Veríssimo, o maior romancista dêste Estado, nunca ter transportado para as páginas de suas impressionantes obras, aquêle manancial inesgotável de histórias que as campinas do sul contavam.

Eis, porém, que as livrarias se abrem estampando um novo livro do popular romancista: "O Tempo e o Vento". Em suas páginas, desfila uma família imaginária, vivendo, em duzentos anos, a história do Rio Grande. Foi editado, desta feita, apenas o primeiro volume, que retrata a vida gaúcha desde o povoamento até fins do século passado; o segundo volume alcançará o ano de 1945, e podemos prever, assim, o notável documentário que a imaginação do autor de "Saga" saberá apresentar, em côres inesquecíveis, sôbre as vitórias e as desditas, as aspirações e as descrenças que moldaram o caráter dos brasileiros do sul.

Tendo em vista a nova técnica adotada por Érico Veríssimo nesse livro, assim como o campo em que agora penetra, ou seja, o encantador mas árduo caminho da História, e levando em conta também — talvez mais do que tudo — o prazer que sempre decorre de uma palestra com o escritor gaúcho, fomos procurá-lo em seu gabinete de trabalho.

★

Quando chegamos, o romancista ultimava uma cena de "Serenata", argumento cinematográfico que ainda êste ano entregará à Companhia Sur, de Buenos Aires (a mesma emprêsa que filmou "Olhai os lírios do Campo"), e cuja ação se passa no Rio de Janeiro atual e na pitoresca Ouro Preto de fins do século XVIII.

Ansiosos por ouvir alguma coisa a respeito de "O Tempo e o Vento", iniciamos logo a nossa palestra com Érico Veríssimo, indagando-lhe primeiramente como idealizara a trama do livro, e se o projeto de escrevê-lo era antigo ou lhe surgira há pouco.

— Sim, o projeto é antigo — foi a resposta. — Nasceu lá pelo ano de 1939. Sempre me seduziu a idéia de escrever um romance cíclico do Rio Grande, a história duma família e duma comunidade imaginárias através do tempo, pois o mistério das criaturas no tempo é coisa que me fascina. Um dia folheando uma revista mundana do Rio, vi uma jovem de vestido de baile, com uma taça de champanha na mão, a olhar sorridente para um homem metido num dinner jacket, com um cravo na lapela. A legenda dizia: "Mlle. Fifi X... conversa alegremente com o conde Y". Ora, Mlle. Fifi é filha de um dos muitos políticos gaúchos que a Revolução de 30 levou para o Rio de Janeiro. O conde é um dos muitos nobres exilados que a última Guerra Mundial atirou nas praias de Copacabana. A fotografia teve a virtude de me acicatar na direção do romance cíclico.

Érico Veríssimo fêz uma pauca. Pequena, mas suficiente para que nossas idéias se embaralhassem. Não podíamos compreender a conexão existente entre uma taça de champanha e a História do Rio Grande do Sul. E embora não formulássemos pergunta alguma, nossos olhos deveriam estar implorando uma solução do enigma, pois o romancista assim reiniciou a palestra.

— Por que?... Muito simples. Veja bem... O pai de Mlle. Fifi é um advogado, talvez o primeiro letrado de uma família de homens que vieram do campo. O avô de Mlle. Fifi era um caudilhote de cidade, chefe político de um município gaúcho, atrabiliário, mandão, dêsses homens que falam alto e andam sempre de rebenque erguido. O bisavô de Mlle. Fifi foi talvez herói da Guerra dos Farrapos. E o trisavô? Donde veio? Da Ilha dos Açores, talvez. Possivelmente tinha sangue flamengo, e isso explica os olhos azuis e os cabelos claros da rapariga. E sua trisavó? Paulista? Curitibana? Ou índia? E os antepassados mais remotos de Mlle. Fifi? Talvez gente da tribo dos charruas ou dos minuanos. E entre êles talvez houvesse homens fugidos da Colônia do Sacramento. Agora veja bem. Imagine tudo o que aconteceu no tempo e no espaço — as bandeiras, os colonos açorianos, a abertura de picadas, a travessia de rios, as guerras contra os castelhanos por causa de fronteiras... Pense em tudo que aconteceu para que fôsse possível aquêle momento que a câmara fotográfica da revista mundana fixou. Mlle. Fifi tomando champanha em companhia daquele conde europeu... Não é fascinante?

— Evidentemente...

— Pois tudo isso me levou a escrever "O Tempo e o Vento".

— Mas por que levou tanto tempo a começar o romance?

— Ora, eu sempre encontrava um pretexto para não começar. A obra me fascinava e ao mesmo tempo assustava. Era demasiado complexa, demasiado difícil. Assim, eu fui protelando. Escrevi de 39 para cá "Viagem à Aurora do Mundo", "Saga", "Gato preto em campo de neve", "O Resto é Silêncio", "A volta do Gato Preto"... Passei duma feita três anos sem escrever uma só linha de ficção.

—E o projeto estava esquecido?

— Completamente não. O subconsciente trabalhava nele. E eu hesitava porque tinha dois temores muito grandes: um era o de não conhecer bem o assunto; outro, o de não gostar dele. Até que um dia, em fins de março de 1947, achei que tinha chegado a hora de pegar o touro a unha. Já nessa data as notas que havia tomado, e os elementos históricos que havia colhido na leitura de muitos livros e documentos, constituíam um volume respeitável...

Recordamo-nos, a essa altura, que Vasco, Clarissa, o Dr. Seixas e outras figuras criadas por Érico Veríssimo frequentemente ressurgem em seus novos livros. Indagamos, pois:

— Há, no livro, algum velho conhecido dos outros romances?

— Não. Nenhum. Tudo é gente nova, menos o autor, que é o mesmo... só que um pouco mais velho. — E logo adiantava: — Mais velho principalmente por fora.

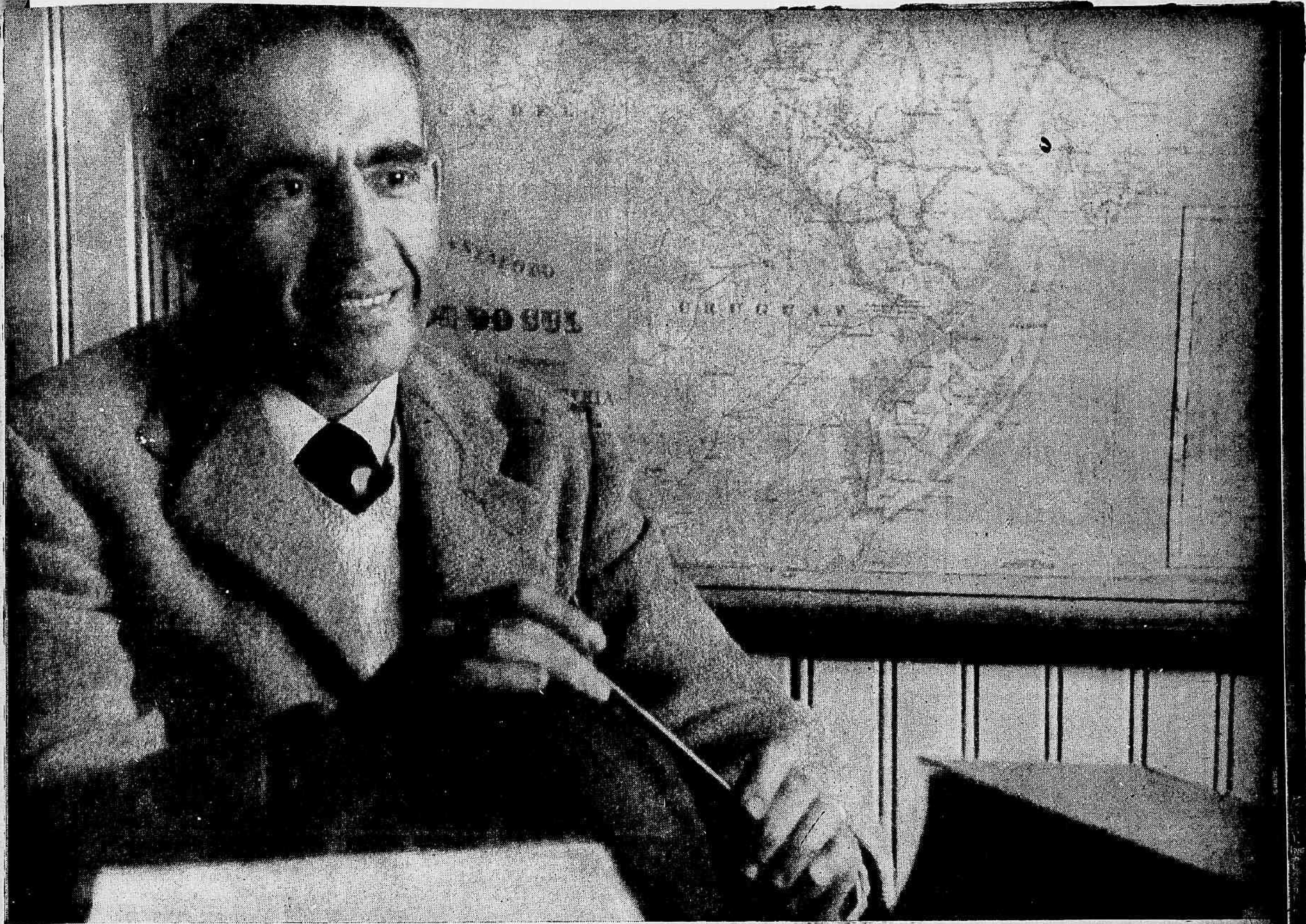
— Que tal se portaram os seus personagens desta vez?... Já tivemos ocasião de ouvi-lo relembrando os tropeços que encontrara frente a alguns de seus amigos dos outros livros. Foram-lhe dóceis os personagens de "O Tempo e o Vento"?

— Dóceis? Qual nada! indóceis como sempre. Descobri, ao cabo de dezoito anos, no aprendizado de ficção (continua sendo ainda um aprendiz, note bem!) que não devemos forçar os personagens a fazerem ou dize-



O AUTOR E A INTÉRPRETE

Dizem que Érico Veríssimo passou a escrever com o pensamento voltado para a versão cinematográfica de seus romances. Nada mais justo, o mesmo acontece com os grandes autores de todo o mundo. Aqui o vemos ladeado pela espôsa (de chapéu) e por Silvana Roth, que em B. Aires fêz a heroína de Olhai os lírios do campo



FALA O ROMANCISTA

— "Em "O Tempo e o Vento" meus leitores encontrarão o livro que sempre desejei, mas temi escrever. Eu o considero a minha obra mais importante, e servirá como uma espécie de base para todos os outros livros: — nele julgo ter dado tôdas as parcelas que, somadas, resultaram nas gentes, aspectos e fatos sociais dos outros romances. A história é áspera, por vêzes brutal, mas a culpa não me pertence — é da vida que levaram os personagens

rem aquilo que não querem. Traçar um destino rígido para as criaturas de ficção é transformá-las em manequins que em vez de terem uma alma estão recheiadas de serragem ou palha... Lembro-me do caso de Juvenal Terra, um caboclo quieto, pacato e de poucas falas. Pois lá pelas tantas, Juvenal me sai com um destampatório para cima do filho do chefe político de Santa Fé (isso foi em 1829). A cena se passou num fandango e o que Juvenal disse para Bento Amaral não estava positivamente no programa e foi uma completa surpresa para mim. Resolvi deixar que o rapaz falasse. E êle falou e disse boas ao jovem Amaral.

— E qual a impressão colhida ao contacto do material histórico trabalhado?

— A de que a história do Rio Grande tem belezas inesperadas, territórios ainda virgens. E a de que os nortistas têm mais sorte que nós por possuírem um Gilberto Freyre com os seus "Casa-Grande e Senzala", "Sobrados e Mocambos" e "Nordeste". Quero dizer, êles têm um sociólogo que mostra rumos para os romancistas e lhes fornece dados, isto é, os fatos sociais digeridos, o sumo da História, poupando-lhes um grande trabalho. Porque afinal de contas, meu caro, um cidadão pode ser um bom contador de histórias mas em matéria de sociologia não enxergar nem um palmo adiante do nariz.

— Na verdade, parece-nos um bocado difícil êsse problema da conexão da história com a ficção. Gostaríamos de saber qual a sua atitude, como ficcionista, face à chamada "verdade histórica"...

— Tentei tecer o pano de fundo do meu romance com o fio dos fatos históricos sem torcêlos nem desfigurálos. Achei que êsse casamento de ficção e História é possível. Mesmo assim não fiz romance histórico. As páginas tantas aparece na estância de meus personagens Rafael Pinto Bandeira, que vai atacar São Martinho. Êle apeia do cavalo, diz coisas, come, bebe uma guampa de leite e se vai. Nada mais que isso. O caudilho não é propriamente personagem. Mais tarde Bento Gonçalves e outros generais são mencionados como pessoas vivas, mas não são propriamente personagens, e eu não lhes atribuo coisas que não disseram, fizeram ou sentiram. No fim de contas, que é a "verdade histórica"? Os historiadores divergem em tantos pontos! Nesses pontos é melhor não insistir muito e passar por êles como gato por brasas. Ative-me ao essencial. O que me interessou foi principalmente o povoamento do Rio Grande, a limitação de suas fronteiras, o efeito das guerras e revoluções no espírito de seus habitantes, e a influência do meio sôbre êstes últimos. Fora disso o que há no meu romance é gente vivendo, amando, lutando, sonhando, trabalhando, recordando, esperando, sofrendo... Porque o que importa, meu amigo, é o eterno humano. O resto é paisagem, coisa que aparece em doses muito pequenas no meu livro, apesar do amor que minhas personagens têm à terra.

— E qual o aspecto da realidade social do Rio Grande que mais o impressionou na feitura de sua obra?

— A aspereza de sua vida espartana, e a marca que as guerras deixaram no espírito de suas gentes. Não devemos esquecer que em 76 anos tivemos 11 campanhas! Outro aspecto de nossa realidade social que me impressionou foi a odisséia das nossas mulheres, das companheiras de nossos povoadores — os perigos e agruras em que viviam, as suas longas e dolorosas esperas...

— Agora, uma pergunta que certamente o público está desejoso de formular: qual a razão do título "O tempo e o vento"?

— Tanto o tempo como o vento parecem ser personagens dêste romance. A velha Bibiana costumava dizer que, quando venta, o tempo parece andar mais devagar, pois "o vento maneia o tempo". E aquelas pobres criaturas que nas suas estâncias solitárias esperavam os pais, noivos, irmãos, filhos ou maridos que tinham ido para a guerra ou para outras lidas perigosas, tinham uma consciência muito aguda do vento que passava e do tempo que se arrastava...

— Qual o sentido de seu novo romance? Como o entrosa em sua restante obra?

— O sentido? Difícil de explicar. Posso dizer-lhe que o que pretendi fazer foi dar, como lhe disse há pouco, a história duma família e duma comunidade que fôsse no fundo (duma maneira não completa, é claro), a história do Rio Grande em têrmos de vidas humanas e não de nomes de generais, datas e descrições de batalhas ou eleições. Acho também que era natural que eu escrevesse êsse tipo de história, a qual, por assim dizer, estava clamando para que alguém a contasse. Nos meus livros anteriores, que é que encontramos? Em "Clarissa", a história duma menininha do interior que estuda na capital do Estado. Em "Caminhos Cruzados" apresento um corte transversal da sociedade portolagrense de 1934. "Um lugar ao Sol", é também um painel da vida burguesa de Pôrto Alegre e no qual os heróis são gente que veio do interior. "Música ao Longe" é a história de uma família tradicional de estancieiros em processo de dissolução — e o drama é visto, dum modo vago, pelos olhos de Clarissa. "Saga" é a aventura de Vasco na Guerra Civil espanhola. "Olhai os Lírios do Camfo", cuja ação se podia ter passado em qualquer cidade do mundo, é apenas uma parábola moderna. Em "O Resto é Silêncio", dou um pequeno mural da nossa sociedade em 1942. "O Tempo e o Vento" servirá, parece-me, como uma espécie de base para todos os outros livros: nele julgo ter dado tôdas as parcelas que, somadas, resultaram nas gentes, aspectos e fatos sociais dos outros romances.

A nossa missão estava cumprida. Julgávamos que, com essas breves perguntas e com essas maravilhosas respostas de Érico Veríssimo, tínhamos alcançado o objetivo que nos trouxera ao gabinete do romancista: dar aos leitores uma visão do que representa "O Tempo e o Vento" para a literatura brasileira e de um modo especial para a literatura gaúcha. Antes de nos retirarmos, porém, fomos picados pela curiosidade em saber o que pensa Érico Veríssimo a respeito da missão do escritor no mundo moderno.

— Exige-se muito do escritor em nossos dias— respondeu-nos êle. — Há críticos e leitores, principalmente leitores, que esperam do romancista uma solução não apenas para os seus problemas pessoais, mas também um remédio para os males sociais. Isso é absurdo. A função do novelista não é a de dar remédios, mas sim, quando muito, a de fazer diagnósticos. Êle deve, como disse Koestler, mostrar que o organismo social está doente e criar com isso uma necessidade de cura. Creio que há duas posições muito perigosas para um escritor. Uma delas é a submissão a um partido político que o levará fatalmente ao panfleto, à obra de propaganda ou, pelo menos, que lhe porá um tapa-olhos que o impedirá de ver todos os aspectos da realidade social. Ora, a linha dum partido é sinuosa e segue o rumo ditado pelo chamado "realismo político". O escritor que seguir essa linha há de fatalmente contradizer-se. E mesmo não creio que êle possa cumprir decentemente a sua missão de homem e de artista se seguir ordens dos leaders de seu par-

(Cont. na pág. 54)

REVISTA DA SEMANA

Redator-Chefe:
CELESTINO SILVEIRA

Chefe de Publicidade:
J. M. COSTA JUNIOR

Paginação de
VICTOR TAPAJÓS

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de São Paulo, em 1933

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano ..	Cr$ 140,00
Seis meses	Cr$ 70,00
Registrada — Um ano ...	Cr$ 170,00
Seis meses	Cr$ 85,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	Cr$ 270,00
Seis meses	Cr$ 140,00

O número avulsto custa Cr$ 3,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 3,50

Correspondentes — Na Bahia: J. Machado Cunha, avenida Sete de Setembro, 149, Cidade do Salvador, Bahia. Em São Paulo: vendas na Capital a cargo da "Agência Zambardino", à rua Capitão Salomão, 67, tel. 4-1569; Publicidade a cargo de Jarbas Galvão, rua Brigadeiro Tobias, 615, 2º andar, sala 217, tel. 6-6718

TEM AGENTES EM TÔDAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

Representantes — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West Street, New York City, N. Y. Na África Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: "Interprensa", Florida 299, tel. 32, avenida 9109, Buenos Aires

Tôda correspondência deve ser endereçada ao diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicamos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

Êste número consta de 92 páginas

Propriedade da COMPANHIA EDITORA AMERICANA

Rua Visconde de Maranguape, 15
Rio de Janeiro

Diretor-Presidente:
GRATULIANO BRITO

Diretor-Secretário:
R. PEIXOTO DE ALENCAR

TELEFONES — Redação: 22-4447; Publicidade: 22-9570; Gerência: 22-8647; Contabilidade: 22-2550; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602

A SEMANA EM Revista

QUE HÁ COM A TERRA?



Logo que o homem começou a enfastiar-se desta vida, sacrificado pelos tributos, sofrendo em face da carestia da vida, perseguido pelas pragas, infortunado por todos os meios e modos, tratou de ir descobrindo o processo pelo qual o mundo se acabaria.

Assim, grandes astrônomos, escritores de fértil mentalidade, cientistas e profetas encheram a humanidade com suas previsões acêrca do fim dêste planeta. Já uma vez o Criador acabou com isto debaixo d'água. Quarenta dias e quarenta noites desabou sôbre a Terra o mais sério toró de que há memória antes e depois de Noé.

Era de esperar que, depois do dilúvio universal, saísse uma humanidade mais decente; mas, qual! O homem continuou a desrespeitar as leis divinas, a inventar coisas, a contrariar a natureza e o resultado é êste: — guerras, brigas, ciumadas, chantagens, traições, imoralidades, ódios, o diabo.

Dizem alguns cientistas que o fim do mundo será pelo fogo. Outros atenuam um pouco e declaram que será pelo calor. A Terra irá ficando dia a dia mais próxima do sol, e, como êste líder do nosso sistema planetário nada mais é do que enormíssima bola de fogo, à proporção que nosso mundo velho e cansado fôr sendo impulsionado para êle, mais vamos sentindo os efeitos do calor, até ficar tudo torradinho que nem torresmo numa farofa mineira.

E parece que a coisa já começou. Notícias de Nova York dizem que é tão grande a falta d'água naquela metrópole que os hotéis recomendam aos hóspedes não beberem água. Buenos Aires está ressequida, com 39 graus à sombra e falta água. O Rio de Janeiro, nem é bom falar. Que está sucedendo com a Terra, coitadinha.

LEGIÃO DA DECÊNCIA



Sob os auspícios de D. Jayme Câmara, cardeal-arcebispo do Rio de Janeiro, acaba de ser fundada a Legião da Decência para todo o Brasil e a sede no Distrito Federal.

Os fins dessa instituição estão consubstanciados numa proclamação que o Episcopado Nacional fêz divulgar na imprensa no rádio e em avulsos, para que todos os brasileiros tomem conhecimento da nova cruzada em prol da moralidade de nossos costumes e se resolvam entrar para a mesma. Somente aplausos merece a idéia do clero brasileiro. Atacar a dissolução de costumes, verberar os agentes da imoralidade, mostrar à juventude os verdadeiros caminhos da dignidade, é obra de apóstolos, de professôres, de pais de família de responsabilidade.

Mas, é necessário que a Legião da Decência vá mais longe em sua campanha. Indecência não é apenas o uso e abuso do nudismo em teatros e cinemas; não é simplesmente o ouvirmos letras licenciosas nos programas de rádio, nos excessos do carnaval; não está apenas nesses namoros de beira de cais, nos bancos dos jardins públicos. Não. Indecência também existe em muitos outros hábitos condenáveis que invadiram os costumes atuais.

Indecência praticam os trocadores de ônibus que faltam com o respeito a senhoras e senhoritas por motivos insignificantes; indecências cometem motoristas de todos os veículos que se alegram quando pregam sustos nos transeuntes, voluntária e propositadamente; indecências existem nos assaltos do comerciante inescrupuloso que engana os consumidores; indecências há em restaurantes que vendem mero por garopa, etc. ...

O SONHO DE DELMIRO



Segundo telegramas de Nova York para a imprensa do Rio e datado de cinco do corrente dezembro, o sr. William E. Konx, presidente da "Westinghouse Electric International Co.", declarou que foi assinado contrato com a Companhia Hidroelétrica do S. Francisco, no Brasil, mediante o qual esta emprêsa obterá equipamentos elétricos e mecânicos no valor de .... 4.209.000 dólares, para terminar a primeira fase da obra hidro-elétrica da cachoeira de Paulo Afonso no citado rio S. Francisco. Acrescentou que, entre os equipamentos adquiridos pelo Brasil figuram dois geradores de 60 kilowats. A obra a ser construída na cachoeira de Paulo Afonso será a primeira de cinco usinas hidro-elétricas. Quando a obra terminar por completo, receberão eletricidade de Paulo Afonso os Estados de Alagoas, Sergipe, Bahia, Pernambuco e Paraíba.

Como sabem os leitores, a grande e poderosa queda d'água do S. Francisco está situada entre os Estados de Alagoas e Bahia e, segundo calculos poderá fornecer mais de dois milhões de cavalos-vapor. Muitos acham exagerada essa estimativa, mas há outros que acham inferior à capacidade hidráulica da colossal cachoeira, que se divide em várias quedas, sendo a maior a conhecida pelo nome de "angiquinho", por motivo de, numa das rochas ter nascido e se desenvolvido um pé de angico.

A cachoeira de Paulo Afonso começou a ser explorada industrialmente por Delmiro Gouveia a quem se deveu, entre 1913 e 1915, a instalação de uma fábrica de linhas a três léguas da cachoeira, no lugar denominado Pedra, município de Água Branca, em Alagoas. Delmiro, catando apenas 1.500 cavalos-vapor da cachoeira, fêz milagres e, se estivesse vivo, o que vamos realizar hoje, já estaria realizado há mais de trinta anos...

CABEÇA DE JAPONÊS



Já houve uma época em que uma pessoa de cabeça dura passava a ser conhecida como "cabeça de turco".

E' possível que a origem disso não seja mesmo uma deselegante atribuição aos filhos do país dos Dardanelos, e sim, referência àqueles mourões de ferro que há em todos os cais marítimos, diante dos armazéns, em que se amarram as vigias dos vapores e embarcações mais pesadas. Seja como fôr, cabeça de turco ficou como sinônimo de coisa dura, resistente, capaz de aguentar repuxo.

Mas, depois da última guerra há um povo que está merecendo essa prerrogativa. E' o japonês.

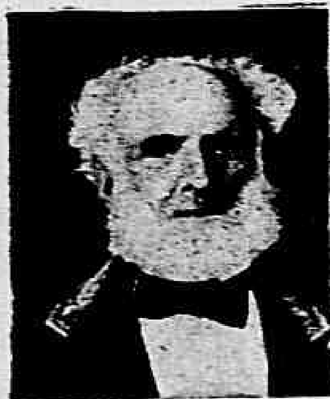
Os filhos do Mikado, segundo informam do Japão, ainda não se convenceram de que o velho Nipon perdeu a guerra.

Vamos transcrever aqui o que nos diz um telegrama de Tóquio, publicado em nossa imprensa a 5 dêste mês de dezembro:

"Um negociante nipo-brasileiro chegou hoje a esta capital, onde pretende solicitar do Imperador Hirohito uma mensagem declarando aos milhares de japonêses residentes no Brasil, que o Japão perdeu a guerra e está ocupado por tropas norte-americanas. O referido negociante, que se chama Kikuki Koza, disse estarem certos os nipônicos do Brasil, que o general MacArthur é prisioneiro do exército japonês".

Não é de hoje que essa questão de esclarecer o espírito do japonês residente em S. Paulo a respeito da realidade do após-guerra exige esforços convincentes do govêrno, da imprensa e do povo do Brasil; mas, ao que parece pelo depoimento angustioso do sr. Kikuki Koza, os nipônicos são de cabeça dura. Por isso um italiano de S. Paulo comentou: chi cosa...

A PERSONAGEM DA SEMANA



Almirante Tamandaré

Todas as nações civilizadas têm dias destinados à memória de seus grandes filhos, nos variados setores das atividades humanas, das ciências, das artes e dos feitos heroicos. O Brasil possui uma galeria de filhos imortais, cuja memória vai passando de geração a geração, cada vez mais exaltados na consciência do povo.

Esta semana que passou marcou uma data das mais gloriosas: O Dia da Marinha Brasileira.

Como símbolo de nossa Marinha de Guerra, foi eleito o imortal marujo Joaquim Marques Lisboa, Marquês de Tamandaré, figura exemplar de nossa pátria, tanto como cidadão, como homem do mar, na guerra e na paz.

Tamandaré, o Nelson brasileiro no vaticínio de Cochrane a D. Pedro II, era ainda uma criança e servia na Armada como aspirante, começou sua vida de marinheiro aos dezesseis anos, indo servir na corveta "Niterói", tendo recebido seu batismo de fogo em águas da baía de Todos os Santos, na idade de dezessete anos. Sua bravura, seu patrimônio, sua estrêla para a carreira das armas navais se manifestaram desde muito cedo, e Tamandaré constituía uma das maiores esperanças de nossa pátria na arte de dirigir batalhas, no fascínio de inspirar confiança aos soldados, na magnanimidade em face do inimigo vencido. Nas infelizes lutas contra os vizinhos do Prata, caiu êle prisioneiro dos argentinos, com a destruição das escunas "Escudera" e "Constança"; mas, tal era sua capacidade de lutar e o seu ânimo de vencer os inimigos, que conseguiu escapar com os seus companheiros no próprio brigue que lhes servia de prisão.

Obedecendo ordens de um ministro desastrado, voltou a realizar expedições ao Prata, tendo naufragado com a corveta "Maceió". Venceu lutas no mar com os argentinos, tendo aprisionado vasos de guerra inimigos, portando-se com grande perícia e ousadia. Incumbido pelo govêrno imperial de ir ao norte sufocar revoltas, esteve no Pará e na Bahia, devendo-se à lealdade de Tamandaré o domínio dos mares pelo govêrno de então. Chefiando missões navais na Europa, fiscalizou a construção de novos barcos para nossa esquadra, e, ao regressar ao Brasil, foi nomeado comandante em chefe da esquadra em operações contra o Uruguai, assistindo à tomada de Paysandu. Logo depois rebenta a guerra com o Paraguai, e Tamandaré instala seu quartel general em Montevidéu. Em 1867 retorna ao Rio e é promovido ao pôsto de Almriante. Com a terminação da guerra, Tamandaré ocupa vários cargos de relêvo dignificando a Marinha Nacional, executando programas de progressos constantes, mantendo a mais construtiva disciplina. Sua vida de marujo termina com a proclamação da República. Morreu aos 90 anos de idade. Sua vida é um paradigma de dedicação à pátria, e continua através dos anos, a inspirar os nossos homens do mar. Glória a Tamandaré, símbolo da honra e do patriotismo da Marinha Brasileira.

PUXE PELO CÉREBRO

NOSSA PÁGINA DE TESTES — OS SEIS PONTOS DA CULTURA

Nenhuma resposta certa ...	Estado primitivo	Homem-macaco
De 1 a 3	Cultura inferior	Selvagem
De 4 a 10	Cultura média	Estudante ginasial
De 10 a 15	Cultura superior	Universitário
De 16 a 19	Genial	Um sábio
Tôdas as vinte		O gênio em pessoa

1 Qual o primeiro nome dado por Cabral ao Brasil:
Vera Cruz?
Santa Cruz?
Cruzeiro do Sul?

2 Que nome davam os indígenas ao Brasil:
Jacirema?
Pindorama?
Caramuru?

3 Que significa "Côte d'Azur":
Espécie de vestuário?
Litoral francês do Mediterrâneo?
Espécie de uva?

4 Costume, como sinônimo de vestuário é:
Galicismo?
Anglicismo?
Brasileirismo?

5 Qual o nome da capital de Costa Rica:
Punta Arenas?
Colômbia?
S. José?

6 Qual a tradução de "cock-tail":
Bebida forte?
Quebra-cabeça?
Rabo de galo?

7 O sapo é:
Batráquio?
Aracnídeo?
Réptil?

8 Qual a mais famoso cidade de Alagoas do ponto de vista da ocupação holandesa:
União?
Viçosa?
Pôrto Calvo?

9 Que significa a palavra "itaúna" em língua indígena:
Pedra Grande?
Ave de rapina?
Pedra negra?

10 Qual o peixe mais feroz e perigoso do S. Francisco:
Tubarana?
Camurupim?
Piranha?

11 Em qual dêstes Estados nasceu Floriano Peixoto:
Alagoas?
Bahia?
Sergipe?

12 Qual o soberano francês cognominado "Rei Sol":
Carlos V?
Luís XIV?
Carlos Magno?

13 De onde provém o nome dolabela:
Ilustre família romana?
Espécie de mariposa?
Um território espanhol?

14 A quem se deve a música da canção popular "Luar do Sertão":
Olegário Mariano?
João Pernambucano?
Catulo Cearense?

15 Qual o Estado brasileiro que aboliu a escravidão negra antes do decreto imperial de 13 de maio de 1888:
Bahia?
Rio Grande do Sul?
Ceará?

16 Como se deve pronunciar:
Rúbrica?
Rubríca?
Rubricá?

17 Quantos quilômetros de largura tem o rio Amazonas em sua foz:
Cento e vinte e oito?
Trezentos?
Duzentos e oitenta?

18 Em que parte do Brasil se ergueu o primeiro grito de República:
Em Ouro Preto?
Em Piratini?
Em Olinda?

19 Qual o único pássaro que pode voar fazendo movimentos para diante e para trás:
O beija-flor?
A araponga?
O xexéu?

20 Que nome tem o dedo mindinho:
Auricular?
Anular?
Index?

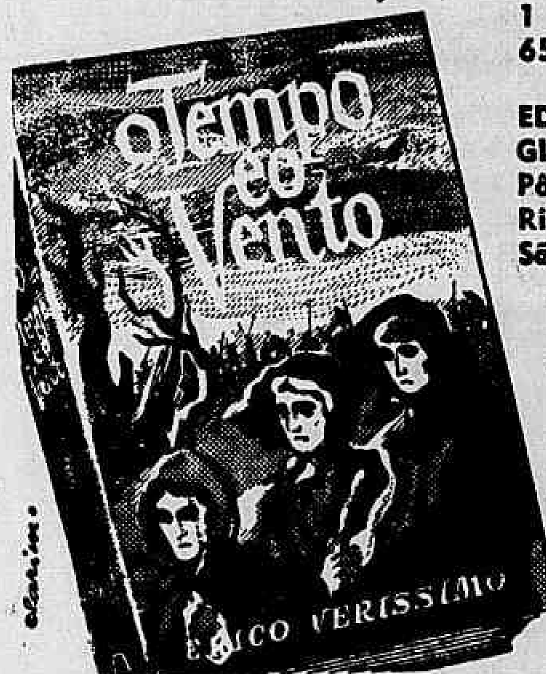
(Respostas na página 58)

O Tempo e o Vento

o novo romance que

ERICO VERISSIMO

considera a sua obra mais importante e que seus leitores lerão duas vêzes.



1 volume de 650 páginas.

EDITÔRA GLOBO
Pôrto Alegre
Rio de Janeiro
São Paulo

Em tôdas as livrarias - Cr$ 70,00

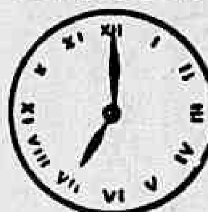
ou pelo reembolso postal.

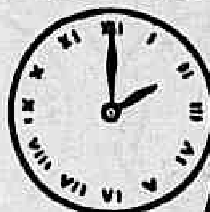
★

Agência da EDITORA GLOBO
México, 128 - 1.ª sôbre-loja n.º 1
Rio de Janeiro



DE MANHÃ — A TARDE





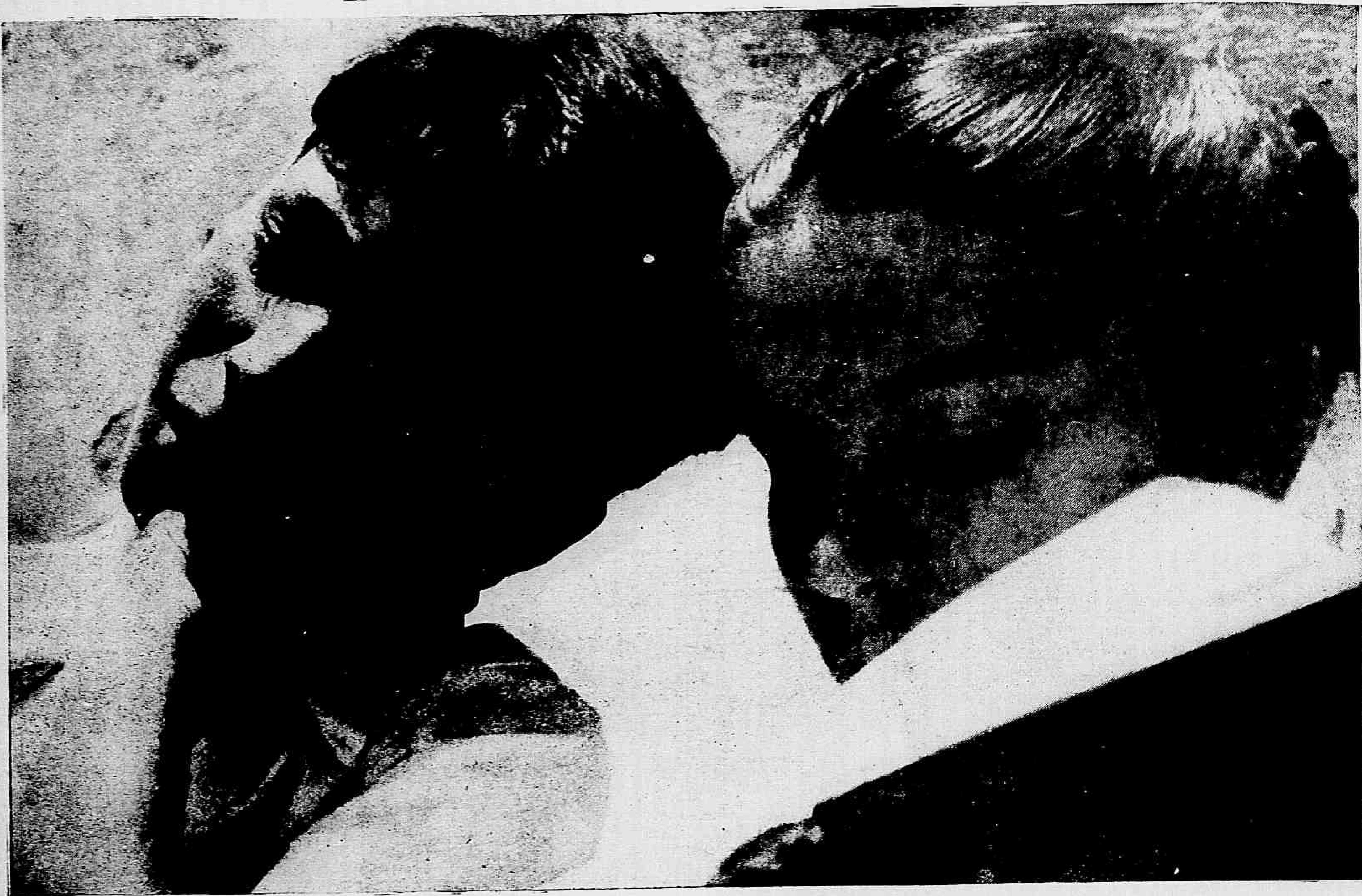
7 HS. — 14 HS.

AVIÕES DE PASSAGEIROS

CONFORTO E SEGURANÇA

cr.$ 260,00

TRANSPORTES AÉREOS NACIONAL LTDA.
AVENIDA BEIRA MAR, 514
TELS.: 32-6119 • 32-6455



DESDE CEDO

Os jovens evangelistas adoram a bíblia e desde a primeira infância aprendem a cultivar seus ensinamentos. O livro sagrado dos cristãos foi escrito há milhares de anos, começou com o Velho Testamento feito entre os anos 1.000 e 160 A. C., para ser terminado 1.600 anos após o nascimento do Nazareno. Fisionomias infantis procuram impregnarse de sua sabedoria

OS EVANGELISTAS DA ASSEMBLEIA DE DEUS

Visita ao templo do Fonseca no domingo em que se comemorava o Dia da Bíblia ★ Um milhão e meio de exemplares vendidos no Brasil durante o último ano ★ "Marchai, marchai e enfrentai o inimigo do bem e da luz"...

Texto de Carlos Duarte

A peregrinação de um repórter por um lugar qualquer, sem maiores preocupações que não as de passar um domingo longe da vida tumultuosa do Rio, às vêzes nos leva ao imprevisto ,ante o qual o orgulho profissional faz-nos trocar u'a manhã de sol, a natureza bela, o convite à praia e o doce enleio da família, por um dia de trabalho, mais um que se junta ao rol dos nossos dias, que são esmagadoramente do trabalho. Estávamos no ônibus, quando, de uma das ruas que atalham o populoso bairro do Fonseca, na vizinha capital fluminense, a multidão que, ligeira e circunspecta, se dirigia para um certo ponto, intrigou a nossa imaginação. Será uma saída de missa? (Eram onze horas e lembramos, confrontando os trajes simples daquela gente, que não estávamos mais em hora de missa de pobre). Entêrro? Coisa triste. Comício? Mas no domingo, e àquela hora! Briga também não era, porque não se via ninguém exaltado ou a molecada gritando. Que seria, afinal? Outro passageiro nos desfez as dúvidas.

— "Moço, são os evangelistas que vão à igreja, comemorar o aniversário dum tal Moisés, sábio que escreveu um livro que êles dizem ser um livro santo!"

O companheiro simplório de viagem nos fêz então consultar a memória e, embora a longa distância que nos separa de qualquer Igreja, fácil nos foi lembrar que o dia onze de dezembro é a data da "Bíblia", o mais famoso livro do mundo. Saltamos, nós que há muito não entrávamos num templo protestante, e nos misturamos à multidão evangelista. Como é que tanta gente se reúne para comemorar a data que não é de um líder político, nem



NIVELAÇÃO

Brancos e pretos, pobres e ricos, de todos é a igreja. Os olhos posam nas páginas lidas e relidas do evangelho e na hora dos cânticos, suas vozes elevam-se ao espaço, puras e humildes



DO ALTO

Do alto virá o prêmio para os limpos de espírito, de corpo e de alma. Suas preces traduzem as aspirações do homem que não reza para obter os bens materiais. A Eternidade vale mais



A SABEDORIA
COMEÇA NO BERÇO





NÃO HÁ IDADE

para um apêlo aos céus. Sempre é tempo de procurar a salvação, purificando os pensamentos e acreditando em Deus

festa nacional, porém, única e exclusivamente, de um livro? Mas de um livro que é quase tôda a vida e história da humanidade: o livro dos ensinamentos dos sábios e profetas anteriores a Cristo e seus discipulos — a "Bíblia Sagrada".

★

Velho pecador, o repórter estrilou com o fotógrafo: — "Ora! Você saiu do Rio para não fazer o serviço de domingo e veio me enfurnar em uma Igreja...". Quão diferente, porém, é, hoje, a nossa impressão. Logo à primeira vista, a imensidão daquele tempo virgem de ornatos, com uma simplicidade acolhedora e o seu exército de devotos, nos fêz mudar de pensamento. Justamente nesse momento, obedecendo à voz de comando do pastor (o padre protestante, um homem que difere do padre católico não só pela religião como porque é um homem como outro qualquer, apenas com mais responsabilidade que os demais irmãos de fé), uma pequena banda de música, semelhante a essas que nas cidades do interior vão alegrar o domingo nostálgico do jeca, soltou os acordes de um hino que a voz possante da multidão, em côro, tornou impressionante: "Marchai, soldados de Cristo!", cujas primeiras estrofes, vibrantes, qual um hino de

CÂNTICOS

Para os belos hinos evangelistas, as vozes harmoniosas de jovens e senhoras que frequentam a igreja. E a palavra então se une ao pensamento. Algumas conseguem lugar na primeira fila: outras se acomodam onde e como podem. O recinto vai se enchendo de crentes. A Assembléia de Deus pergunta: "Senhor, o que será preciso para me salvar· Protege-me, Senhor!"





O VIOLÃO

O violão da banda dos Evangelistas do Fonseca eclipsou a banda, mas apenas no flagrante fotográfico. No conjunto, êle integra os instrumentos que executam cânticos de guerra dos soldados de Cristo. Em baixo, a Igreja Evangelista da Assembléia de Deus, em Niterói, com um grupo de fiéis ao se iniciarem as comemorações do Dia da Bíblia, no domingo, 11 do corrente

glória, começam assim: "Marchai, soldados de Jesus, marchai, marchai e enfrentai o inimigo do bem e da luz; soldados, avançai!".

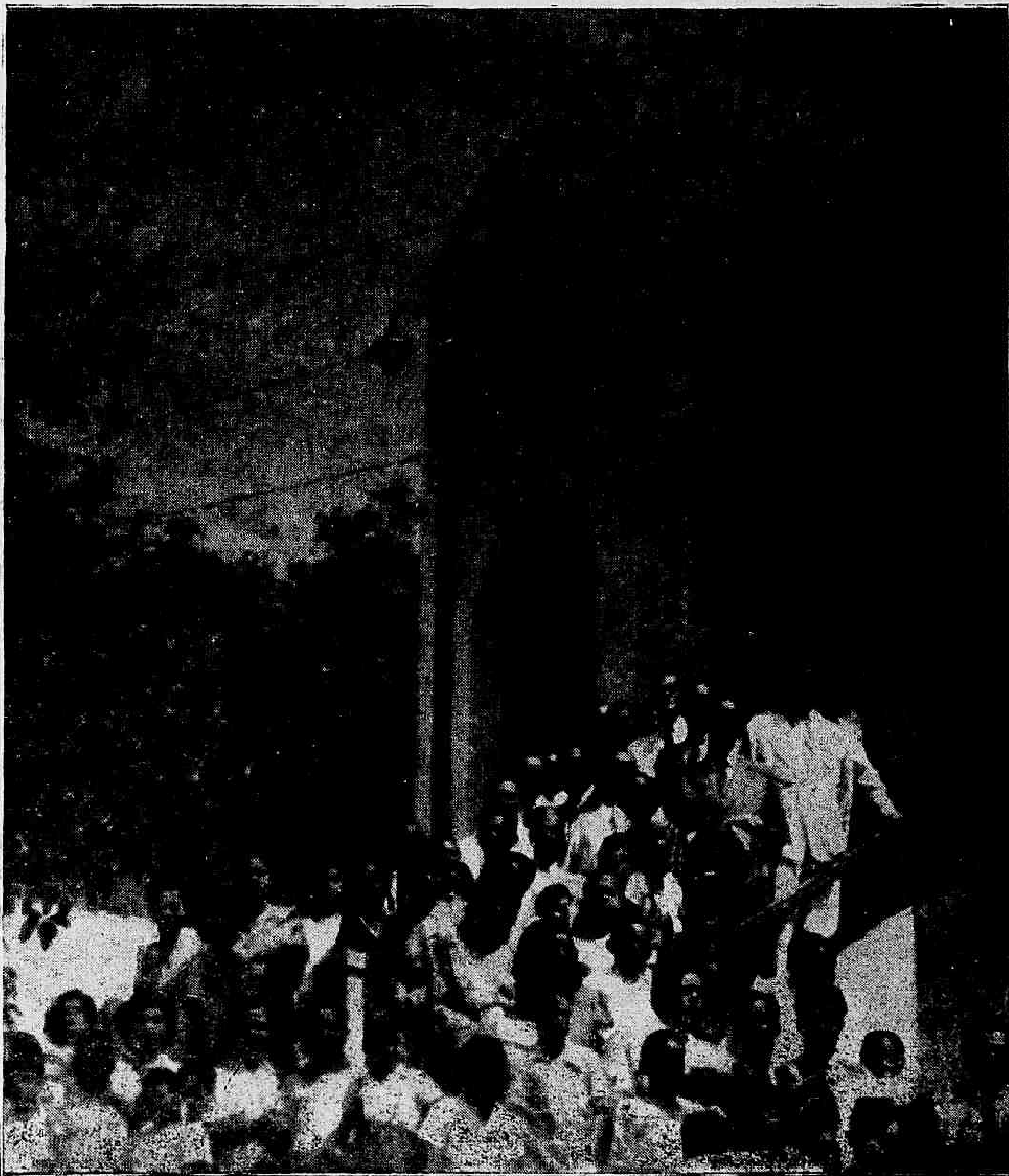
Após o hino, um silêncio profundo. Não podendo atravessar tôda aquela multidão de crentes, centenas e centenas de pessoas superlotando o templo, demos a volta pela escada do lado e conseguimos chegar à mesa que dirigia a reünião. Junto ao pastor e seus auxiliares imediatos, viam-se unicamente um microfone instalado na ocasião e três jarras de flores, numa simplicidade incomum. Um dos assistentes do pastor, o sr. Mário Fonseca, enquanto a reunião prosseguia, foi nos explicando. Era uma reunião das 14 congregações da Igreja Evangelista Assembléia de Deus, que já tem cêrca de dois mil aderentes na capital do Estado do Rio, reunião essa comemorativa do aniversário do livro sagrado dos cristãos. A "Bíblia" foi escrita há milhares de anos: começou com o Velho Testamento, feito entre os anos 1.000 e 160 antes de Cristo e terminou há cêrca de uns 1.600 anos após o nascimento do Nazareno, quando surgiu o Novo Testamento. Os dois, o Novo e o Velho Testamento, consti-

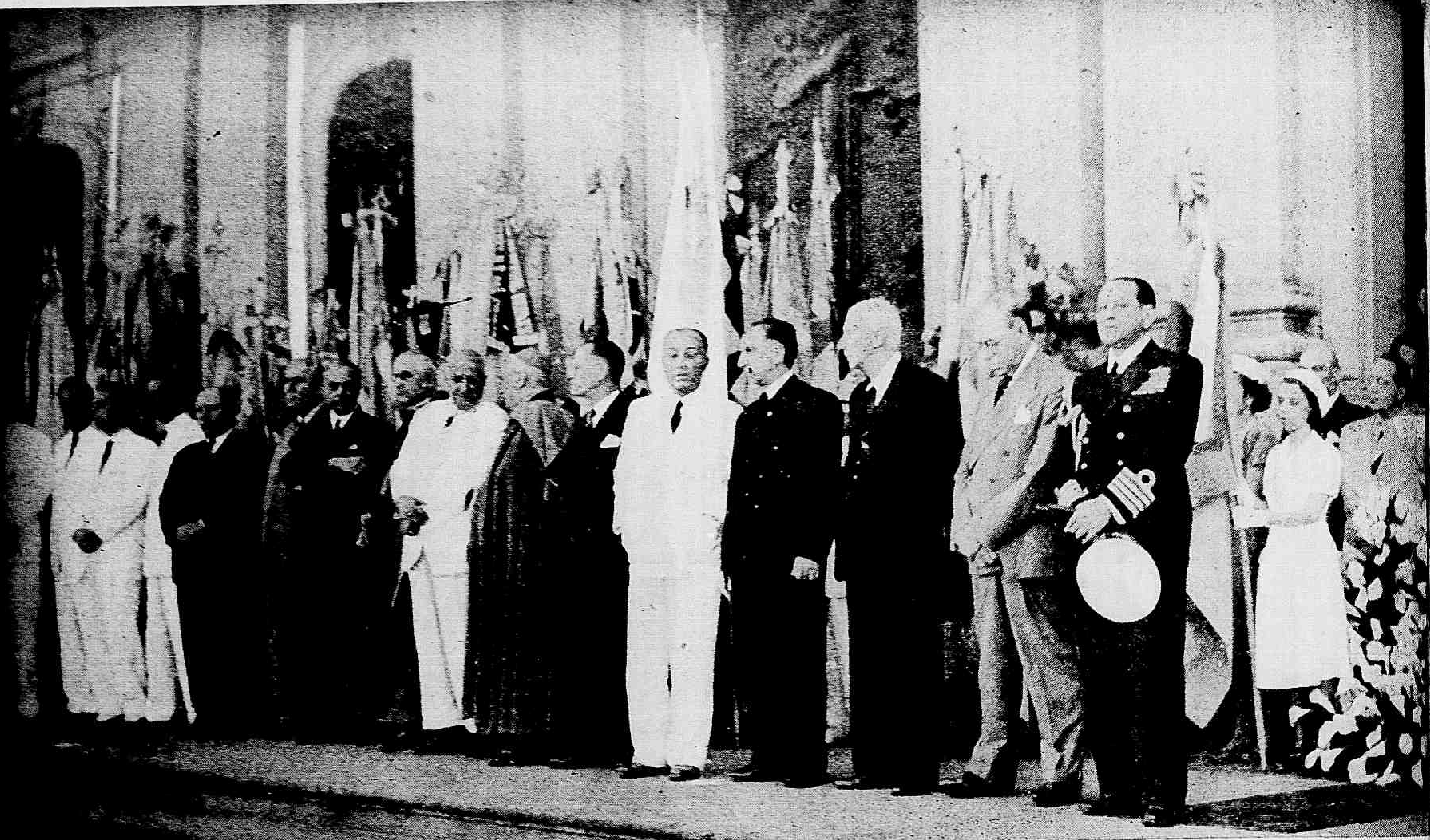
(Cont. na pág. 54)

CONVERTIDO

O rosto não diz o que êsse homem leva no coração: êle se converteu naquele momento, ungido do mais sagrado pensamento e ingressou no credo







Flagrante colhido em frente à Candelária, vendo-se autoridades civis, militares e eclesiásticas que presidiram à instalação da cerimônia. Ali estavam o representante do Presidente da República, Comandante Raul Reis, o Vice-Presidente da República, o Núncio Apostólico, ministros de Estado, o Prefeito do Distrito Federal e muitos outros

PARA MORALIZAR OS COSTUMES

FUNDADA A LEGIÃO DA DECÊNCIA EM CERIMÔNIA PÚBLICA ★ JURAMENTO PRESTADO POR MILHARES DE REPRESENTANTES DE TODOS OS CÍRCULOS SOCIAIS

No segundo domingo do mês corrente, na praça Pio X, defronte da igreja da Candelária, realizou-se o comício em o qual foi lançada sob os auspícios do Govêrno, do povo e da igreja, a campanha da Legião da Decência com o objetivo de moralizar os costumes e fortalecer a família brasileira.

Milhares de pessoas de todos os círculos sociais, enfrentando a temperatura alta daquele domingo, aglomeravam-se com o representante do presidente da República, o vice-presidente da República, o Núncio Apostólico, ministros de Estados, prefeito do Distrito Federal, autoridades eclesiásticas, civis, militares, além de representantes de muitas associações religiosas e civis.

Uma rede de emissoras transmitiu para todo o país essa imponente cerimônia, registrando o advento de uma luta de recuperação dos bons princípios, tendo em vista o combate às fôrças que tentam solapar o sentimento cristão da nossa gente. Antes da leitura do compromisso pelos presentes e de todos quantos acompanhavam a referida solenidade pelo rádio, D. Jorge Marcos, bispo auxiliar do Rio de Janeiro, leu o texto de dois telegramas enviados ao Papa Pio XII e ao cardeal D. Jaime de Barros Câmara, que se encontra em Roma. A seguir, foi feito pelas



Novos e velhos, mulheres e homens, prestaram o juramento da Legião, em voz alta, na Praça Pio X, defronte da Igreja da Candelária. Era grande a multidão



— "Prometo pela minha honra seguir as determinações da Legião da Decência para impedir o avanço da imoralidade e ajudar a vitória dos bons costumes"



Uma rede de emissoras transmitiu para todo o país a grandiosa cerimônia que marca o início de uma luta pela recuperação de todos os bons princípios

pessoas presentes, em voz alta, o juramento da Legião que publicamos em outro local desta página.

Fizeram-se ouvir, também, o senador Ferreira de Sousa, jornalista Elmano Cardim, sr. Euripedes Cardoso de Menezes, monsenhor José Távora, general Alcides Etchegoyen, e, em nome do presidente da República, o ministro do Trabalho, sr. Honório Monteiro.

Duas bandas militares, durante a solenidade, executaram peças de músicas cívico-religiosas.

O PAPEL DA IMPRENSA

Nosso confrade Elmano Cardim proferiu um vibrante discurso, do qual extraímos os seguintes tópicos:

— "Nesta empreitada pelo bem — que é a Legião da Decência — não podia estar ausente a imprensa brasileira. Tôdas as fôrças sociais aqui se reunem para prestigiar a ação da Igreja na Cruzada que hoje se inicia. Ao concitar os homens de boa vontade a secundá-lo na meritória campanha que promove o arcebispo do Rio de Janeiro, sabiam de antemão que não lhe faltariam pensamentos a comungar com o seu, e corações a pulsar pela vitória da causa que sua eminência defende. Essa causa é generosa e útil. Os que não alcançaram logo o âmago do seu sentido, hão de, pela meditação, concluir que se tornava urgente fazer dela um programa, levantá-la como bandeira.

Não há país que resista à dissolução dos costumes. Não há gente que possa viver sem moral. Não há sociedade que resista ao afrouxamento e destruição dos princípios em que se fundou. O Brasil, criado à sombra da Cruz, plasmou a nacionalidade dentro das regras da moral cristã. Para não perecer na anarquia espiritual que comprometesse a sua unidade, tem de manter bem vivas as tradições da sua formação moral".

E mais adiante:

— "A imprensa está sem dúvida entre os órgãos capazes de comprometer a decência que a Legião busca defender na sua atuação moralizadora. Como os jornais e revistas, também o rádio, o cinema, o teatro, o livro, podem ser instrumentos de propaganda e expansão da imoralidade. Para prestigiar a sua tarefa, que se policia por si mesma, não precinava a Legião da Decência recorrer à palavra de um jornalista, mas quiseram os seus orientadores que, entre as prestigiosos oradores desta jornada, falasse também um homem de imprensa e êle aqui está, sem mandato algum, mas certo de que, falando por conta própria, exprime o sentimento de todos aquêles que, com a fôrça da imprensa, buscam construir para o futuro, na continuidade das tradições cristãs da nossa pátria.

A imprensa não pode ser vista nem julgada por um mesmo prisma. Nem sua missão se define por um consenso de opiniões. Há os que a entendem como reflexo do meio. Outros desejam-na como fôrça autônoma com a responsabilidade de doutrinar e elevar.

Para os primeiros, a imprensa quando peca contra a decência, é por influxo do ambiente que reflete. Para os segundos, a imprensa falha à sua missão social se ofende a decência e não pode haver indulgência para a sua culpa.

Não nos cabe, senhores, resolver a controvérsia, nem julgar a imprensa, porque ninguém deve ser juiz em causa própria. Só nos cumpre, imparcialmente, admitir o fato, que seria pueril negar. Alguns jornais e revistas por vezes incidem na prática de atos que a Legião da Decência deseja reprimir ou corrigir. Mas não o fazem, estejamos certos, por espírito preconcebido, como o criminoso que premedita a violação da lei penal. Não será difícil, pois, alertar a imprensa e preveni-la contra o mal de que pode ser instrumento.

A Legião da Decência não terá dificuldade em transpor na sua marcha o Rubison da imprensa. E no cenário em que tiver de expandir-se a sua ação benemérita, poderá depois a Legião marchar unida à imprensa, para a defesa da decência em todos os setores da vida nacional, em que se deva restaurar a pureza dos costumes, se imponha o combate à imoralidade, se deva pugnar pelo

(Cont. na pág. 52)

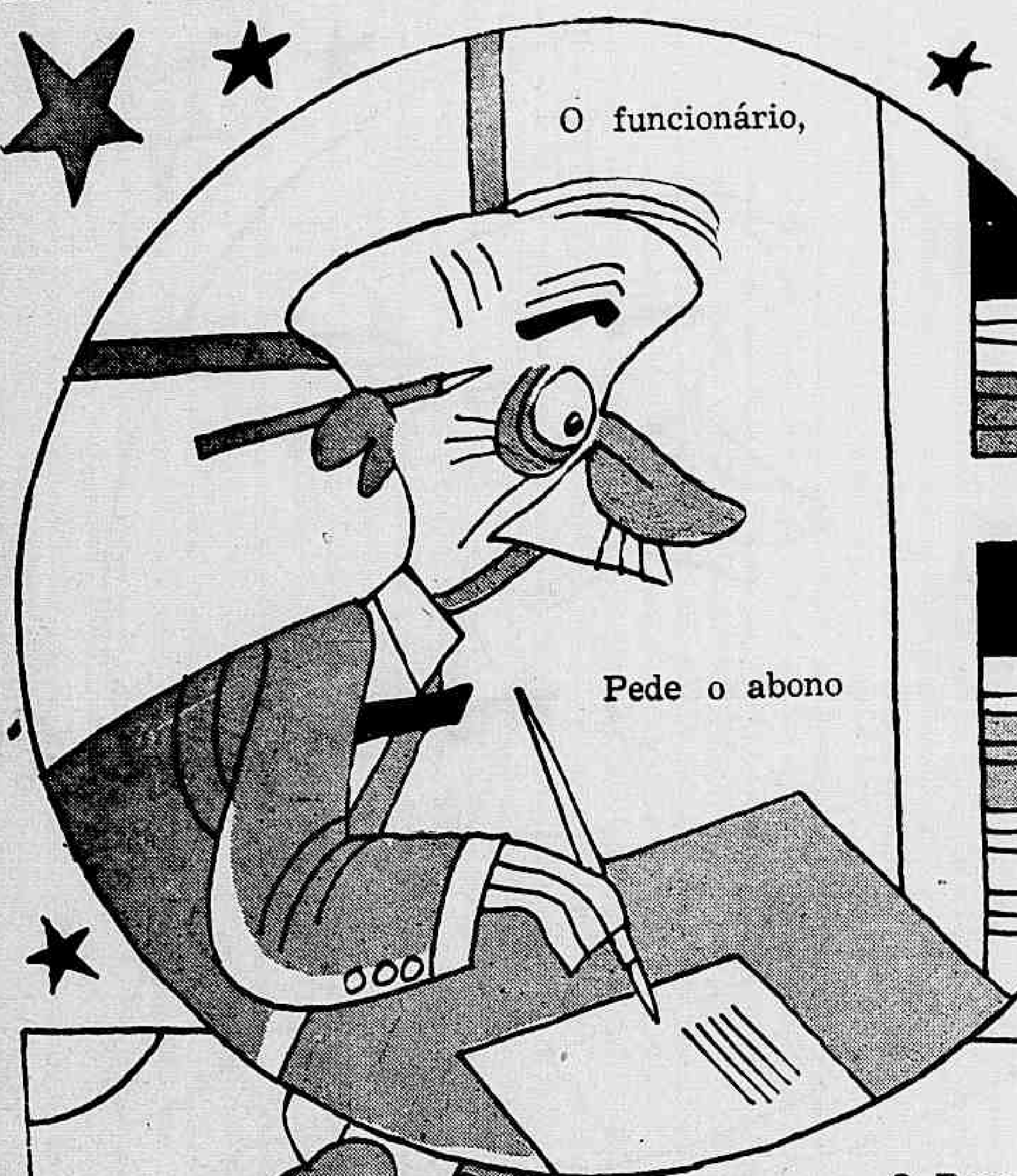


A manhã de domingo, 11, era de sol forte, causticante. Mesmo assim, milhares de pessoas enfrentavam o calor para ouvir a palavra dos oradores. Gente simples e da melhor categoria social, unida pelo mesmo espírito de moralização de costumes, ali estava presente

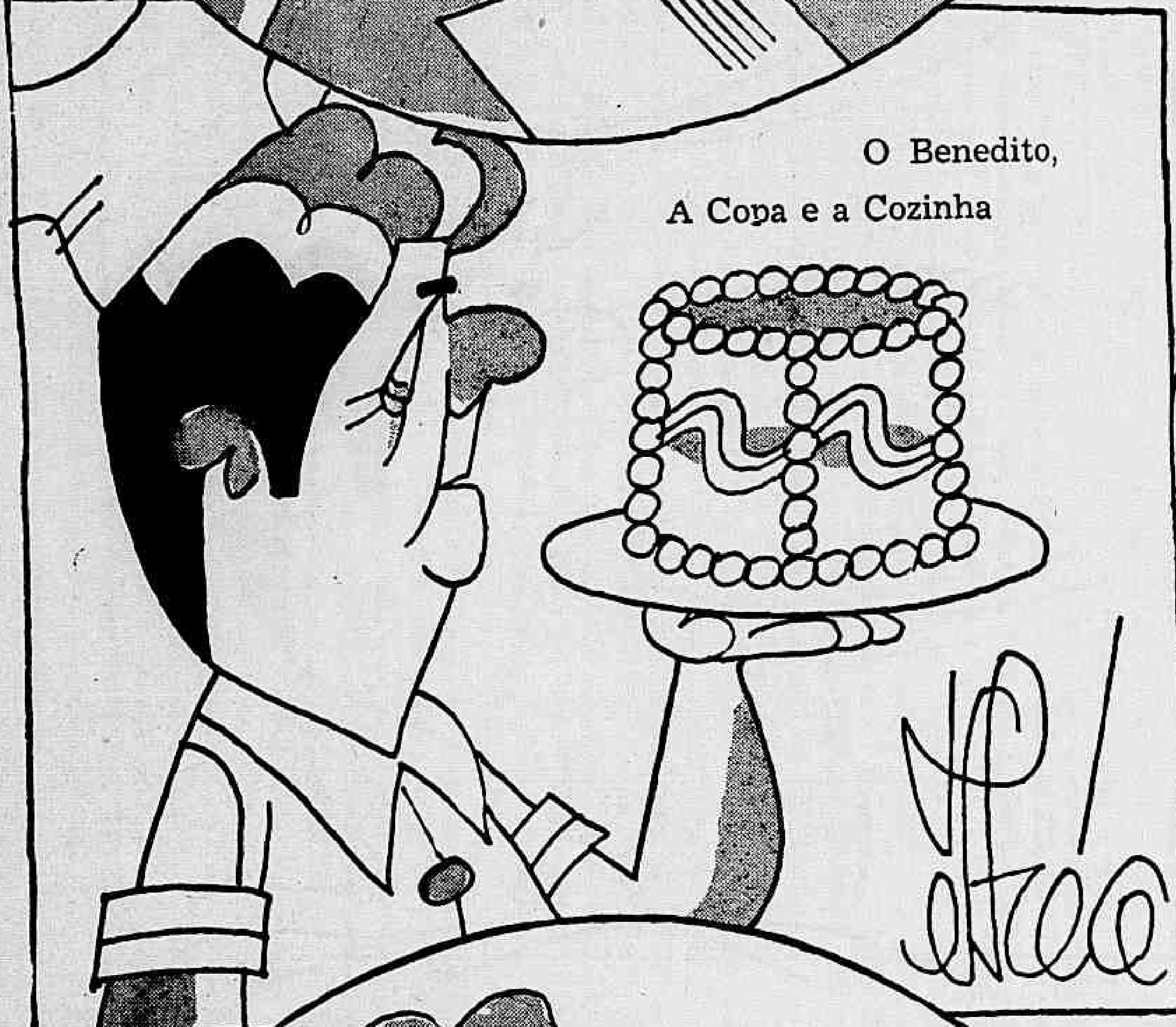


PAPAI NOEL

TODOS NÓS PEDIMOS ALGUMA COISA A PAPAI NOEL...















AUTO DE GRAÇA e Glória da Bahia, foi o grande acontecimento artístico do ano, fora da Capital da República, mas de uma repercussão que atingiu a todos os pontos do país. O espetáculo realizado no teatro do Instituto Normal, em Salvador, anunciava-se para um reduzido número de noites e teve de ser repetido durante consecutivas semanas. Aqui está um flagrante da noite de gala da "premiére", em que se vê Chianca de Garcia, rodeado de seus colaboradores — apenas um pequeno grupo, pois êles subiram a várias centenas — e transparecendo na fisionomia tôda a sua felicidade

QUATRO SÉCULOS DE BAHIA

O imponente espetáculo do "Auto de Graça e Glória" no teatro do Instituto Normal ★ Vive a cidade do Salvador, noites gloriosas com êsse notável empreendimento

EM edição anterior, tivemos ocasião de mostrar aos leitores desta publicação, uma série de flagrantes fotográficos obtidos durante os ensaios do grande espetáculo histórico promovido por Chianca de Garcia, na Bahia, sob os auspícios do Govêrno do Estado. Foi quando prometemos, para mais tarde, outra documentação visual dêsse acontecimento, compromisso do qual, hoje, nos desobrigamos.

Não é possível condensar nestas páginas todo o esplendor nem fixar em pormenores fotográficos todos os momentos daquele espetáculo: mesmo assim, nossa reportagem vencendo obstáculos que são bem fáceis de imaginar pelo leitor, pode nesta edição oferecer-lhes uma idéia, mesmo rápida, do que foi aquêle acontecimento de alto sentido artístico. Durante muitas noites, o amplo recinto do teatro do Instituto Normal regorgitou de público que procurava adquirir suas localidades com muitos dias de antecedência, e não há exagêro em se afirmar que de muitos pontos do Brasil, turistas partiram com o propósito único de aplaudir o "Auto de graça e glória da Bahia", espetáculo que só se fêz possível pelo desinterêsse, pelo entusiasmo e pela alma bahiana dos seus intérpretes, movidos pelo desejo de levar novamente à sua terra a sua grande tradição teatral.

Fazia muitos anos, Salvador não assistia a um espetáculo teatral dessa importância. Suas casas de espetáculo, na maioria transformadas em cinemas, não agasalhavam elencos dramáticos — e foi quando, apoiando a sugestão de Chianca de Garcia, o govêrno estadual resolveu patrocinar aquêle empreendimento. A acolhida magnífica e a compreensão dispensada pelo público ao Cortêjo Histórico do 4º Centenário da cidade do Salvador, foi o que deu ensêjo a se idear a transposição dêsse excelente motivo para o paico. Por sugestão das autoridades estaduais, promotoras do préstito cívico, a tarefa de planejamento do "Auto" foi entregue a uma equipe de pessoas capazes de levar a cabo tão audaciosa iniciativa, que viria representar um passo decisivo e um oportuno estímulo para o desenvolvimento da cultura teatral na Bahia. Pensou-se também, e isso foi feito, em encerrar de maneira convincente e brilhante o ciclo de comemorações do ano do centenário, com uma evocação histórica que se destinaria a marcar época na crônica de teatro.

A fim de que a Bahia revivesse, e o fizesse em melhores condições materiais, a sua tradição de cultura artística, que atingiu momentos de singular intensidade com a existência dos teatros São João e do Politeama, foram concretizadas reformas de ordem vária, no auditório do Instituto Normal, que ficou dotado de um aparelhamento técnico de primeira ordem e capaz de atender a tôdas as necessidades de encenação.

A iniciativa em aprêço operou uma re-



SENHORAS e senhoritas da melhor sociedade bahiana contribuiram para o brilhantismo maior dessa realização, levada a efeito para comemorar o 4º Centenário de fundação da cidade do Salvador. Duas dessas graciosas bahianas aparecem ladeando Chianca de Garcia e recebendo, transbordante de alegria, os aplausos do público



FIGURAS lendárias da História, viveram, no palco do teatro do Instituto Normal, os capítulos mais empolgantes do passado e, ao descerrar a cortina no ato final, confraternizaram com o homem de teatro a quem se ficou devendo êsse acontecimento. No palco, Chianca é cumprimentado por um amigo e felicitado pelos seus artistas



DEMOCRATICAMENTE, num testemunho de gratidão aos intérpretes, o governador Otávio Mangabeira subiu ao palco e foi cumprimentar os jovens que se incumbiram da representação. Aqui o vemos, em companhia de outros elementos do govêrno, posando para o nosso fotógrafo, por ocasião da memorável "avant-premiére"

constituição dos principais momentos da formação histórica da cidade do Salvador, desde seus instantes iniciais. Fêz desfilar diante do espectador, as dificuldades opostas pelo meio, ao desenvolvimento da metecerá. Quem soube animar, de início, coda Nóbrega, os vultos gloriosos dos seus primeiros filhos, os hábitos e costumes da época, a atuação de Gregório de Matos satirizando os preconceitos do meio social que se alargava, todos êsses aspectos animados por execuções coreográficas e interpretação de canções próprias daquele tempo, algumas realizadas com a utilização dos próprios textos de Gregório de Matos. A Inconfidência Bahiana e o sacrifício dos seus apóstolos, o surto de progresso advindo da abertura dos portos brasileiros ao comércio de todo o mundo, a epopéia do 2 de julho, Pirajá, João das Botas, a guerra do Paraguai, Castro Alves, Rui Barbosa, enfim, uma síntese de todo o processo de evolução histórica da primeira cidade do Brasil, transpôs-se para o palco com o aproveitamento de moderníssimos recursos técnicos, em condições inéditas no Brasil e mesmo na América Latina, incluindo o aproveitamento de temas populares, de folclore, de hábitos e costumes que constituem a feição peculiar de um povo, regido todo êsse trabalho por excelente critério artístico que retirou de todos os motivos os melhores efeitos plásticos e emocionais.

O roteiro dramático foi trabalhado por Chianca de Garcia, com base no plano do Cortêjo Histórico escrito pelo historiador Wanderley Pinho. O poema foi original do poeta bahiano Godofredo Filho; os ensaios, montagem, direção, iluminação e realização, estiveram também a cargo de Chianca. Foram os cenários confeccionados por um promissor artista da terra, Jorge Conceição — e a música foi composta e coordenada pelo maestro Antônio Morais.

Contando com todos êsses elementos para sua consumação, o "Auto de Graça e Glória da Bahia" ficará na memória dos bahianos como um régio presente à altura da significação histórica e cultural das comemorações do 4º centário do Salvador.

★

A convite do govêrno do Estado, lá estiveram os representantes da REVISTA, assistindo às primeiras representações dêsse inesquecível espetáculo. Pudemos sentir de perto a vibração do público, ungido do mais sadio entusiasmo, aplaudindo de pé ao punhado de artistas, músicos, ensaiadores e demais colaboradores dêsse empreendimento, comungando também daquela festividade. Em a noite de estréia, o espetáculo foi de gala, com a presença do Governador Otávio Mangabeira, de seus auxiliares e outras autoridades do país que se encontravam presentes. Não há memória de uma função teatral despertar o interêsse que então se registrou.

Essencial, agora, é que essa realização não venha a perder-se, a ficar esquecida, a desaparecer com o correr dos tempos. A semente foi lançada com a iniciativa de Chianca, tão bem apadrinhada pelo Estado. Ali mesmo, no teatro do Instituto Normal, onde outras companhias — de amadores ou profissionais — podem apresentar-se condignamente, também uma escola de arte de representar poderá criar raízes.

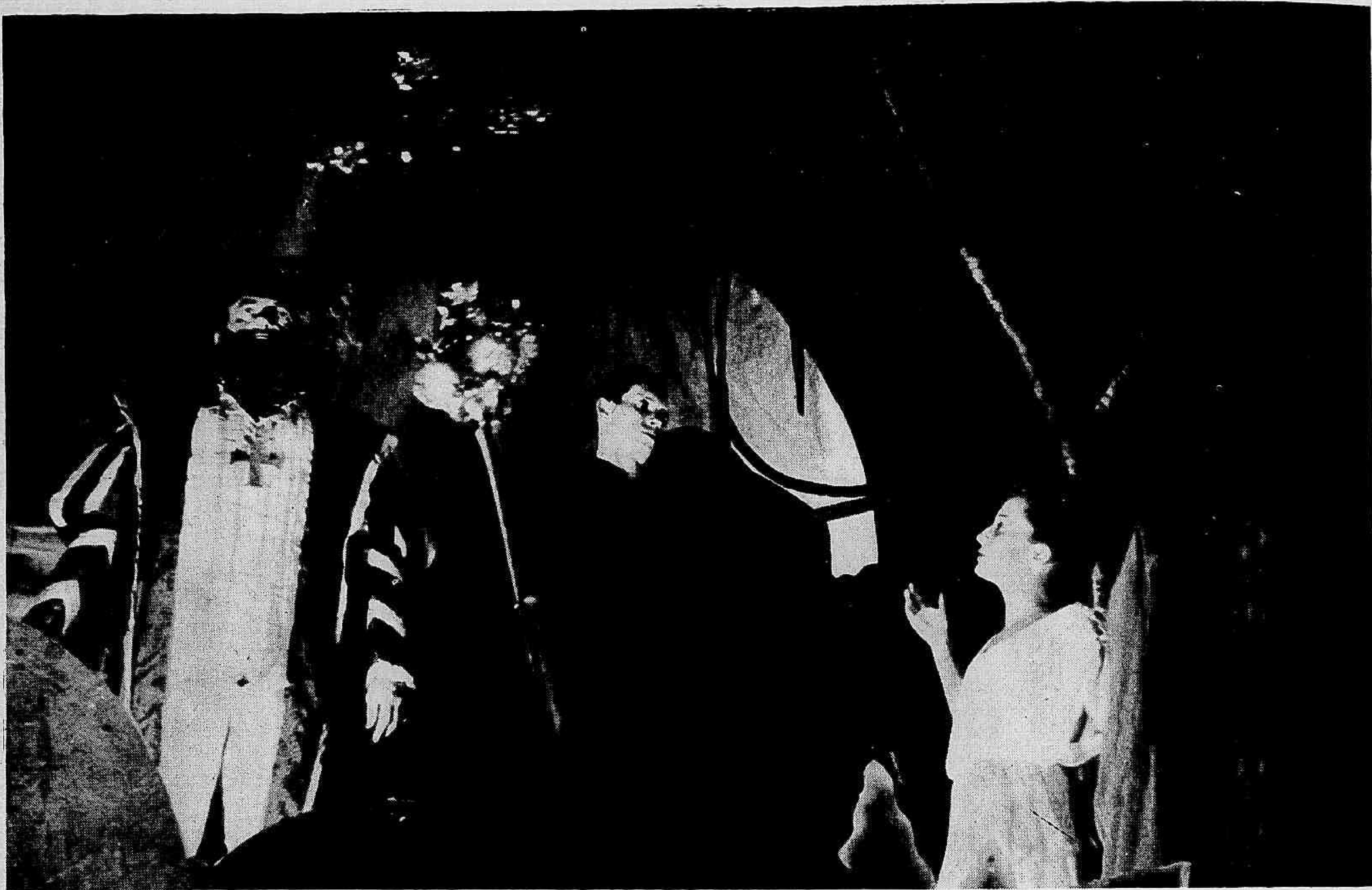
Poucas cidades brasileiras poderão orgulhar-se de possuir uma casa de espetáculos do confôrto, da amplitude e da imponência dessa que a Bahia hoje nos oferece. Essencial, agora, é saber aproveitá-la, e estamos certos de que isso acontecerá. Quem soube animar, de início, cometimento artístico tão impressionante, saberá por certo levar a bom têrmo os seus reais propósitos.



O MAESTRO e compositor Antônio Morais, autor da partitura, orquestrador e regente da grande orquestra (com a mão apoiada no piano), quando recebia os parabéns da sociedade do Salvador. Compreendendo a alta finalidade dêsse empreendimento, êle presidiu os ensaios por espaço de dois meses, até alta madrugada, sacrificando todos os seus interêsses, mas teve, na noite do espetáculo, e em tôdas as noites seguintes, o prêmio de seu esfôrço. O público e a crítica não regatearam aplausos ao seu trabalho, dos mais exaustivos



TÔDAS AS DEPENDÊNCIAS do Teatro Normal, na Bahia, encheram-se de personagens rigorosamente à época — e o passado viu-se evocado, imponente e esplendoroso, nessa memorável noite



A INVASAO DOS HOLANDESES (ao alto), dá motivo a uma cena movimentada, com o aparecimento dos soldados defensores da terra brasileira, surgindo da platéia e das laterais, para enfrentar o inimigo, levando sôbre êles um predomínio imediato. E' êsse um momento culminante do espetáculo bahiano. Em baixo, final da peça, vendo-se em cena Maria Quitéria, Ana Neri, Madre Vitória da Encarnação e outras figuras lendárias e históricas. Ao fundo, a ermida do Senhor do Bonfim, padroeiro do Salvador. E' um momento de indescritível entusiasmo o que se faz sentir na platéia, contagiado pelos artistas no palco





E O BRASIL recebe a primeira visita de seus colonizadores. Tomé de Souza traz os primórdios da grande côrte, enquanto a cidade do Salvador começa a viver seus gloriosos dias. A cruz de Cristo abençôa aquêle povo; os nativos passam a converter-se — e as primeiras lutas do homem contra o homem vão ser travadas. Anhangá solta o seu brado de revolta contra tudo que traz o bem para o homem, acompanhado dos sacis, em volteios e pinotes acrobáticos. A cena enche-se de luzes, de personagens, de sons, de harmonia. A vida, enfim!



MAS O PERIGO passou. Soltam os pregoeiros a palavra dos editais de Sua Majestade e vai começar a grande festa. Damas do século XVII, do século XVIII, do século XIX, vão desfilar em suas toilettes imponentes, e o Minueto, a Tarantela e outras modalidades coreográficas antigas são executadas. Tudo é luxo e esplendor. A Bahia vive horas gloriosas



ANHANGÁ tem a palavra venenosa e má, que procura sempre despertar o desânimo na Cidade. Sua presença vale pelo presságio de uma nova desgraça — mas não consegue nunca levar a melhor. Os destinos da Bahia cumprem-se, sempre a caminho da Glória e da Prosperidade. Desde o aparecimento da primeira caravela até os dias tranquilos de hoje, de nada adiantou a sua influência maléfica



JOAO VILLARET apareceu dizendo versos quando ninguém pensava, no Brasil, que se levasse a sério um homem declamador. Guardavam-se grandes recordações de Berta Singerman, que, por coincidência, aqui esteve na mesma ocasião, mas breve nos certificávamos dessa verdade suprema: Um Villaret aceita-se sem contestação. Êle é uma honra para a arte de declamar em português. E venceu fàcilmente

SIM, A DECLAMAÇÃO E' UMA ARTE!

Villaret e sua gloriosa carreira ★ Declamação após dez anos de teatro ★ Pela terceira vez no Brasil ★ Atividades opiniões e projetos

Reportagem de SABINI CANALINI

APÓS haver cumprido vários compromissos em Portugal, está novamente no Rio, o grande declamador português João Villaret. Procuramo-lo, para uma palestra, e perguntamos-lhe há quanto tempo se acha no Brasil e quais os setores em que desdobra suas atividades.

— Chequei há um mês e estou prêso à Rádio Globo por um contrato de três meses, para realizar o Teatro de Sonho, criação de Amaral Gurgel, e por êsses dias estreei no Teatro Glória, tomando parte na revista-show de Luís Peixoto e Ari Barroso, da Companhia de Barreto Pinto.

— Quando veio ao Brasil pela primeira vez?

— Foi em 1939. Vim então integrando uma companhia de comédia do Teatro Nacional de Lisboa, cujos empresários eram Amália Rei Colaço e Robles Monteiro. Naquela época, eu ainda não dava recitais de declamação.

— Quando iniciou sua atual especialidade?

— Alguns anos depois, em 1942.



DÚVIDA... A eterna dúvida do homem às voltas com seus impenetráveis enigmas. A máscara de Villaret fala por si



SURPRÊSA... A surprêsa do inesperado, embora do inevitável. E o artista, sem exagêros nem esgares, traduz muito bem o sentimento



MALÍCIA... A fina malícia, sem requintes de canalhice na entrelinhas. Um toque no sorriso, um modo de olhar de soslaio — pronto!



VILLARET PENSA E AS SUAS MEDITAÇÕES, E' FACIL DE ADIVINHAR, GRAÇAS À EXPRESSÃO DE OLHAR, À ATITUDE MISTERIOSA DE SEU ROSTO . . .





MÃOS QUE FALAM... Mãos que se agitam, nervosas, traçando no espaço arabescos invisíveis, mas que o espectador vai adivinhando sem dificuldades. Mãos de Villaret, acompanhando o rítmo da palavra, a cadência do verso, o sentido da frase. Mãos do artista, ágeis, eloquentes, que traduzem os recônditos de sua alma e apontam os fragmentos mínimos de seu pensamento. Mãos de um grande artista

— Gostaríamos de ter alguns dados sôbre sua carreira artística.

— Minha carreira no teatro resume-se facilmente no seguinte: matriculei-me no Conservatório de Teatro aos 15 anos, de onde saí aos 18. A minha estréia deu-se no Teatro Nacional de Lisboa, em 1931, ao lado de Palmira Bastos, na peça "Leonor Teles", de Marcelino Mesquita. Só dei recitais de declamação dez anos depois, em 1942.

— E quais foram os motivos que o encaminharam para esta nova modalidade: vocação de momento ou amadurecimento de seu estágio teatral?

— Vocação pela declamação eu tinha desde menino. Faltava-me o aperfeiçoamento profissional de teatro, necessário para ser declamador. Eu penso que o declamador equivale ao solista, pois, na realidade, êle fica sozinho no palco. Centraliza tôdas as atenções da platéia, visuais e auditivas. Deve portanto ter qualidades tais que o tornem apto a bem desempenhar o papel que se propôs. Principalmente, deve ter certos conhecimentos técnicos, dos quais não pode prescindir.

— Quais são êsses conhecimentos?

— Antes de mais nada, os de dominar o palco e a platéia. Isto é, precisa possuir uma técnica teatral que o torne absoluto seja no manejo das atitudes cênicas como no contacto com o público. Convém refletir uma coisa, o declamador fica sozinho na vastidão do palco, frente ao público que o assiste. Conseguirá impressionar só depois de muitos anos de prática no teatro, para adquirir especialmente naturalidade de gestos e de fraseado. Em seguida vem a parte que se refere à declamação pròpriamente dita. O artista, nessa especialidade poderá contar somente com êle. Já não tem o apôio dos outros colegas, nem do enrêdo, nem das situações que foram criadas. A declamação é uma arte, e como tal, deve ser muito bem estudada para podê-la praticar. A palavra tem, nessa arte, uma ação preponderante, requerendo, portanto, cuidados especiais. Por fim, o declamador é obrigado a conhecer poesia e tudo o que se relacionar a ela, incluindo metrificação, composições poéticas, escolas, períodos e autores. Diante do que disse, repito que só mesmo depois de vários anos de prática no teatro é que um artista pode se aventurar no terreno da declamação. Admiro-me dos que iniciam suas carreiras como declamadores. E' muita ousadia. Seria o mesmo que um pianista, aluno de segundo ano, realizar um concerto.

Ouvindo essas palavras, compreendemos o porque do sucesso de João Villaret. Explicamos assim o grande número de admiradores por êle conseguido numa arte que a maioria admite e admira depois de assistir a um recital. João Villaret consegue arrancar aplausos até no meio dos números de uma revista ou "show" musicado, como o fêz no ano passado, quando aqui esteve com a Companhia de Revistas de Piero Bernardon, junto com artistas do porte de Irene Isidro, Antônio Silva e Ribeirinho, ou como sucederá agora, no Glória. Em Portugal, os artistas de comédia não se sentem diminuídos pelo fato de tomar parte em revistas.

Perguntamos o que preferia para declamar, a prosa ou a poesia.

— A poesia, respondeu, apesar de existir prosa poética e de nem todos os versos serem poesia.

— Quais os seus autores preferidos?

— Não tenho preferências. Todos êles servem para a declamação.

— E dos brasileiros?

— A mesma coisa; não tenho preferências. Procuro incluir o máximo possível de poetas brasileiros nos meus recitais, seja aqui no Brasil, como em Portugal.

— Como consegue se fazer compreender facilmente pelos brasileiros? Modifica a sua prosódia?

— Não. Falo no meu natural. O segrêdo consiste em pronunciar as palavras como elas são, sem as deturpar ou truncar, com uma dicção perfeita. A pessoa que fala cor-

(Cont. na pág. 54)

MARAVILHADO, Villaret repousa à varanda do apartamento da Avenida Beira-Mar, estendendo os olhos com placidez e serenidade, para o deslumbrante panorama da Guanabara. Ao fundo, o Pão de Açúcar, símbolo do Rio, marco da cidade maravilhosa, que tantas saudades nêle despertava quando distante, na sua tradicional Lisboa das sete colinas e dos costumes típicos. Villaret repousa e medita



NICODEMUS

MOSTRA COMO PAPAI NOEL SELECIONA OS PEDIDOS "QUEREMOS ISTO, QUEREMOS ISSO, QUEREMOS AQUILO" ÊSTE

NATAL

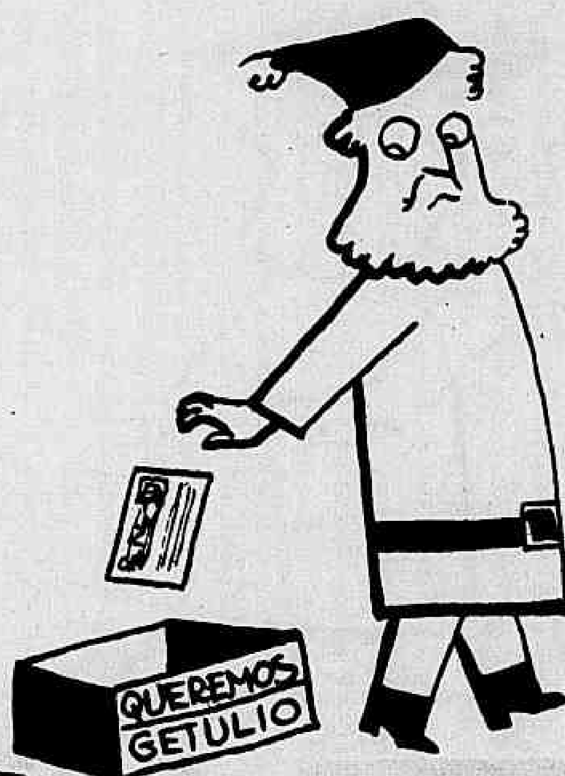




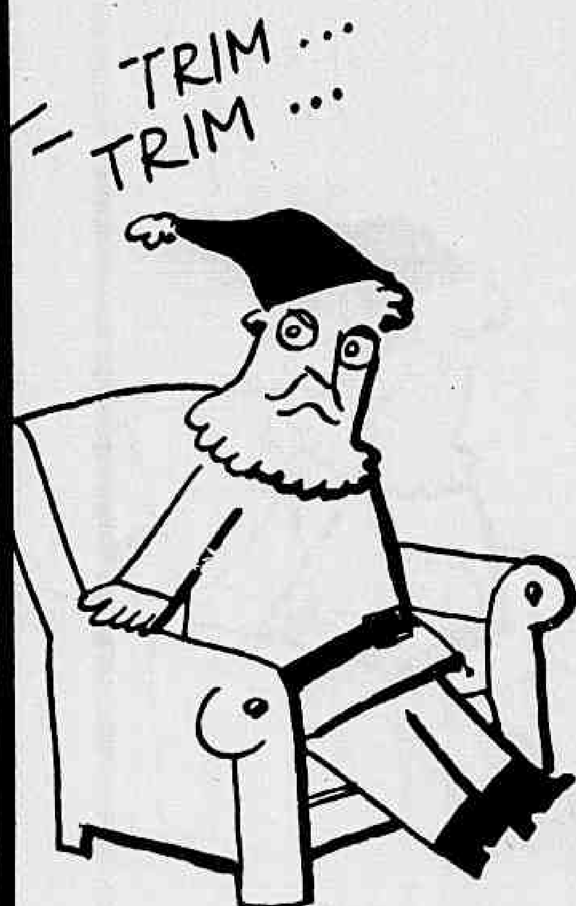




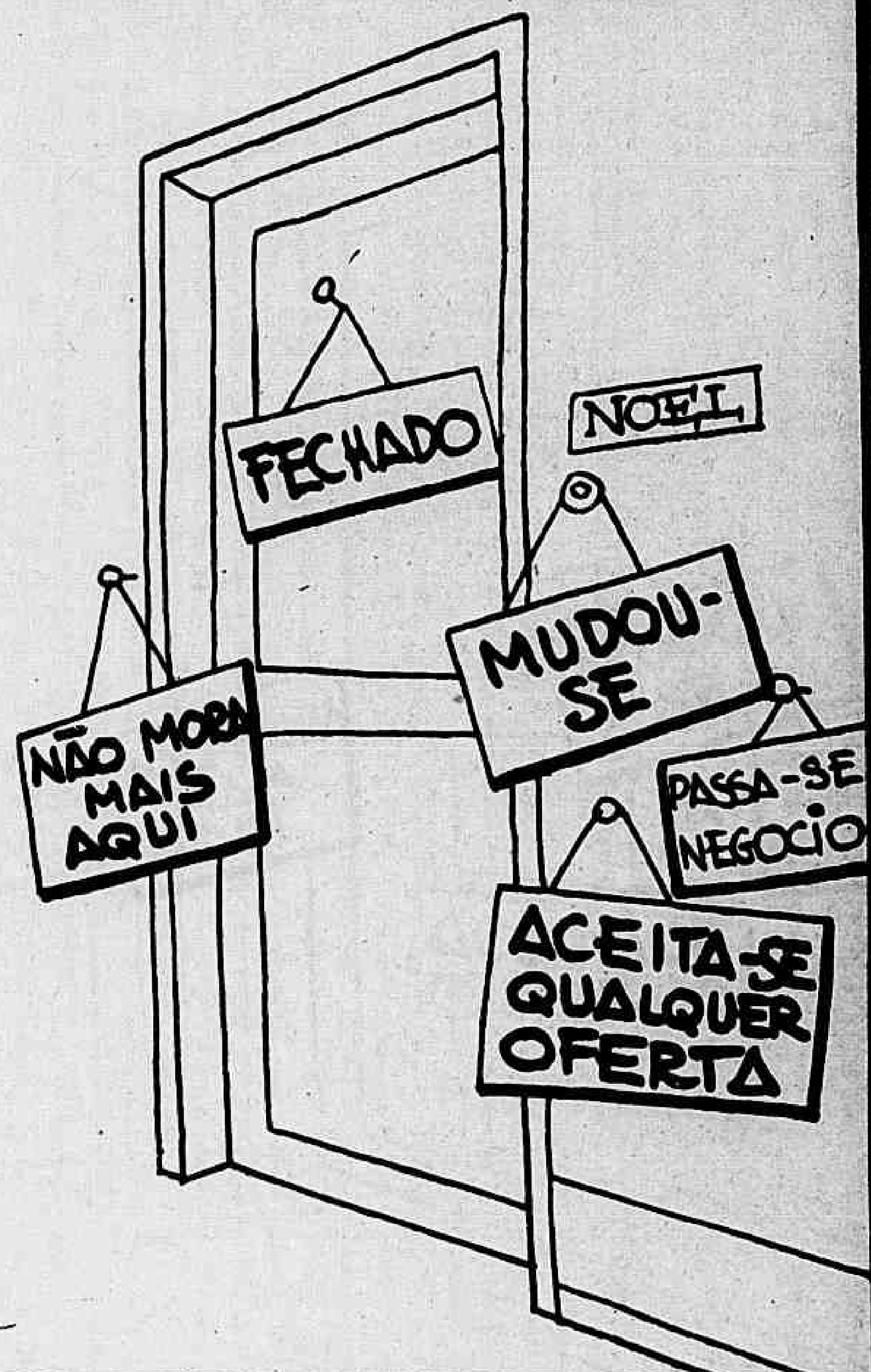


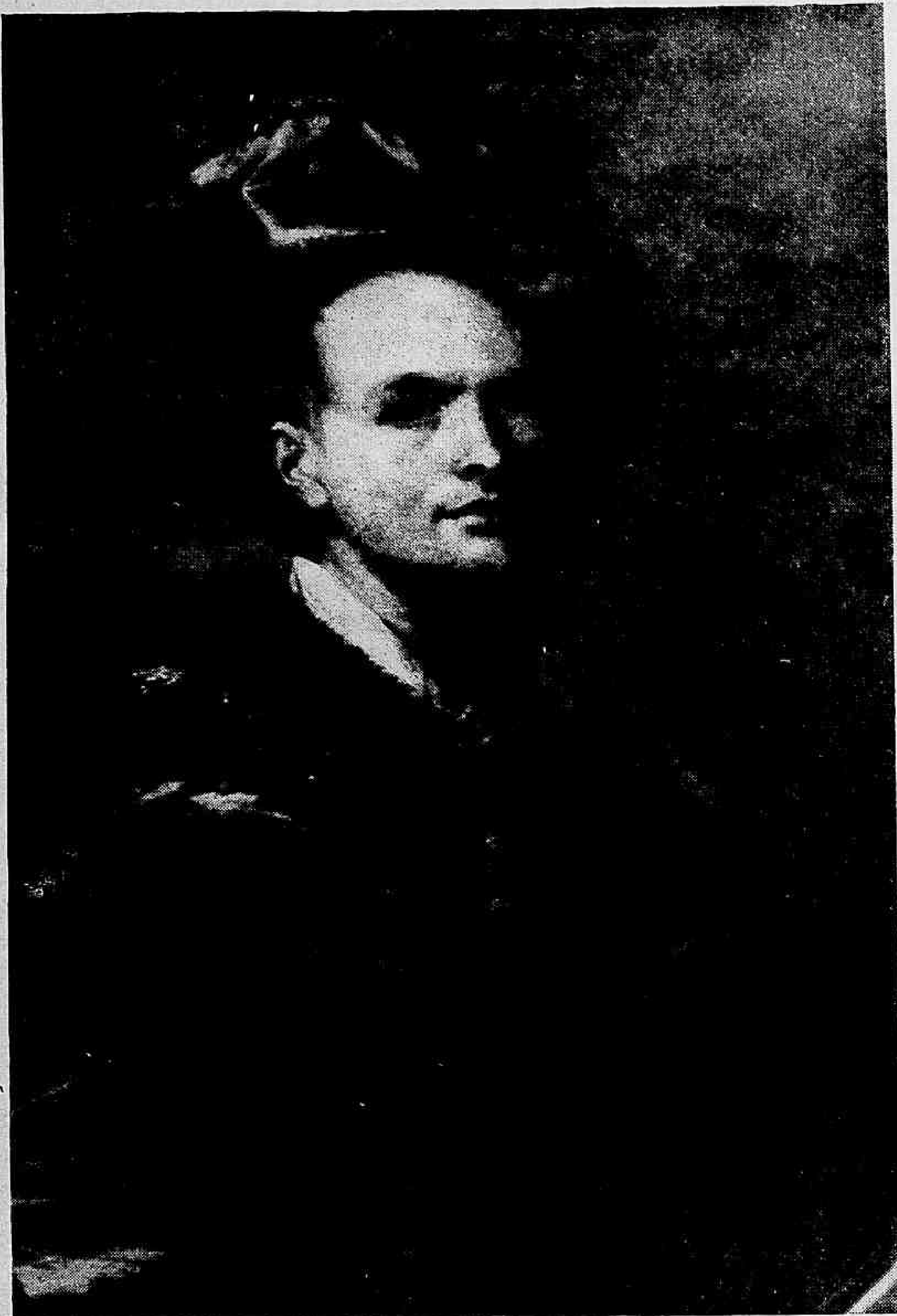












Retrato do artista Heilmann que figurou na Exposição das Artes Alsacianas do Museu de Artes Decorativas da França



Dentre os trabalhos expostos na Exposição está êste de Mathias Nitharts, representando a Virgem no Jardim



A imagem da Virgem, da Catedral de Strasburg, foge ao comum das concepções religiosas da mãe de Cristo

ARTE ALSACIANA E LORENA

Por BERNARD CHAMPIGNEULLE

UMA prestigiosa exposição das artes alsaciana e lorena foi organizada em Paris, no Pavilhão de Marsan, por ocasião do tricentenário da anexação da Alsácia à França. Essas manifestações comemorativas carecem, às vezes, de homogeneidade e apresentam um caráter híbrido que infunde receio. Mas, desta vez, não aconteceu isto. Foi uma revelação para muitos parisienses que conhecem mal as províncias do leste e os confrontos, organizados por mão de mestre, contribuem de modo notável para a história das civilizações européias. E' necessário seguir paralelamente a evolução diferenciada das duas artes desde a época gaulesa até a metade do século XVII. Desta data então, os dois movimentos, apesar das particularidades locais, sensíveis quase que apenas nas manifestações populares, tendem a se fundir sob a irradiação da arte francesa e, também, sob a indiscutível hegemonia exercida pelo gôsto, os costumes e as modas da Côrte Francesa.

As conjunturas militares e políticas interferem muito menos do que as transformações do estado social e a influência dominadora vinda de Versailles e de Paris. A pintura alsaciana do século XV e da primeira Renascença, por exemplo, é característica: os artistas naturais da região deixavam-se influenciar pela Alemanha do Sul, enquanto os que vinham do exterior, recebiam o influxo dos autóctones. Sob o ponto de vista alsaciano, a escultura medieval não apresenta um menor interêsse. A exposição de Paris agrupou um conjunto de estátuas originais da catedral de Strasbourg, visto como as que estão no monumento são apenas cópias. A escola de escultura de Strasbourg conjuga o estilo renano sucessivamente, com o dos fabricantes de imagens de Chartres, de Reims e de Paris. Êsse estilo, que participa do da Flandres e do da Borgonha, dominou na Alsácia e também nos ateliers da Europa Central. Na Lorena, nem a escultura, nem a pintura, tiveram tão altas e longínquas origens. Se excetuarmos as iluminarias carolíngias e romanas, e a famosa estatueta de bronze de Carlos Magno (a maioria dêsses objetos provêm do Tesouro disperso da catedral de Metz), temos que esperar o século XVI, com Ligier-Richier, para encontrarmos um artista de renome. Êsse artista é o autor do "écorch'" do túmulo de René de Châlon, uma das peças mais prodigiosamente patéticas da escultura universal. Mas, foi no século XVII que a arte lorena conheceu um florescimento brilhante. Georges de la Tour, Claude Gellé, na pintura, Jacques Bellange, Callot, Claude Dernel, Israel Silvestre, Sebastian Le Clerc e Nicolas Briot, na gravura, com as suas obras primas, atestam êste estupendo surto. Finalmente, nas duas províncias nós assistimos então a uma floração excepcional da arte da cerâmica caracterizada pela produção das manufaturas de Strasbourg, de Niderviller, de Lunéville, de Islettes e de Saint-Clément. A ornamentação proveio diretamente das manufaturas reais, mas as particularidades da técnica dão a cada uma delas o seu cunho particular. As obras de grande porte dos séculos precedentes, sem dúvida, não têm mais equivalentes no século XVIII, mas uma arte de sociedade, feita de requintes manuais e de distinção de espírito, a substituiu.

Achamos as mais preciosas provas disto tanto no palácio dos Rohan, de Strasbourg, como na praça Stanislas, de Nancy, onde a graça aérea da pedra e do metal corre parelha com a fantasia na conquista da invenção. Esta, sem os rigores da razão, não passaria de simples capricho.



BELISSIMA COMPOSIÇÃO E' ESTA DA AUTORIA DE GEORGES DE LA TOUR REVIVENDO A FIGURA DE S. JOSÉ NO SEU OFICIO DE CARPINTEIRO



MARCIA E O MUNDO. — SERIA BOM SE APRENDESSEMOS A COMPREENDER MELHOR AS CRIANÇAS E SUAS ASPIRAÇÕES



AQUI ÊLES desenham, conversam, modelam e pintam. Acima de tudo, a liberdade de imaginar, de criar, de dar forma aos seus sonhos. O mundo visto pelos garotos deve assumir novos e maravilhosos aspectos que os adultos não alcançam. E as vocações artísticas surgem, espontâneas, sem freios nem entraves, para magnas realizações, mais tarde

UMA "ESCOLINHA" DIFERENTE

Texto de OLGA BRANT Fotos de A. VIEIRA

É simplesmente por amor à arte que Augusto Rodrigues dirige, auxiliado por um grupo de colaboradores, a Escolinha de Arte da Biblioteca Castro Alves, a mais deliciosa e atraente escolinha que já temos visto.

Ali, um grupo alegre, dos dois aos dezessete anos de idade, aprende, brincando de desenhar e brincando de modelar, a extrair do papel, da tinta e do barro, um mundo de surprêsas e emoções Talvez fôsse melhor dizer que ali, a criança tem a oportunidade de transferir para o papel e para o barro, todo o seu mundo interior, tôda a sua fantasia e tôda a sua imaginação.

No dia em que a tôdas as crianças fôr permitido dar livre expansão à sua fantasia; no dia em que lhes permitirem libertar-se da rótina e agir apenas de acôr-



CARLOS EDUARDO procura novos efeitos misturando as côres. O pincel deixa de ser um brinquedo para tornar-se o intérprete de sua vocação



ALGUMA DÚVIDA, Anamaria? Ela parou o serviço e fixou o olhar num ponto distante. Seus lábios se entreabrem. O que estará imaginando?



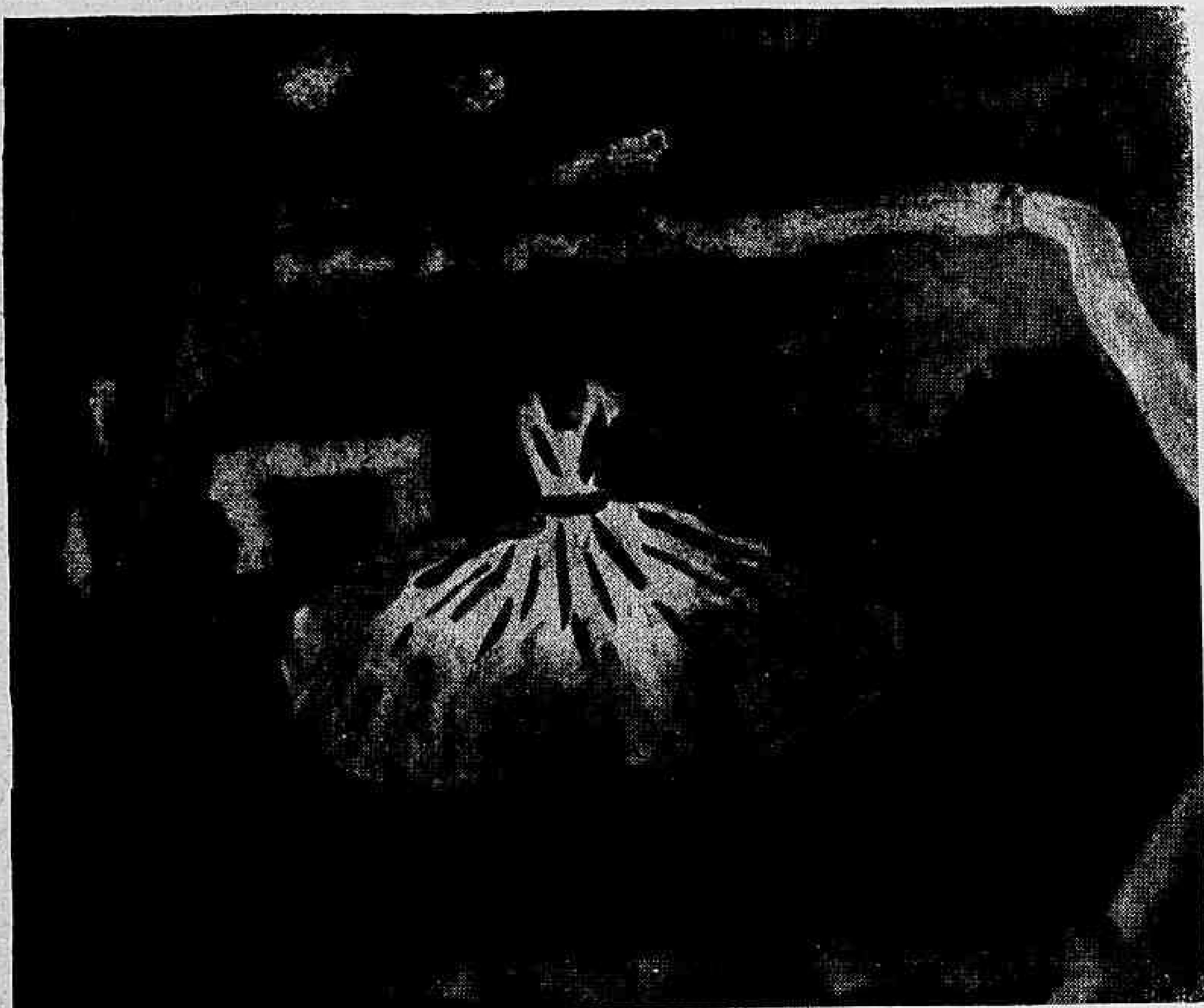
UM FUTURO artista — quem sabe? O importante é que se sinta feliz com os apetrechos que divertem e ensinam. Mas os bonecos vão saindo



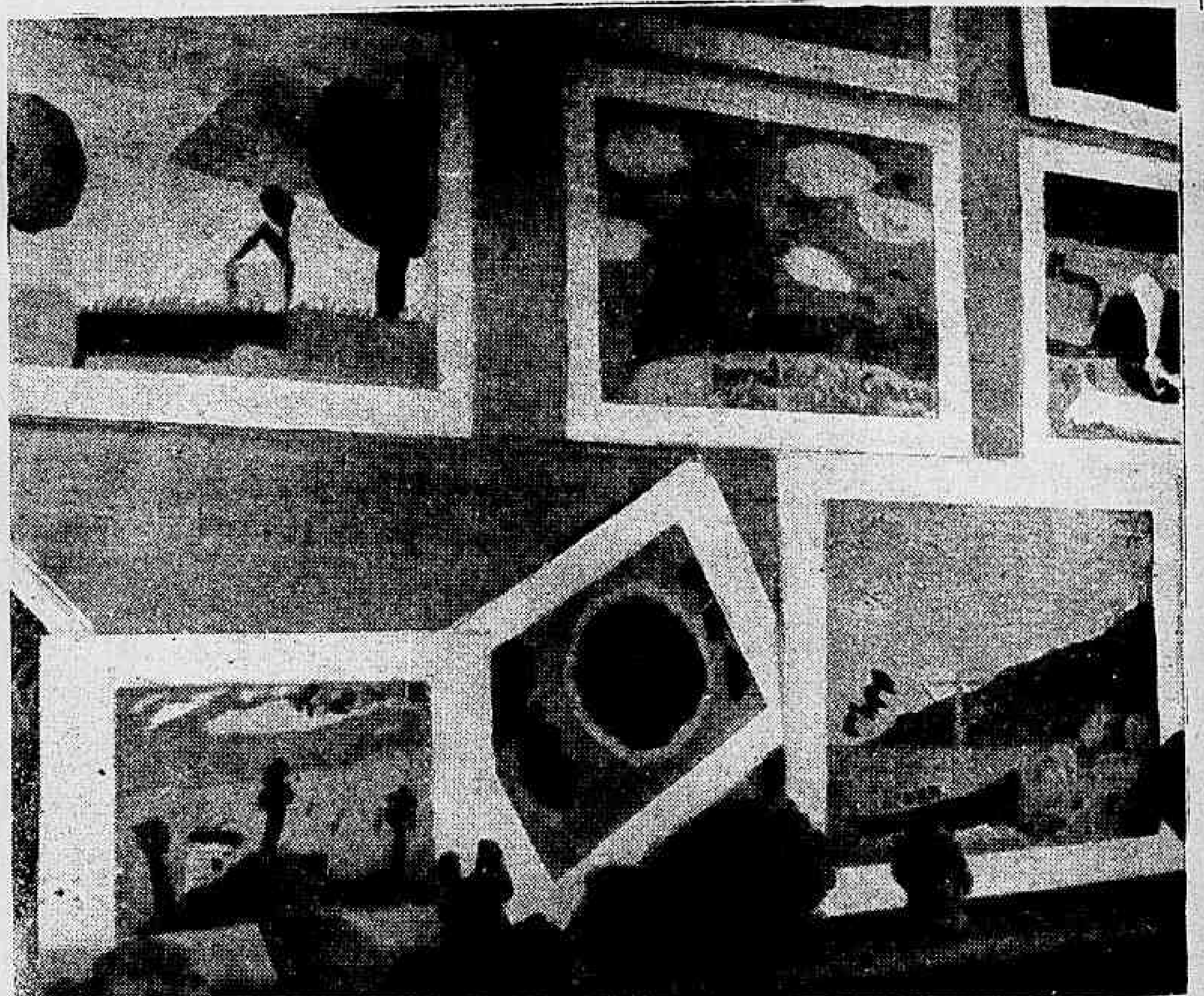
AGUSTO Rodrigues acompanha de perto a tarefa dos garotos, mas sem pretensões de mestre. Volta a ser criança também e se irmana em espírito. São companheiros de aulas



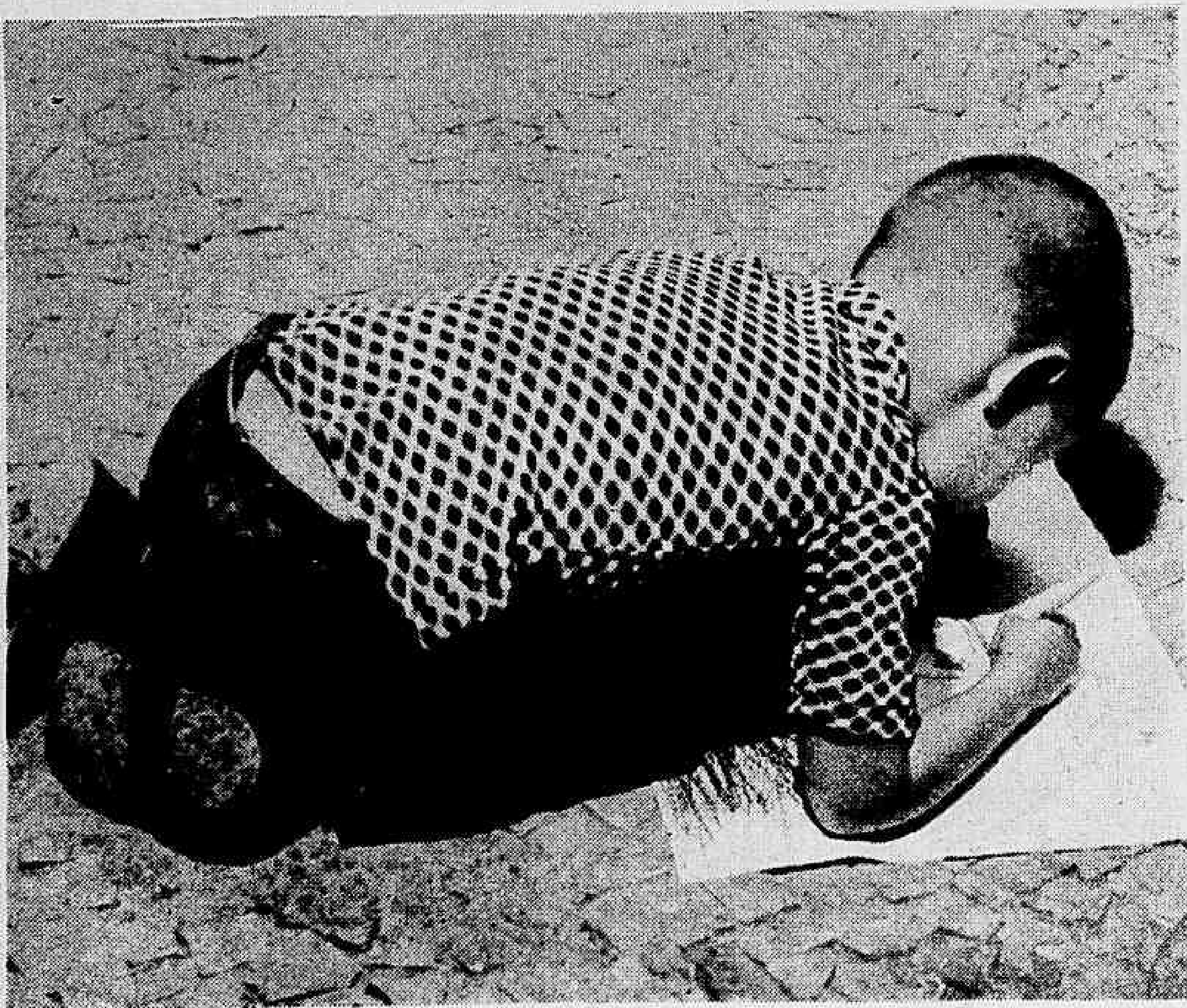
A MODELAGEM é também uma excelente forma de expressão. Aprende-se a dar forma às figuras e os objetos reproduzem a maneira pela qual são vistos na alma das crianças



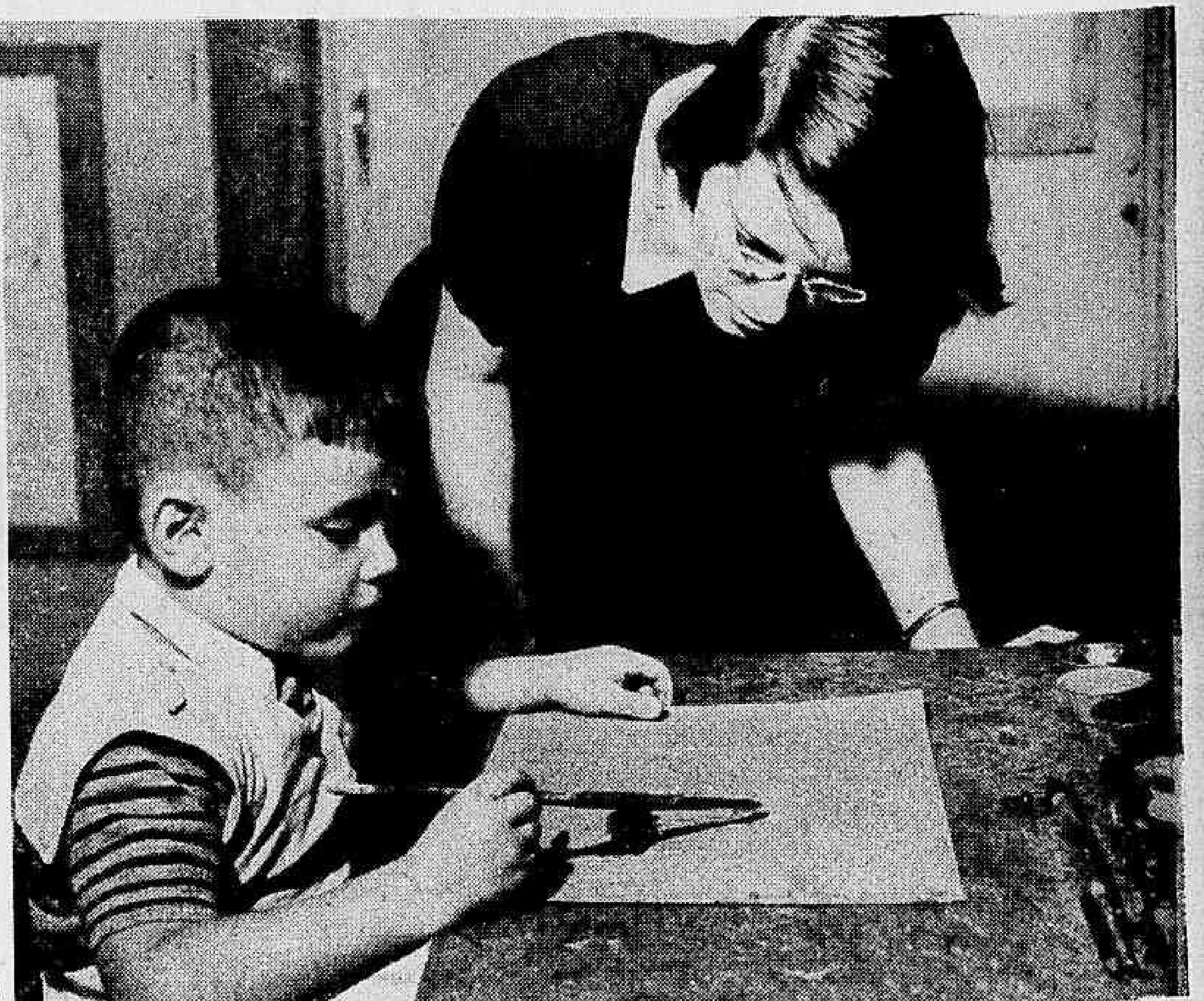
ÊSTE DESENHO foi feito por uma garotinha de dez anos. Josette Ribaut imaginou a bailarina dentro de uma "atmosfera" própria e assim conseguiu dar-lhe "vida"



CONJUNTO de trabalhos executados por crianças de 4 a 12 anos de idade. Não podem ser analisados com ôlho clínico, mas representam uma forte expressão de arte infantil



NA MESA ou no chão, Eduardo Afonso dá asas à fantasia. Êle dispensa o confôrto que os artistas feitos exigem. Está pintando à sua vontade. E o que sairá da pintura?



AS PROFESSORAS estão sempre presentes, mas, como no caso do pequeno Renato, só atendem quando solicitadas. Ao pequeno artista faculta-se tôda a liberdade de ação

ROLAR A RIBANCEIRA É ÓTIMO EXERCÍCIO. E A INSPIRAÇÃO TRABALHA MESMO DURANTE OS MINUTOS DE RECREIO.



CRIANÇAS e adolescentes (ao alto), desenham de imaginação ou ao natural, durante um proveitoso banho de sol. Em baixo: outros flagrantes durante o recreio. Um pouco de roda predispõe o espírito... Mas as menores preferem os "shorts" para aproveitar o ar livre. E o professor é um gra[illegible] amigo de de seus folguedos. As aulas recomeçam pouco depois e a petiz[illegible] é a prime









sor é um gra[nde] amigo de todos, brincando com êles, participando
pois e a petiz[ada] é a primeira a exigir novas horas de trabalho



do com a sua própria imaginação e os seus próprios sentimentos, veremos o quanto a criança poderá criar, e como poderá ser feliz, e, ainda, como poderá diminuir, surpreendentemente, o número de "crianças-problemas".

Tudo ali, na escolinha que funciona no Edifício do Ipase, é espontâneo; o horário existe, mas ninguém tem a obrigação de respeitá-lo e nem tampouco é observado por se haver atrasado. No entanto, ninguém se atrasa!

As crianças têm pressa em chegar à escolinha, pois sabem que ali nada as impedirá de realizar os seus próprios desejos; lá estão, — sabem elas — o papel, a tinta e o barro, com os quais se utilizam para expressar aquilo que não têm coragem de expressar diante de adultos e, algumas vezes, dos próprios pais. E, um detalhe interessante: para os que já estão em idade escolar, existe ainda mais uma forma de expressão que é a linguagem escrita; cada um deles possue um diário onde anota suas próprias impressões do dia e ali fomos colher a prova mais eloquente da felicidade que se pode proporcionar à criança ou adolescente, quando se tem o privilégio de saber compreendê-los.

O desenvolvimento mental da criança, a sua libertação de inibições e complexos; a sua fuga do comum e rotineiro, estão patenteados no papel, em impressões da própria criança, impressões que revelam confiança própria e libertação, como no caso da menina que diz: "Nos princípios, eu fazia um desenho pequenininho com muito medo de errar. Agora não; eu faço-o num papel grande, sem medo de errar".

Também nos diários vamos verificar o que aliás nos salta logo aos olhos: o desenho, a modelagem, a pintura, são inteiramente livres, não obedecendo a sugestões ou indicações dos professores; há apenas o interêsse na evolução da criança e não propriamente naquilo que executa no momento.

— "O professor Augusto, nos informa um menino nas páginas do seu diário, me disse: com o barro você poderá fazer muitas cousas". E êsse "muitas cousas" é bastante significativo porque não restringe a sua imaginação indicando isto ou aquilo que possa ser feito, mas lhe dá inteira liberdade de fazer aquilo que realmente tenha vontade de fazer.

Aos domingos, o grupo costuma se reunir no Parque Guinle, das Laranjeiras; entre a beleza da paisagem, as crianças e adolescentes da escolinha brincam, apostam corridas, rolam as ribanceiras, jogam peteca e... desenham.

Depois de uma corrida ou de um jôgo, sentam-se em pequenos grupos ou isoladamente, à sombra das árvores, e desenham do natural ou de imaginação; é um gôsto vê-los... "Sempre ao chegar o domingo, é mais uma vez um diário que fala — levanto-me da cama alegre e bem disposta, dou uma olhadela pela janela, faço um pequeno comentário sôbre o sol que brilha hoje um pouco mais do que nos últimos domingos e procedo na minha toilette. Quando se tem na cabeça a perspectiva de um passeio como o que se vai hoje fazer, as coisas são despachadas bem mais depressa do que nos outros dias. Pois nos domingos eu fico pronta em dez minutos!"

E' tão simples tornar feliz uma criança! E tão poucos são os que sabem fazê-lo...

E, observe-se que tudo é proporcionado sem qualquer interêsse financeiro, pois tudo lhe é oferecido gratuitamente. Também as professoras são voluntárias, nada percebendo pelo seu trabalho e dedica-

(Cont. na pág. 50)

SEM COMPLEXOS, elas aprendem a ter confiança em si mesmas. São crianças felizes, em contacto com outras crianças iguais e preparando-se para, mais tarde, enfrentar a vida. Algum dia, já adultos, poderão avaliar o serviço que lhes prestaram os mestres





MINHA amiga tinha os olhos fixos è todo o corpo parado, quieto, entregue às minhas palavras febris, revôltas, apressadas, saindo aos borbotões como sangue jorrado numa crise de hemoptise e mais parecia um objeto emborcado, curvado à revelação da minha história agoniada, desesperada, que uma figura humana. Percebi que tudo à minha volta era inerte, o movimento unicamente desenvolvido no meu corpo, movimento convulso em espiral, vindo de dentro como brotado da região inferior, e continuando até à extremidade dos meus lábios trêmulos e nervosos, quentes de febre e revolta. Meus olhos prêsos ao rosto da mulher que me escutava, só enxergavam, todavia, cenas onde se desenrolou todo meu drama e todo meu funeral de ilusão, ainda vicejante, ainda nova, e, por detrás daquelas visões móveis e superpostas, como num segundo plano, os olhos grandes, belos, trágicos de silêncio, da minha companheira.

Antes de relatar tôda minha vida, de dois estúpidos anos, quis fugir à confissão com um pudor tão forte do meu sofrimento e de minha vergonha como de uma virgem que esconde o corpo de pupilas estranhas. Mas ondas enormes de agonia concentrada, de desespêro mudo e de rebelião longa, esvaída em tentativas frustadas, abafavam, interrompiam minha respiração cansada e eram intensas de fôrça e poder sôbre a fragilidade momentânea do meu corpo, que soube da impossibilidade de silenciar e da necessidade de esvaziar-me delas por largas palavras de desabafo. Enquanto continua a história, fica-me martelando continuamente (como música servindo de fundo musical) a primeira frase que pronunciei, para ela:

— Compreende tôda a tragédia de uma mulher que amou, que ama um covarde, e quer fugir e quer odiar e quer esquecer sem saber como?

Observei que ela não sorriu, nem zombou da importância e da dramatização das minhas palavras. Sentiu, creio, através a violência e a convicção com que foram pronunciadas, todo um choque de sentimentos vivos, intensos na sua imensidão sem limite. E então, como se de repente um dique fôsse destruído, em um segundo tudo veio à baila, com a mesma sofreguidão e inquietação com que foi vivido, dias, meses atrás.

— Nunca tive boa memória. Muito fraca, muito mansa, muito superficial, sem nenhuma densidade. Contudo, sei que da primeira vez que ò vi fazia calor. A noite era escura, sem limpidez de céu, parecia pesada e povoada de sons conduzidos pela atmosfera carregada de eletricidade que acabaria por, no final da noite, trazer chuva grossa e feia. Deveriam ser 7.30 horas e talvez (começa a surtir efeito a fragilidade de minha memória), um dos últimos dias do mês de fevereiro. Não sei dizer qual. Tanto faz. Saía do escritório, e estava muito cansada, o rosto sem retoque, a maquilage apressada, perdida desde a manhã, um vestido qualquer, creio que uma saia preta, larga, de pregas e uma blusa cinza (estava naquela época em situação precária; o dinheiro ganho no escritório, pouco, para alimentação e para a vaga do quarto), louca para chegar em casa e descansar alguns minutos, antes do jantar, quando, passando em frente a um café-bar de empregados (pequeno, sem luxo, mas que espalhavam cadeiras no passeio, do lado de fora), ouvi meu nome pronunciado distintamente em voz alterada e alta como de alguém que teme não ser ouvido; não voltei e senti depois que u'a mão agarrava-se ao meu braço com certa pressão forte e ouvi novamente a repetição do meu nome. Então procurei fitar o estranho (pois o timbre de voz me parecera estranho de início), mas era, afinal, um amigo de jornal que há muito não via.

— Que é feito de você. Há quase seis meses que não a vejo. Julguei que tivesse ido ao Norte visitar a família. Estou com um amigo, mas gostaria de poder conversar melhor. Não quer vir sentar-se um instante em nossa mesa? Me despedirei depois e a levarei até sua casa.

Olhei seu amigo, que estava perto olhando tudo. Gostei dos olhos azuis e da fixidez do olhar e do seu corpo grande, ereto, equilibrado. Cara gorda e vermelha, sanguínea, lábios cheios e uma cicatriz larga no lábio superior, atingindo em linha mais fina o lábio inferior (soube depois, fora em consequência de um desastre de automóvel, caído num barranco de mais de 50 metros) e, todo detalhe da face brilhante, me ficou logo gravado na memória (mais firme, quando se tratava de rostos). Gostava de olhar qualquer um, procurando ver melhor o destino de cada um. Vejo seu rosto, agora, quando fecho um pouco os olhos, numa realidade quase espantosa. Sem saber explicar-me, fui até à mesa e esperei curiosa, a revelação do nome. Numa curvatura tôda grave e sombria, pronunciou claro, enquanto apertava na sua a minha mão pequena e fria (sempre tive mãos frias, algum distúrbio do sangue).

— Gerhard Wide, ao seu dispor.

Não me lembro se pronunciei o meu nome. Ouvi distintamente o meu amigo jornalista dizer:

— Um filho de alemão nascido aqui, com realidade, com sonhos e entusiasmo alemães. No entanto, aconselho-a a não dizer nada, porque sei que êle irá negar com tal veemência que você começará a pensar que sei mentir muito bem.

Olhei firme para êle. Nenhuma reação no rosto enorme. Olhei seus olhos. Risonhos, despreocupados. Não liguei importância ao que me foi dito e sentei-me então.

— Que deseja a senhorita? Um Martini, um Madeira, um Vinho do Pôrto, ou uma cerveja, nos acompanhando na escolha?

Sacudi os ombros, como se não me importasse nenhuma daquelas bebidas e acabei por aceitar um copo gelado de cerveja.

Então, êle pareceu desprender-se do instante e reiniciou com o outro a conversa anterior. Falavam de viagens e de inimizades entre o pessoal da firma. Fiquei sozinha bebendo, mas não me preocupei. Sempre estou sozinha. Sempre estive sozinha. Conversaram uns dez minutos, naquele mesmo rítmo de prosa, e depois êle olhou-me, perguntando abrupto:

— Já jantou? Sabe? — virou-se para seu amigo e disse: — Acho muito simpática e interessante esta moça. Se não houver oposição, a levarei até minha casa para jantar.

Houve um certo espanto e algum constrangimento da parte do jornalista. Só pude saber o motivo, através suas palavras, que vieram depois.

— E a sua mulher, que dirá?

Gerhard sorriu e disse muito calmamente, olhando para mim forte.

— Muito natural. Uma colega sua do jornal, que encontramos ocasionalmente e a quem convidei para uma noitada em casa. Então? — indagou, fitando-me ainda, divertido e folgazão como uma criança a quem tudo parece fácil e próprio.

Não sei porque a minha negativa não foi firme nem integral. Sacudi pela segunda vez os ombros e confesso estava achando tudo muito bom, interessante e novo. Êle pagou a conta, levantamos todos e fomos até o seu carro. Fiquei no assento de trás com meu amigo e me deixei levar pela imaginação. Idealizei uma figura feminina, de cabelos claros e rosto simpático, alegre e bondoso (deveria ser assim a mulher escolhida por êle, pensava, pois Gerhard parecia muito bom, simples e generoso) e deixei que êles falassem sozinhos, sem tomar parte na conversa. Não os escutei sequer. Se tivesse que relatar depois, não saberia esclarecer nada sôbre

(Cont. na pág. 50)

Conto de **ELVIRA FOEPPEL** ★ Ilustração de **O. MATTOS**



NO ALGARVE

Dia de festa no arraial, manhã luminosa de um sol de primavera. E os trovadores da região aprontam-se para os desafios, as cantorias, os bailaricos, mantendo a tradição de seus ancestrais. O tocador de acordeão é figura obrigatória, mas pelas dúvidas, a sua "conversada" o acompanha com um sorriso de alegria que mal disfarça uma boa dose de ciúme. Nada de olharem as outras para o seu rapaz... Êle tem dona, e dona para o que der e vier!

GENTE E COISAS DE PORTUGAL

(Fragmento de um livro em preparo)

CELESTINO SILVEIRA

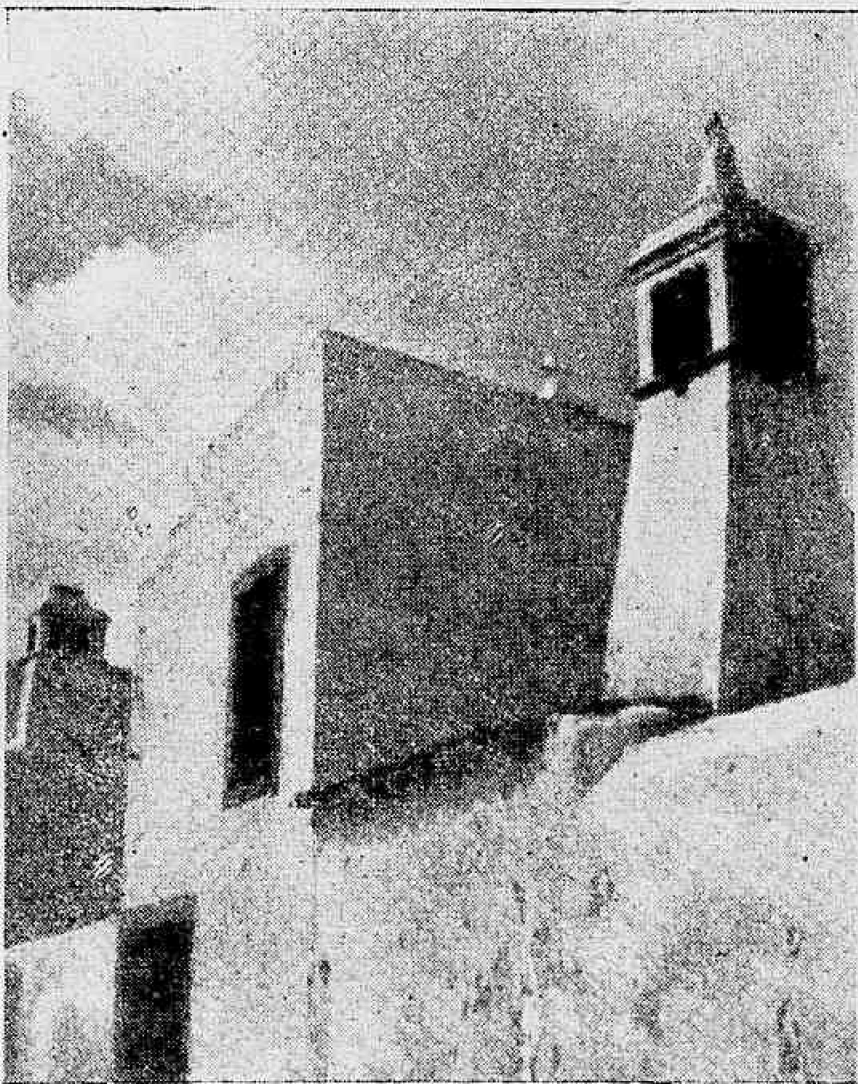
REDIGIMOS estas linhas dentro de um quarto de aldeia à moda antiga, onde nos esperava a hospitalidade lusitana de velhos amigos do Brasil. Desde ontem moramos em Casal de Gumiei, humilde aldeiola do distrito de Vizeu, distante da cidade dezoito quilômetros bem puxados pela estrada de São Pedro do Sul, e aqui dormimos uma noite memorável, na quinta à beira da estrada, onde não há luz elétrica, mas a de um providencial lampião de petróleo, que vai iluminando o papel e a máquina. Ao lado descansa a nossa tralha de caixeiro-viajante do rádio e do jornal brasileiros, que nos mandaram recolher flagrantes portuguêses. Aqui está a incômoda gravadora de papel magnético, em a qual vamos fixando a vida destas províncias seculares, que a Rádio Globo se incumbe de reproduzir dias mais tarde — enquanto nos preparam a ceia muito à feição da terra, com torresmos, salpicões, o assado de cabrito, o bom queijo da Serra da Estrêla — a serra que se distingue no horizonte, sempre recoberta de uma fina camada

Cont. na pág. 52)



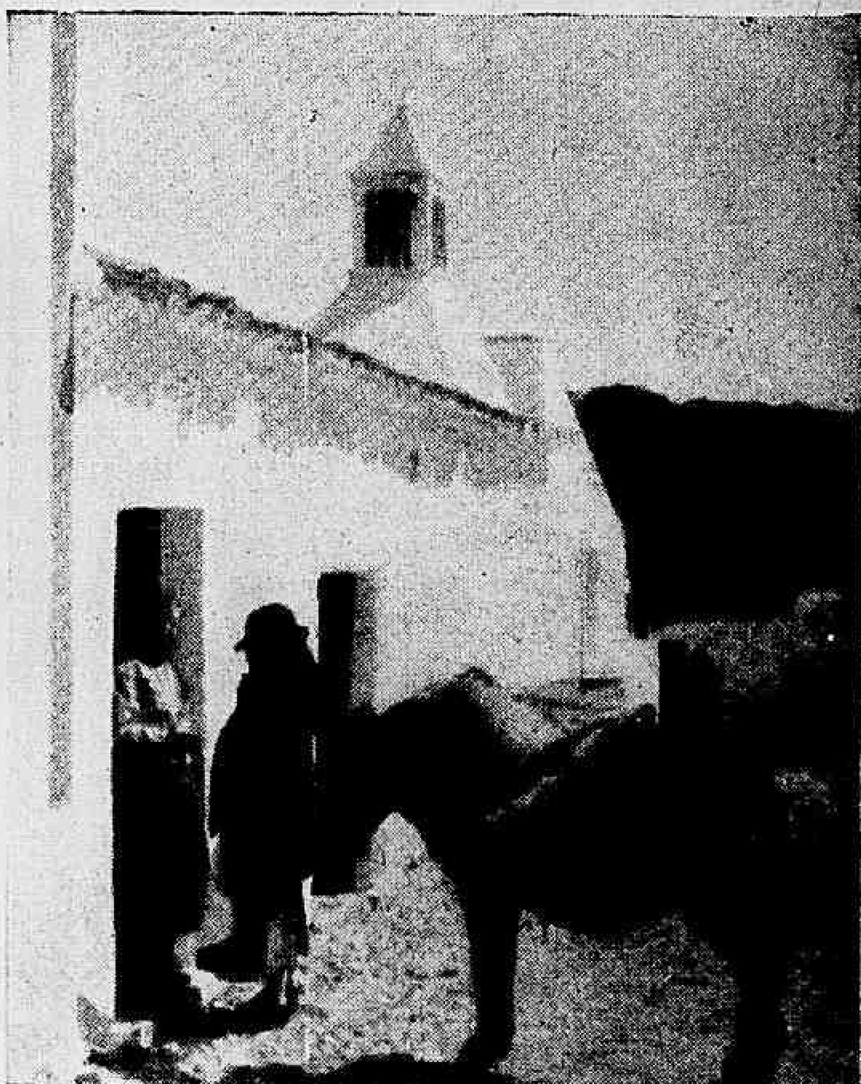
BELEZA TÍPICA

De lenço à cabeça, cordão de ouro e a inseparável medalha com a efígie de N. S. de Fátima, aí está um tipo clássico de beleza do Algarve. Olhar sereno e firme para o infinito...



CARACTERÍSTICO

Ainda no Algarve, uma casa de tradições, com a chaminé branca e proverbial do lugar. Tudo é simbólico, evocando o passado de uma terra que viveu séculos. Outros mais viverá



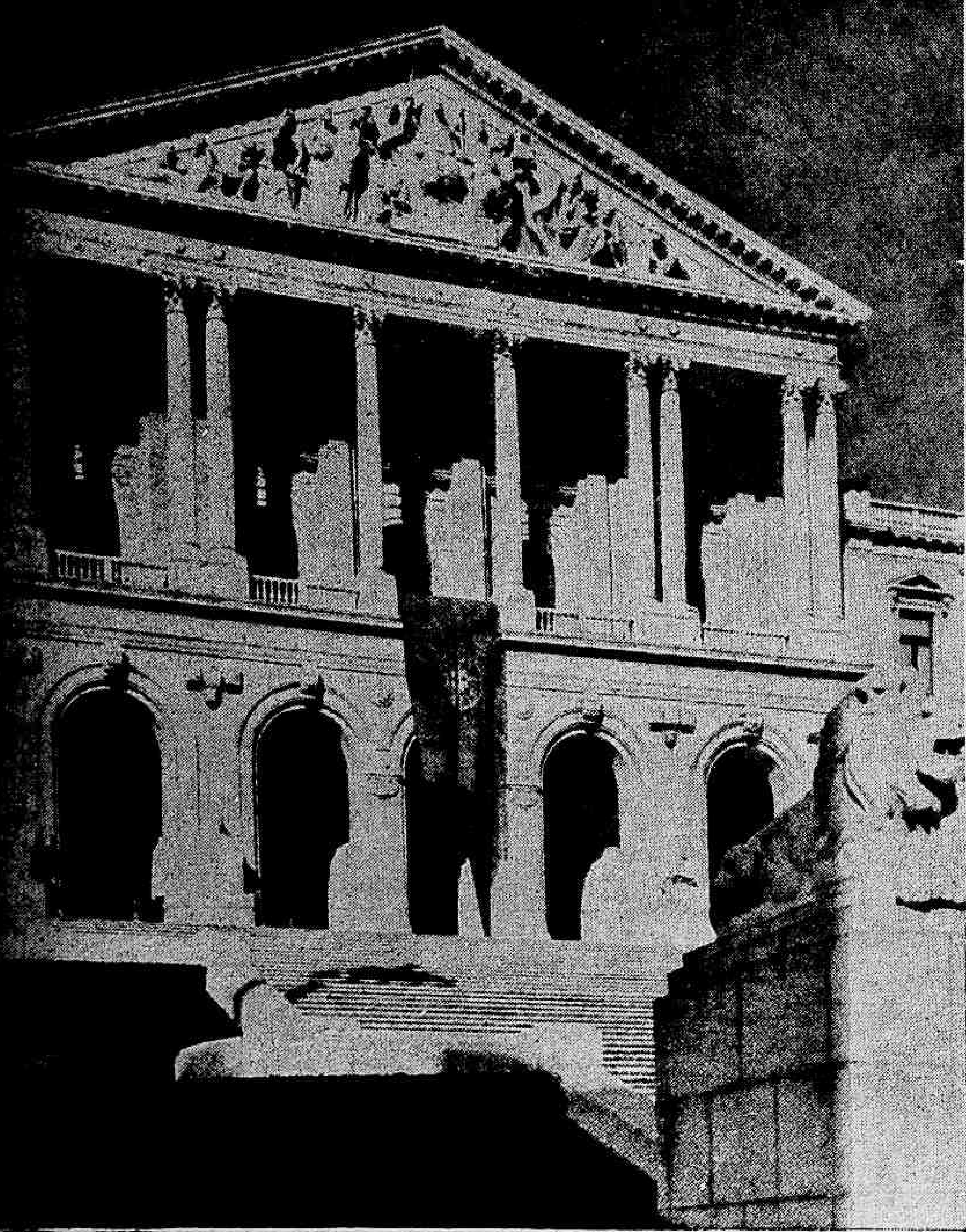
MATANDO A SÊDE

O viajante procede de longe, está morto de sêde. A caminhada se estenderá por muitas horas. Mas qualquer moradora daqueles sítios lhe fornecerá um pouco de água fresca



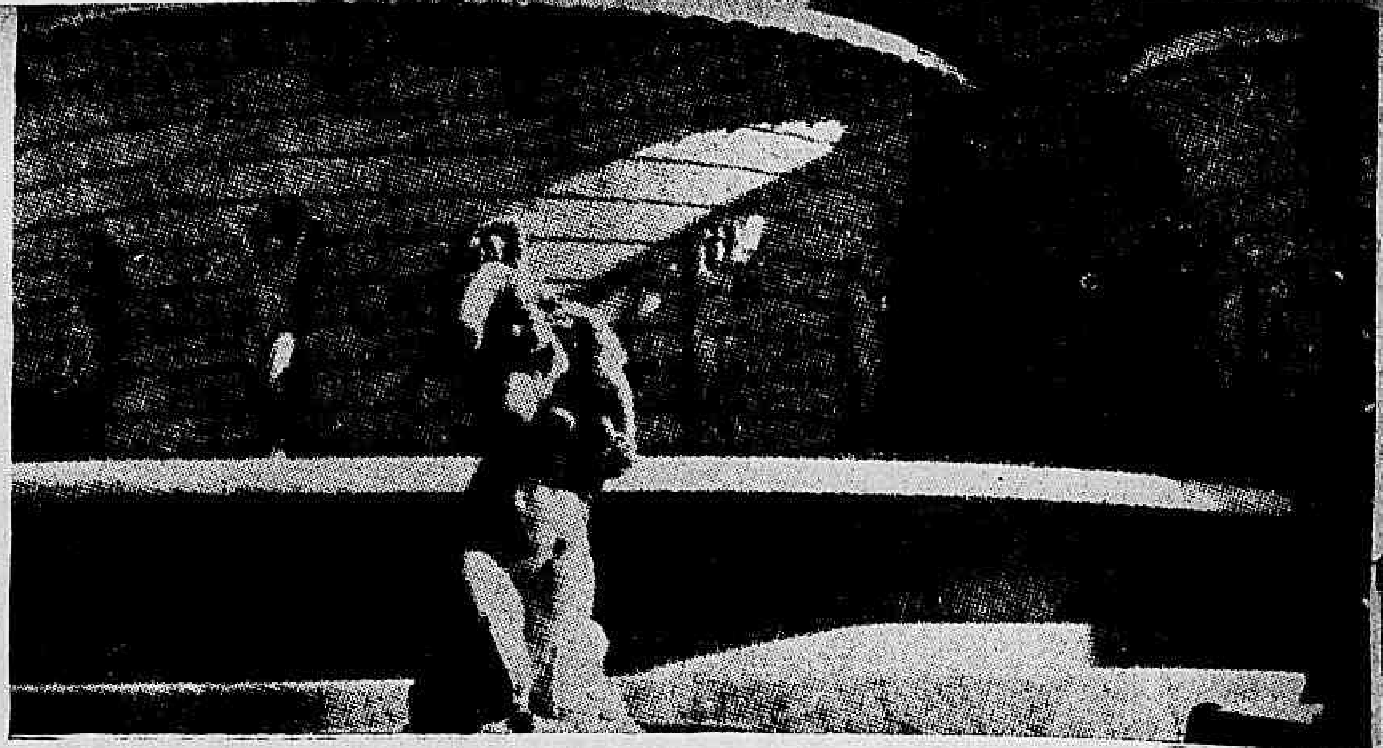
PORTINHO DA ARRÁBIDA

Um dos mais aprazíveis e pitorescos passeios dos arredores da cidade de Lisboa, com a sua deliciosa praia, em que nacionais e estrangeiros vão banhar-se nas manhãs e tardes quentes de verão. O Portinho da Arrábida é, de fato, um encanto, uma pequena maravilha, que nenhum turista deixa de visitar. E dêle guarda recordações maravilhosas, para o resto de seus dias. E quer revêlo, sim...



ASSEMBLÉIA

Os monumentos públicos de Lisboa são, a exemplo do que nos mostra a gravura, um índice do valor arquitetônico da metrópole portuguêsa. Aqui está um aspecto da fachada da Assembléia Nacional, flagrante obtido em dia de festa, vendo-se o pavilhão verde-rubro estendido na sacada central. Situado em ponto de grande movimento, dêle se descortina um panorama impressionante



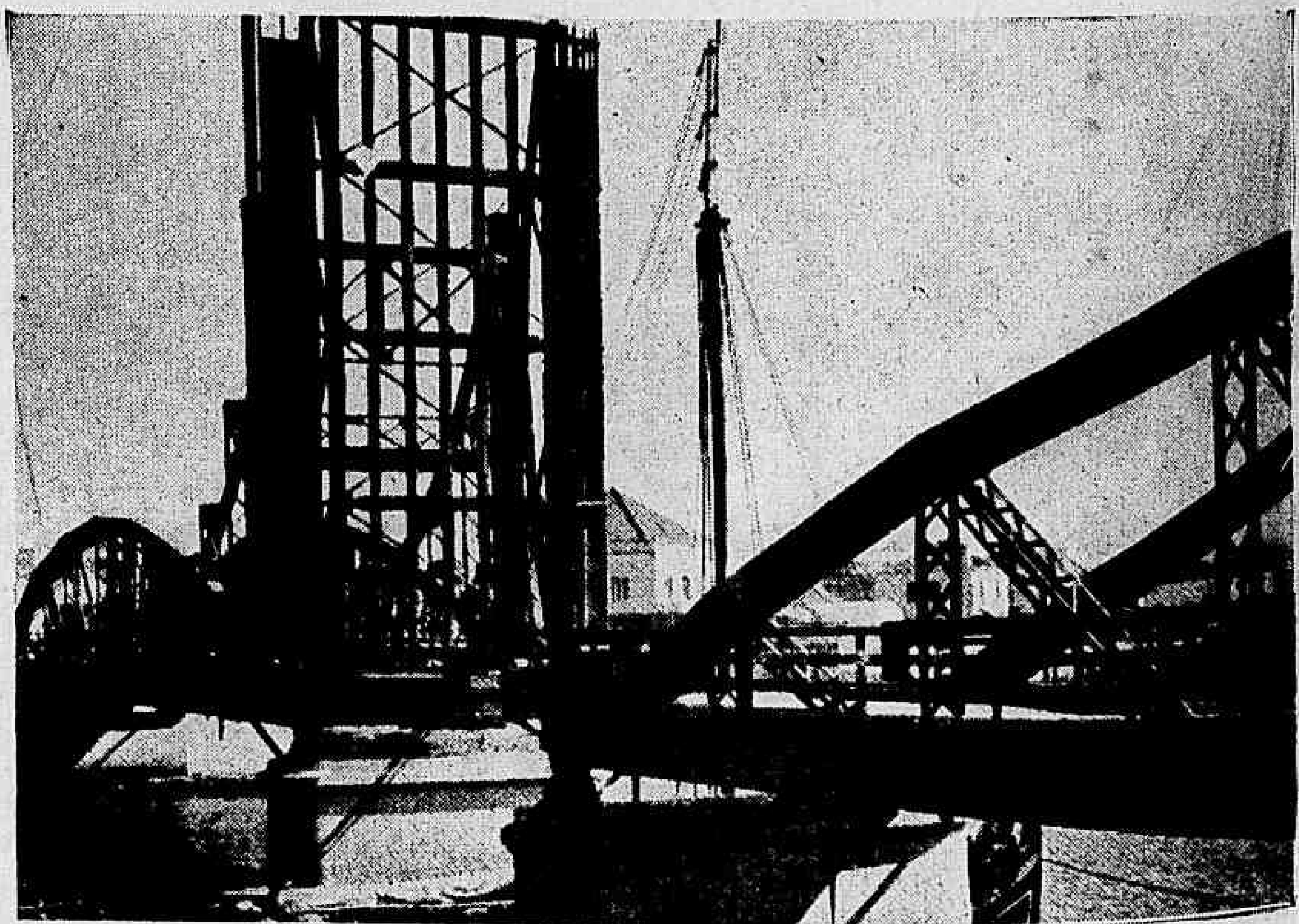
FONTE MONUMENTAL

Em noites festivas, a Fonte Monumental de Lisboa constitui espetáculo digno de registro. Seus repuxos multicoloridos, levantam para o ar, em espirais e arabescos magníficos, lances de água que, à distância, adquirem efeito mais belo. A observar, a preocupação dos mentores lusitanos, de situar êsses ornamentos da cidade, nos seus sítios mais apropriados



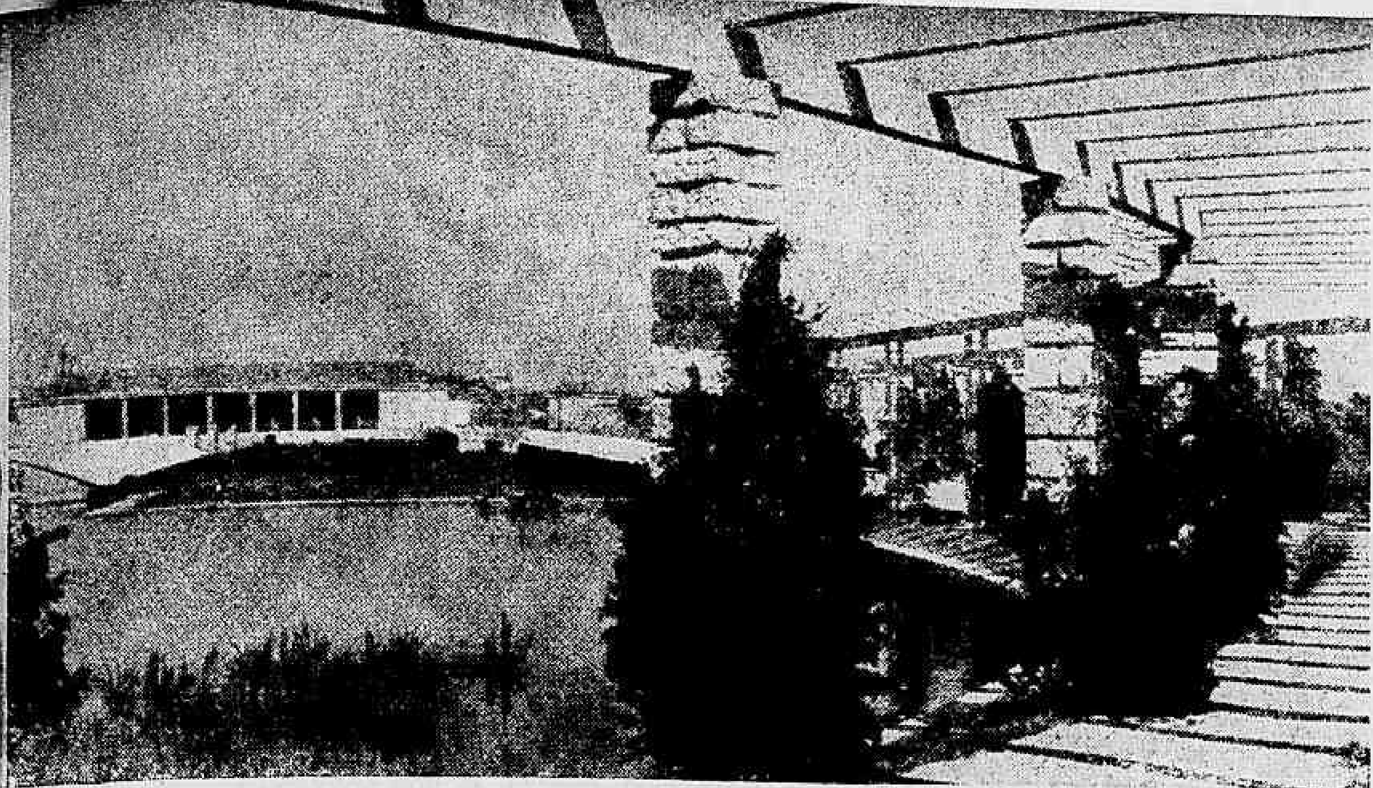
RUMO A CASCAIS

A estrada marginal Lisboa-Cascais é um convite permanente para admiráveis corridas automobilísticas, em marcha moderada, para melhor apreciar os contornos, as curvas, os lances de subidas e descidas. As rodovias são um orgulho dos portuguêses e não há exagêro em se afirmar que rivalizam com o que há de melhor nos mais adiantados países europeus



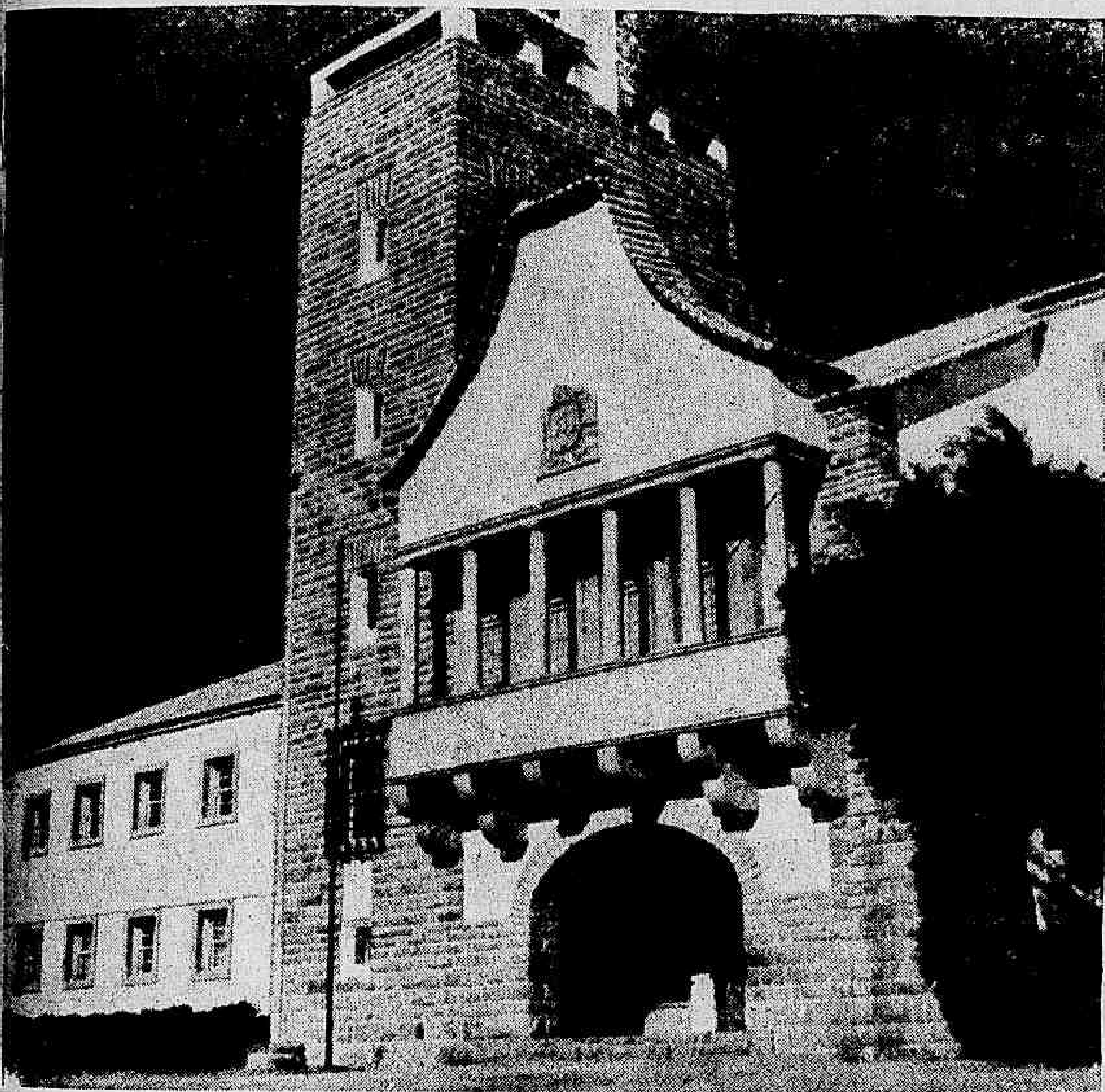
PONTE METÁLICA

A ponte metálica de Alcácer do Sal, como se vê na ilustração acima, é um excelente trabalho de engenharia. Por ela transitam milhares de pessoas por dia, e de veículos, ligando as duas faixas de terra. Essa ponte vem ainda mais embelezar a vista em conjunto da nova Lisboa, que os mais velhos, depois de longa ausência, não reconhecem fàcilmente



MONSANTO

Entre laços e lindos trechos ajardinados, o Miradouro dos Montes Claros, no Monsanto, é também um motivo de encantamento para o visitante de Lisboa. Nas manhãs primaveris ou nas tardes de verão, êsse recanto enche-se de visitantes. Aos domingos o número aumenta mais. E as crianças encontram onde distrair o espírito, a exemplo do que fazem os adultos



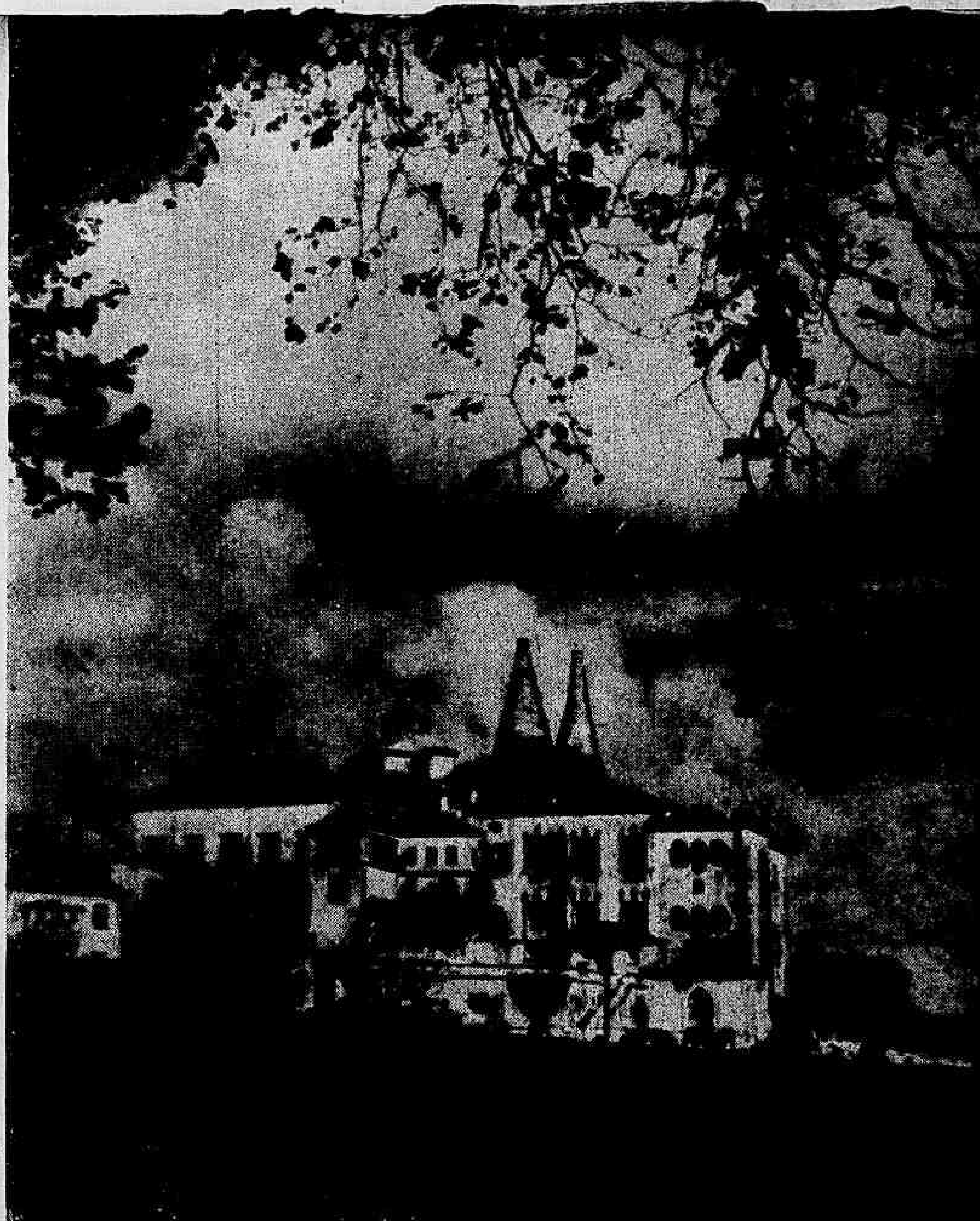
SACAVÉM

Levanta-se em Sacavém, a Estação Agronômica, mostrando o mais completo e moderno equipamento de sua especialidade. Vê-se na gravura superior, um flagrante do corpo central, mas o conjunto, apreciado de visu, oferece aspectos mais lindos. A reparar o estilo da construção, traçado de molde a não prejudicar o conjunto tradicional da moderníssima Lisboa



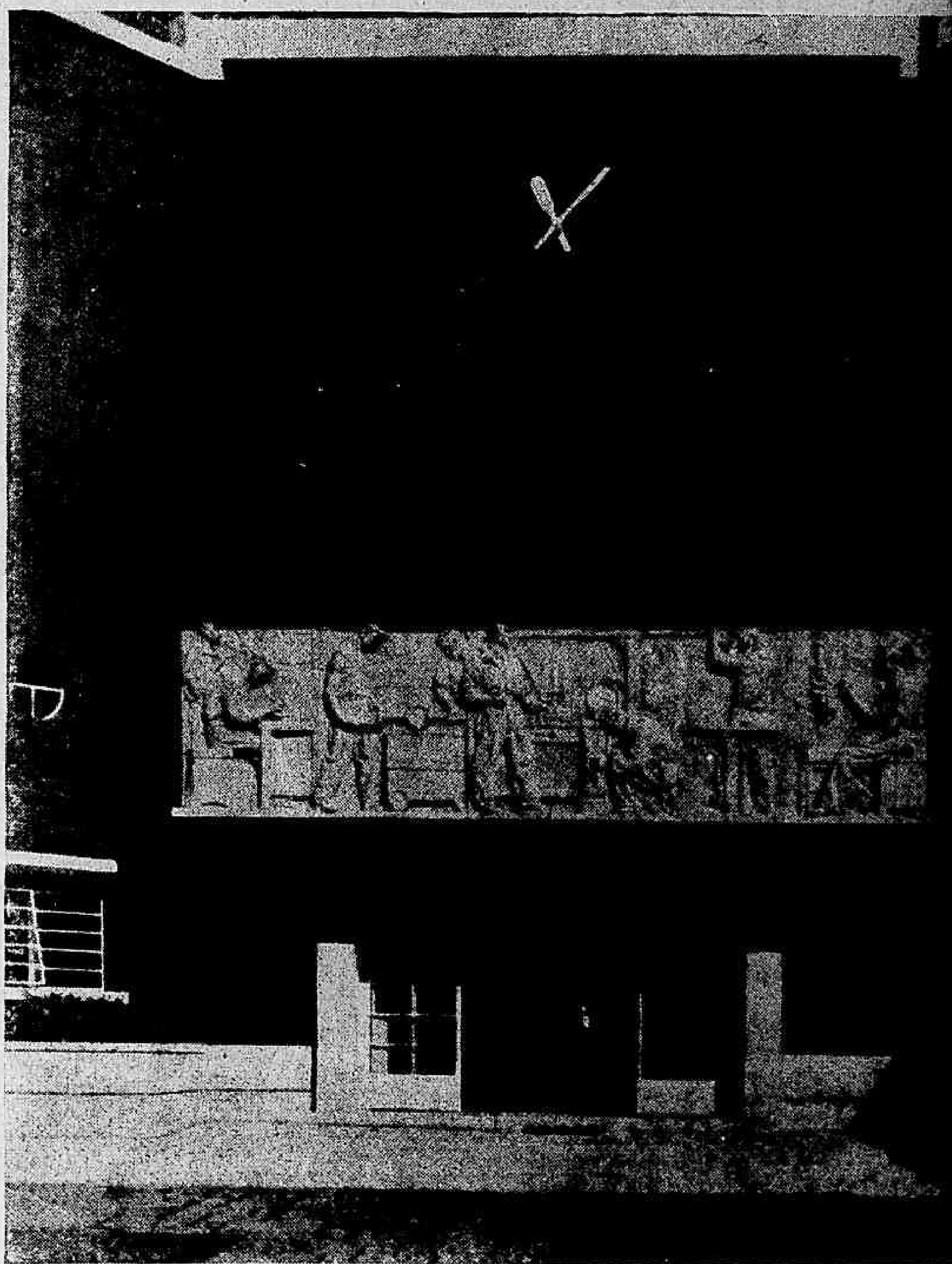
NO AEROPORTO

Ainda em Sacavém, na cidade de Lisboa, o edifício do Aeroporto, onde diàriamente embarcam e desembarcam milhares de viajantes, representa um sugestivo "cartão-de-visita" para o estrangeiro. Quando descemos do "Constellation", que nos levou do Rio de Janeiro, nossa primeira impressão não pôde ser mais agradável. E as outras impressões que se vão recolhendo pelos dias adiantes, só fazem reforçar as primeiras



PALACIO DA VILA

Abandonando a capital portuguêsa e rumando para as cidades mais próximas, é um mergulho na Tradição o que nos espera. Em Sintra, lá está o Palácio da Vila, verdadeira miragem sonhadora, que nos desperta para a realidade, embora conservando as linhas do Passado. E', então, permitido ao turista fazer uma visita ao interior e sentir, mais de perto, a emoção de uma fuga aos dias heróicos que vão longe



CASA DA MOEDA

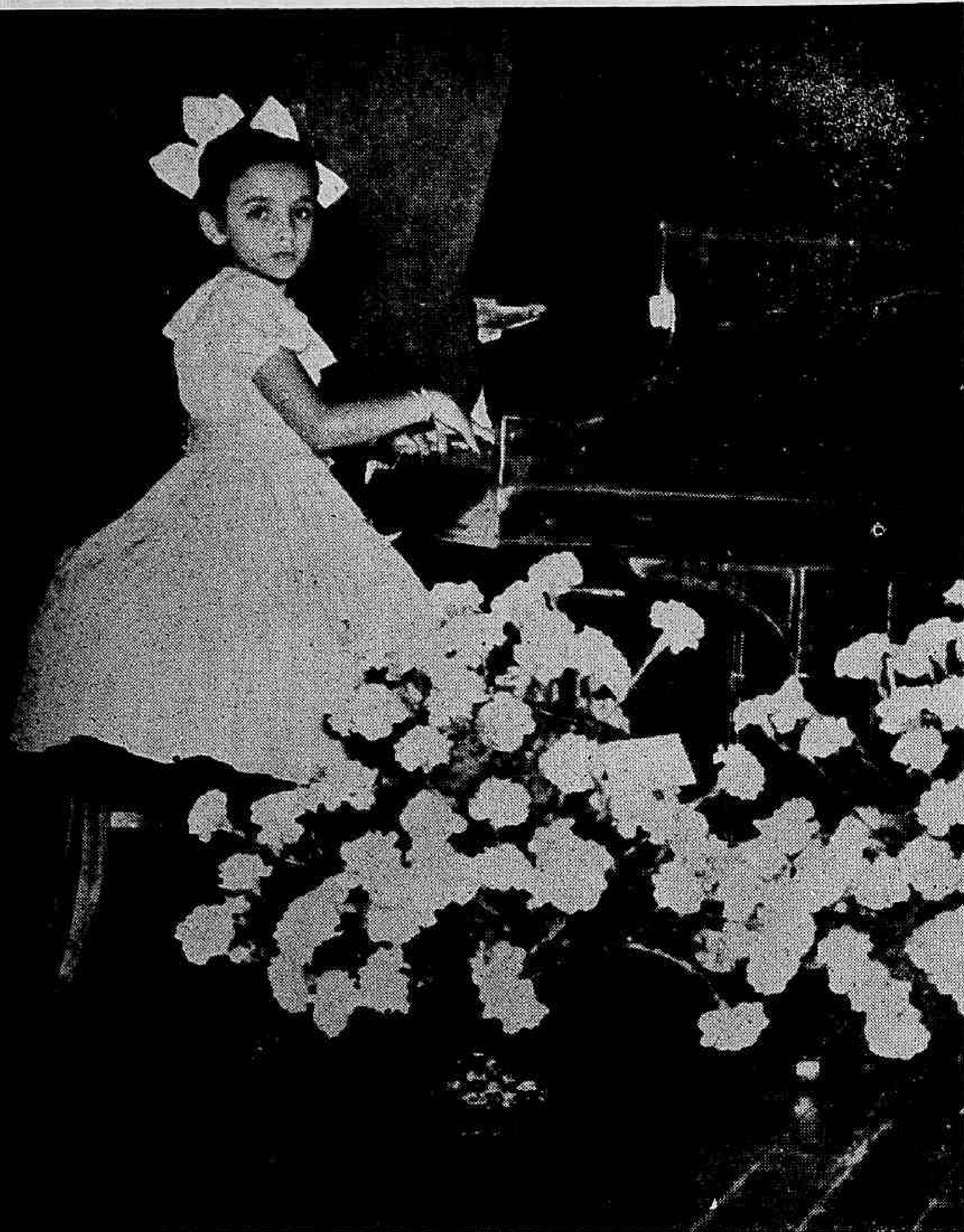
Já dissemos que os próprios nacionais, os estabelecimentos dos poderes públicos, modernizados e imponentes, buscam sempre uma riqueza de pormenores, sem destoar do conjunto. O mesmo também acontece com a Casa da Moeda, cujo frontispício aqui está: Mas lá dentro, tudo é amplo, confortável e digno de uma referência elogiosa. E' assim Portugal, nas grandes cidades como nos recantos de província que visitamos: Sempre histórico

MÚSICA

COMPÊNDIO DE HISTÓRIA DA MÚSICA BRASILEIRA

O MUSICÓLOGO RENATO ALMEIDA ★ A CHINA ANTIGA E O BRASIL CONTEMPORÂNEO

ROBERTO LYRA FILHO



REGINA CÉLI, filha do casal Francisco Cupello, que teve atuação destacada no recital da Professora Hilda Rodrigues

UMAS das principais contribuições no sentido de fixar a evolução da arte musical, entre nós, é, na opinião geral a "História da Música Brasileira" de Renato de Almeida.

Pesquisando, coligindo, interpretando, traçando o panorama social de cada época e nele enquadrando as principais figuras, analisando, com erudição, a obra de cada uma delas, o musicólogo construiu uma obra clássica, fonte indispensável para estudos sôbre o tema que versou com tanta proficiência.

JULGAMENTO E ERRO

No grosso volume de sua "História da Música Brasileira" Renato Almeida não incluiu somente a reconstituição fiel do desenvolvimento musical de nosso povo: apreciou a qualidade da produção de cada compositor, operação complexa, que exige sensibilidade e bom gôsto.

Ferdinando Ries, certa vez, executou obra sua, anunciando que era de Beethoven. A crítica aplaudiu a nova "obra prima" do grande mestre... E Berlioz, logrou os que mostravam má vontade em relação à sua música: executou peça sua, dizendo que se tratava de um trabalho desconhecido de Pierre Ducré, artista, também desconhecido, do século XVIII. Houve quem achasse a novidade muito superior às obras do próprio Berlioz... Fritz Kresler, por outro lado, querendo pôr à prova cs que o admiravam como violinista, reputando-o compositor medíocre, recorreu a um truque semelhante, com idêntico resultado.

Não é difícil, em face de tantos precedentes, a avaliação dos perigos do julgamento de uma obra musical.

Renato Almeida esteve à altura do difícil empreendimento, avaliando, com equilíbrio, os méritos das obras examinadas.

COMPÊNDIO DE HISTÓRIA DA MÚSICA BRASILEIRA

Pela minúcia com que estudou certos aspectos técnicos que escapam ao interêsse dos leigos, o livro reclamava mais a atenção de especialistas do que do público em geral. Agora, porém, atendendo a uma encomenda, Renato Almeida resolveu condensar o monumental trabalho num compêndio.

Mas não se trata, simplesmente, de um resumo.

"Feito com intenções didáticas e para ser traduzido para o castelhano, o francês e o inglês, pela Divisão Cultural do Ministério das Relações Exteriores, tive de alterar a disposição das matérias, escrever, especialmente, o capítulo sôbre os contemporâneos e dar ao trabalho uma série de referências destinadas a facilitar ao leitor a compreensão do fenômeno musical brasileiro.

Assim, acessível, claro, é um excelente guia para as iniciações, dando uma visão do assunto que não sacrifica nada de essencial, apenas concentra o material mais desenvolvido no primeiro livro, e nesse outro cuidadosamente adaptado à finalidade especial do compêndio.

CHINA ANTIGA E BRASIL CONTEMPORÂNEO

A propósito do capítulo novo, tratando de compositores contemporâneos, ocorreu-nos um episódio narrado por Lacombe.

Na China antiga, o imperador Tai Tsung criara uma comissão de escritores aos quais confiou a tarefa de registrar os principais acontecimentos com imparcialidade. Os preciosos documentos que resultavam de sua atividade, eram, depois, arquivados, a fim de que, no futuro, sucessivas gerações viessem encontrar ali testemunho sereno e desapaixonado.

Certo dia, porém, Tai Tsung resolveu tomar conhecimento do trabalho que vinha sendo executado e, mandando chamar o chefe dos cronistas determinou que lhe fôsse lido o registro para que pudesse julgar a qualidade da obra e ver se, realmente, ela refletia, sem deformações ou erros, tudo quanto ocorria em seu reino.

O súdito convocado veio pedir a Tai Tsung que desistisse da audiência das crônicas. Como registrar sem constrangimento cada incidente, o que se passava cada dia, se, de antemão, saberia que a obra seria submetida à inspeção de Tai Tsung? Como escrever com imparcialidade sem temores de incorrer em seu desfavor? Como subtraír a pena à sua influência?

O imperador achou que o cronista tinha razão e determinou que fôsse mantido o segrêdo daquela spáginas que só a posteridade viria ler.

Renato Almeida, escrevendo sôbre contemporâneos, arriscava-se a ferir suscetibilidades. A nossa música também tem seus "imperadores"... E não poderia recorrer ao sigilo que garantia a liberdade dos cronistas de Tai Tsung... Será preciso lembrar que, além de musicólogo, êle é diplomata, para justificar o sucesso com que deu sua opinião imparcial sôbre artistas vivos e influentes sem atingir melindres nem desencadear ressentimentos?



FLAGRANTE OBTIDO no auditório da **A. B. I.**, por ocasião da audição de piano realizada em novembro, em que se apresentaram jovens e promissoras revelações do teclado



NÚPCIAS

ESTES flagrantes foram tomados no dia 3 do corrente, na Igreja de Nossa Senhora do Carmo, nesta capital, por ocasião do enlace matrimonial do sr. Marcelo Ferreira, médico nesta cidade com a senhorita Diná Ferreira dos Santos, elemento da nossa alta sociedade. Um aspecto foi feito quando a noiva assinava o têrmo; outro, quando o jovem par deixava o tempo, que estava repleto; no terceiro, aparecem os noivos entre os respectivos pais, Sr. Raimundo Martins Ferreira e Senhora; Sr. Ayres Ferreira dos Santos e Senhora.

À noite, os pais da noiva ofereceram uma brilhante recepção aos convidados em sua residência, em Copacabana.





O PRIMEIRO NETO

NOVELA DE **ALVARO ROSADAS**

A notícia da morte da criança abalara a cidade inteira. Do lar mais humilde ao mais suntuoso palacete foi, durante muitos dias, o assunto predileto e obrigatório: — o infanticídio. Com vivas côres pintavam o assassino; e emprestavam ao criminoso antecedentes de fera, a atrocidade de um monstro. Tivesse o autor de tão horripilante crime a desdita de cair nas mãos da multidão revoltada, teria o fim de seus dias contados, pois a justiça seria feita pela turba enfurecida.

Naquele momento, tínhamos, diante dos nossos olhos, no gabinete do Delegado Auxiliar, o acusado de tão horrendo crime: o avô do menino, que ia prestar, em cartório, as suas primeiras declarações.

Não fitavam nossos olhos ávidos, o monstro, a fera humana que só faltava beber o sangue da vítima, como o pintava a opinião pública. Contemplávamos um ser normal, de olhar bondoso e fisionomia tristemente confrangida, que ia depor, esclarecendo à justiça a razão do seu nefando crime.

Trazia, impresso no semblante, o longo sofrimento dos últimos dias, passados na prisão, onde, lenta e vagarosamente, caminhava em marcha rítmica e interminável. Profundo devia ser o sofrimento moral para cavar tão fundas olheiras em tôrno de seus olhos meigos e azuis.

Pelas primeiras declarações percebemos que tínhamos, perante nós, um homem culto, de verbo fácil e falar fluente.

— Sr. Delegado, continuou o prêso, no correr do meu julgamento, minha vida será devassada, meus antecedentes serão julgados à luz dos inquéritos, e constatará a justiça que limpa e honesta tem sido a minha vida pregressa. Nada encontrarão que possa manchar, delir sequer minha reputação... e folgo que assim seja, pois verão que sempre me mostrei um marido exemplar e pai estremoso.

Profissionalmente nada terão a arguir contra mim; pois minha vida pública como a particular, sempre a mantive impoluta.

Foi nossa vida — a minha e a da minha esposa — um perene sacrifício por nossa querida filha Marilda. Ela era para nós a razão de ser de nossas vidas... nossa única filha, nosso único amor.

Sr. Delegado, não sei se o senhor tem a felicidade de ter filhos; se a tiver saberá o quanto êles representam para nós, os pais.

Marilda era todo o nosso encanto. Nada poupamos, desde o seu nascimento, para que ela fôsse uma menina feliz, inteiramente venturosa.

Frequentou os melhores e mais caros colégios da cidade. Teve bons professores de música, desenho e pintura; enfim não medimos esforços, não lamentamos gastos — que as vezes, depauperavam meu orçamento — para torná-la uma moça bem educada e prendada. De sua parte, ela nos pagava com juros bem altos e elevados, o sacrifício por nós feito; não poupava carinhos, sutilezas, atenções, o que nos cativava e nos prendia cada vez mais. Queria ressarcir com amor tudo quanto por ela, tínhamos feito; enfim, aplicando o velho ditado, ela nos pagava amor com amor.

Assim, cresceu Marilda, feliz, contente e despreocupada. Fêz-se moça, e como moça procurou o convívio das companheiras, jovens iguais a ela.

Não tivemos zelos; não se albergou, em nossos corações, o ciume doentio de certos pais que pensam ter os filhos, unicamente para êles, tôda a vida. Pode a árvore esperar que volte a ela, o ramo que foi decepado, arrancado de seu tronco?

Assim pensávamos nós. Marilda frequentava a sociedade, em companhia de boas amiguinhas, moças de famílias das nossas relações em quem depositávamos confiança ilimitada.

Nesse convívio de bailes e passeios, travou relações com alguns rapazes, moços educados e distintos. Entre êles, o mais assíduo e constante junto a Marilda era o Sérgio Ribeiro, rapaz de família de recursos modestos, mas boa e honesta. Do constante conviver ao amor foi um passo; em pouco acabaram se gostando. A princípio, fiz vista grossa e não gostei do brinquedo... mas já era tarde; êles se amavam, de verdade. Amor sincero e puro enleava aquêles corações juvenis. Nada foi possível fazer contra; as informações colhidas sôbre o rapaz foram as melhores possíveis: ótimo filho, bom irmão, moço trabalhador, inteligente e ousado nos negócios... que mais poderíamos almejar para nossa filha?

Combinamos o casamento que seria no correr do ano — estávamos em março — sob uma condição precípua: êles ficariam morando conosco. A casa era bem grande, e maior ainda seria a saudade que sua ausência nos traria.

Assim combinado, metemos mãos à obra. Não medimos despesas para que Sérgio e Marilda tivessem um casamento condigno.

Em novembro, numa tarde primaveril e esplendorosa, consorciaram-se os dois noivinhos. Parece que os vejo ainda irradiando mocidade, alegria e amor, quando se retiraram, de braço dado, da igreja local.

Foram residir em nossa casa, conforme fôra preestabelecido; iniciando-se uma nova vida em nosso lar: a vida a quatro.

Passaram-se meses. Sérgio e Marilda davam-se perfeitamente bem. Nossos prognósticos não haviam falhado; Sérgio era um ótimo rapaz, carinhoso com a esposa a quem adorava, cumpridor dos deveres e atencioso conosco. Não nos arrependíamos de ter agasalhado sob o nosso teto aquêle casal de pombinhos.

Lentamente escoava-se a areia dos dias na ampulheta do tempo; e foi com indescritível satisfação que recebi a grata notícia de que Marilia "encomendara" um bebê.

Sr. Delegado, perdôe o têrmo; mas eu e minha velha ficamos "babosos", tolos, com a boa nova.

Marilda passou a ser cercada de cuidados infantis e exagerados: — Minha filha não suba a escada à toa; diga o que quer lá em cima que irei buscar. Dizia minha esposa.



Foi levada a especialistas famosos, que serriam ao nosso cuidado extremo e nos asseguravam um feliz nascimento para o nosso netinho.

Entre sustos, apreensões e esperanças, aguardávamos o dia feliz, o grande dia em que teríamos a dita suprema de contemplar o rostinho rechonchudo de nosso primeiro neto. Enfim, chegou o dia tão almejado... aquêle maldito dia!

Copioso suor perlava a fronte do infeliz homem, que empalidecia à proporção que falava. Com mão trêmula ergueu um copo dágua e a custo sorveu alguns goles, continuando depois.

— Nossa filha fôra levada para a Casa de Saúde às 8 horas da manhã. Desde essa hora até às 9 da noite nada ainda fôra feito. O parto apresentara dificuldades que retardavam a feliz "delivrance". Obstetra de renome fôra chamado à última hora para opinar e cooperar na operação.

As 2 e meia da madrugada nascia a criança, um netinho como tanto desejávamos nós. Minha ansiedade era enorme; tinha uma vontade doida de ver o meu netinho... Lágrimas de felicidade brotavam insensivelmente de meus olhos. Eu era feliz, imensamente feliz.

Contrariando meu ardente desejo, bondosamente se opôs o médico assistente de minha filha: — Meu bom vovô, parabens! Amanhã, o senhor verá o seu netinho; hoje não. Vá descansar em casa, e no correr do dia de amanhã, volte mais repousado, mais forte. Meu bom velho, a alegria também mata... e o senhor precisa de repouso... vá descansar.

Judiciosos eram os conselhos do médico. Volvi à casa, feliz e radiante. Acordei minha velha e o genro que dormiam, exaustos da longa vigília. Abraçamo-nos os três... rindo e chorando, tal era a nossa alegria... e fomos aproveitar os primeiros albores da madrugada para repousar o corpo combalido por tantas emoções. Mas como era possível descansar, sobreexcitado como me encontrava?

Pouco tempo depois de o sol nascer, levantei-me; tomei um estimulante banho e um reconfortador pequeno almoço; e, às pressas, dirigi-me à Casa de Saúde.

Eram precisamente 9 horas, quando dei entrada no quarto ocupado por Marilda. Beijei-a com amor e ouvi as suas primeiras queixas: — Papai, essa gente é muito má. Calcule o senhor que não me deixaram ainda ver o meu filhinho!

— Não é isso, meu amigo — tornou o médico assistente, rindo-se da cara amarrada e zangada que eu arranjara para provar minha solidariedade à filha — o parto foi trabalhosíssimo e qualquer emoção, por pequena que seja, causará grande mal à sua filha. Não acha o senhor que temos tôda a razão?

Aquiesci, achando justos os argumentos alegados.

— Mas contra mim não há nada? Posso ver meu neto?... ou será que também...

— Não, o senhor verá o menino; mas veja-o rapidamente, pois êle não pode e não deve sofrer o mais leve abalo... disse o médico, após breve sinal de inteligência com a enfermeira.

O menino repousava num bercinho, ao lado da cama de Marilda. Acerquei-me e levantei, de leve, a ponta do cortinado. Quando a enfermeira pretendia afastar-se, como impedindo a minha ampla visão, afastei-a com rudeza... Seria possível, meu Deus!

Cem anos que viva, guardarei gravados na retina, aquêles instantes pavorosos.

O que jazia, dormindo, placidamente, naquele bercinho, não era um ser humano... era um monstro... sei lá o que era "aquilo"!

Chumbei-me ao solo, rígido, gélido, sem palavras nem movimento. Algido silêncio pairou no ar.

— Ué!... papai ficou bobo com o netinho! disse minha filha, e afastando a enfermeira que procurava encobrir o que se passava em tôrno, soltou um grito de pavor.

Eu devia ter um ar de louco, desfigurado, para ela apreender, num ápice, que algo estranho se passava com o filho.

— Doutor!... gritou, quero o meu filho!... Levantome se o doutor não me trouxer meu filhinho!

Apavorada, a enfermeira fitou, com angústia, o médico que, com leve dar de ombros — como quem diz: seja o que Deus quiser, fêz-lhe entender que se satisfizesse a vontade da mãe aflita.

Cuidadosamente foi levada a criancinha — o pequenino monstro — e entregue aos cuidados maternos.

Minha filha foi de um estoicismo inacreditável. Fitou, com um olhar repassado de compaixão, horror e desilusão o filhinho. De repente, não podendo mais controlar-se soltou um grito dilacerante — que ainda hoje me gela o sangue nas veias — e perdeu os sentidos.

Manifestou-se o que tanto temiam os médicos. Pertinaz febre puerperal zombou dos recursos da Medicina, durante longos dias. Foi uma luta estrênua e persistente. Finalmente a ciência médica venceu, auxiliada pela mocidade de Marilda e sua grande ânsia de viver.

Apos longa convalescença, quando sentiu renascerem as fôrças, exigiu que lhe trouxessem o menino: — Quero ver meu filho!... Tragam o meu baby querido!...

Trouxeram-lhe a criança; tomou-a, com amor, ao colo. Abraçou-a carinhosamente e lágrimas ardentes desciam de seus olhos, amortecidos pelo longo sofrimento.

Trouxemos nossa filha de volta para casa. Cercamo-la de cuidados infinitos e à pobre criancinha.

O que era possível ao seu coração de mãe, era impossível ao meu de avô. Aquêle menino causava-me horror, asco, piedade. Aquilo estava acima das minhas fôrças, da minha vontade. Ao fitá-lo sentia invencível repulsa. Êle não tinha bôca; a cavidade bucal era um buraco, sem feição humana, nem mesmo de animal pois os próprios animais têm a bôca bem formada, com maxilares bem conformados. Os olhos eram dis-

(Cont. na pág. 53)

EMAGRECER...
ENGORDAR...

SÃO estas, sem dúvida, as maiores preocupações da mulher: engordar, quando está muito magra, e emagrecer, quando está muito gorda. Já é vulgar dizer-se que ninguém está satisfeito com o que é ou com o que possui, e isto mais uma vez se confirma. Enfim, procuraremos aqui ajudar umas e outras, indicando os caminhos mais certos e menos perigosos para se obter qualquer um dos dois resultados. Para a que quer emagrecer, aconselhamos, antes de mais nada a consultar um médico. Pode ser que alguns quilos à mais obedeçam à deficiências glandulares. De nada serviria mudar de regime alimentar se as glândulas tiróides funcionam mal. Porém, se tudo está bem, modifique a sua alimentação; isto bastará para que você consiga o que deseja. E' pouco provável que a sua alimentação peque por excessiva; é a sua composição que deve ser vigiada. Antes de mais nada, existem três regras absolutas, para emagrecer:

1.º — Comer à horas certas; não comer nada entre as refeições, que deverão ser em número de três: pela manhã ao meio-dia e à noite. Nada de "lanche" que por mais sóbrio que seja, é inimigo das linhas esguias.

2.º — Não beba nas refeições. Se quiser, uma bebida quente como um chá leve, por exemplo. Fora dessas horas poderá beber água.

3.º — Não introduza nos seus menús muitas variações, a fim de não excitar o apetite.

EVITAR

Gorduras, azeite, queijos gordurosos e fermentados, nozes, amêndoas, pastel, mel, chocolate, féculas, pão, conservas.

COMER MODERADAMENTE

Manteiga fresca, leite desnatado, ovos.

COMER LIVREMENTE

Carnes magras, peixes magros, legumes crus e cozidos, frutas cruas ou em compotas.

PARA ENGORDAR

O problema é um pouco mais difícil, pois é mais simples perder alguns quilos do que obter os que nos fazem falta. Antes de nada, assim como as pessoas gordas, você deverá ver um médico. E também, se nada existir, modifique a sua alimentação. Porém, é preciso ter cuidado, pois comendo demais só conseguirá dilatar o estômago e fatigar as suas funções digestivas. E' a assimilação que se torna necessária e, portanto, é preciso escolher alimentos que assimilem melhor. Existem três princípios indispensáveis:

1.º — Como para emagrecer, é preciso comer à horas certas, porém frequentes. Refeições pequenas e repetidas frequentemente assimilam melhor do que uma só refeição muito copiosa. Depois das 21 horas não coma mais.

2.º — Beba durante as refeições, de preferência vinho cortado com água.

3.º — Varie o "menú" de maneira a despertar o apetite.

EVITAR

Todos os alimentos indigestos que fatigam o estômago: frituras, salsas, crustáceos, conservas...

COMER MODERADAMENTE

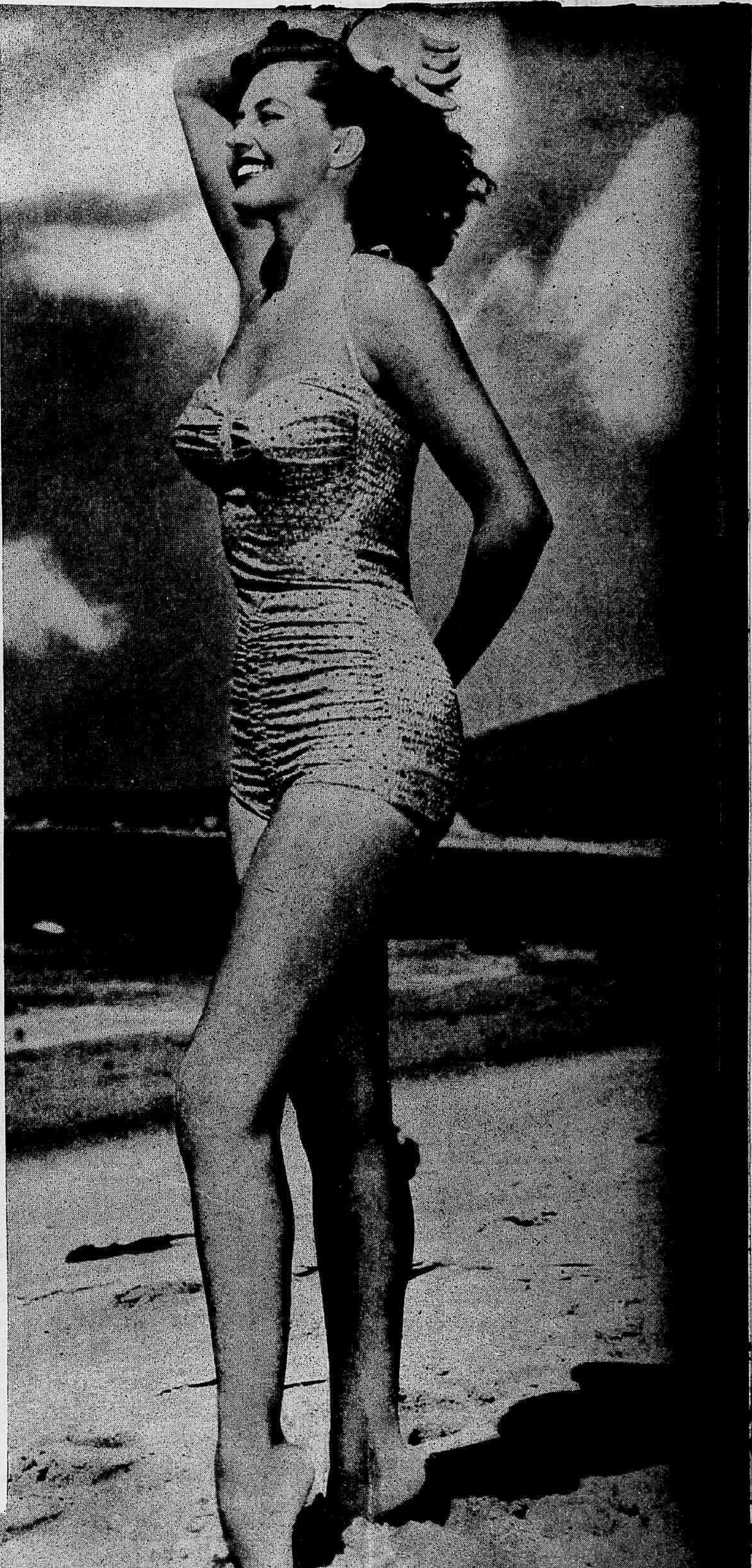
Legumes verdes, frutas aquosas, leite puro, manteiga crua.

COMER LIVREMENTE

Batatas, féculas, mel, banana, leite e produtos lácteos, queijos, manteiga fresca; azeite cru, coisas açucarados, pastéis, etc.

★

CYD CHARISSE (M.G.M.)



PARA A PRAIA





ALGUMAS sugestões e encantadores modelos para a praia estão aqui estampados. Bastante originais, são o que de mais moderno Paris sugere para o próximo verão. Em cima, temos "maillot" azul-cinza, todo franzido com babado em baixo, "maillot" em "lastex" champagne, com bordas em grenat, "maillot" de jersey azul-marinho, com "festons" brancos; em baixo, de Pierre Clarence, modêlo em panamá branco. Casaco listrado, e "maillot" grenat. Duas peças em 'cracknyl" estampado com flores vivas.











Modelos para a tarde



DENTRO de uma linha sóbria, os modelos para a tarde oferecem, no entanto, as mais agradáveis surprêsas; ora são echarpes que saem do decote, passando pelo cinto como no modêlo em "surah", de Christian Dior (1), ora são saias plissadas e golas de feitio original como indica a figura 2; ora são ainda modelos com drapeados traspassados sôbre o busto como o modêlo em organdi azul-marinho com "pois" brancos, de Schiaparelli, ou ainda a saia "persiana" que Jacques Fath nos oferece, com grande gola também em tecido quadriculado (5).







O FRESCOR DE UM VESTIDO BRANCO

HÁ sempre, num guarda-roupa de verão, lugar para mais um vestido branco. Êste poderá ser em seda como o de Paquin (1), com original drapeado na blusa e na saia; em linho como os de Germaine Lecomte e Jacques Griffe, o primeiro com bordados na gola e na saia e o segundo com um pano "godet" com bainha aberta; ou ainda em piqué como os dois que se seguem ou ainda em "laise". De qualquer feitio ou de qualquer tecido, o vestido branco é uma nota de frescor num guarda-roupa de verão.



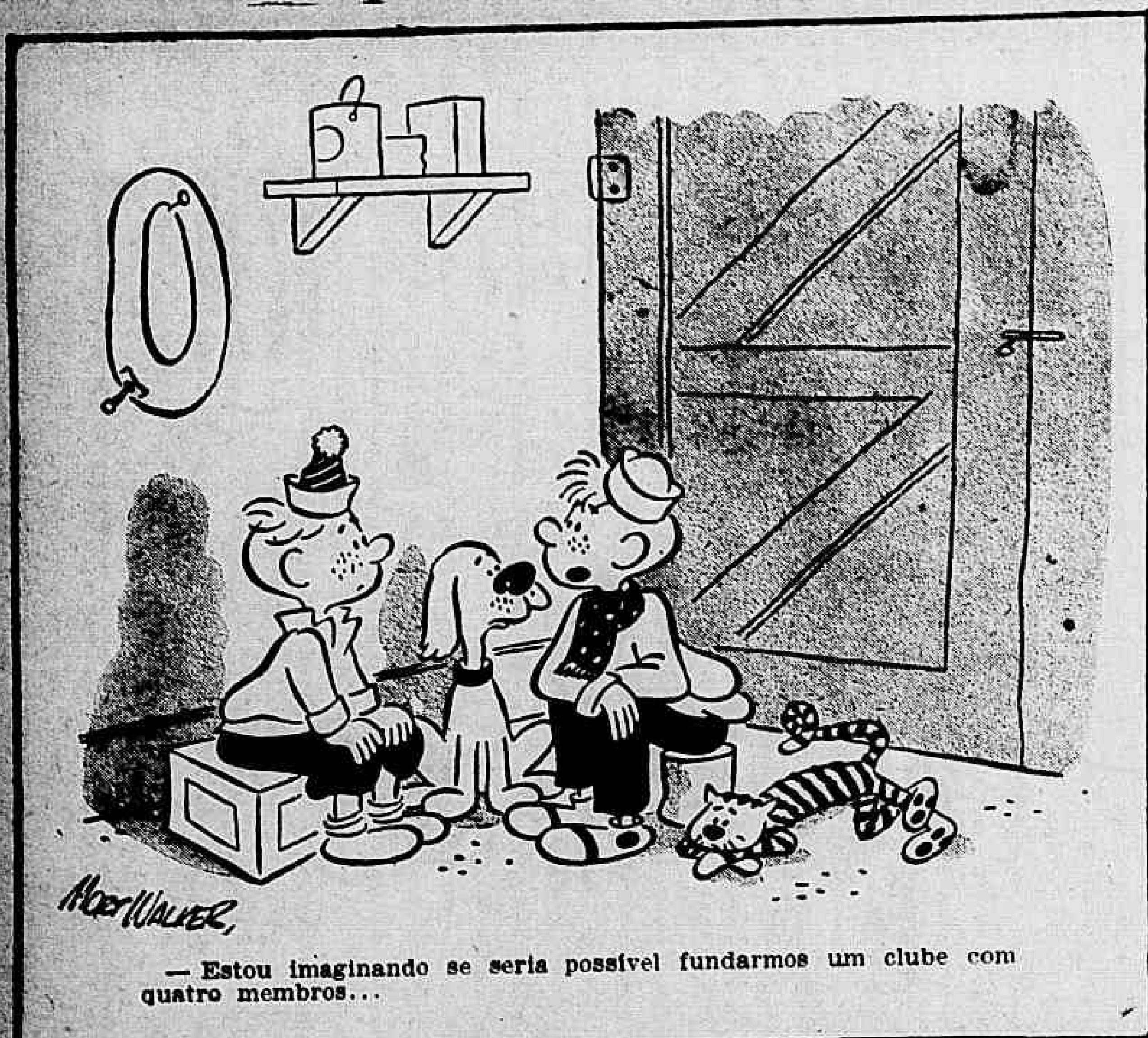
VESTIDINHOS

MESMO para um simples "vestidinho", há sempre um modêlo gracioso, de linhas elegantes e distintas. Os modelinhos desta página são uma evidência do que dizemos. Em todos êles o tecido empregado é o algodão, num liso, outros estampados e noutros ainda combinando o tecido unido com o estampado. As listras continuam em grande moda e com elas se obtém interessantes efeitos.







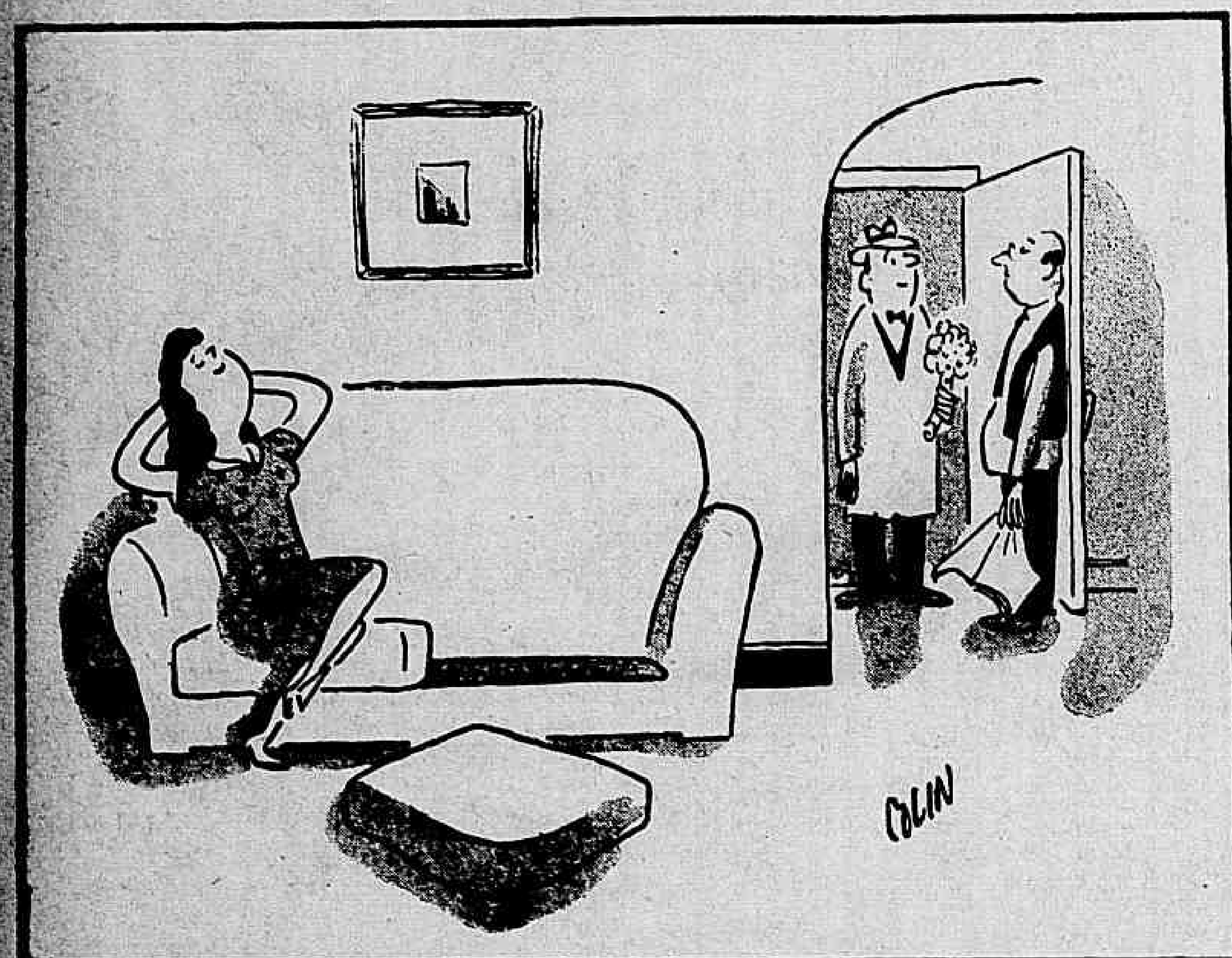


— Estou imaginando se seria possível fundarmos um clube com quatro membros...



— Por favor, querida. Enganei-me no número do apartamento!

BOM HUMOR



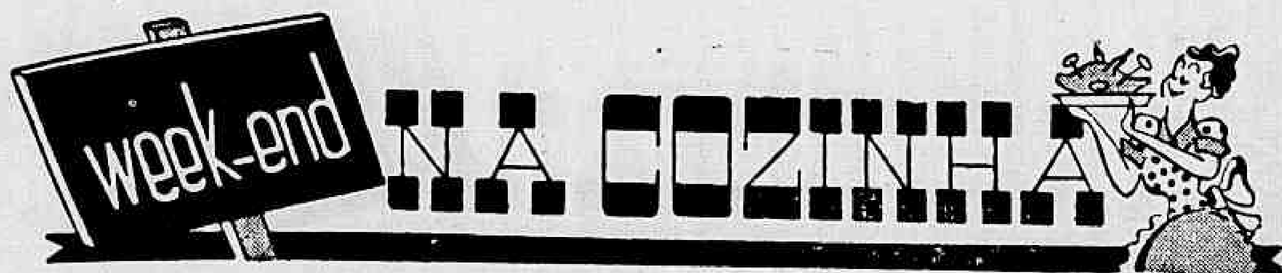


— Maricota! Me traz um trapo!...





— Assim não, Zequinha, com mais calma!



ARROZ COM PEIXE

Tome 1 kg. de peixes e depois de retirar espinhas e peles, corte em pedaços grandes. Deite numa panela 2 colheres de gordura, 2 de cebolas picadinhas e deixe tostar um pouco; junte o peixe, um ramo de cheiro, alguns tomates sem sementes e peles, e, se quiser, umas 4 pimentas malaguetas. Molhe com 6 xícaras de água quente, tempere com sal e junte meio kg. de arroz bem lavado. Deixe cozinhar até absorver o liquido. Regue com 4 colheres de manteiga derretida e tostada, tape e leve à bôca do forno por uns 15 minutos para secar. Retire da panela, junte 4 ovos cozidos, picados, revolva com um garfo e despeje num prato.

★

PEPINOS RECHEADOS COM CAMARÃO

Cozinhe 6 pepinos pequenos sem casca. Parta ao meio sôbre o comprimento, retire as sementes, e dê-lhes a forma de botes. Cozinhe 4 ovos e parta aos pedacinhos. Ensope 1 kg. de camarões pequenos ou picados, com bastante môlho, engrosse com ⅓ colher de farinha de trigo tostada numa colher de manteiga, adicione os ovos e recheie os pepinos. Arrume as canoas atravessadas em 2 pratos uma ao lado da outra, e enfeite ao redor com galhinhos de salsa.

★

BOLINHOS DE FARINHA DE MANDIOCA

Deite numa tijela 2 xícaras de água fria com sal e vá deixando cair dentro 1 ⅓ xícaras de farinha de mandioca. Deixe repousar durante 1 hora. Depois enrole bolinhas do tamanho de avelãs e guarde para fritar na banha bem quente quase na hora de servir. Devem ficar torradinhas por fora e fôfas por dentro, quase ôcas.

★

CROQUETES DE MILHO VERDE

Corte o milho bem tenro de 10 espigas verdes e raspe as espigas com as costas da faca. Leve a cozinhar em bastante água e sal até secar. Adicione 1 xícara de leite, 1 colher de chá de manteiga, 1 colher raza de açúcar e vá engrossando com farinha até largar da panela. Deixe esfriar, enrole como rôlhas, passe no pó de pão, no ôvo batido e novamente no pó de pão. Frite em banha quente sem escurecer e deite numa bandeja forrada de papel pardo, onde poderá esquentar.



AIPIM COM MANTEIGA

Descasque e leve a cozinhar em água fria e sal duas bonitas raízes de aipim cortadas em pedaços iguais, arrume num prato e regue com manteiga derretida.

★

BANANAS COM GELÉIA

Parta ao meio algumas bananas, arrume num prato, cubra com geléia de goiaba ou de outra fruta qualquer e deite por cima creme de leite gelado e batido, formando arabescos, por meio do saco de confeiteiro.

★

LARANJAS COM COCO

Rale 1 côco. Descasque 12 laranjas, corte em pedaços pequenos, tempere com açúcar e deite a gelar. Na hora de servir, regue com 1 cálice de kirsch, arrume em pequenos pratos e cubra com o côco ralado.

★

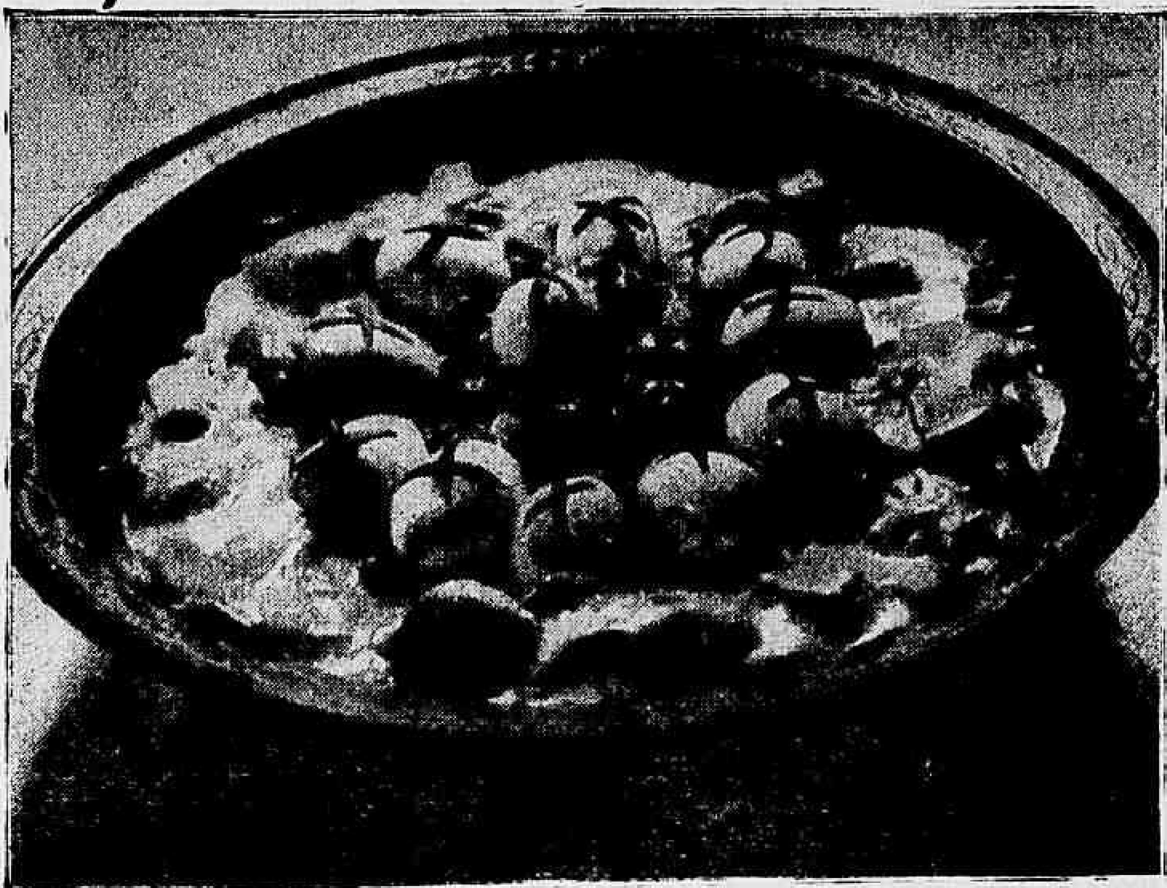
BISCOITOS DE CHOCOLATE E AVELÃS

Misture depressa 3 claras em neve, 125 gramas de açúcar, 125 grs. de avelãs moídas, amêndoas ou castanhas do Pará; 125 grs. de chocolate em pó e 125 grs. de farinha. Corte com um cortador pequeno e leve a assar em tabuleiros polvilhados.

★

BOLINHOS DE CHAPA

Tome 2 ovos batidos, 1 ⅓ xícaras de leite, 3 colheres de banha e ½ colher de chá de sal, 1 colher de açúcar, 2 ⅓ xícaras de farinha e 1 colher rasa de fermento. Misture tudo e corte como argolas e asse dos dois lados, sôbre chapa quente e untada de gordura. Devem ficar escuras.



Compre a melhor gordura...



GORDURA de CÔCO CARIOCA



...e terá uma linda lata para mantimentos

COMPANHIA CARIOCA INDUSTRIAL
Rua 1.º de Março N.º 6 - 10.º andar - Telefone 23-2010

MINHA JANGADA DE BAMBU

ÁVIO BRASIL

HÁ muito que o tempo me vem impedindo de ler romance, de modo geral. Sòmente um Maupassant, um Lin Yutang, Érico Veríssimo, Papini, Maughan, me tomam algumas horas à noite. Mas, há dias, num vôo de avião para São Paulo, e depois retornando ao Rio, enquanto lá em baixo as montanhas, os veios d'água, as plantações e as praias passavam ostentando, num desfile de belezas próprias, tôda a maravilha de encantos do solo brasileiro, estive lendo "Minha jangada de bambu", romance saído recentemente, da pena de Renato de Alencar.

De vez em quando, flocos de nuvens, como grandes baforadas de fumo, cobriam o panorama sub-jacente e eu interrompia a leitura para olhar a natureza, e depois interrompia a visão do espetáculo soberbo, para continuar na fascinação das páginas do romance. O pensamento descia até aos ribeiros, às fazendas e às estreitas ruas das cidadezinhas sôbre que o avião passava rápido, muito alto, parecendo-me, na fantasia, ver o autor dêsse livro cativante, praticando as diabruras e histórias que nos conta com arte, elegância e estilo.

Renato de Alencar já positivou, em diversos setores da literatura, ser um escritor em tôda a extensão que merece a palavra. Na ciência jurídico-securista, escreveu e escreve crônicas e mais crônicas; na filologia, publicou outros tantos trabalhos; é "conteur" e é tradutor; já deu à publicidade outros romances; versejou, e agora, depois de vir emprestando à *REVISTA DA SEMANA*, da qual é um dos seus principais, a colaboração de uma inteligência sadia, com artigos, crônicas, traduções, aparece com o romance "Minha Jangada de Bambu", que está marcando vitória nas letras patrícias. Li-o sem lhe perder uma única página, e li-o encantado. E' uma história, como se fôsse a própria vida do autor. Rememorações, à maneira de Humberto de Campos; rememorações da infância, até à adolescência. A família, com o pai médico, a mãe e um empregado, passando de uma cidade nortista, para outra, e aí começando a parte principal de uma vida, ou de algumas vidas. A jangada de bambu, êle a construíra, na realidade, com a inspiração da sua inteligência, para os passeios fluviais, Manguaba a fora, como construiu êsse romance encantador, também passeando, tempo ao largo, com os recursos da sua capacidade intelectiva.

Há, entre os romances de Somerset Maughan, um, que êle aproveita para, ràpidamente, no final, atribuir ao espiritismo, certos fenômenos naturais. Renato de Alencar também, mas de forma muito precisa, constante, propaga essa crença, ao tempo que elogia a maçonaria e diminui a Igreja Católica. Os meus sentimentos pessoais, de católico, podiam, só por isso, condenar todo o romance, atacando-o, ou silenciando sôbre êle. Mas seria uma injustiça, desde quando não é isso o que a consciência me induz. Uma coisa nada tem com a outra. Censurando, assim, essa parte, o livro merece menção honrosa de qualquer academia. A crença convincente de cada um não pode ser desviada pelo conteúdo de uma história. No pobre do padre Simeão, que Renato de Alencar pinta nas páginas do seu romance encantador, qualquer pessoa de senso esclarecido percebe o exagêro do ataque ou apenas o vê como um tipo excepcional, e não geral do clero, pois o clero não se representa por êsse ou por aquêle caráter desviado, vez que o que aconselha é a prática do bem em todos os seus aspectos. Certa vez, não tem muito, numa aula de Direito Público, um aluno, por um motivo qualquer, interrompeu: "Professor, eu conheço um padre..." Intervim: "Já sei: o senhor vai dizer que conhece um padre que não cumpre deveres sacrdotais, não é?". Enquanto êle sorria, continuei: "Mas eu conheço centenas que vivem vida reclusa, praticando a caridade, vivendo para a Igreja, visitando os moribundos, ensinando e praticando o Bem". Êsses, são os verdadeiros padres. Os que apenas têm batina, não respondem pelos bons, e, o que êles praticam de ruim, só a êles mesmos atinge. Não nos cabe julgá-los. Êles responderão a Deus, amanhã". Assim é, no romance de Renato de Alencar, mas a gente vê que o tal padre Simeão fica sòzinho com a sua maldade, que não atinge a religião. Em suma: excluídas, no meu entender personalístico, as tendências espíritas e anti-católicas do romance, êle merece os mais largos elogios, como literatura excelente.

A feição material, é modesta. Mas o livro é, em si, como um ricaço metido em roupas caseiras, simples, populares. Nos Bancos, porém, o dinheiro. Assim o trabalho: por fora, um desenhozinho barato e uma impressão modesta. Mas, o que está no conteúdo, é de milionário.

(Do "Diário de Notícias", do Rio)

★

Êste livro está à venda em tôdas as livrarias do Brasil ao preço de Cr$ 15,00.

Pedidos pelo reembôlso postal à CIA. EDITORA AMERICANA, Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio.

Gente e coisas de Portugal

(Cont. da pág. 33)

de neve — e regada a vinho maduro do Vouga. Saboreamos as primeiras cerejas da região e os morangos mais apetitosos já colhidos nos lameiros das vizinhanças. Nossos anfitriões primam pelos mais devotados preparativos para o hóspede brasileiro e o aroma das rosas entra, já noite fechada, pela janela do quartinho rústico. À tarde, nossos olhos repousaram na paisagem nova das videiras que dão o vinho abundante e generoso. E tudo é quieto, manso, repousante, depois de uma longa jornada.

★

Procuramos associar as idéias desde quando saímos do Rossio em Lisboa, no comboio que primeiro nos levou ao Pôrto, com sucessivas paradas por velhas e luminosas cidadezinhas que todos conhecemos de tradição. O Pôrto, a Invicta, recebe-nos com uma saraivada de vento e chuva, logo transformados em garoa, fazendo lembrar o clima úmido da Paulicéia. Mas os portuenses, como os paulistanos, são um portento de resistência física. Êles conservam a cidade à sua moda, sem ligar muito à evolução fisionômica por que está passando Lisboa — com as ladeiras íngremes de pedrinhas miúdas, as ruas envelhecidas de paredes em granito, as lojas de esquina acaçapadas e despretensiosas, onde tudo fala do tempo a serviço das evocações de uma nação, e muitos estabelecimentos de jóias. Pela mão amiga de Fernando Guedes, um "magnata" do vinho e um fidalgo luso-holandês da melhor estirpe, conhecemos a cidade que rivaliza sistemàticamente com a metrópole e vamos acabar nas dependências da Bolsa, um monumento arquitetônico

(Cont. na pág. 48)

AS GRANDES FIGURAS



ADEMIR foi, sem favor algum, a grande figura do campeonato. Conquistando nada menos de 30 goals em 20 "matches", alguns dos quais decisivos para o seu clube, o grande "crack" pernambucano laureou-se ainda com o título de "artilheiro-mor" do certame. profissional vascaíno é uma das grandes esperanças do público desportivo brasileiro nos jogos da "Copa do Mundo", que serão realizados em nosso país, no próximo mês de junho, sob os auspícios da Confederação Brasileira de Desportos



ORLANDO, o famoso "Pingo de Ouro", foi sempre um temível rival de Ademir na disputa do título de "artilheiro" do campeonato. Jogador de características inteiramente antagônicas à do "crack" vascaíno, ainda assim pôde Orlando revelar méritos de excepcional "goleador", conforme atestam os vinte e sete tentos consignados. Com a deserção de Jair, o "mignon" avante do clube tricolor conquistou, definitivamente o pôsto de meia esquerda dos selecionados metropolitanos

DO FUTEBOL DE 1949



GENINHO — O "maestro" do esquadrão do Botafogo, foi um dos principais fatores da gloriosa campanha do alvi-negro no ano passado. Em 1949, apesar do clube de General Severiano não ter conquistado uma posição honrosa na classificação geral dos concorrentes, Geninho voltou a reeditar as suas brilhantes atuações de 48, tornando-se, em consequência, uma das figuras mais salientes do campeonato recem-findo. Trata-se, incontestavelmente, de um dos mais completos "cracks" do futebol nacional



ZIZINHO — um dos mais completos jogadores brasileiro de futebol. O "crack" fluminense constituiu-se o "elemento-chave" do quadro do Flamengo e dos selecionados nacionais. Nesta temporada, a exemplo do que sucedeu nos anos anteriores, Zizinho apareceu como a maior figura do seu quadro e dos um melhores "players" de todo o certame. Jogador virtuoso por excelência, tem se conduzido de modo a se tornar figura obrigatória em todos os nossos "cratches"






GRANADO
UM PRODUTO CREDENCIADO PELO SÍMBOLO DE CONFIANÇA

JÁ ESTÁ À VENDA!

A EDIÇÃO DE NATAL DE A "CENA MUDA"!

Uma viagem agradável através do cinema mundial

54 páginas contendo os mais variados artigos, fartamente ilustrados numa edição que é um -- -- -- verdadeiro presente de festas! -- -- --

NÃO DEIXE DE LER!

EVOLUÇÃO DE UMA ARTE
reportagem sôbre o cinema através dos anos

STROMBOLI NÃO E' UMA ILHA IDÍLICA
reportagem sôbre a vida de Ingrid Bergman na ilha Stromboli

A VIDA DE CÉCILE AUBRY
reportagem biográfica com fotografias exclusivas desde a sua infância

INTERCÂMBIO BRASILEIRO-MEXICANO
Entrevista com o produtor de "Enamorada", que veio produzir filmes no Brasil

ERICH WOLFGANG KORNGOLD
vida e obra de um dos maiores compositores da tela

HOLLYWOOD NO LAR
flagrantes da vida íntima de astros e estrêlas

CINE-AQUI
humorismo e sátira às coisas do cinema

INTELECTUAIS FALAM DE CINEMA
entrevista com o escritor Constantino Paleólogo

CINEMA-BRASILEIRO
Notàs e comentários relativos ao cinema indígena

MAIÔS
várias fotografias apresentando modelos... e pernas

INGRID BERGMAN e ROBERT TAYLOR
Duas grandes fotos em primoroso colorido

Colaborações especiais de:
Alberto Conrado, Alex Viany, Brandão Reis, Celestino Silveira, Jonald, Leon Eliachar, Moniz Vianna, Salvyano Cavalcanti de Paiva e Sylvio Tulio Cardoso

EDIÇÃO ESPECIAL DE FESTAS

EM TÔDAS AS BANCAS DE JORNAIS

Gente e coisas de Portugal

(Cont. da pág. 46)

de granito e do melhor, soberbo e grave, onde se encontram reminiscências vivas da passagem dos mouros pelo rincão luso. Mas ainda nos sobra tempo para um fim-de-noite animado no Sá da Bandeira, e ali vai surpreender-nos a figura ainda suportável da veneranda senhora Satanela, cantando "couplets" de uma revistinha regional sem pretensões, que se denomina "Isto é o Pôrto", paródia do Pigalle. Mentira. Vamos fazer justiça ao Pôrto que vale muito mais do que nos dá a mostrar essa pífia expressão de teatro ligeiro.

Os colegas da Emissora Regional do Norte já nos franquearam suas instalações, facilitando a desobrigação profissional do radialista brasileiro, e porque o tempo urge, rumamos sem demora com destino a Coimbra. Não pensem que iremos falar das margens do Mondego, da lusa Atenas, de seus monumentos e portagens, não. Venham vê-la e senti-

(Cont. na pág. 54)

GRANDE DESCOBERTA PARA OS CALVOS

TÔNICO CAPILAR "AMARALINA" — (Trata-se da famosa descoberta verificada na Bahia). De base vegetal dá certeza absoluta que seus cabelos tornarão a nascer. Os fabricantes garantem devido a milhares de casos em todo o Brasil. Com um vidro detém a queda dos cabelos, elimina totalmente a caspa e com a continuação fará voltar a sua saudosa cabeleira. Encontra-se em Drogarias, Perfumarias, Farmácias, etc. a Cr$ 35,00, o vidro

Aceitamos pedidos pelo Reembôlso Postal. Preço: Cr$ 45,00, livre de porte. M. M. BURLE & CIA. LTDA. — Avenida Rio Branco, 137 — 6.º andar — Sala 616 — RIO DE JANEIRO

A Agua Sanitaria CLARINHA
Dá valiosos brindes na chapinha

CORRESPONDEU sob todos os pontos de vista, o campeonato carioca do corrente ano. Tecnicamente, os resultados foram dos mais proveitosos, uma vez que s nossos jogadores demonstraram grandes progressos e mesmo os menos categorizados, evidenciaram um bom indice de produção, em muito superior ao conseguido no ano passado. Financeiramente, os resultados obtidos foram os melhores possíveis, já que o certame dêste ano rendeu cêrca de 10 milhões de cruzeiros, "record" absoluto em certames dessa natureza. O Vasco da Gama, ratificando inteiramente a sua condição de quadro mais categorizado, logrou vencer o campeonato sem amargar um único revés,



DIMAS foi o protagonista principal de uma das mais rumorosas e sensacionais transferências do ano. O "crack" mineiro foi permutado por Lima, num acôrdo realizado entre as diretorias do Vasco e do América, o que, sem dúvida, beneficiou o clube rubro, uma vez que Dimas foi sempre um jogador regular em todo o campeonato, o que não sucedeu com relação a Lima, que somente foi aproveitado no quadro campeão, em dois prélios e em circunstâncias especiais



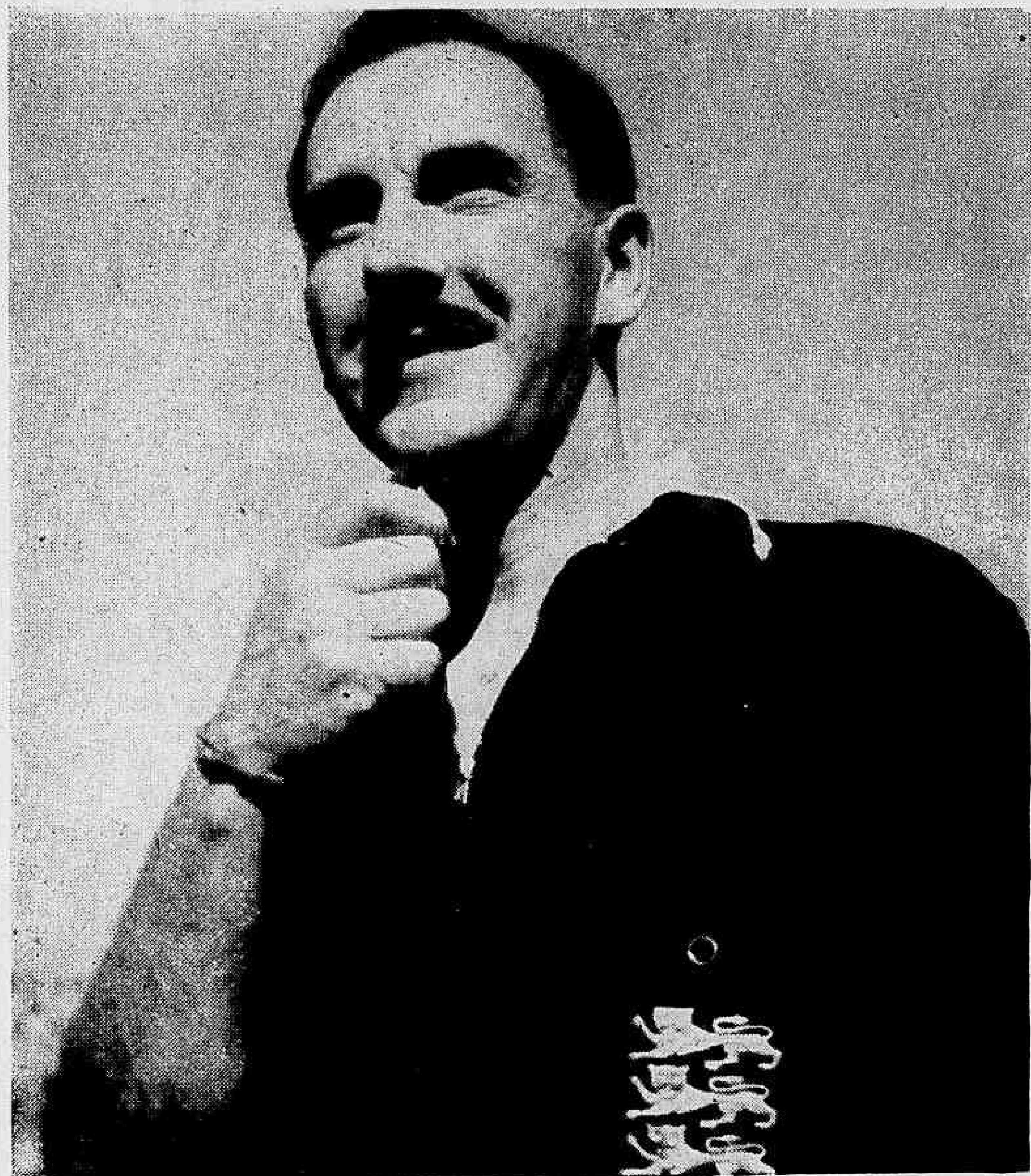
FLÁVIO COSTA — o introdutor do sistema "diagonal" em nosso futebol, que o tornou famaso em todo o mundo, é incontestavelmente o mais competente dos técnicos que militam no nosso futebol e um dos mais categorizados em todo o mundo. Graças à sua competência, pôde o nosso mais querido esporte conquistar posição de relêvo entre os mais famosos em todo o universo. Foi o velho "alicate" que, no curto espaço de três anos, conseguiu dar ao Vasco da Gama dois títulos de campeão invicto

enquanto que o Fluminense, que foi o detentor do vice-campeonato, somou nove pontos perdidos, portanto, sete a mais que o primeiro colocado. No setor disciplinar observou-se também uma acentuada melhoria, pois êste ano, os casos de agressões e expulsões foram, em muito, inferior aos dos anos anteriores. Apenas as arbitragens não corresponderam, porque os novos juizes importados da Inglaterra não ratificaram absolutamente as qualidades evidenciadas pelos seus compatriotas no ano transato.

CHARLES GUIMARÃES



PINGUELA foi uma das grandes revelações no certame de 1949. Jogador modesto, adquirido por importância não menos modesta, conseguiu, entretanto, cumprir uma das mais eficientes campanhas, ao contrário daqueles grandes cartazes que foram adquiridos no princípio do corrente ano por alto preço. Pinguela está cotado para formar no selecionado nacional que disputará, no ano vindouro, o campeonato mundial de futebol, e que será realizado em território nacional



MAC PHERSON DUNDAS — Êste foi o homem que criou os mais rumorosos "casos" verificados no torneio dêste ano. A Federação Metropolitana de Futebol, em virtude do grande sucesso alcançado com as arbitragens inglesas em 1948, mandou importar êste ano, da Velha Albion, mais três novos juizes, dentre os quais Mr. Dundas. Foi o fruto da viagem de turismo do velho Welfare. Mas foi um verdadeiro fracasso... Mr. Dundas voltará em 1950, mas para trabalhar no comércio



Antes, era preciso repetir diàriamente as pulverizações com os inseticidas comuns... Que trabalho incômodo e cansativo!

Agora, é só polvilhar algumas vezes por ano bastante **NEOCID EM PÓ** nos esconderijos e caminhos dos insetos... Enquanto descanço, **NEOCID EM PÓ** elimina os insetos durante semanas e mêses...



Peça hoje mesmo NEOCID EM PÓ na farmácia, no armazem ou em qualquer loja de ferragem e verificará, também, como é fácil livrar-se de baratas, formigas, pulgas, percevejos e traças.



DESCOBRIDORES DO DDT



NEOCID em pó

Uma "escolinha" diferente

(Cont. na pág. 31)

ção, auxiliando ainda a manter, no que podem, a escolinha.

A maior responsabilidade, porém, está sôbre os ombros do seu diretor.

Outro detalhe digno de nota é que algumas professoras auxiliam as crianças em dificuldades alheias ao curso, por exemplo, nos seus estudos do curso primário ou ginasial, como é o caso da professora que os auxilia na matemática. Há também outra professora que, conhecendo a linguagem dos surdos-mudos, é quem se entende com os dois ou três que frequentam o curso.

As demais, as voluntárias que em prejuízo de ocupações materialmente mais rendosas se dedicam ao curso, se confundem com as crianças proporcionando-lhes o ambiente necessário para uma produção livre e espontânea.

Atualmente, há uma exposição dos trabalhos das crianças, funcionando na escolinha; são desenhos, cenários, pinturas e esculturas executados por crianças de tôdas as idades e que, muitos adultos menos conhecedores do espírito infantil e da sua capacidade criadora, não acreditam terem sido realizados pelas próprias crianças. E' duvidar de uma fôrça que desconhecem.

Que experimentem dar a tôdas as crianças a mesma "chance", que experimentem libertá-las de exigências e imposições; que lhes dêm a oportunidade de se desenvolverem e expressarem espontaneamente e verão do quanto são capazes!

Tudo o que é preciso, é fornecer-lhes material para trabalhar; não exagerar as suas qualidades para não estimular vaidades e não menosprezá-las tampouco a fim de que não sejam tolhidas as suas formas de expressão.

Nem demasiadamente a sério, nem com troças; mas com naturalidade, acompanhando apenas a sua evolução e interferindo somente quando a isso fôr chamado pela própria criança. Assim mesmo, essa interferência deverá ser suave, não representando a opinião ou sugestão do próprio adulto, mas uma ajuda à manifestação do próprio espírito infantil.

E' êste o segrêdo do sucesso da escolinha de arte da biblioteca Castro Alves, do Instituto Nacional do Livro, do amor que as crianças sentem por aquêle ambiente, como também é êste o segredo do sucesso de quantos se dedicam com idêntico amor e seriedade a êste assunto, tratando a criança não como um irresponsável, mas como um indivíduo com personalidade própria, com um mundo íntimo de emoções e sensibilidade, pronto a se manifestar nos primeiros contactos com um ambiente compreensivo e propício.

Podem os adultos não compreender, raramente mesmo poderão alcançar o benefício que realizações como esta fazem à criança, contribuindo, ou melhor, participando intensamente do seu ajustamento social, da sua libertação espiritual e da sua integração num mundo bom e belo; podem não compreender nada disso, mas a criança é feliz e isso deve bastar.

COVARDIA

(Cont. da pág. 32)

o que diziam, tão enterrada em meus pensamentos e em mim mesma. Depois de alguns minutos mais, chegamos em sua casa. Muito bela e pequena. Levou-nos até a sala de estar e chamou (percebi um tom ríspido, frio e indiferente nas palavras com que se dirigiu à mulher) que deveria estar bem no interior da casa).

— Helga, tenho uns amigos comigo.

Tive um choque quando a vi. Esperava tudo, menos aquela mulher. Magra, alta, corpo comprido, deselegante, envelhecido e um rosto sem frescura, rígido, como talhado na pedra. Parecia uma sombra. Sombra de uma mulher anterior, mulher que viveu em outro tempo e agora conservada no tempo apenas em forma física, nada mais. Olhei para um e para outro e compreendi a tragédia. Tão espantosamente diferentes. Tive pena. Senti que uma tristeza desabrochava muito sutil e leve, longa e fina, sem dor, uma espécie de revolta por saber que aquêle homem tinha alguém que o cuidasse, tão de início senti-me como se a mim me fôsse dado êste direito, a mim unicamente. Não quis pensar mais e fui até a varanda, onde me sentei com meu amigo. A mulher voltou para dentro. Esqueci-a. Bebemos e conversamos coisas nossas, sem nos incomodar com o ambiente e a vida daquelas pessoas que surgiram naquela noite em minha vida. Passado algum tempo Gerhard chegou até nós. Vinha sorrindo.

— Gostaria de um churrasco, com bastante cebola, alho e sal? Sei preparar muito bem e vou já tratar disto. Trouxe do bar carne boa. Enquanto falava, pôs um avental sôbre a calça de casimira cinza, riscada de azul e cantarolou uma canção alemã, desconhecida para mim. Eu achava tudo agradável e me senti feliz, quase.

De repente ouvi chôro de criança. Foi quando êle veio até junto de mim e disse:

— Vou mostrar o garôto mais lindo dêste mundo. Deve estar terrivelmente com fome para gritar dêste jeito.

Na verdade, era muito bonito, os olhos mais azuis ainda que os do pai e pele muito alva. Deu-me para segurar e ouvi Gerhard dizer, entre sério e brincalhão:

— Não gostaria de ter um filho como êste?

Não respondi. Quando pude, voltei à varanda e durante todos aquêles minutos que estivemos sós, junto ao berço do filho, não falei nada. Houve uma grande transformação em mim, um silêncio momentâneo de minhas emoções e uma agonia (ainda leve, ainda generalizada, despertando viva, como chama repentinamente acesa) e como se de repente, tivesse envelhcido demais, e o mundo me parecesse cansado, sem novidade e sem beleza. Tagarelei, procurei tagarelar, senti esfôrço e artificialidade e nenhuma identidade comigo mesma, nenhuma verdade no que dizia, nem consciência.

Logo chegou a hora do jantar. A mulher disse qualquer coisa e ficou com o garôto lá dentro. Ficamos mesmo na varanda. Êle, mais vermelho agora pelo calor do fogareiro que pôs ali mesmo na varanda, enquanto tostava a carne fresca e cheirosa — trazia para cada um de nós, uma posta de filet, coberta de tempêro e gordura e continuou a cantarolar. Devia estar esplendorosamente feliz. Quando o conheci melhor, soube, que era uma das suas manifestações de alegria, o esboçar sons musicais de canções estrangeiras, pedaços de terras longínquas por onde esteve, em outros tempos, e era naturalmente para êle como renascer sempre...

Quase de madrugada nos levou de volta. Quando cheguei em casa e saltei do carro (senti que estava dolorosamente cansada, tão cansada como se tivesse meu corpo adoecido de repente), nada disse, ofereci minha mão na despedida e tentei entrar em casa. Neste momento, êle saltou rápido do carro e apanhou num dos bolsos do paletó um cartão e disse:

— Gostaria imenso que me telefonasse qualquer dia dêste. Creia, que apreciaria realmente. Aguardo você.

Não afirmei nada e êle se foi apressado e não vi mais que o deslisar do carro no asfalto...

...Olhei um pouco para minha amiga, procurando antes destruir aquelas vis?es de meu passado e perceber quais as reações do seu rosto desperto, atento e uno. Achei triste aquela face voltada para mim. Me senti menos infeliz. E continuei:

— Levei quase três meses sem vê-lo. Não o procurei e tôdas as vêzes que olhava o seu cartão na minha bôlsa, via através dêle, o rosto frio e mumificado de sua mulher. Aliás, não pensei nele, senão nos primeiros, naqueles primeiros dias depois do encontro. Depois esqueci-o naturalmente, pois minha vida era cheia de atropelos naquela cidade grande e trabalhosa. Uma tarde encontrei o jornalista.

— Decididamente, você me lembra um cometa sem história. Nem bem surge, desaparece novamente sem se saber nada a respeito.

Sorri, porque estava alegre e despreocupada, nada de mal, nem tédio algum (pelo menos naquele dia) e no meio da conversa, estremeci de leve como se uma rajada de vento bruscamente sacudisse meu corpo.

— Aquêle nosso amigo alemão me pergunta sempre por você. Indagou se não estaria viajando ou em alguma parte longe daqui. Não pode acreditar que não se lembrasse da oferta de amizade. Quis mesmo saber se está trabalhando, quanto ganha, e como é a sua espécie de vida, numa vaga de pensão. Afirmou um tanto

Torne êste Natal inesquecível com um presente de Mesbla

PRESENTES NOVIDADES
UTENSILIOS DOMÉSTICOS
TUDO PARA CINE-FOTO
ARTIGOS PARA PRAIA E ESPORTE
BRINQUEDOS JOGOS
INSTRUMENTOS MUSICAIS
APARELHOS ELÉTRICOS

★ R. DO PASSEIO, 48/56

★ Vendas pelo CRÉDI-MESBLA



DUAS FÓRMULAS DIFERENTES para dois males diferentes

De acordo com os imperativos da razão, da ciência e do bom senso:



N.º 1: Regras abundantes, prolongadas, repetidas, hemorragias e suas consequências.

N.º 2: Falta de regras, regras atrazadas suspensas, deminuidas e suas consequências.

REGULADOR XAVIER

O REMEDIO DE CONFIANÇA DA MULHER

VAUMART

triste que não deveria ser muito boa pois você tinha um rosto infeliz e desesperado. Engraçado, como êle percebeu tanta coisa em apenas uma noite. Afinal, a conheço há tanto tempo e nunca observei amargura nos seus olhos.

Fiquei escutando-o, muito silenciosa e o rosto de Gerhard surgiu nítido ante meus olhos, tão real e vivo, que tive a impressão que poderia tocá-lo se quisse com meus dedos frios e longos. Soube logo, o quanto era importante para mim, saber que êle era diferente, menos vulgar, menos indiferente que a maioria dos homens que conhecera. Não quis falar sôbre o assunto e inventei qualquer desculpa e me afastei; tomei um rumo diferente e não me recordo se fui à uma farmácia ou a uma outra casa comercial. Mas acredito por vêzes no Destino. Nesta mesma noite encontrei-me com Gerhard na rua e sorridente veio me cumprimentar com aquela mesma expressão extasiada de garôto alegre. Eu sabia sem que ninguém me dissesse que a sua vida deveria ser uma farsa ou uma tragédia. Ainda não sabia que espécie de caráter era o dêle. Sou pouco perspicaz e grandemente desconfiada. Ademais, não queria saber muito. Já me sentia quase infeliz naquela época. No entanto admirava a máscara com que se apresentava a todos, escondendo seu íntimo, com absurdo desespêro, como alguém que esconde uma cicatriz feia. Preferi não pensar senão naquele momento e aceitei seu convite, para jantar ali perto. Conversamos muito tempo. Longo tempo. Não notei que os minutos corriam céleres e a mim pareceu que tudo estava parado e somente nós vivíamos e compreendíamos que estávamos vivos e fortes. O resto em redor tinha a sua beleza, mas uma beleza inerte, muda, sem continuidade, e os nossos olhos fitavam, limitados, unicamente nossas presenças e nosso círculo de pouso. Quanto tempo fiquei sentada naquela mesa pequena de restaurante com lindos cravos, rosa e vermelho, numa jarra azul? Por que gravei todo pequeno pormenor e reparei que a toalha era azul com bordados coloridos? E que o copo em que bebia a cerveja, espumante e fria, tinha uma ligeira rachadura longitudinal? Falei tanto e não disse, afinal, nada sôbre mim, nem escutei nada sôbre êle. Sentíamo-nos compreensivos e era o que bastava. E assim foi o começo. Vieram logo, grandes tardes e grandes noites em boites, com música, um pouco de vinho e sua porção de sonho! Gostávamos das mesmas músicas. Das mesmas coisas. Dos mesmos ambientes. Quase que das mesmas palavras. E nunca falamos do que estava acontecendo conosco nem o que pretendíamos depois, como se o mundo morresse após cada separação. Evitávamos com medo. Hoje sei. Principalmente eu, que sempre tive medo do que mais quis, do que mais desejei, porque sabia-me sempre negado o prazer de ter das coisas que constituíam os meus sonhos (pobres e esgarçados sonhos) e fugia à realidade, engendrando idéias, tecendo pensamentos meus, unicamente meus. Os meses desapareciam e se no início contentávamo-nos com encontros casuais, depois, passamos a nos ver diariamente, frequentemente, com tal necessidade e fome de presença, que senti estar rolando num abismo sem ponto de apoio. No entanto (acredita em minhas palavras, nenhum resquício de virtude me obrigaria a mentir, pura verdade unicamente), fugíamos aos colóquios, guardávamos os sentidos da torpeza e do pecado, e nunca soube durante quase todo o tempo, o gôsto de um beijo seu. Nenhum exagerado pudor. Nenhuma exagerada concepção moral de vida. Tínhamos medo, somente. Medo de que depois já não nos fôsse possível, viver um sem o outro. De repente, comecei a achar minha vida insuportável e crises longas de desespêro e angústia surgiam como ácidos, corroendo minha carne e que me despertou teimosa idéia de morte. Desejei-a, sim. Seria bom morrer. Muito lentamente. Sem amargura. Sem dor física. Em êxtase talvez. Mas analisei friamente e cheguei a conclusão irritante e penosa. Estava me afundando num cáos, inconsciente, sem tentativas de libertação, me apagando, me anulando para o futuro e para o mundo e quase nada restava da mulher de personalidade forte e equilibrada de antes. Foi quando resolvi abandoná-lo. Desapareci. Sem explicações.

Não cabiam motivos entre nós. Uma semana? Quanto tempo sem nos vermos? Não tive noção exata e controlada do tempo. Parecia uma eternidade. Mas não poderia ter sido mais que uns oito dias. Gerhard descobriu-me afinal. E novamente suas súplicas, seus pedidos, seus gritos de náufrago se afundando cada vez mais num redemoinho de águas, me fizeram voltar, mais meiga, passiva, como vítima de um holocáusto. Foram instantes de paz. Como bálsamo lavando minha alma. E sorrisos nasceram em minha bôca tão instintivos, como flores nascendo em madrugadas. E soube que o meu amor era natural como qualquer fenômeno da natureza: Como uma gôta de chuva, como um fruto madurando, como um tronco folhudo, como um raio de sol que nada detém o seu aparecimento e contínuo desenvolvimento. E uma outra vez calei minhas interrogações. Assim mesmo não pude evitar que dentro de nós germinassem incertezas, agonia, revolta e tristeza tão alongada como fio comprido de arame. Um dia êle me disse abrupto:

— Queria que você fôsse minha espôsa. Nunca disse nada sôbre mim. Não sou um homem casado. Portanto, sou quase um homem meio livre. Será que não existe uma esperança, uma possibilidade para nós? Tenho certeza que depois de algum tempo acabaria por amar meu filho como se fôsse seu também, não é verdade?

Não sei o que respondi. O sangue me subiu ao rosto e parecia que todo o céu (tal o pêso da sensação sôbre meu corpo) de indizível felicidade me cobria tôda como um manto grosso.

Interrompi a história e fitei outra vez o rosto de minha amiga. Percebi um velado espanto e compreendi o que ela estava pensando. Na razão por que pronunciara

CORREIO DA REVISTA

F. F. — Rio — Seu conto "O Baio" deixou de ser aprovado porque o tema não ajudou.

Lysa Castro — Rio — Recebemos. Aguarde o julgamento.

Modesto Belmonte de Abreu — São Francisco de Assis — Não publicamos versos.

Luís Guimarães — Taubaté — S. Paulo — Pode dirigir-se à rua Conde de Bonfim, 90, Rio de Janeiro.

Maria Adelaide de Ávila Miranda — Rio — "Tio Jerônimo" e "Castigo" foram aprovados. Com respeito a traduções já possuímos uma equipe de redatores especializados. Quanto às revistas de que fala, muito agradeceríamos um entendimento caso lhe interessasse a venda.

Letty M. — Rio — Seu conto "Flor de Samambaia" foi aprovado. Sua carta muito nos alegrou, porque vemos que seguiu nosso conselho. Mas, mesmo que, mais uma vez, fôsse rejeitado um trabalho seu, não deveria desistir. Lembre-se de que, muitos dos maiores gênios do mundo, somente depois de velhos conquistaram a glória. Continui. Nada de desânimos.

Solon Micenas — Rio — Procure a resposta em nossa edição de 3-12, número 49.

Iolanda Araújo — Itu — S. Paulo — O romance "Viver com Amor" já foi concluído. Quanto à seção "Week-End na Cozinha" continua a sair normalmente. Agradecidos pelas sugestões, faremos o possível para tornar esta REVISTA cada vez mais procurada pelos leitores.

A BELEZA DOS SEIOS **BÉL - HORMON**

Quando o busto for insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando for ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio

BÉL-HORMON

Distribuidores para todo o Brasil: Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro



Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" nº .....

NOME ....

RUA .... Nº .....

CIDADE .... ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 35,00



SENHORITA LUDMA TROTTA - DR. EURYS MAIA DALALANA

Realizou-se no dia 29 de outubro p. passado o enlace matrimonial da Srta. Ludma Trotta, médica do Departamento Nacional da Criança e filha do Coronel Frederico Trotta, ex-Governador dos Territórios de Iguaçu e Guaporé e atualmente um dos diretores da "Química Bayer", e da Sra. Laudimia Trotta, Superintendente do Ensino da Prefeitura do Distrito Federal, com o Dr. Eurys Maia Dalalana, conceituado médico da Policlínica dos Pescadores do Distrito Federal, filho do Sr. Leonidio Leonel Dalalana e de sua Exma. esposa.

O ato civil foi paraninfado, por parte da noiva, pelo Sr. Plinio Pimentel Romilto e esposa, e, por parte do noivo, pelo Sr. Alberto Magalhães Hechsler e Sra. Maria Carmen Ribas Dalalana.

O flagrante acima foi colhido durante a solenidade religiosa, que teve lugar na Igreja da Candelária, às 17 horas, tendo comparecido pessoas de destaque da sociedade carioca e amigos e parentes dos noivos.

O URSINHO POLAR E A ÁRVORE DE NATAL



A conhecida casa de calçados POLAR, da Av. Rio Branco, está apresentando aos seus inúmeros e pequenos clientes um original ursinho em tamanho natural, que graciosamente transporta uma árvore de Natal. Diàriamente reunem-se em volta dêle numerosas crianças que acariciam o "inofensivo" ursinho, querido por todos. Também Papai Noel lá irá por êstes dias para oferecer aos seus amiguinhos Polar, uma pequena lembrança. Na foto acima vê-se, além do ursinho POLAR e sua árvore, a equipe feminina que atende a petizada.

A beleza ao seu alcance

LEITE Beloitan

É O ÚNICO PREPARADO QUE REALMENTE ELIMINA AS MANCHAS DO ROSTO, ESPINHAS, CRAVOS, PANOS, SARDAS, ETC. CONSERVA A CÚTIS SEMPRE LISA, BELA E ACETINADA

PEDIDOS PELO REEMBOLSO POSTAL

Rua Souza Dantas, 23 - RIO.

ANGELO SANTUCCI

TINTAS PARA IMPRESSÃO

DISTRIBUIDOR NO RIO DE JANEIRO DAS TINTAS DA

Sun. Chemical Corporation — New York

RUA DO SENADO, 10 — Tel. 22-4869

BANCO DO COMERCIO S. A.

FUNDADO EM 1875

O mais antigo da praça do Rio de Janeiro

Sede:

RUA DO OUVIDOR, 93-95

TEL. 43-8966

Agências no: Distrito Federal, Estado do Rio, Estado de São Paulo, Estado de Minas Gerais

★

Tôdas as operações bancárias, inclusive câmbio

A SAÚDE DO BEBÊ

GRIPE NO LACTANTE

DR. SABÓIA RIBEIRO

DAS manifestações mais comuns na criança, ocupa a gripe, sem dúvida, o primeiro lugar, o que decorre principalmente de duas circunstâncias — tendência de muitas crianças a resfriar-se devido a condições favoráveis de seu próprio organismo. ou focos oro-nasais (vegetações adenóides, amídalas doentes), ou defeito do regime alimentar, notadamente ausência de vitaminas (caldo de frutas, féculas, manteiga, ovos, etc., conforme a idade).

Mas a gripe, em si mesma, é bastante contagiosa, e no lactente, quase sempre pegada, em casa, de outra pessoa já atacada ou padecendo de alguma angina (dor de garganta).

Acontece, então, que a criancinha que vinha sendo criada ao seio com perfeito desenvolvimento, de um momento para outro, perde o apetite, não quer aceitar o seio ou chora, mal deglute as primeiras porções.

Tomada a temperatura, verifica-se a existência de febre. Quando, então, se indaga sôbre outras pessoas de casa, por ventura portadoras de algum resfriado, e em resposta temos a confirmação, podemos nessas condições, com grande margem de certeza, senão afirmar, pelo menos admitir a hipótese mais plausível — de gripe.

De fato a criança que gripou perde logo o apetite; por sua vez o nariz tapado impede-lhe o ato de mamar.

Como o processo gripal atinge, inclusive, o ouvido médio (através da garganta e das **trompas de Eustáquio**, de um lado e outro desta) caleendo-se sôbre o conduto auditivo externo, a criancinha acusa dores.

A própria deglutição se torna dolorosa, por isso ela faz caretas tôda vez que o leite desce. Resultado: a criança refuga o alimento para subtrair-se às dores da deglutição.

Um dos melhores indícios da gripe no lactente e participação do ouvido é o excesso de insalivação escorrendo continuamente pelos cantos da bôca.

Diante dêsse quadro muitos curiosos ou as "comadres", "pessoas velhas e entendidas", lançam logo a culpa à dentição, que, entretanto, nada tem a ver com a coisa.

Nestas circunstâncias, porém, o que há é gripe e somente gripe. Bastará somente inspecionar a garganta e as amídalas para logo depará-las congestas, inflamadas e cheias de pontos brancos, constituindo a **angina puctata**.

O exame dos gânglios da nuca e do pescoço vem muita vez confirmar nossa suspeita, mostrando-se ingorgitados, mesmo depois que a temperatura cedeu.

Passada a crise febril, 2 a 3 depois corre pela parede posterior da faringe, proveniente das fossas nasais posteriores, uma secreção catarral pardo-amarelada e purulenta. A tosse, em geral nessa fase, quase nunca falta.

De 8 a 10 dias é a duração em média da gripe.

Como já frizamos o "terreno" constitui fator muito importante na receptividade da gripe.

Aquelas crianças portadoras de Raquitismo e as exsudativas estão precisamente neste caso.

A prevenção da gripe importa, portanto, cuidar dêsses fatores quando acaso existentes, o que faz, quanto ao raquitismo, aconselhar os banhos de sol, de par com uma alimentação rica de sais de cálcio e fósforo (na idade dos primeiros meses, tudo isso pode ser suprido com o óleo de fígado de bacalhau ou preparado equivalente) — e quanto à **Diátese Exsudativa**, há acudir a criança com um regime apropriado, com restrição das gorduras e estimulação das defesas naturais.

Neste particular a introdução das vitaminas A e D, melhor em injeções, são hoje de uma prescrição quase obrigatória como capaz de modificar grandemente a tendência aos resfriados.

— Que fazer, porém, no estado agudo da gripe da criancinha?

Resumo: Caso é sempre, a gripe que pode oferecer surprêsas, abrindo o caminho a outras complicações. Requer, portanto, assistência médica. No mais: 1 compressa de álcool 1|4 e água fria 3|4 no pescoço (3 vêzes por dia e para permanência 2 horas); comprimidos de salofeno; poção a 1% de Piramido. Nas narinas, 3 vêzes ao dia, II gôtas de algum balsamico tipo neo-rinosan.

As vacinas anti-catarrais são de emprêgo constante nestes casos, já curando à gripe, já prevenindo suas complicações.



advogado
engenheiro
médico ou...?

Seu futuro depende do presente - da sua capacidade para dedicar-se aos estudos. Depende das energias que o Tônico Infantil fornece ao organismo da criança. Contendo em sua fórmula fósforo, cálcio, arsênico, iôdo, tanino e vitaminas - os elementos de que as crianças mais necessitam na idade escolar - Tônico Infantil permitirá a seu filho ser, hoje, um colegial exemplar... amanhã, homem de verdade.



TÔNICO INFANTIL

PARA MORALIZAR OS COSTUMES

(Cont. da pág. 13)

aperfeiçoamento espiritual do povo brasileiro.

Êsse o compromisso que vos traz, de público, um jornalista que não perdeu a fé nas virtudes da raça, as quais hão de fazer com que o Brasil realize o seu destino, fiel às tradições da sua origem cristã".

★

Pelo Govêrno, usou da palavra o ministro do Trabalho, enaltecendo o sentido elevado dessa campanha e terminando assim: "A democracia brasileira quer construir-se com o que há de melhor na alma do Brasil. E para resguardar êsse tesouro, ela precisa de fôrças construtivas, como a que se acasalam na Legião da Decência. Eis porque, meus senhores, o govêrno está presente a esta festa, que, menos do que uma festa, é um ato de compromisso. Dando a esta Campanha o seu apôio, o govêrno está certo de corresponder ao apêlo profundo da alma do Brasil".

Bailados Grabinska-Michailowsky no municipal

Realizou-se domingo, dia 18, às 15 horas, no Teatro Municipal, o já tradicional grande espetáculo dos Bailados Clássicos dos mestres-coreógrafos Pierre Michailowsky e Vera Grabinska, com o concurso de suas 200 melhores discipulas — moças e crianças das familias da nossa melhor sociedade.

O espetáculo foi organizado em prol dos Espetáculos Gratuitos do Teatro da Criança, que os mencionados mestres oferecem graciosamente durante já 20 anos às crianças e familias cariocas!

O programa artístico constou de 2 bailados sôbre a música de Chopin: "Apoteose a Chopin" e "Jardim Encantado", interpretados pelos próprios mestres à frente de 75 dançarinas clássicas e mais de 100 crianças.

Do programa, ainda fizeram parte 25 danças clássicas, características, estilizadas, regionais e do folclore do Brasil.

O teatro ostentou a grande e seleta assistência das melhores familias cariocas.

PERFUMES

EXÓTICA



NARCISO NEGRO
Delicado perfume, em elegante estojo forrado com finíssimo cetim, constituindo valioso presente
CR$ 45,00



Lindo estojo com 3 vidros de finos e exóticos perfumes diferentes
CR$ 55,00

Pelo Reembolso Postal, sem qualquer outra despesa. Pedidos à
PERMUMARIA EXÓTICA
RUA CAMPOS DA PAZ, 165
Fone: 48-8137
Enviamos catálogos a quem solicitar

COVARDIA

(Cont. da pág. 51)

aquela primeira frase de minha narração. Pois começava aí a minha desilusão, a minha decepção e a certeza que por trás de tôda boa vontade, de todo desejo de contentar-me, por medo de perder-me, existia covardia, absurda, crêspa e intolerável covardia. E muito egoísmo. E então disse alto:

— Sei o que pensa. Na verdade até esta altura de minha história não cabia razão para as primeiras palavras com que iniciei o meu drama real. Mas é verdade. Dolorosa, irritante verdade. Depois que Gerhard me cobriu de esperanças intensas, absorventes (que já via através minhas ilusões de pensamento, meu lar muito pequenino, alegre como claridade de sol, sabendo de cor, até a côr das paredes, dos móveis e dos enfeites), então, comecei a notar tristeza e indecisão no seu semblante como se somente agora avaliasse a importância do prometido e a incapacidade de realização nele. Procurei dissuadí-lo e convicta afirmava que não seria possível nenhum quinhão de vida comum para nós, que seria melhor seguirmos rumo novo e distinto. E conheci uma face do seu gênio violento. Grosseiro, estúpido às raias da animalidade, o seu rosto crescia, transformado e grotesco e o ódio enchia tôda a cara, e se concentrava com fôrça e absurda impetuosidade nos olhos azuis, engrandecidos. Parecia um rosto estranho, violentado na regularidade das linhas, como de uma fera estraçalhando sua vítima. Interessante, como eu não tinha medo. Feria-me às vêzes. Maltratava-me como a culpar-me por gostar de mim e pela covardia a que sentia-se condenado. Eu não dizia nada. No íntimo ainda acreditava nele, com fé, como se ouvindo palavras de um profeta. Tudo que me dizia. Somente depois, não pude mais confiar. O seu rosto sombrio, suas lágrimas de quando em quando, e agonia nos gestos, me fizeram maior mal do que se tivesse lidado com um canalha refinado. Estaria pisando firme de início e aguentaria o choque. Mas assim... sofri horrivelmente. Muito. Demais, quando as desilusões se sucederam constantes como chuvas no inverno. Foi quando conheci de perto o terror de um amor frustrado, dum amor impossível. O mal crescera como um cancer roendo todos os tecidos de minha credulidade e do meu desassombro, e me sentia mutilada, desfigurada na integridade de minha vontade. As dúvidas concluíam meus raciocínios e a lógica me lembrava um relógio velho e gasto, que atrasasse de um dia para outro. As noites não dormiam meu corpo, deixavam-no insone, cansado e mole e exausto como se o ocupasse em trabalhos forçados, pesados de ação. E chorei... Nunca mais soube sorrir como uma mulher de minha idade. Parecia que muitos anos tinham passado por mim e destruído o equilíbrio e a certeza, alicerces de minha vida: me envelhecido de pensamentos. Somente as lágrimas me esvaziavam de dor e de desespêro. Nunca mais soube olhar a beleza de um rio límpido correndo entre pedras ou nuvens alterando visões num céu fixo, nunca mais pude olhar uma noite poluída de luzes pequeninas como cabeças de alfinete, nunca mais colhi entre meus dedos sempre frios uma flor nascida perto de uma estrada ou na beira de um lago. Nunca mais soube dizer versos com alguém que fala para uma árvore e diz palavras de amor, nunca mais pude fitar o mar se agigantando em ondas bravas, nem o vôo descido de uma gaivota que cai no mar colhendo seu pão, nunca mais pude amar uma criança, nem beijar uns olhos outros, e, oh Deus, me senti pesada de maldade e de ódio, por tudo. E a Gerhard mais que a tudo. Um ódio triste, sem perversidade, um ódio gerado do desespêro, não de uma frialdade. Ódio, por êle tornar tudo mais difícil para mim. Impedia minha fuga e nem sequer dava um passo para fora. Parava à minha vida, cerrando com seu corpo imenso tôdas as miseráveis possibilidades minhas de reconstrução adiante.

Calei. O resto ela já sabia. Minha vida solitária. Minha vida vazia. Minha vida sozinha. E a viagem de Gerhard para o exterior, também só, mas sem modificações, todavia. Tudo ficou no mesmo ritmo, e não adiantaria esperar coisa alguma. Sua volta seria o reinício de uma rotina, de uma mesma vida. Se alguma coisa sucedesse... Mas quem poderia saber? Nunca? O amanhã era um mistério. Melhor seria calar meus desejos, meus sonhos e viver, de qualquer maneira viver...

ESTA' A' VENDA

O ALMANAQUE "EU SEI TUDO"

PARA 1950



Os mais divertidos e variados assuntos ★ Contos ilustrados ★ Calendário ★ Notas e informações sôbre o ano ★ Leitura para adultos e crianças ★ Um livro com perto de 400 páginas, muitas das quais ilustradas a côres ★ Resenha do ano em relação aos principais aspectos da vida ★ Assuntos rurais ★ Anedotas ★ Charadas ★ Esporte ★ Cinema ★ Rádio



O ALMANAQUE "EU SEI TUDO" para 1950, o livro dos mil assuntos, custa apenas Cr$ 15,00 em tôdas as bancas de jornais do Brasil



Pedidos pelo Reembolso Postal ou mediante vale do Correio á

CIA. EDITORA AMERICANA
RUA VISCONDE DE MARANGUAPE, 15
RIO DE JANEIRO

O PRIMEIRO NETO

(Cont. da pág. 38)

pares, um grande, outro pequeno e repuxado; o nariz torcia-se para o lado direito... enfim, um horror... uma coisa incrível.

O Sr. Delegado deve ter visto a criança e dirá se há exagêro em minhas palavras.

Procurei afastar-me daquela visão tão dolorosa para mim. Pretextando serviços extraordinários, ausentava-me de casa, só volvendo ao lar quando todos já se haviam recolhido. Meu lar querido, onde antes tanto me aprazia permanecer o maior tempo possível, passou a ser, para mim, motivo de intensa repulsa, de horror incoercível.

... e o menino crescia, não como um ser humano, mas como um verdadeiro animal, como um monstro que era. Não tinha chôro de um menino, na primeira infância; era o vagido entre o gemer do agonizante e o urro do animal... aquilo causava-me um pavor que me combalia e fazia-me sofrer enormemente.

Parou, um momento, o réu, a narração. Tomou a cabeça entre as mãos e, apertando-a fortemente, parecia expelir pensamentos que apavoravam.

Tênue esperança alimentávamos que, com o perpassar do tempo melhorassem as condições físicas do menino. Sonho fugaz e enganador!

Não há música mais harmoniosa e suave, para os pais do que o riso puro e cristalino dos filhinhos. Nem isso tinha aquêle pobre infeliz; o seu riso era uma coisa indefinível, similar ao cararejar da galinha; nada de humano... um monstro em tudo... e minha filha adorava aquêle mostrengo!

(Cont. no próximo número)

OS EVANGELITAS DA ASSEMBLEIA DE DEUS

(Cont. da pág. 51)

Gente boa e simples, os evangelistas. Durante as duas horas que durou a reunião, ouviam-se constantes palavras de ânimo e consôlo para os seus irmãos necessitados, os seus belos hinos, cantos de esperança do regresso de Cristo à terra livre dos males físicos e espirituais como ainda hoje roubam a felicidade aos homens. Vimos também jovens alunos da escola dominical da Igreja em recitativos dos mais puros e intuitivos, e ainda, ao se encerrar a reunião, atendendo ao apêlo do pastor, sr. Moisés Soares, numerosos crentes que haviam transgredido as leis da Igreja se penitenciarem, entregando suas almas, devolvendo-as ao Senhor, ficando por alguns momentos ajoelhados, numa almofada pobre, em frente à congregação, enquanto esta entoava os seus cantos revitalizantes de esperança de um mundo livre dos pesadelos que afligem a nossa existência. A Igreja Evangelista cultua a "Bíblia", como todos os protestantes. O livro sagrado, assim, vai e continuará vencendo os anos e os séculos. "Geração sucede a geração, as nações surgem e desaparecem, reis, ditadores, presidentes, vêm e vão, mas a Bíblia ainda vive; rasgada, condenada, queimada, odiada, desprezada e amaldiçoada; contestada pelos ateus, zombada pelos escarnecedores, exagerada pelos fanáticos, mal interpretada pelos crentes, apesar de tudo, a Bíblia ainda vive" — diz o folheto distribuído pelos evangelistas da Assembléia de Deus, concitando o povo a comparecer à sua magna festa.

★

De fato, assim tem sido a trajetória da "Bíblia", livro que não se sabe se de fábulas, histórias, aventuras, crime ou de abnegação, traição e altruísmo — pois reúne tudo isso — que é mais que um livro: é monumento, é um conjunto de livros (são 66 livros), sendo 39 do Velho e 27 do Novo Testamento, cada qual contando as profecias e a vida, no que ela tem de bem e de mal, de amor e de ódio, de desespêro e fé. E, fato curioso, dois dos livros da "Bíblia" que não tocam na palavra Deus. São os livros de "Esther, a formosa órfã", que se casa com o mais poderoso monarca do tempo, e põe sua vida em perigo para salvar a pátria, uma história à altura dos mais dignos nomes da literatura universal, e o "Cântico dos Cânticos", talvez o mais belo hino de louvor à beleza e ao amor conjugal até hoje escrito pelas mãos do homem. A "Bíblia" tem passagens sublimes, como os dez mandamentos; se os homens e mesmo aquêles que se propõem cumpri-la o fizessem com inteireza de espírito, a humanidade já estaria salva de muitos dos seus pecados. Os materialistas, acreditam que a "Bíblia" tenha sido escrita como um código de costumes para o povo hebreu (os antigos habitantes da Judéia), código êsse que, no entanto, mesmo não se acreditando na existência de Deus, para a época em que foi escrito, é um portento, uma das obras primas do gênio humano. Não é por outro motivo que anualmente são vendidos mais de 30.000.000 de exemplares, em todo o mundo.

A rainha Vitória disse, certa vez, que "o segrêdo da grandeza da Inglaterra se encontrava na Bíblia". Não há povo que mais a leia que o inglês. No Brasil, o aniversário do grande livro passou um tanto desapercebido, devido à nossa formação essencialmente católica. A Igreja Católica Apostólica Romana não faz tanto alarde do seu uso. Mas, nada menos que 1.500.000 exemplares foram vendidos em nosso país, no ano passado.

Pasta Dentifrícia
S.S.WHITE
O DENTIFRICIO INDICADO PARA HIGIENE E CONSERVAÇÃO DOS DENTES

Contra o esgotamento físico e mental!
VINHO DA VIDA
VINOVITA
RENOVADOR DAS FORÇAS
Tônico poderoso

SIM, A DECLAMAÇÃO E' UMA ARTE!

(Cont. da pág. 22)

retamente o português em Portugal, será compreendida sem dificuldade também no Brasil. Ao contrário, quem se exprimir sem clareza, deixará de ser compreendido, mesmo em Portugal.

— Pronuncia as obras dos escritores brasileiros com prosódia portuguêsa?

— A maior parte sim; pois bem poderiam ser poetas portugueses. Não vejo diferença alguma, seja pela formação, como pela educação, a escola a que pertencem, a língua que escrevem, a tradição literária e muitas outras razões que os aproximam de maneira a confundi-los. Poetas como Castro Alves ou Bilac figurariam sem desdouro algum na História da Literatura Portuguêsa. Apenas faço exceção com alguns dos mais recentes.

— Poderia nos dizer quais são essas exceções e por que assim procede?

— Quero citar Manuel Bandeira e Carlos Drumond de Andrade. Digo os versos dêsses dois com prosódia brasileira, pois não poderia concebê-los com outra prosódia. O assunto de que tratam e a maneira de ser de cada um, os distanciam muito dos portuguêses, de modo que para êles não poderia usar a não ser a prosódia em que escreveram.

Passamos a falar de teatro, e, quando perguntamos a João Villaret suas impressões sôbre o teatro português e sua situação atual, responde-nos:

— Como aqui no Brasil, também em Portugal o teatro está passando por uma crise. Na nova geração não há valores capazes de substituir os grandes nomes do teatro português. A tendência atual é a de transformar os teatros em vastos salões para exibições cinematográficas. Resistem apenas os teatros clássicos como o Nacional e o São Carlos de Lisboa. O resto, aos poucos vai cedendo aos interêsses financeiros dos empresários, dos proprietários, dos exibidores e do próprio público.

— Por que razão as companhias teatrais portuguêsas, seja de comédia como de revistas, não visitam mais o Brasil com a mesma assiduidade de antes da guerra?

— Existem várias razões de ordem financeira e técnica. Na primeira enquadramos a despesa enorme que seria necessária para o transporte de uma companhia e sua manutenção por tôda uma temporada aqui. Na segunda, a necessidade que teríamos de um teatro com boa capacidade e, principalmente, com boa acústica. A capacidade seria para permitir uma renda suficiente a cobrir tôdas as despesas e a acústica para que se compreenda mtôdas as palavras proferidas. Enfim, um teatro bem diferente do João Caetano...

"O romance do Rio Grande"

(Cont. da pág. 5)

tido. O outro perigo é o da indiferença. Nenhum escritor consciente poderá ficar indiferente ante os problemas da sociedade em que vive. Só um homem que se isola da sociedade e nada lhe pede é que tem o direito de viver alheio às suas dificuldades, lutas e anseios. Temos o caso de Santayana, o filósofo que vive refugiado num convento italiano e que não tomou conhecimento nem da última Guerra. Não quero dizer que um escritor deva necessariamente viver à margem da política. Tome o meu caso. Nunca estive filiado a nenhum partido, mas me manifestei contra o fascismo desde a primeira hora, e ainda hoje não cesso de falar contra qualquer espécie de totalitarismo. Sempre estive do dalo daqueles que se bateram pela liberdade de pensamento, palavra, culto e reunião. Hoje estou com todos os brasileiros que protestam contra a infame "lei de segurança nacional". Nos meus livros nunca fiz vista grossa às injustiças sociais, às desigualdades do mundo em que vivemos. Acho, em suma, que o dever do romancista é o de enxergar a realidade com olhos limpos e honestos e dar em seus livros uma representação artística dessa realidade, evitando sempre ser polêmico panfletário ou simples instrumento de propaganda partidária. Posso estar errado, mas é isso que sinto e penso. Essa tem sido a minha "linha justa" desde o dia em que comecei a escrever.

Já nos tínhamos despedido de Érico Veríssimo, quando se nos afigurou necessária uma última pergunta:

— Tem alguma mensagem a transmitir, pelas páginas da REVISTA DA SEMANA, ao sem-número de seus leitores?

— Não tenho nenhuma mensagem solene que possa condensar em poucas palavras. Mas quero dizer-lhes algo que me parece importante. E' que sinto por êsses leitores uma grande gratidão, pois a êles, à sua simpatia, à sua, vamos dizer... fidelidade, eu devo a maior parte do entusiasmo com que escrevo. Nenhum romancista poderá afirmar honestamente que não se preocupa com os leitores ou que escreve para uns "poucos felizes". Nosso desejo d ecomunicação é necessariamente um desejo de público. Ninguém se sentirá feliz por pregar no deserto. Outra coisa: Desejo dizer a meu leitores que em "O Tempo e o Vento", êles encontrarão o livro que sempre desejei mas temi escrever; e que o considero a minha obra mais importante.

Érico Veríssimo silenciou por um momento. Fêz um quase imperceptível balancear de cabeço e, numa voz calma, compassada, completou:

— Muitos acharão a história um tanto áspera e em alguns pontos até brutal. A culpa não é minha. E' da vida — da vida que levaram os homens e mulheres sôbre os quais escrevi. Eu não podia escrever êsse romance do Rio Grande com água-de-colônia... E aos leitores não gaúchos quero dizer também que depois da leitura de "O Tempo e o Vento" espero que êles compreendam melhor êste Rio Grande do Sul tão caluniado e por vezes tão mal representado no cenário da política nacional. E é só.

OS EVANGELISTAS DA ASSEMBLEIA DE DEUS

(Cont. da pág. 10)

tuem, em conjunto, o livro. Os evangelistas se consideram os mais completos seguidores dos seus ensinamentos, dentre quantos se afastaram da Igreja Católica, desde a histórica cisão provocada por Martinho Lutero, que deu origem aos protestantes: batistas, prebiterianos, luteranos, anabatistas, etc., todos, no entanto, vivendo sob a orientação única do livro escrito pelos profetas e sábios hebreus (israelitas) de antes e depois do nascimento de Cristo. Os evangelistas não só pregam os mesmos princípios das outras Igrejas de fonte nos Evangelhos (assim são chamados o Novo e o Velho Testamento), como o batismo, não ao nascer, como o fazem os católicos, mas aos 18 anos, por emersão (um banho com água de rio) e ainda o batismo com o Espírito Santo, "com sinal visível", conforme dizem. Para os evangelistas isso significa que o aderente, para ser considerado de fato integrado na sua Igreja, deve, no ato do batismo, falar "língua estranha", isto é dizer algo em língua que não seja a de sua terra natal, conforme está nos livros de Joel e dos Atos dos Apóstolos, da "Bíblia".

Como perguntássemos por que as outras Igrejas protestantes não consideram êsse complemento que os evangelistas dizem ser imprescindível para o completo batismo, respondeu-nos o pastor:

— Porque ainda não lhes foi revelado (Isto é, porque os seus irmãos de outras Igrejas ainda não entraram na compreensão dêsse preceito bíblico).

(Cont. na pág. 53)

Gente e coisas de Portugal

(Cont. da pág. 48)

la se a quiserem conhecer, e às tricanas que entoaram suas mais belas trovas para a nossa gravadora, algumas té excedendo-se em requintes, pontilhando as violas que os estudantes deixaram em repouso num banco do Choupal. Nem se fala de Coimbra num canto de página, depois de reverenciar o túmulo da Rainha Santa em Santa-Clara-a-Nova, depois de cruzar o portal da Universidade que vai agora ganhar novas e ainda mais imponentes edificações, de percorrer-lhe a Quinta das Lágrimas, Penacova com seu Belvedere surpreendente e de saborear um arremêdo de café no templo profanado das Donas, bem na Praça de Sansão.

Venham, sim, saborear as arrufadas, os bolos de Santa Clara e de Santana, perfumados e macios, os pastéis de Tentugal, verdadeiro maná do céu, que as mulheres de saia franzida na cintura e pernas ao vento, oferecem em gorgeios lacrimosos, quando a estação regorgita de campônios, capas negras e tricanas. Coimbra é para sentir, não para descrever.

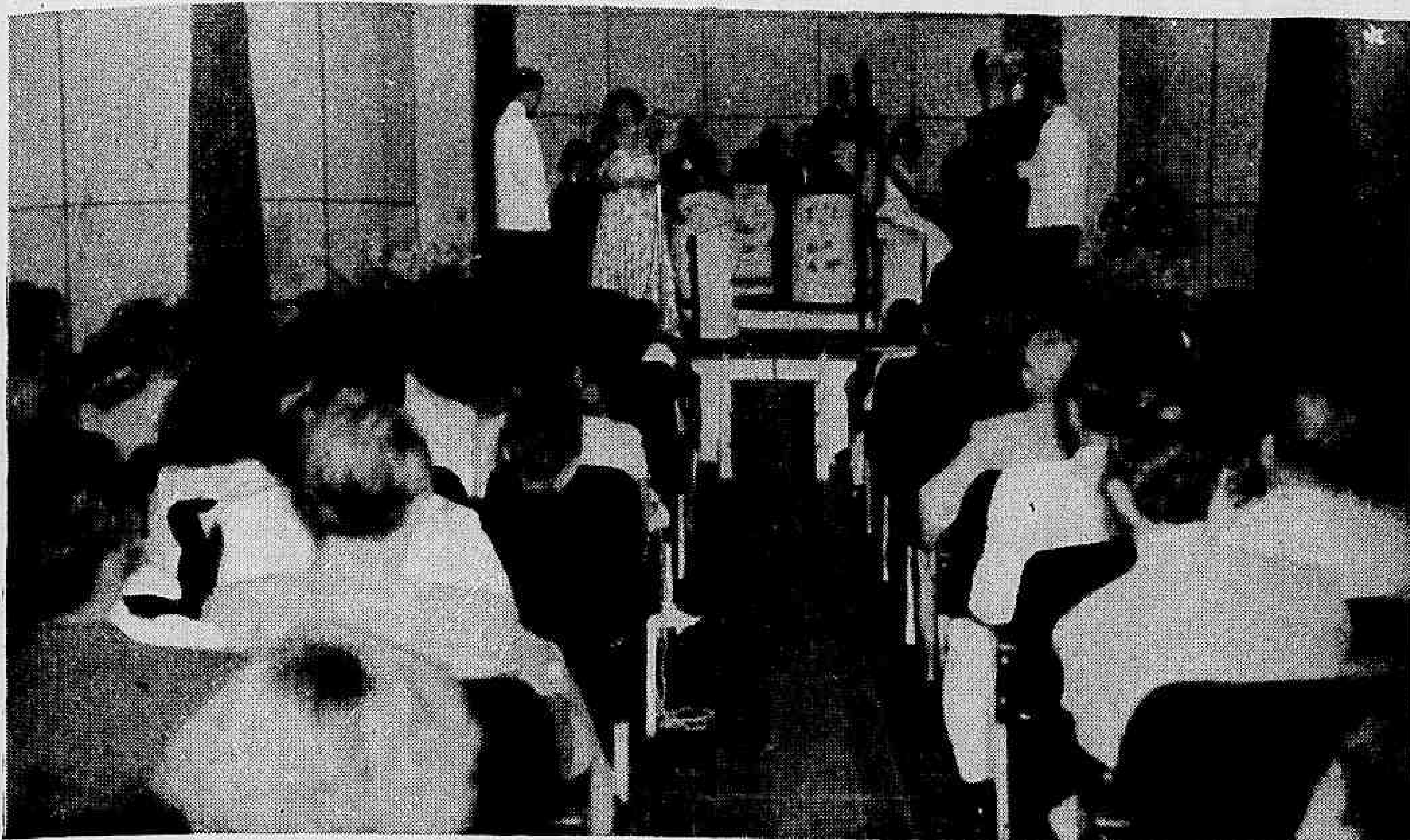
E a romaria prossegue, subindo aqui para a Beira Alta. Os transportes facilitam a viagem que se faz desde o Pôrto, em sete horas sem atraso. Extensos pinheirais, imensas vinhas e tapadas, são percorridos pelo vagão acionado a gasolina, em bitola estreita, no qual se acotovelam beirões humildes de tez queimada e janotas de monóculo e luva de pelica, fazendo lembrar personagens do Eça. Os lameiros repontam de flores amarelas, vermelhas, de um roxo sangrento. A flor do tojo, em apanhados brutos, sólidos, trepam pelos cascalhos, por entre mais pinheiros, mais vinhas e cerejeiras, onde os frutos amadurecem pintalgando. E as primeiras flores da macieira, brancas, delicadas, mandam para o ar um perfume de virgindade.

★

Finalmente, Vizeu, a lendária dos Lusos e Romanos. Vizeu com a Cava do Viriato, símbolo da autonomia e do caráter de seus filhos, com as tôrres da Sé onde se afirma ter existido um templo fortificado em outras eras, com o enternecedor Arco dos Melos, e ali bem ao lado a casa que foi cenário autêntico do "Amor de Perdição", com o Museu de Grão Vasco. E no Museu do patrono dêsse escrínio de arte, o famoso quadro de São Pedro austero, solenissimo, sentado numa poltrona Renascença, desafiando os séculos, além de outras obras maravilhosas: o Calvário, o Batismo de Cristo, atestando a riqueza dêsse tesouro beirão.

Mas a noite caiu por sôbre a terra de Viriato. Um alto-falante vem daquele café à moda americana pôsto lá na rua Direita, com banquinhos altos junto ao balcão de alumínio, quebrando a poesia por inteiro. Rumamos, de volta, para o aposento aldeão do Casal de Gumiei, e o fazemos depois de uma jornada festiva pelas aldeias que surgem no percurso de Vizeu até aqui, destacando-se essa minúscula mas fabulosa Abravezes, cujo nome é uma corruptela honrosa de bravura, "bravesa" de seus filhos contemporâneos dos mouros. Casas de pedra sem chaminé, desprendendo rolos de fumo negro pelos telhados, fumo que faz arder os olhos e cheirando a caruma verde... mais vinhas... mais pinheiros... mais flores de tôjo... E regatos, e aqui, acolá, o silvo agudo dos gaios pelas árvores. Escureceu por fim.

A jornada continuará amanhã cedo. Há muito o que ver ainda. Neste instante, o aroma de um apetitoso caldo verde não permite divagações maiores. Chamam-nos para a ceia, posta à moda da casa, com a brôa de milho cozido aqui mesmo e o caneção de vinho maduro ao lado. Cessa tudo...



Um aspecto do palco e do auditório da Rádio Guarujá, de Florianópolis



O Sr. Adalberto de Carvalho, Prefeito da Cidade, inaugurando as instalações da Rádio

RÁDIO GUARUJÁ DE FLORIANÓPOLIS

A emissora sulista, Rádio Guarujá, de Florianópolis (ZYJ-7) no Estado de Santa Catarina acaba de levar a efeito uma brilhante realização: inaugurou oficialmente as suas novas e modernas instalações à rua João Pinto, 42 (Edifício Martinelli) naquela próspera capital.

A interessante festividade que a proprietária da emissora, Sociedade Rádio Guarujá Ltda., denominou "Show 15 de Novembro" constituiu também uma homenagem à data da proclamação da República no Brasil.

O programa foi o seguinte:

1.ª Parte

Orquestra Juvenil de Florianópolis
Dilza Dutra
Demaria e seu regional
Daniel Pinheiro
Sketch humorístico: Hélio Rosa, Cora Nunes, Maria Alice, Ciro Nunes.

2.ª Parte

Demaria e seu regional
Tibio
Osmarina Monguilhot
Sketch humorístico: Hélio Rosa, Cora Nunes, Helena Serratini, Ciro Nunes, Leal e Gustavo Neves Filho.
Orquestra de Salão "Guarujá"
Sussen Mansur
Nazira Mansur

A festa deixou a todos a melhor impressão.



Flagrante da assistência que superlotou as dependências da emissora catarinense

QUE SERA'?

Não é somente o nosso sertanejo ou homem do interior que acredita em lobisomens. Veja-se o que nos mandam dizer de Londres neste telegrama do dia 4 de dezembro:

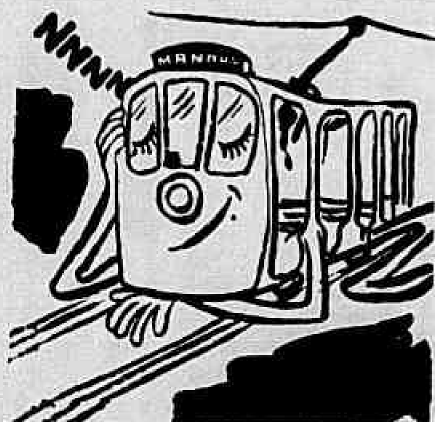
Estão aparecendo novamente na Austrália histórias sôbre o "Bunyip", fabuloso monstro, a respeito do qual as descrições variam muito.

Dizem os nativos que o "Bunyip" é coberto por espessa pele, mas, como acontece com o famoso monstro de Loch Ness, na Escócia, existem versões de todos os tipos sôbre o aludido animal. Segundo notícias da imprensa, êste ano as notícias têm vindo de pescadores de rio, que têm visto o monstro com água até ao pescoço e fazendo grunhidos semelhantes aos gemidos de uma pessoa humana a sofrer. Mas, as descrições são tão vagas, que ninguém fica sabendo ao certo se o "Bunyip" é um ser com um longo pescoço e orelhas caídas, ou se é um dragão voador coberto de peles e com quatro pés. O fabuloso monstro tem atraído a atenção dos meios científicos. Durante a guerra, o Exército americano tomou interêsse pelas histórias e fêz investigações aéreas para apurar as notícias de que gigantescas marcas haviam sido vistas na área do deserto de Simpson. Os técnicos declararam que as supostas marcas eram leitos de lagos que secaram, mas admitiram que eram quase idênticas na forma e situadas com notável regularidade. A polícia australiana informou ter encontrado árvores caídas como se houvessem sido esmagadas por membros gigantescos, e fazendeiros relembraram exemplos de cabeças de rêzes que foram devoradas inteiramente. Tudo já se tentou fazer para fotografar o monstro, mas tudo em vão, pois até uma colina já desapareceu misteriosamente.

A história do monstro "Bunyip" tem dado o que falar...



MANAUS SEM BONDES



A capital do Amazonas já foi, no país, a mais faustosa, a mais culta e cosmopolita das cidades brasileiras.

Muitas vêzes as grandes companhias líricas que procediam da Europa iam exibir-se no encantador e suntuoso Teatro Amazonas e, de lá desciam para Belém, a fim de se apresentarem no outro famoso Teatro da Paz, da Capital do Pará.

Não davam confiança ao Rio. Voltavam para a Europa cheias de dinheiro e com as mais belas impressões do Brasil, que, para os seus integrantes e empresários se limitavam às duas capitais do extremo norte: Manaus e Belém.

Manaus é uma cidade de traçado moderno, belas praças, ótimos bairros residenciais, onde ainda se vislumbram os faustos da Idade dos Seringais.

Nos começos do século o povo da Amazônia nadava em ouro. A borracha atraía multidões de todo o nordeste do país e mesmo do sul. Plácido de Castro, o chefe da luta dos seringueiros nacionais contra as pretensões estrangeiras em tôrno do Acre, era gaúcho. Seus comandados eram cearenses, alagoanos, pernambucanos, mas Plácido era do Rio Grande do Sul.

Depois, com a plantação da maniçoba nas ilhas holandesas, inglêsas e francesas do Oriente, a Amazônia faliu. Foi uma derrocada espetacular. Com a última guerra, pareceu que o antigo "El-Dorado" ia ressurgir; mas tudo não passou de ilusão, ou desilusão.

De queda em queda, chegou Manaus à maior penúria. Um dos reflexos dessa situação calamitosa é a paralisação dos seus bondes, por falta de recursos. O amazonense agora, se quiser movimentar-se tem que puxar pelo pé. Que presente de Natal e Ano Bom, Deus do Céu...

OUTRO VISIONARIO



De quando em quando surgem pessoas neste mundo com idéias de salvação da humanidade, não somente quanto à religiosa, como em relação à política entre os povos.

Nos Estados Unidos, na Alemanha, na Índia, etc., têm surgido casos dos mais curiosos, o que bem demonstra o estado de psicose e inquietação em que se encontra o mundo.

A mais recente dessas manifestações de desequilíbrio mental acaba de verificar-se na América do Norte. Fyke Farmar, advogado na cidade de Nashville, Tennessee, acaba de abandonar sua profissão de causídico e se entregou de corpo e alma a êste ideal: lutar pela formação de um govêrno mundial, para o que seu primeiro gesto foi o de telegrafar a Stalin solicitando-lhe uma entrevista.

Unindo seu pensamento à ação, Farmar seguiu para a Europa e deu entrevistas em Bruxelas, declarando: "Ou as Nações Unidas acabam numa federação mundial, ou terminam em uma guerra. A única hipótese capaz de salvar-nos de um desastre é a participação da Rússia em um govêrno mundial".

Enquanto espera ordem para conversar com Stalin, o advogado em férias percorreu a Suécia, a Finlândia, Holanda, Alemanha, França e Bélgica, em busca de apoio para seu plano de promover uma assembléia constituinte mundial, a ser realizada em Genebra dentro de um ano.

A idéia de Farmar é apoiada pelo "Movimento em Prol de um Govêrno Federal Mundial", que se reuniu em Estocolmo, capital da Suécia, em setembro último.

Quantos anos terá Fyke? Aí está uma pergunta de grande significação para o caso...

SERA' POSSIVEL?...



O caso que vamos narrar aqui, leitor, é dêsses que a gente não pode compreender.

O sistema de comércio, no mundo inteiro se baseia no lucro, e, quanto maior o lucro, melhor para o vendedor.

Mas, ao que parece, acaba de ocorrer nesta capital um fenômeno para o qual só poderá existir esta explicação: milagre... Vamos reproduzir o que lemos em jornais do Rio:

O presidente do Sindicato da Indústria de Torrefação de Café do Rio de Janeiro compareceu, ontem, perante a Comissão Central de Preços (CCP), a fim de comunicar ao tenente-coronel Luiz Peres Moreira, que a sua classe (torrefadores de café) dispensava o aumento a que tinha direito hoje com o reajustamento do preço do café moído ao do café cru, cotado na Bôlsa.

Dessa forma, até o dia 15 dêste mês, o preço do café em pó continua sendo de Cr$ 20,30 por quilo.

No caso de se ter feito o reajustamento, nos têrmos da Portaria 142, teria havido um acréscimo de Cr$ 1,20 em quilo, passando a custar, Cr$ 21,50.

Explicou o presidente do SITCRJ que a atitude de sua classe prende-se ao fato de estar se verificando uma retração do mercado consumidor do produto.

Muitas firmas deixaram de realizar 50 e até 70 por cento dos seus negócios normais.

Os negócios desta quinzena serão feitos com os estoques restantes da quinzena passada.

Será que isto aconteceu mesmo, leitor amigo? Será possível que os vendedores de um artigo majorado pela CCP digam ao órgão competente que recusam o aumento? Qual! O mundo vai acabar...

CANSOU DE VIVER



Quem lê o antigo testamento, isto é, a parte da Bíblia que precede ao novo com a vida de Cristo, fica espantado de ver que muita gente vivia centenas de anos. Mathusalém, por exemplo, é um dêsses indivíduos de vida longa, com oito séculos de existência.

Para explicar essa longevidade estranha e, até certo ponto inaceitável pela ciência, acham os exêgetas das Sagradas Escrituras que o motivo por que se fala em centenas de anos para um indivíduo, está, em que, naquele tempo, o ano não tinha 365 dias, como agora e sim multíssimo menos.

Outros, porém, acham que o tempo era o mesmo, e se viviam tanto antes de Cristo, é porque o homem se alimentava de maneira mais simples e não levava uma vida de tantas emoções e dissabores. Não havia futebol, não havia "pif-paf", nem corridas de cavalos, nem de automóveis, nem comidas condimentadas, nem arranha-céus...

Vida simples, alimentação natural e parca, nenhuma emoção violenta a cada instante, amôres respeitosos, existência bucólica. Daí poder o homem viver quatro, cinco, seis e até nove séculos...

Com o desenvolvimento da civilização, a desgraça do nosso organismo começou pela cozinha. Preparamos nossos cardápios com tudo o que há de mais excitante, e, no final, quando vamos pagar o armazém ou a conta do restaurante ou do hotel, tão grande é o choque que, muitos caem fulminados por síncopes cardíacas.

Contudo, ainda há quem chegue a um século de vida; mas, por estranho que pareça, quando o indivíduo ainda está em pleno gôzo de suas faculdades mentais, não suporta a brincadeira e procura acabar com a história com o suicídio. Foi o que ocorreu a 3 de dezembro com Paulina Robolini, de Buenos Aires. Tem ela 94 anos e, para acabar com a "graça", tentou o suicídio no Prata...

Aconteceu

A TRAGEDIA DE VAN GOGH

Quase todos os gênios da Arte levaram uma vida de sofrimentos. Dentre êsses está Vicente van Gogh, um dos pais do modernismo na pintura. Van Gogh foi um torturado. Morreu por suas próprias mãos aos 37 anos. Sua obra é discutida e, muitas vêzes, negada.

Era um angustiado. Nasceu na Holanda, em 1853 e se dedicou à pintura de natureza social. Era um amigo dos mineiros, da pobreza, dos desvalidos.

Inicialmente, falhou em seus trabalhos de desenho. Não dava intensidade e vida aos seus quadros. Eram frios os seus trabalhos como o reflexo de um estado espiritual em evolução e à procura de uma clareira na humanidade.

Van Gogh morreu com a expressão de uma pintura solitária e triste. Tanto as cenas ao ar livre como os seus auto-retratos, reproduzem a melancolia e o desespêro de seu interior.

O nome de van Gogh volta à baila com o caso recente de uma obra adquirida por um produtor cinematográfico de Hollywood, pelo preço de 50 mil dólares (um milhão de cruzeiros), como sendo um autêntico van Gogh, mas que, segundo um júri convocado para verificar a autenticidade do auto-retrato do pintor, não há certeza de que seja isso uma obra do famoso artista.



Os juízes, peritos em artes, declaram que há sérias dúvidas de que o quadro adquirido pelo cineasta norte-americano, sr. William Goetz, da Universal Picture, seja um autêntico van Gogh.

A TECNICA DO MALMOE

A Suécia é tida como a nação mais civilizada do mundo. A cultura de sua gente, as instituições nacionais, a grande e velhíssima universidade de Uppsala, próxima a Estocolmo, a mais antiga de tôda a Escandinávia, etc., dão à imortal pátria de Nobel o glorioso título de nação-modelar.

Conhecemos um educador brasileiro que, desejoso de estudar e ensinar em país culto e civilizado da América ou da Europa, depois de examinar e visitar diversos países dos mais famosos do mundo em matéria de educação e cultura, escolheu a Suécia. Ali viveu cêrca de três anos e cada vez mais sua convicção se aprofundava neste sentido: era a Suécia o país mais civilizado dêste planeta.

Não queremos fazer aqui confrontos com a Suiça, uma vez que não se pode estabelecer linha de comparação em virtude das diferenciações políticas, mesológicas e etnológicas entre ambos. A Suiça, além de não estar em contacto com o mar, sem dispor de portos cosmopolitas, possui uma organização política "sui generis" e se divide em variadas camadas raciais. A Suécia, possuindo maior extensão territorial, é uma monarquia, não tem misturas étnicas e dispõe de portos marítimos.



Mas, a que vem tudo isto?

Apenas em face do que fêz um dos jogadores do "Malmoe" no campo do Flamengo: estando seu calção muito sujo com a lama naquele dia chuvoso, pediu um calção e, num abrir e fechar de olhos, despiu, em pleno campo, diante da assistência, o sujo e vestiu o limpo.

REMBRANDT

Asseveram os biógrafos e entendidos em Artes Plásticas que Rembrandt era um dos maiores gênios da pintura. Há até esta sentença: "A luz que nunca existiu, nem no mar nem na terra, foi dada ao mundo pelo filho de um moleiro: Rembrandt".

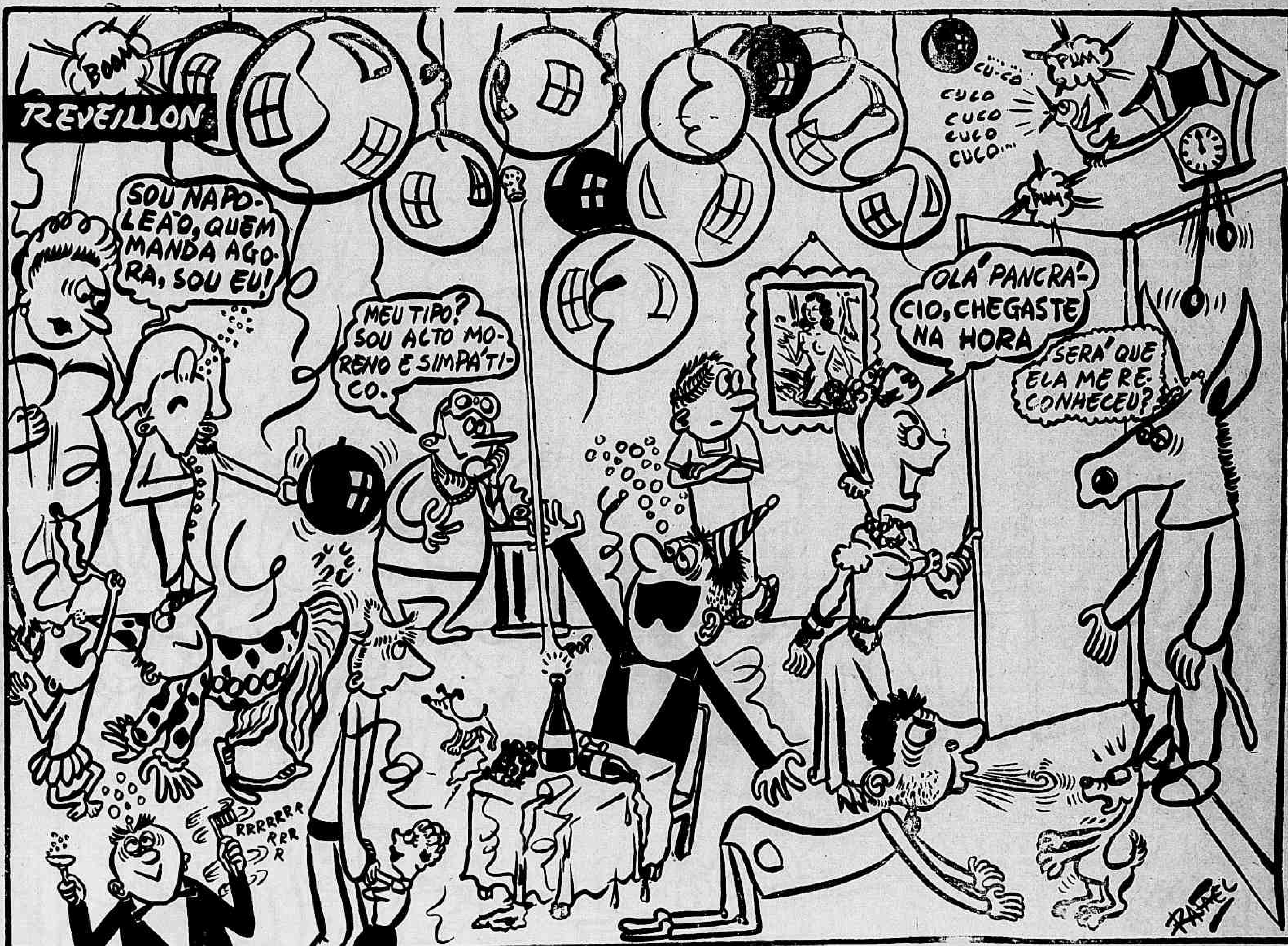
Nasceu em 1606, perto de Leyden e desde os seus mais tenros anos o pequeno Rembrandt se punha a observar os braços do moinho de encontro ao céu acinzentado.

Sempre desenhou. Sempre fêz experiências de efeitos de luz. Seus mestres, Van Swanenburg e Lastman, não tiveram grande influência sôbre êle. Rembrandt foi o mestre de si mesmo.

Nasceu, porém, com o signo de ser um mártir de sua Arte. Era um homem triste. Casado com Saska van Uylenburgh, teve do matrimônio dois filhos que morreram prematuramente. Isso lhe despedaçou o coração. Pintou nada menos que seiscentos quadros que se encontram espalhados por todo êste mundo e, muitos de seus auto-retratos perdidos e ainda não identificados.

O Museu Nacional de Amsterdam contém numerosas obras de Arte do grande holandês. Uma de suas paixões era a de pintar os tipos judeus do Ghetto. O pôrto de Amsterdam servia de exposição de tipos de todo o mundo que por ali passava. Depois de perder os filhos, a morte da espôsa o desnorteou. Casou novamente. Empobreceu e morreu pintando, em 1669.

Seu nome tem sido comentado com o encontro de uma tela apagada pela poeira do tempo, adquirida por Jan Koops, antiquário de Kampen, província de Overijssel, por 110 florins (Cr$ 550,00, mais ou menos). Uns dizem que é um Rembrant; mas outros contestam. Por fim descobriu-se na tela as iniciais R. v. R. (Rembrandt van Ryn). Isto causou sensação e quem comprou a tela está com uma fortuna nas mãos...





PRIMEIRO o diploma na parede, pregado com um sorriso de triunfo; depois a nomeação no jornal e os intermináveis exames de saúde que, por mais aborrecidos, não lhe tiraram aquêle entusiasmo brilhante com que as adolescentes reforçam os traços de seus sonhos dourados. Havia em sua imaginação a figura bonita da professôra, rodeada por crianças alegres e solícitas aulas bem arejadas, onde o sol batesse em cheio fazendo brilhar o ouro das tranças das coloninhas, e sempre alegria, satisfação e a tranquilidade que traz o dever bem cumprido.

"Professôra de primeiro estágio"! E' uma coisa bonita! Há tanto sonho, quase de menina, escondido atrás disso! Tanto plano, tanto castelo, tantos bons propósitos. Tantas inquietações de exames, tantos livros manuseados, tanto ponto estudado com afinco em madrugadas frias. E o sentimento orgulhoso e ingênuo de sentir-se bandeirante, aventureira, desbravadora. Os sonhos são lindos e a imaginação é fértil Só depois dêles é que a realidade vem surgindo, aos poucos, dura e esmagadora, decepcionante e amarga.

A vila onde a professôra vai fazer seu primeiro estágio e para onde leva o retrato do namorado, um livro de versos de Wamosy e um caderno grosso todo em branco — o seu Diáric — pronto para receber alegrias e tristezas, feito verdadeiro amigo, é um punhado melancólico de casas de madeira, encardidas e pequenas, e barro vermelho por todos os lados. Felizmente, a escola foi recém-pintada, mas por entre as frestas das tábuas os últimos ventos de inverno assobiam como se moleques analfabetos, viessem rir de quem se debruça nas carteiras e procura ler as lições sem gaguejar. Duas ruas se estendem em forma de cruz, e são as únicas, vermelhas e pegajosas quando chove, vermelhas e poeirentas quando se prolongam os dias de sol.

Tímida e inexperiente, a professôra olha para as casinhas que até parecem de brinquedo, ou fugidas de um cartão postal enviado de algum recanto da Alemanha, e vê tudo vazio, indiferente, de uma indiferença quase hostil, de um vazio que dói. E sente vontade de chorar, porque, em seu desalento de primeiro dia em terra estranha, sente que só lhe resta o consôlo do pranto. Depois, fazendo-se forte e lembrando-se dos sonhos que a trouxeram até ali, repete mil vêzes para si mesma:

— E' lindo! E' uma aventura! Oh! Podia ser muito pior! Claro que podia! — e tenta rir.

★

Começa agora a triste ronda, de casa em casa:

— Quem me pode hospedar?

Quem irá receber a professôrinha estagiária, que ganha oitcentos e cinquenta cruzeiros por mês e que veio contente para a luta, desejosa de ensinar, animada por um entusiasmo poderoso de desbravadora? Quem, meus senhores? Pois... ninguém. Em cada casa ouve a mesma queixa, com os mais diversos sotaques: — Não temos quarto, não temos empregada, não temos... (Deus do céu! Será que não lhes falta, no momento, também um pouco de boa vontade?) Em todo o caso, êles têm razão. Ninguém gosta de desconhecidos em casa. Mesmo que tenha essa cara meiga da professôra. E ela entristece diante das recusas, que são gentis, mas não deixam de ser recusas. Vai desanimando. De cada casa de onde sai, sente, no fundo do coração, que vai saindo escorraçada por aquêle "não" bondoso e sorridente. Cada negação lhe rouba um punhado de alegria, um retalho de entusiasmo.

Por fim resolve morar num hotelzinho de tábuas — o único — num quarto de paredes lisas, pintura velha descascando de longe em longe, levantando fêlpas e onde se sente sem coragem de pendurar o retrato do namorado bonito e saudoso. Há, no quartinho, uma cama e uma cadeira. Num suporte de latão, a jarra de alumínio, manchada e carepenta, e uma bacia onde a água fica turva. E pendurado na parede, tão pequeno que ao primeiro olhar não se pode encontrá-lo, um espêlho onde a professôra enxerga seu rosto em partes.

★

A hoteleira tem uma verruga na face e usa uma touca escura que lhe anula as feições, torna seu rosto indefinido, sem côr, apenas u'a mancha clara onde nem os olhos se destacam. Só aquela verruga impertinente.

O hoteleiro tem cara de pinguim, olhos miúdos que sempre estão piscando, um sotaque forte de alemão e uma barriguinha atirada para a frente como se fôsse uma coisinha curiosa.

A comida é farta e ruim. Tudo tem gôsto de couve, menos o pão (que não tem gôsto de nada), o feijão (que sabe à ervadoce) e a própria couve (que tem um gôsto de interior de certas pensões familiares).

★

A luta vai começar bem do princípio. Tudo é ruim e feio ali. Menos a colega solícita, o rosto claro da filha do hoteleiro, os louros cabelos dos alunos e os pessegueiros floridos. Ah! E o oleado vermelho que cobre as mesas da sala de jantar.

T E R E Z A   D E   A L M E I D A

NESTE NÚMERO

REPORTAGENS

O romance do Rio Grande (Luiz Carlos Lessa) 4/5
Os Evangelistas da Assembléia de Deus (Carlos Duarte) 8/11
Para moralizar os costumes 12/13
Sim, declamar é uma arte! (Sabino Canalini) 20/22
Uma "escolinha" diferente (Olga Brant) 26/31

ATUALIDADES

Presente 3
Gente e coisas de Portugal (Celestino Silveira) 33/34

LITERATURA

Covardia (Elvira Foeppel) 32
O primeiro neto (Álvaro Rosadas) 38
Professôra Estagiária (Tereza de Almeida) 58

ESPORTES

As grandes figuras do futebol de 1949 (Charles Guimarães) 46/49

TEATRO

Quatro séculos de Bahia .. 15/19

HUMORISMO

Papai Noel (Théo) 14
Natal (Nicodemus) 23
Bom-Humor 44
"Reveillon" (Rafael) 57

PLASTICAS

Arte alsaciana e lorena (Bernard Champignaulle). 24/25

SEÇÕES PERMANENTES

A Semana em Revista — A personagem da semana .. 6
Puxe pelo cérebro 7
Música (Roberto Lyra Fº) . 36
A Saúde do Bebê (Dr. Sabóia Ribeiro) 52
Tudo isto aconteceu 56/57

FOLHETIM

Scarlet 53

FEMININAS

Emagrecer-engordar (O. B) 39
Para a praia 40
A graça de um vestido branco 41
Modelos para a tarde 42
Vestidinhos 43
Week-End na Cozinha 45

FOTOGRAFIAS

Arnaldo Vieira
Avulsas

ILUSTRAÇÃO

Orlando Mattos

NA CAPA

Gale Storn (Universal-International)

PUXE PELO CÉREBRO

(Respostas ao teste da pág. 7)

1 — Vera Cruz
2 — Pindorama
3 — Litoral francês do Mediterrâneo
4 — Galicismo
5 — S. José
6 — Rabo de galo
7 — Batráquio
8 — Pôrto Calvo
9 — Pedra negra
10 — Piranha
11 — Alagoas
12 — Luís XIV
13 — Ilustre família romana
14 — João Pernambucano
15 — O Ceará (1884)
16 — Rubrica, com acento tônico na sílaba bri
17 — Trezentos
18 — Olinda Pernambuco
19 — Beija-flor
20 — Auricular



APROVEITE AGORA

os preços baixos da nossa

Tradicional Venda Anual

TAPETES com flores

Passadeiras para forração

e

Grande variedade de

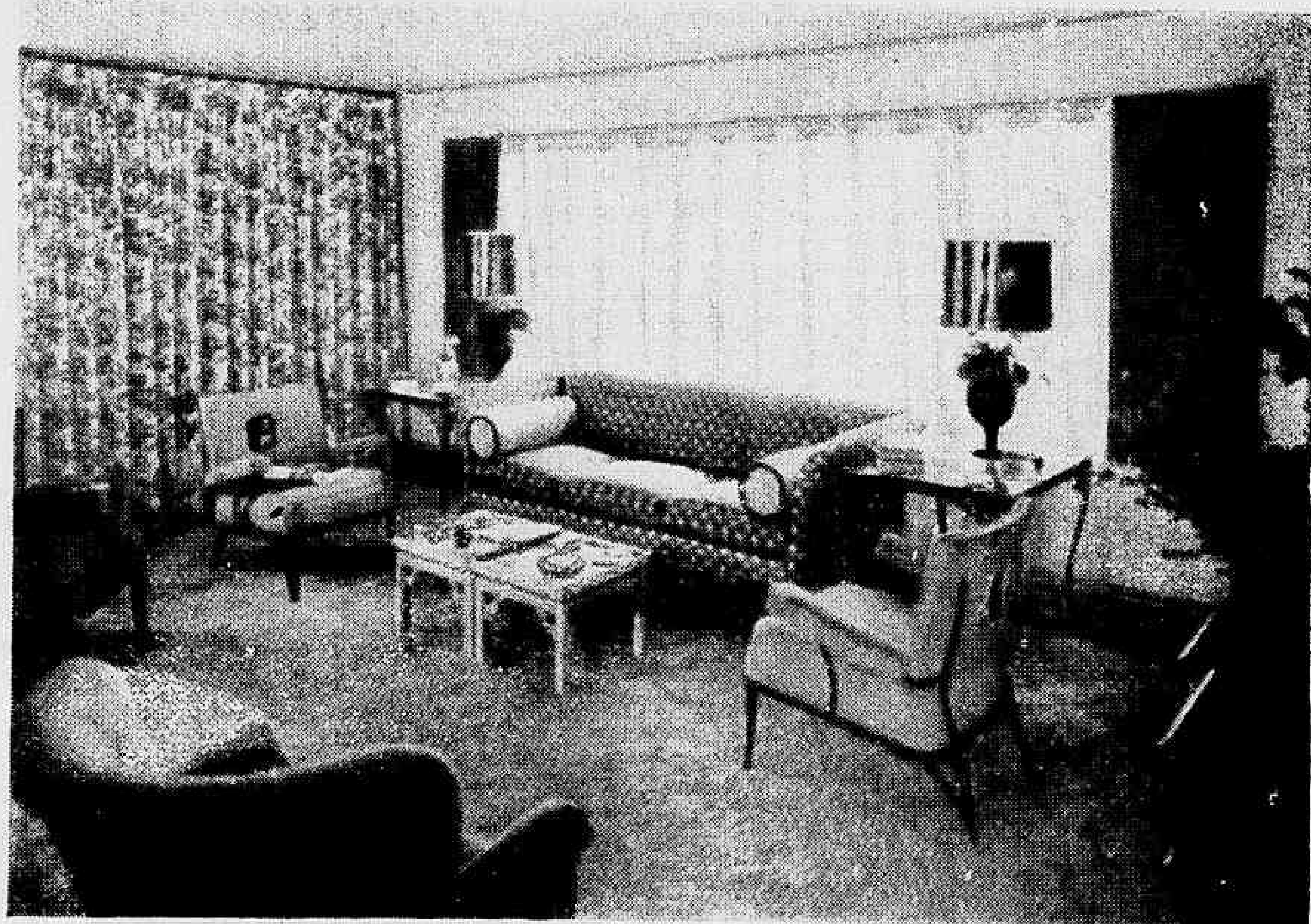
Pequenas peças avulsas

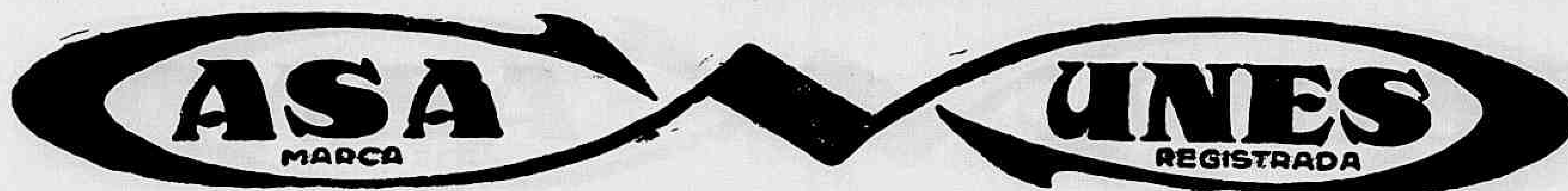
e

GRUPOS ESTOFADOS

para

PRESENTES ÚTEIS





65 RUA DA CARIOCA, 67 ★ RIO

A moda varia...





...mas a preferência pelos cigarros Continental permanece

Há mais de 15 anos Continental é o cigarro de qualidade mais vendido em todo o Brasil

Sim — o colarinho duro e muitas outras coisas já sairam de moda... mas a popularidade absoluta dos cigarros Continental permanece inalterada. Os cigarros Continental sempre se mantiveram uniformes em qualidade e paladar. Hoje, melhores do que nunca, os cigarros Continental crescem na preferência do público — e, hoje como ontem, Continental é o cigarro de qualidade mais vendido em todo o Brasil.



Lisos ou com ponteira

Cigarros **Continental**

Companhia de Cigarros **SOUZA CRUZ**

— uma preferência nacional